



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

Wagner Vinhas Batista

PALAVRAS SOBRE UMA HISTORIADORA TRANSATLÂNTICA

ESTUDO DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

TESE DE DOUTORADO

Salvador

2016

WAGNER VINHAS BATISTA

PALAVRAS SOBRE UMA HISTORIADORA TRANSATLÂNTICA

ESTUDO DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Ângela Figueiredo.

Salvador

2016

Biblioteca CEAO - UFBA

B333 Batista, Wagner Vinhas.

Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento / por Wagner Vinhas Batista. -- 2016.
279f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela Figueiredo.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016.

1. Nascimento, Beatriz, 1942-1995. 2. Mulheres negras - Brasil - Vida intelectual.
3. Mulheres intelectuais - Brasil - Biografia. I. Figueiredo, Angela. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD - 920.72



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Centro de Estudos Afro-Orientais
Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos
Mestrado e Doutorado

ÓPÓS-
AFRO

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE
WAGNER VINHAS BATISTA, REALIZADA NO DIA 11 DE
JANEIRO DE 2016.

Aos onze dias do mês de janeiro do ano de dois mil e dezesseis, às 14:00 horas, nas dependências do CEAO, foi instalada a sessão pública para julgamento da tese elaborada pelo doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, matriculado sob o número 211115912, WAGNER VINHAS BATISTA, intitulada: **Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento**. Após a abertura da sessão, a Profa. Dra. Angela Lúcia Figueiredo, professora orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos apresentando os demais membros da banca examinadora, o Prof. Dr. Alecsandro Ratts (UFG), a Profa. Dra. Rosângela Araújo (FACED/UFBA), o Prof. Dr. Cláudio Luiz Pereira (FFCH/UFBA) e o Prof. Dr. Osmundo Pinho (PosAfro/UFBA). Em seguida, foi dada a palavra ao autor, que expôs seu trabalho, após o que ouviu a leitura dos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do doutorando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela Aprovação. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito. Salvador, 11 de janeiro de 2016.

Angela Figueiredo

Profa. Dra. Angela Lúcia Figueiredo (orientadora/PosAfro/UFBA)

Prof. Dr. Alecsandro Ratts (UFG)

Rosângela Araújo

Profa. Dra. Rosângela Araújo (FACED/UFBA)

Cláudio Luiz Pereira

Prof. Dr. Cláudio Luiz Pereira (FFCH/UFBA)

Osmundo Pinho

Prof. Dr. Osmundo Pinho (PosAfro/UFBA)

Wagner Vinhas Batista

Wagner Vinhas Batista

DEDICATÓRIA

À

Beatriz, por uma compreensão superior entre os povos e as culturas.

Dríade, filha que inspira e estimula o meu aprimoramento como ser humano.

AGRADECIMENTOS

À Ângela Figueiredo, pelo acolhimento, pela orientação e oportunidade de participar das atividades na disciplina de Metodologia e no curso Fábrica de Ideias.

Aos professores do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelos ensinamentos e interlocuções nas disciplinas cursadas. A Maria Rosário de Carvalho, Paula Barreto, Jeferson Bacelar, Cláudio Alves Furtado, Osmundo Pinho, pelas contribuições em termos de método e bibliografia.

Em especial, a Cláudio Luiz Pereira pelas generosas horas de interlocução no gabinete do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. Sou muito grato a Alex Ratts, por compartilhar conhecimentos e reflexões acerca da pesquisa. Agradeço igualmente a Florentina Sousa por ter dedicado algum tempo da sua agenda para discutir detalhes do trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Ensino Superior – CAPES, que oportunizou as condições materiais para a realização da pesquisa.

À minha família, pai, mãe, irmãos e filha, pela paciência e pelo respeito demonstrados nesta trajetória acadêmica. Quero também agradecer, em memória, a Olgalici, minha mãe baiana.

Agradeço a Carla Machado Lopes e toda a equipe do Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro, pelo excelente serviço prestado durante os dias em que estive trabalhando com a documentação do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Sou ainda grato a Bethânia Gomes e a família pela generosidade de cederem os documentos para preservação da memória de Maria Beatriz Nascimento.

Vários colegas estiveram presentes no percurso do doutorado, em particular Cristiane Batista, Eduardo Vega, Genny Ayres, Luiz Chateaubriand, Luiza dos Reis, Nívea Santos, Suzane Tavares de Pinho Pepe, Simão Jaime e Wesley Barbosa Correia. Em especial agradeço aos meus colegas do Departamento de Sociologia, Psicologia e Pedagogia do Instituto Federal da Bahia (IFBA), pelo apoio e solidariedade nesses últimos meses. Sou também grato a Karina Lima pela cuidadosa revisão do texto.

RESUMO

A pesquisa trata do silenciamento da intelectualidade negra brasileira. Por silenciamento, compreende-se um conjunto de estratégias para silenciar homens e mulheres negros, reconhecidos e que se reconhecem como intelectuais da população negra no Brasil. Por intelectualidade negra, entende-se um grupo social formado por uma classe subalterna com a intenção de torná-lo o seu especialista e organizador. A intelectualidade negra também se refere a uma unidade discursiva cuja evidência revela um domínio de enunciados efetivamente falados ou escritos. Com a intenção de elucidar essas questões, examino a trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento cuja contribuição pode ser colocada em termos de enunciado de interpretação de Brasil. Por enunciado, concebe-se qualquer série de signos, de figuras, grafismos ou traços. A enunciação ocorre sempre que um conjunto de enunciados for emitido sob as condições reais da sua enunciação.

PALAVRAS-CHAVES:

1. Maria Beatriz Nascimento. 2. Intelectualidade negra. 3. Campo intelectual brasileiro. 4. Dilema.

ABSTRACT

This research approaches the silencing of Brazilian black intelligentsia, considering silencing as a set of strategies to repress black men and women, which are recognized and recognize themselves as intellectuals of the black population in Brazil. Black intellectuals is referred here as a social group formed by a subordinate class with the intention of making themselves experts and organizers of the black people. The black intelligentsia also refers to a discursive unit whose evidence reveals an expertise in spoken or written utterances. In order to elucidate these issues, the intellectual trajectory of Maria Beatriz Nascimento is analysed, whose contribution can be expressed in terms of utterance of an interpretation of Brazil. Utterance means any series of signs, figures, graphics or features. The utterance occurs whenever a set of statements is expressed under the real conditions of their enunciation.

RESUMÉ

La recherche porte sur la mise *au silence* de l'intellectualité noire brésilienne. Par mise au silence, on comprend l'ensemble de stratégies qui réduisent au silence des hommes et des femmes noirs reconnus et qui se reconnaissent comme intellectuels de la population noire au Brésil. Par intellectualité noire, on comprend un groupe social constitué par une classe subalterne ayant l'intention de devenir son propre spécialiste et organisateur. L'intellectualité noire se réfère également à une unité discursive dont l'évidence montre un champ d'énoncés effectivement parlés ou écrits. Avec l'objectif d'élucider ces questions, j'examine la trajectoire intellectuelle de Maria Beatriz Nascimento, dont la contribution peut être considérée en terme d'*énoncé* d'interprétation de Brésil. Par *énoncé* on entend une série de signes, d'images, graphismes ou traits. L'énonciation a toujours lieu quand un ensemble d'énoncés sont émis dans les conditions réelles de son énonciation.

ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Família Nascimento em Sergipe. Avós maternos de Beatriz Nascimento. Autor desconhecido.	28
Imagem 2	Raquel Gerber e Beatriz Nascimento. Autor desconhecido.	40
Imagem 3	Carta convite do governo angolano.	45
Imagem 4	Beatriz Nascimento. Autor desconhecido.	49
Imagem 5	Apostila Curso organizado pelo IPEAFRO.	52
Imagem 6	Carta da Editora Vozes.	90
Imagem 7	Carta do MNU.	93
Imagem 8	Diploma de Bacharel em História conferido a Beatriz Nascimento.	102
Imagem 9	Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos quilombos às favelas (manuscrito).	104
Imagem 10	Capa do livro: Miragem do Engenho, de Jônatas Conceição	107
Imagem 11	Jornal do MNU n. 20.	110
Imagem 12	Recorte de jornal sobre o assassinato de Beatriz Nascimento.	111
Imagem 13	Diário de campo: pesquisa em Minas Gerais	112
Imagem 14	Cartaz do GTAR.	114

GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição por grupo de documentos.	83
Gráfico 2	Distribuição por natureza da correspondência.	84
Gráfico 3	Distribuição por década.	85
Gráfico 4	Distribuição por localidade.	86
Gráfico 5	Distribuição por estados brasileiros.	87
Gráfico 6	Distribuição por autoria.	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA	Centro de Estudos Afro-Asiáticos
FESPAC	Festival Panafricain des Arts et Cultures
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GTAR	Grupo de Trabalho André Rebouças
IBEAA	Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPCN	Instituto de Pesquisas das Culturas Negras
IPEAFRO	Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros
MNU	Movimento Negro Unificado
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RPA	República Popular de Angola
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SECNEB	Sociedade de Estudos da Cultura Negra
SEDEPRON	Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras
SINBA	Sociedade de Intercâmbio Brasil-África
TEM	Teatro Experimental Negro
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
USP	Universidade de São Paulo

ÍNDICE

1. Introdução.....	15
2. Eu sou Transatlântica.....	24
2.1. Política do esquecimento.....	54
2.2. Corpus teórico: Beatriz, Lélia e Abdias.....	61
2.3. O duplo vínculo: ordem científica e ordem social.....	69
3. A questão das fontes documentais.....	75
3.1. As fontes e a pesquisa documental.....	77
3.2. Fundo Maria Beatriz Nascimento.....	80
3.3. Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento.....	81
3.3.1. Classificação.....	82
3.3.2. Representação gráfica.....	83
3.3.3. Apresentação analítica do conteúdo.....	89
3.3.3.1. Correspondência.....	89
3.3.3.2. Documentos pessoais.....	102
3.3.3.3. Produção intelectual.....	104
3.3.3.4. Livros.....	106
3.3.3.5. Periódicos.....	110
3.3.3.6. Recortes de jornais.....	111
3.3.3.7. Anotações.....	112
3.3.3.8. Impressos.....	114
4. Eu não fiz uma tese, eu fiz uma antítese.....	116
4.1. Quilombo: uma construção conceitual.....	117
4.2. Corrigindo uma nacionalidade.....	124

4.3. A mulher negra e o quilombo.....	145
5. Conclusão.....	153
6. Referências bibliográficas.....	159
6.1 Outras referências.....	169
Apêndice A: Ficha de Catalogação.....	171
Apêndice B: Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento.....	172

1. INTRODUÇÃO

Beatriz é vida, é luz, é saber.
Viveu e morreu como grande guerreira.
Sua luta é nossa luta.
Nada, nada vai atingir a sua história.
(Autor Desconhecido)

Este trabalho utiliza como mote a trajetória intelectual de **Maria Beatriz Nascimento**, com o intuito de refletir acerca do silenciamento da **intelectualidade negra** brasileira.¹ Reporto-me às estratégias para silenciar homens e mulheres negros, reconhecidos e que se reconhecem como intelectuais da população negra no Brasil. Ângela Figueiredo e Ranon Grosfuguel (2007) chamam essa prática social de **política do esquecimento** cujo mecanismo consiste em se apagar da memória das novas gerações a contribuição de autores negros e negras. Portanto, a ausência da intelectualidade negra no campo intelectual brasileiro² não pode ser explicada pelo acúmulo de um capital específico, mas pela predominância da ordem social sobre a ordem científica – **duplo vínculo** – na qual coloca em suspenso um tipo de capital acumulado a favor das hierarquias forjadas na dinâmica social brasileira.³ De acordo com Ângela Figueiredo e Osmundo Pinho (2002), a estrutura do campo seria uma ordem consumada, determinada pelo vínculo entre ordem científica e ordem social, uma vez que o campo não se descola das estruturas sociais circundantes, mas transfere e retira poder desse vínculo.

Então, a proposta, aqui, é refletir um **dilema da intelectualidade negra** que consiste em fazer parte de uma prática social de conhecimento vinculada ao modo de vida da população negra e, por isso, fora dos critérios estabelecidos por um microcosmo social que incorpora elementos determinantes de uma sociedade com rígidas hierarquias da ordem social: raça, gênero, classe. Por outro lado, um exame mais cuidadoso da questão revela que o pretendido apagamento é relativo quando tomamos por intelectualidade uma definição mais abrangente e, portanto, forjada em espaços acadêmicos e não acadêmicos. Isso pode ser verificado examinando a memória coletiva vinculada aos movimentos sociais e políticos em estreita relação com a doutrinação de militantes e a formação de intelectuais negros e negras no Brasil. Partindo de Antonio Gramsci (1982), é possível argumentar que não existe um

¹ Doravante irei me referir à personagem como Beatriz Nascimento.

² Conforme Pierre Bourdieu (1983b), é possível inferir que o campo intelectual consiste em um sistema de forças, ou melhor, os agentes podem ser descritos como forças que, ao surgirem, se opõem e se agregam, configurando uma estrutura específica em um dado momento no tempo.

³ Para Bourdieu (2011) diferentes tipos de capital correspondem aos distintos critérios de diferenciação na construção do espaço social.

trabalho puramente físico, apartado de um mínimo de qualificação técnica, ou seja, sem um exercício intelectual criador. Milton Santos (2000) defendia uma prática intelectual capaz de fornecer um contradiscurso a um sistema autoritário instaurado em diversas instâncias da sociedade. Para Edward Said (2005), o intelectual seria um destruidor de estereótipos e de categorias reducionistas que limitam a comunicação e o pensamento humano. Segundo Cornel West (1993/1994), a escolha por se tornar um intelectual negro é um ato de marginalidade autoimposta na qual garante um status periférico dentro e para a comunidade negra. De acordo com Florentina Souza (2010) a função de intelectual implica em propor representações de si e de suas culturas e discuti-las em espaços que extrapolam a fronteira do privado. Gayatri Chakravorty Spivak (2010) acredita que a tarefa do intelectual seria criar espaços para que o sujeito subalterno possa falar e possa ser ouvido.

No trabalho, busco refletir a trajetória intelectual de Beatriz Nascimento à luz do que Bourdieu (2011) descreve como a apreensão relacional do mundo social que corresponde na filosofia social ao fato de que toda realidade reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõe. Refiro-me ao que na sociologia durkheimiana poderia ser colocado em termos de natureza objetiva de todo fenômeno social cuja característica primordial torna-a possível existir fora das consciências individuais. Ou o que na sociologia marxista compreenderia a impossibilidade de construir a História como queremos, mas somente em conformidade com o que foi herdado do passado. A intenção, aqui, não é proceder à descrição densa de uma trajetória intelectual, mas fazer um relato organizado em sequências significativas e ordenado conforme um conjunto de relações inteligíveis (BOURDIEU, 1998). É neste sentido que examino uma trajetória que transcorre segundo uma ordem lógica e cronológica, com origem e razão de ser. Por trajetória, compreende-se um percurso de vida que transcorre em razão das casualidades – causa e efeito – em um período de tempo regulado por pontos de inflexão.⁴ Assim, seria difícil elucidar os problemas que os indivíduos encontram no decurso de uma vida sem considerar os aspectos históricos, políticos e sociológicos.

Para os que acreditam que homens e mulheres negros são silenciados pelo campo intelectual brasileiro, o argumento se desenvolve da seguinte maneira: na historiografia desse microcosmo social, encontramos nomes da intelectualidade negra que, apesar da relativa visibilidade em sua época, beiram o apagamento completo da memória nacional. As estratégias por detrás desse silenciamento se dariam por diferentes maneiras de tentar desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual de autores negros e negras:

⁴ Tomo por ponto de inflexão um momento de saturação que modifica a trajetória de uma pessoa, de um grupo ou de uma ideia.

excessivo interesse pela temática negra acarretando a falta de distanciamento epistemológico; o engajamento na militância negra comprometendo os critérios de objetividade da investigação; o despreparo dos intelectuais negros e negras quando comparados à competência dos brancos; o possível isolamento especialmente dos que estão politicamente comprometidos no combate da desigualdade racial e do racismo. Isso causaria os dilemas vividos por homens e mulheres negros nas disputas ocorridas no campo intelectual brasileiro. Nesse trabalho, acrescento outra dimensão a esse argumento: um dos dilemas de intelectuais negros e negras está na herança racista do campo intelectual brasileiro. Como argumenta Sandra Azerêdo (1994), raça se constitui em relações de poder que beneficia e oprime os que delas participam. Desse modo, as regras desse campo específico incorporam elementos determinantes de uma organização social que refrata as hierarquias rígidas da herança racista – e sexista – da sociedade nacional.

Com a pesquisa, procuro cumprir as exigências de qualificação no **Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos**, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como aluno regular no curso de doutoramento, procurei ampliar os conhecimentos acerca das relações étnico-raciais e dos estudos africanos. Ao cursar as disciplinas, busquei estabelecer interlocuções com colegas e professores, e tomei ciência de uma bibliografia pertinente ao projeto proposto. No período de formação acadêmica, participei do Curso Fábrica de Ideias oferecido pelo Programa em 2011 e 2012. Nesse período, também fiz parte da linha de pesquisa sobre Etnicidade cuja proposta consistia em debater temas relacionados às pesquisas em andamento. Em parceria com professores e colegas do Programa, organizei a publicação intitulada “Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas”, na qual contribuí com o capítulo “Revisitando questões irreduzíveis: o problema das organizações sociais em termos étnicos”, lançada pela EDUFBA, em 2014.⁵

Então, cabe ressaltar algumas das escolhas e das opções que foram tomadas ao longo desse percurso acadêmico. Inicialmente, compete situar a pesquisa no campo da história ou da trajetória de vida cuja objetividade pretendida fundamenta a diferença entre conhecimento científico (trajetória ou história de vida) e não científico (biografia). A trajetória ou história de vida envolve métodos consagrados nas Ciências Sociais e caminhos trilhados por meio do embasamento factual. Assim, a opção escolhida rejeita qualquer tentativa de encobrir as

⁵ Nesse mesmo ano, publiquei o capítulo intitulado “Trajetórias artísticas e culturais: uma reflexão acerca das transformações de campo”, na coletânea “Coisa de artista: a inquietação pela autonomia”, organizada por Armando Alexandre Castro e Milton Araújo Moura.

lacunas sem as devidas comprovações ou sem estarem devidamente documentadas.⁶ A biografia, por sua vez, pode ser situada no vasto campo dos trabalhos jornalísticos cuja natureza permite transitar entre a ficção e a pesquisa documental. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se argumentar que a fronteira entre esses dois tipos de investigação é tênue e nos leva muitas vezes a situações que envolvem o que Bourdieu (1998) definiu como ilusão biográfica. Contudo, mesmo admitindo a impossibilidade de alcançar a tão almejada objetividade, o pesquisador pode desentranhar os pontos cegos ao inferir sobre tais acontecimentos.⁷ No entanto, mesmo nesses casos, procurei caminhar à luz de certas garantias extraídas da análise documental que foram obtidas por meio do inventariamento realizado no material colhido do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

O Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, guarda uma variedade de materiais relativos ao percurso pessoal, profissional e intelectual de nossa personagem de nossa história intelectual: artigos, ensaios, notícias, convites, cartas, memorandos, anotações. Com base nesses documentos, elaborei o **Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento** (ver apêndice B). O Inventário permitiu perceber que a busca pelos enunciados de um discurso não depende exclusivamente daquilo que foi proferido pelo sujeito enunciativo, mas, também, do que foi enunciado por outras autorias e acontecimentos de ordem totalmente diferente (técnica, econômica, social, política). Por enunciado, compreende-se qualquer série de signos, de figuras, grafismos ou traços. Dessa forma, a enunciação sempre ocorrerá quando um conjunto de enunciados for emitido (FOUCAULT, 2007). Portanto, independentemente do aspecto dessa enunciação, ela sempre estará determinada pelas condições reais da sua enunciação (BAKHTIN, 2006). Com a intenção de preservar a originalidade do material inventariado, optei por conservar as falas ou as escritas em sua forma original mesmo que, algumas vezes, incorressem em desvios da norma culta da língua. Em muitos casos, manuseei textos incompletos, não paginados, sem datação precisa; por isso, fui levado a construir uma referência bibliográfica específica de ordenação desse material, com o objetivo de facilitar a identificação e a visualização dessas positivas no decorrer dos capítulos.

Com o propósito de elucidar questões relacionadas à trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, optei por trabalhar com dois tipos de fontes: primárias e secundárias. A opção pelas fontes é justificada por aspectos condicionantes do fazer científico e pela natureza do

⁶ Partindo de Leonor Arfuch (2010), pode-se inferir que a história de vida é um recurso metodológico uma vez que acentua a existência, a experiência e a personalidade de uma particularidade histórica e cultural.

⁷ O ponto cego é um procedimento metódico que não rejeita a ambiguidade nem as contradições da experiência, permitindo uma lucidez maior, uma visão mais clara do mundo que nos cerca e da cultura que nos formou (RAMOS, 1989).

caminho investigativo envolvendo experiências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. A intenção, ao analisar um conjunto de documentos, não é simplesmente revelar o passado de uma personagem da história da intelectualidade do Brasil e relacioná-lo aos aspectos relevantes do campo intelectual brasileiro. Pelo contrário, com a análise, procuro demonstrar as regras identificadas na verificação das positivities – textos literários, filosóficos, políticos ou práticas discursivas – com a finalidade de entender a formação de objetos, conceitos e séries de enunciados dos quais emergem as condições favoráveis para um discurso original de nação. Considerando os enunciados como acontecimentos singulares, intenciono demonstrar, por meio da materialidade dos documentos inventariados, quais seriam as condições de sua existência. O meu objetivo central não é fazer uma descrição exaustiva de um conjunto de documentos que valida a memória de nossa personagem, e sim trazer à tona um discurso original de nação cujas regras podem ser demonstradas paralelamente à possibilidade de sua enunciação.

O primeiro contato com a trajetória de Beatriz Nascimento ocorreu ainda no mestrado quando o professor Mahomed Bamba (FACOM/UFBA) – in memoriam - recomendou o filme-documentário “Ôrí”. Isso aconteceu durante a banca de qualificação da dissertação de mestrado, posteriormente defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o título “Narrativas em negociação: o caso da invenção das tradições em Salvador”, em 2010. Oportunamente, o longa-metragem estava sendo projetado, com a presença de Raquel Gerber, no Cine Glauber Rocha, em Salvador. Em seguida, empreendi uma pesquisa que me levou ao trabalho do professor Alex Ratts, “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”. A publicação serviu de base para a formulação do projeto de pesquisa, inicialmente denominado de “Lugar de negro: um estudo sobre a contribuição intelectual de Maria Beatriz Nascimento”. No decurso da pesquisa, me deparei com a definição forjada por Alex Ratts (2012), denominada **lugar negro** em que o antropólogo chama atenção para os locais onde indivíduos e grupos negros se identificam, reconhecem-se e são reconhecidos. Procurei seguir uma linha de argumentação com base naquilo que foi exposto por Ratts (2006) sobre a definição forjada por Beatriz Nascimento:

Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias (p. 68).

Só mais tarde saberia que **lugar de negro** era uma noção cunhada por Lélia Gonzalez cuja estrutura hermenêutica remete à teoria do lugar natural aristotélico e aos diferentes modos de dominação sobre o negro: “Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados” (GONZALEZ e HASENBALG, 1982, p. 15). No decurso da pesquisa, também me deparei com a definição forjada por Alex Ratts (2012), denominada **lugar negro** em que o antropólogo chama atenção para os locais onde indivíduos e grupos negros se identificam, reconhecem-se e são reconhecidos. Portanto, no andamento da pesquisa compreendi que a representação do quilombo, perseguida por Beatriz Nascimento, guardava analogias com essas categorias na medida em que remetia à ideia de lugar restrito e simultaneamente de associação de negros em uma unidade formada dentro do sistema colonial e, mais tarde, da sociedade moderna. Então, para Beatriz Nascimento (1977):

[...] no momento em que o negro se unifica, se agrega, ele está sempre formando um quilombo, está eternamente formando um quilombo, e o nome em africano é união. (p. 2).

No percurso da pesquisa, também me defrontei com o trabalho de mestrado de Elizabeth do Espírito Santo Viana, intitulado “Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970 – 1990”, em que versa sobre o percurso intelectual e militante de Lélia Gonzalez. O trabalho de Viana (2006) ressalta o protagonismo de Beatriz Nascimento frente aos estudos sobre o quilombo e aos debates em torno de questões da população negra no país. Lembra a hipótese da continuidade histórica, mas assume como foco principal os diálogos com a trajetória de Lélia Gonzalez. Em 2012, Iris dos Anjos Brito defendeu dissertação intitulada “Revisitando os percursos intelectuais e políticos de Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez”, em que busca reconstituir as trajetórias de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. O trabalho de Brito (2012) inclui uma pesquisa biográfica com objetivo de evidenciar os pensamentos e as intervenções políticas e acadêmicas dessas mulheres negras. Parece oportuno esclarecer que não trato de um decurso biográfico e, por isso, o leitor não deve esperar nada da vida pessoal de Beatriz Nascimento que não esteja relacionado ao seu percurso intelectual. No entanto, procuro ampliar a pesquisa realizada por Viana (2006), ao demonstrar que, além do protagonismo vinculado à ideia de *continuum* histórico, a nossa personagem também responde por enunciados de discurso. Finalmente, procuro aprofundar as pistas deixadas por Alex Ratts (2006) sobre o percurso intelectual e a produção autoral de Beatriz Nascimento.

Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju, estado de Sergipe, em 17 de julho de 1942. Nordestina, migrou com a família para o estado do Rio de Janeiro, em 1949. A ida para o Sudeste brasileiro estava implicada com o processo migratório que envolveu grandes levadas de nordestinos naquela década. Na capital fluminense, a família se instalou em Clodovil, bairro do subúrbio carioca. A mãe, Rubina Pereira do Nascimento, dona de casa, e o pai, Francisco Xavier do Nascimento, pedreiro, deram uma vida modesta, mas confortável aos filhos. Beatriz Nascimento cursa o primário e o secundário nas escolas públicas da capital, e ingressa no curso de História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1967. Em 1971, finaliza a graduação. Entre 1979 e 1981, cursa especialização em História do Brasil, pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi nomeada professora de História da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, em 1984. Inicia o curso de mestrado em Comunicação em 1994, sob a orientação do professor Muniz Sodré, pela UFRJ. A morte prematura, em 1995, interrompe abruptamente a vida de nossa personagem. Beatriz Nascimento foi assassinada por Antônio Jorge Amorim Viana⁸, vulgo “Danone”, em 28 de janeiro de 1995, com três disparos de arma de fogo em frente à Lanchonete Pasteur, em Botafogo.

Supõe-se que Aurea Gurgel Calvet da Silveira tenha relatado a Beatriz Nascimento que sofria violência do namorado, o autor do crime. Antônio Jorge Amorim Vianna deflagrou os tiros depois de discutir com Beatriz Nascimento sobre uma possível intromissão dela em sua relação amorosa. Beatriz Nascimento chegou a ser socorrida pelo Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, mas não sobreviveu aos ferimentos, falecendo antes de chegar ao Hospital Miguel Couto, no Leblon. O enterro foi no Cemitério São João Batista, em Botafogo. No sepultamento estava Bethânia, filha de Beatriz Nascimento, a senadora Benedita da Silva e a vereadora Jurema Batista, os atores Antônio Pitanga, Aroldo de Oliveira e Zezé Mota, o professor Muniz Sodré, entre outros familiares e amigos.

Depois de atirar em Beatriz Nascimento, o assassino fugiu da cena do crime e ficou foragido em Cabo Frio, vindo a ser preso, no bar Garota do Flamengo, alguns dias depois, pelos detetives da 10ª DP. A denúncia sobre o seu retorno à capital teria partido da namorada, ameaçada de morte depois do crime em Botafogo. Temendo pela própria vida, Aurea Gurgel Calvet resolveu denunciar o agressor. Antônio Jorge Amorim Viana era detento albergado no presídio Edgar Costa, em Niterói, condenado a doze anos de prisão por homicídio e porte de

⁸ Antônio Jorge Amorim Viana nasceu em 24 de outubro de 1959, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Theodomiro Teixeira Viana e Saudade Amorim Viana. Na época, tinha o segundo grau completo e exercia a profissão de mergulhador.

entorpecentes, em 1988, tendo cumprido sete anos de reclusão, o último em regime semiaberto.⁹ O autor dos disparos estava prestes a ganhar liberdade condicional quando foi indiciado pelo crime cometido contra Beatriz Nascimento. Em 19 de abril de 1996, Antônio Jorge Amorim Viana recebeu a sentença por crime de homicídio qualificado e foi condenado a dezessete anos de reclusão em regime fechado, tendo cumprido treze anos.¹⁰ No dia 19 de outubro de 2009, foi colocado em liberdade condicional.

Houve muita especulação sobre as motivações que levaram ao assassinato de Beatriz Nascimento: violência contra a mulher, extermínio da militância negra, racismo. De acordo com os jornais da época, a comoção com a morte da intelectual e militante negra levantou questões sobre a eficácia dos serviços de atendimento à mulher. A mídia especulava sobre a eficiência da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM) na diminuição do número de crimes contra esse grupo específico. O poder público negava qualquer relação do crime com outros cometidos contra mulheres, pois defendia o fato de ser meramente circunstancial a vítima ser do sexo feminino. O secretário do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP), Ivanir dos Santos, defendia que a morte de Beatriz Nascimento havia sido motivada por racismo e somava-se a tantos outros casos de assassinato de militantes negros.

Por fim, resta esclarecer acerca da composição do texto da Tese. Algumas discussões primordiais para o desenvolvimento da pesquisa estão no segundo capítulo, que contém, de forma convencional, os elementos da Tese. Assim, proponho um diálogo da trajetória intelectual de Beatriz Nascimento com o percurso de outros autores negros e negras, refletindo, entre outras coisas, os dilemas compartilhados com outros membros da intelectualidade negra brasileira, a política do esquecimento, a submissão da ordem científica à ordem social, bem como a formação de um *corpus* denominado “Estudos das Relações Étnico-Raciais”.

No terceiro capítulo, procuro delinear os contornos da análise documental em fontes primárias e secundárias, atento ao risco de cair no encanto delas e acreditar que a história resulta do que se conseguiu extrair do seu conjunto. Ciente da importância das garantias da pesquisa, procuro demonstrar como se deu o manuseio dos documentos contidos no Fundo

⁹ Segundo consta nos autos do Processo n°. 4755/95, emitido pela 4ª Vara Criminal – IV Tribunal do Júri, estado do Rio de Janeiro.

¹⁰ Segundo sentença do Processo n°. 4755/95, emitida pela 4ª Vara Criminal – IV Tribunal do Júri, do estado do Rio de Janeiro.

Maria Beatriz Nascimento, dando ao leitor detalhes de como procedi com a classificação e ordenação dos materiais inventariados.

Enfim, no quarto capítulo, procuro dar visibilidade à pesquisa sobre o quilombo, empreendida por Beatriz Nascimento ao longo da sua trajetória intelectual, bem como aos desdobramentos envolvendo a história do negro, o racismo e a mulher negra. O que desejo mostrar nesse capítulo é a contra-argumentação ao silenciamento de nossa personagem, frente à possibilidade de demonstrar um enunciado de discurso de nação e, portanto, reivindicar, para tal unidade discursiva, um lugar privilegiado na legitimação do sentido de nação.

No apêndice A, deixo à disposição para consulta a ficha de catalogação que utilizei na organização e ordenação do inventário analítico que, por sua vez, encontra-se no apêndice B.

Em relação ao escopo, tive, muitas vezes, a tentação de incluir de forma mais incisiva o debate sobre gênero e sexismo. Algumas das formulações teóricas acerca dessas categorias acenavam para discussões muito interessantes sobre o silenciamento no campo intelectual brasileiro. Entretanto, percebi certo silêncio por parte de Beatriz Nascimento em relação à problemática de gênero, por ela preferir abordar, com mais ímpeto, a questão racial em relação à produção intelectual de homens e mulheres negros.

2. EU SOU TRANSATLÂNTICA

O que é a civilização africana e americana?
É um grande transatlântico, ela não é uma civilização atlântica, ela é transatlântica.
(Beatriz Nascimento)¹¹

Busco refletir neste capítulo a trajetória de **Beatriz Nascimento** à luz do que chamo de **intelectualidade negra**. Com esta categoria de análise, procuro demonstrar que o percurso da intelectual negra guarda semelhança com outras histórias de vida de intelectuais negros e negras no Brasil. É também uma tentativa de dar conta das muitas histórias de resistência e dos itinerários de homens e mulheres negros que não se deixaram apagar da memória nacional. Esse conceito também sugere um domínio de enunciados efetivamente falados ou escritos no sentido conferido por Michel Foucault (1987)¹², ou seja, há enunciações da intelectualidade negra – enquanto grupo social¹³ – que são tomadas como eventos únicos de interpretação de Brasil. Finalmente, essa categoria, ao permitir ligar quem fala a sua localização epistêmica, revela o lugar da enunciação e nos remete à questão da posicionalidade – concepção essa que valoriza um percurso intelectual capaz de iluminar o que defino como intelectualidade negra.

O ponto central aqui é o lugar da enunciação, isto é, a localização étnica, sexual, racial, de classe e de gênero do sujeito que enuncia. Na filosofia e nas ciências ocidentais o sujeito que fala está quase sempre encoberto; a localização do sujeito que enuncia está sempre desconectada da localização epistêmica. Por meio dessa desconexão entre a localização do sujeito nas relações de poder e a localização epistêmica, a filosofia ocidental e suas ciências conseguiram produzir um mito universal que encobre o lugar de quem fala e suas localizações epistêmicas nas estruturas de poder (FIGUEIREDO & GROSGOUEL, 2007, p. 38).

Entendo a trajetória de vida de Beatriz Nascimento como um projeto sartreano cuja antecipação do futuro em planos, sonhos e desejos remete-nos às escolhas, estratégias e táticas consideradas adequadas para alcançar os objetivos propostos.¹⁴ Cada mudança repentina ou anunciada no percurso corresponde ao que na literatura antropológica ficou conhecido como

¹¹ NASCIMENTO, 1982d.

¹² Por enunciado, Michael Foucault (1987) entende qualquer série de signos, de figuras, grafismos ou traços. Há enunciação sempre que um conjunto de enunciados for emitido. Existe, na estrutura da enunciação, uma dimensão espacial e temporal que faz com que haja duas enunciações sempre que um ou vários conjuntos de enunciados forem proferidos. Para Hubert Dreyfus e Paul Rabinow (1995), não é qualquer tipo de enunciado que interessa à análise foucaultiana, mas aquele que – dito, esboçado, rabiscado – é tido como relativamente raro. Para Mikhail Bakhtin (2006), seja qual for o aspecto da enunciação, deve-se considerar que ela sempre estará determinada pelas condições reais da sua enunciação.

¹³ Eu remeto o leitor à definição de intelectual orgânico de Antonio Gramsci (1982) em que cada grupo social forma os seus intelectuais.

¹⁴ Conforme Michel de Certeau (2005), estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido pelos sujeitos detentores de algum tipo de poder. As táticas, por sua vez, seriam ações que geram efeitos imprevisíveis.

ponto de inflexão – conceito com o qual procuro refletir a trajetória intelectual forjada em vivências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. O exercício consiste em examinar o decurso da intelectual negra com o objetivo de ampliar o conhecimento acerca dos dilemas vividos por homens e mulheres negros nas disputas ocorridas no campo intelectual brasileiro.

Cornel West (1993/1944) afirmava que um dos dilemas da intelectualidade negra estadunidense seria estar presa entre uma sociedade americana arrogante e uma comunidade negra alheia. Dessa maneira, o intelectual negro estaria encurralado entre o racismo difuso e o anti-intelectualismo.¹⁵ Alex Ratts (2009) acredita que um dos dilemas da intelectualidade negra no Brasil seja a tensão entre a individualidade e a coletividade: os elementos da individualidade – pertencimento racial e gênero – seriam considerados obstáculos para a construção do conhecimento científico. Beatriz Nascimento (1977) defendia que um dos dilemas da intelectualidade negra brasileira seria o medo da acessão social e da consequente perda de ligação com o seu grupo social. Eu acrescentaria que outro **dilema da intelectualidade negra** brasileira está na herança racista do campo intelectual brasileiro. Nesse sentido, é possível argumentar que a ordem – a estrutura do campo – estabelecida segue a lógica e a moral da colonialidade.¹⁶ A predominância da ordem social sobre a ordem científica coloca em suspenso certo tipo de capital acumulado à favor das hierarquias forjadas na dinâmica social brasileira. Finalmente, eu acrescentaria que o dilema de Beatriz Nascimento consistiu na escolha entre a trajetória militante e o percurso intelectual. Então, vejamos como isso possivelmente ocorreu.

Início a descrição do itinerário intelectual de Beatriz Nascimento com a lembrança de infância que envolve um livro pertencente a sua avó materna, guardado em um baú de família. O relato diz:

Um dia, na casa de vovó eu vi um livro entre outras coisas no Baú. O livro falava de guerreiros e de palmeiras. Já não me lembro dos pormenores. Sei que eu lia e saía até a margem do sítio com o mar e voltava-me de costas para olhar as palmeiras. E entre a densa vegetação imaginava aqueles guerreiros em luta (NASCIMENTO, 1983, p.03).

Só mais tarde a pequena Beatriz Nascimento vai tomar conhecimento do significado daquelas alegorias: o guerreiro quilombola e a República dos Palmares. Mesmo sem estar familiarizada com o conteúdo do livro, eu suponho que essas histórias marcaram a sua

¹⁵ O racismo assume variadas formas em diferentes sociedades e pontos no tempo (CASHMORE, 1994). Isso encorajaria uma análise histórica da relação entre conjuntos de sentidos e avaliações sobre certas populações e a expansão da atividade política e econômica dos mercados (trans)nacionais.

¹⁶ A colonialidade diferiria da colonização por não apresentar uma administração colonial, mas porque seria constituída por um pacote de múltiplas relações de poder imbricadas: sexuais, políticas, epistêmicas, econômicas, espirituais, linguísticas e raciais (QUIJANO, 2010).

imaginação infantil como experiências afetivas (a avó, o baú) e intelectuais (o livro, a imaginação). A inquietação com a temática negra acompanha a formação escolar de Beatriz Nascimento e tem, como pano de fundo, a representação do negro nos livros didáticos, enquanto aquele que foi vencido e superado na historiografia brasileira: o líder Zumbi dos Palmares [1655-1695] derrotado por Domingos Jorge Velho [1641-1705]; o apagamento da contribuição do engenheiro negro André Rebouças [1838-1898], no processo que culminou com a libertação dos escravos, uma vez que o mérito do fato histórico foi dado exclusivamente a Princesa Isabel [1841-1921] e a Antônio Prado [1840-1929].

O meu choque basicamente foi simples, estou falando numa linguagem bem simples, foi o seguinte: lendo o Quilombo dos Palmares, a gente vê toda a atuação dos negros e principalmente Zumbi e, de repente, embaixo, na ilustração, eu via Domingos Jorge Velho. Isso foi um dos grandes dramas da minha vida, sempre ver isso. Na abolição da escravatura também, a gente via André Rebouças, José do Patrocínio e outros negros trabalhando, lutando, inclusive a partir da abolição, não sendo ela somente jurídica, mas também uma abolição que trouxe um novo período econômico para o negro, quer dizer, a possibilidade da reforma-agrária, que era isso que André Rebouças queria e, no entanto, era a princesa Isabel e Antônio Prado que tinham feito a nossa libertação (NASCIMENTO, 1977, p. 03).

Era raro haver personagens negros nos livros didáticos, e isso chamava a atenção da jovem Beatriz Nascimento para a invisibilidade do negro na historiografia brasileira, como ela mesma afirmou:

Raramente nos textos escolares falava-se de uma figura negra. Todos eram ‘o escravo’, até Zumbi com quem eu me deparei num texto por volta da 4ª série primária, era considerado como tal. Nunca deparei-me com uma ilustração sequer do indivíduo herói de Palmares. (NASCIMENTO, op. cit., p. 02)

O drama de Beatriz Nascimento era perceber a dualidade existente na vida das pessoas negras. Isso pode ser observado na citação abaixo¹⁷:

Eu vivia, e acho que todos nós pretos vivíamos dentro de uma sociedade dual e onde as situações mais importantes não eram, não são, não correspondem à nossa realidade. Nunca fazemos parte da história do Brasil, das coisas importantes que aconteceram no Brasil. Somos sempre os que contribuíram para cultura: a cozinha, a dança, o futebol. (NASCIMENTO, op. cit., p. 02)

Na escola, ela raramente mantinha contato com outras crianças negras. Uma das poucas oportunidades foi quando encontrou Jurema, com quem vivenciou experiências em comum.¹⁸

¹⁷ Como sabemos, a questão da dualidade já havia sido colocada pelo estadunidense Du Bois [1868 - 1963] em livro *The Souls of Black Folk*, referindo-se ao homem negro dividido entre a particularidade racial e o apelo universal que transcende o sentimento de raça. Essa mesma dualidade também foi observada por Eduardo de Oliveira e Oliveira, citado por Alex Ratts (2006), como uma dupla identidade recorrente nas histórias de vida da intelectualidade negra brasileira. Ver também a trajetória de Mário Gusmão, inventariada por Jefferson Bacelar (2005); conferir a biografia de Abdias do Nascimento, escrita por ele mesmo e por Éle Semog (2006).

Quando eu ingressei na escola, recém-chegada de Aracaju, ela estava numa classe mais adiantada, seu nome era Jurema e tinha um irmão chamado Tião que era da minha turma. Quando passei para o quarto ano primário, alcancei-a na minha turma. Pela primeira vez, embora estudasse numa escola pública e num bairro pobre, próximo à favela, tive uma colega da minha cor (NASCIMENTO, 1984, p.03).

Embora houvesse muitas diferenças entre a menina Beatriz Nascimento – negra, imigrante nordestina, introspectiva e amedrontada – e a jovem Jurema – negra, natural da capital, extrovertida e corajosa: características que lhe custavam o apelido de “neguinha-de-morro” –, não deixaram de compartilhar uma espécie de solidariedade existente entre as que carregam o estigma de serem meninas e negras no Brasil.¹⁹

Mas embora não fosse como Jurema, os castigos, os desprezos, o pouco caso e o próprio apelido me atingiam; e quantas vezes! Lembro-me que por essa época meu cabelo muito curto e natural era, como o dela, alvo das gozações do bairro: “paletó sem manga, blusão, negra sem cabelo é João”. E nós éramos seguidas por séquitos de meninos aos gritos, sob a complacência e adesão dos pais e dos outros adultos (NASCIMENTO, op. cit., p.03).

Houve momentos em que a discriminação ocorreu no ambiente escolar, como aconteceu a Jurema quando foi levada para frente da sala, na aula de catecismo, para ser comparada com a representação do anjo mau, enquanto uma menina branca era igualada ao anjo bom; ou quando o trabalho de ambas foi recusado para exposição anual na classe por falta de capricho; ou, ainda, quando Beatriz Nascimento foi rejeitada como guarda de honra da bandeira – privilégio concedido a quem alcançava o primeiro lugar no desempenho da turma – porque não tinha roupas descentes, mesmo que a turma usasse uniforme. Um dos fatos mais marcantes do período escolar foi o episódio em que um professor, discorrendo sobre a formação social brasileira, com base na teoria luso-tropicalista de Gilberto Freire, afirmou, categoricamente, que o Rio de Janeiro, no início do século XX, era um lugar impossível de se viver pela quantidade de pretos.²⁰ E, triunfalmente, afirmou que no Brasil não havia racismo, porque a miscigenação continuaria dissolvendo os conflitos, fazendo os

¹⁸ Alex Ratts (2006) chama atenção para um tipo de solidariedade compartilhada entre pessoas, especialmente crianças e jovens do sexo feminino, que vivem experiências permeadas por mecanismos racistas.

¹⁹ Este tipo de narrativa ajuda a situar a importância da interseccionalidade como ferramenta analítica para entender a articulação das diferenças e desigualdades ocorridas em contextos específicos. É uma forma de captar os tipos de interação possíveis em situações de subordinação, tais como: sexismo, racismo, patriarcalismo, assim como classe e gênero (PISCITELLI, 2008).

²⁰ Recorro a Araújo (2009) para expor o contexto intelectual do qual emerge o trabalho de Freyre. A produção freyreana está imbricada com o paradigma da mestiçagem: esterilidade biológica e cultural, e retardamento do acesso da elite branca aos valores da civilização ocidental. Isso justificaria o enorme impacto da obra Casa-Grande & Senzala, publicada em 1933, que enfatizava, não apenas o valor do português, mas também do ameríndio e do africano.

negros desaparecerem.²¹ Depois de sucessivas experiências desta natureza, Jurema abandonou a escola e, segundo relato de Beatriz Nascimento, tudo indica ela foi mais uma a engrossar as estatísticas de crianças que não seguem a trajetória escolar – percurso esse que supostamente transformaria a sua situação social.²² Não deveria ser fácil para nenhuma delas enfrentar o isolamento constante na escola, nem sempre facilmente explicado pela complexidade da dinâmica social cujo mecanismo colabora com os desestímulos da educação de estudantes negros e, ao mesmo tempo, que perpetua a ausência de um *habitus* escolar.

É curioso observar que nos registros documentais há uma lacuna na história de vida de



Figura 1: Família Nascimento em Sergipe.

Beatriz Nascimento, no período que compreende, mais ou menos, da adolescência à entrada na universidade. Sabemos que ela continuou vivendo no Rio de Janeiro e que, diferentemente de Jurema, permaneceu estudando; todo o resto, contudo, é especulação, sem nenhuma comprovação factual. É sabido que, em meio às adversidades, a família,

recém-chegada do nordeste brasileiro, buscava, no passado em Sergipe, referências para recomeçar na nova cidade, assim como seus antepassados, vindos do continente africano, fizeram no quilombo:

Nós estamos aqui em Cordovil, mas o ambiente que nós vivemos até então é uma recuperação do passado, da vida que nós vivemos em Sergipe, um quintal de 40m², canavial e todas as plantas, tudo que nós tivemos lá: mangueira, canavieira, o araçá, o maracujá, o couve, o alface, o maxixe, o jiló, as coisas que a gente tinha que aprender para viver nesse mundo novo (*sic*). (NASCIMENTO, 1982d, p. 03).

E,

Isto é atrás de um canavial que meu pai plantou, em Cordovil, numa área de 40m², era nossa área de subsistência, inclusive para vender cana para as pessoas que compravam na porta, cana, couve, alface, banana, alimento. A família se reproduz através do alimento. Então, meu pai e minha mãe sempre plantam, uma cana, um

²¹ De acordo com o Dictionary of race and ethnic relations, publicado em 1994, o racismo é um fenômeno social multifacetado e implica múltiplas dimensões de objetividade e subjetividade.

²² Conforme Ângela Figueiredo (2012), o negro, no Brasil, possui, em termos absolutos e relativos, menos anos de escolarização do que um indivíduo branco, que pode chegar a ter 3,7 vezes mais chances de ingressar na universidade.

coqueiro, um araçá, a reprodução do seu axé, das suas árvores, das suas plantas de proveniência, de origem, isso também vai prover a própria família, isso é em Cordovil, um bairro do Rio de Janeiro, da periferia do Rio. (NASCIMENTO, op. cit. p.17).

Em 1967, Beatriz Nascimento inicia a vida acadêmica ingressando no curso de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Havia passado três anos desde que os militares depuseram o presidente da república em exercício, por meio de um golpe de Estado. O governo empossado não demorou muito a decretar medidas antidemocráticas. Uma delas foi colocar um fim na aproximação entre o Brasil e o continente africano. Uma maior aproximação Brasil-África vinha sendo praticada pelo governo de Jânio Quadros [1961] e mantida no mandato de João Goulart [de 1961 a 1964]. O governo de Humberto Castelo Branco [de 1964 a 1967] assumiu com o propósito de conduzir a nação por meio de um modelo econômico de dependência dos Estados Unidos e de alguns países da Europa. O modo servil do governo militar era justificado pelo interesse das elites nacionais em aproveitar a economia polarizada da guerra fria. A ação política do Estado brasileiro estava voltada para a dinamização da economia capitalista – cada vez mais globalizada – e para o apoio incondicional à colonização inglesa e portuguesa na África. A queda de João Goulart levou ao sentimento de frustração, desespero e medo pela conjuntura político-econômica nacional e internacional. Esses acontecimentos colaboraram para despertar em Beatriz Nascimento uma visão mais crítica do lugar reservado à população negra na sociedade brasileira, particularmente em um governo autoritário:

Castelo Branco na presidência, os primeiros atos institucionais, as primeiras prisões e cassações, a política externa desviada da Conferência de Punta del Este onde foi assinalada o direito de afirmação e autodeterminação dos povos contra as intervenções da política de ajuda norte-americana, as relações diplomáticas com Cuba definitivamente cortadas. O fim do Pan-americanismo (NASCIMENTO, 1973, p. 02).

A década de 1960 foi também a do florescimento dos movimentos de juventude com o anúncio da primavera estudantil francesa, o Maio de 1968. Como sabemos, estudantes de uma universidade localizada nos arredores de Paris protestaram contra a proibição de alojamentos comuns a homens e mulheres. Em torno dessas manifestações, os estudantes franceses foram às ruas em busca de mudanças políticas, culturais e sociais. O movimento passou a pedir a renúncia do então presidente Charles de Gaulle [1890 - 1970], no poder desde 1958. Os protestos estudantis contaram com o apoio dos operários que, aproveitando o momento de revolta, iniciaram a greve mais longa e mais profunda da história da França, envolvendo nove milhões de trabalhadores. O que foi iniciado em solo parisiense alcançou repercussão mundial

e influenciou países como a Itália, os Estados Unidos, o México e o Brasil. O relato abaixo esclarece os desdobramentos daquele dois de maio, em Paris, na vida da estudante negra e de uma parcela de jovens de sua geração:

Eu nasci em 1968. Havia ideias no ar. Um ar de transformação. [...] Foi no Rio de Janeiro vindo da Universidade, em frente ao obelisco da beira-mar. Sentíamos alguma depressão após a assembléia na Praia Vermelha. Vínhamos num silêncio reflexivo de qual caminho seguir. Encontramos Sérgio, com todos os compêndios de filosofia e ideologia debaixo do braço. Eufórico nos anunciou a Revolução de maio em Paris e conclui “a transformação pela luta do proletariado está finda”. O que significava aquelas palavras? Sentíamos um contentamento, ao mesmo tempo, surpresa e sensação do fim de nossas crenças. Mas foi maio de 1968. (NASCIMENTO, 1975, p. 01).

O reconhecimento da identidade cultural surge na primavera de 1968. Ele emana da certeza de que a identificação com a coletividade negra seria um caminho para a liberdade individual, à medida que Beatriz Nascimento se reconhecia como parte de um “corpo” histórico.²³ Nesse sentido, a identidade cultural seria um forte meio de se evocar uma história comum, uma origem compartilhada e de resistir coletivamente às estratégias de subjugação da população negra.²⁴ Tudo indica que o percurso a tenha levado para uma maior clareza sobre identidade negra.²⁵

Naquele ano além de maio de 1968, junho foi o momento aqui no Rio das grandes passeatas do Movimento Estudantil, acontecia também os levantes anti-racistas nos Estados Unidos da América, além da Guerra do Vietnam. Em agosto ocorria um fato captado pela imprensa mundial. Foi precisamente nas Olimpíadas do México. O medalha de ouro (americano e preto) e o seu companheiro de equipe ganhador da medalha de bronze em Atletismo, ao subirem ao pódio, ergueram o punho esquerdo, no gesto simbólico do Pantera Negra. Com esta atitude recusaram-se a receber o troféu como negação à nacionalidade norte-americana. Talvez tenha sido a imagem visual mais profundamente contundente que jamais olhei. Estava numa estrada quando estive com a capa do magazine Fatos e Fotos em minhas mãos. Neste momento abandonei qualquer projeto burguês, como se saísse por uma Exit imaginária da fila da Passeata dos 100 mil. Neste momento eu tive consciência de minha cor preta e o quanto poderia recomeçar “de novo”. Comecei então um ativismo político. A militância do movimento negro. Na verdade, as primeiras

²³ A corporeidade tem uma importância central no pensamento de Beatriz Nascimento. Em outro trabalho procurei demonstrar a sua leitura de corpo e espaço simbólico. Neste sentido, a sua concepção de espaço extrapola a dimensão reconhecida dos espaços geograficamente situados se se alinha com outros processos sociais: a representação corporal como um dos aspectos da noção de territorialidade; o corpo como parte das experiências diaspóricas e transmigracionais. Ver VINHAS, Wagner. Lugar de negros: a contribuição do pensamento de Beatriz Nascimento para a compreensão das territorialidades corporais. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. Anais Eletrônicos, 2011. v. 1. pp. 1-13. http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307355413_ARQUIVO_CorpoBeatrizNascimento.pdf.

²⁴ Segundo Alex Ratts (2006), a prioridade na posição de negra “aponta para uma coletividade e para indivíduos que, apesar dos vários processos de expropriação de seu espaço, de seu corpo, de suas relações, do uso de seu tempo, procuram o fio da liberdade e nele se sustentaram até onde foi possível” (p. 41).

²⁵ bell hooks (1995) afirma que o negro é impelido e, muitas vezes, empurrado para o trabalho intelectual. Ele inicia a carreira intelectual em meio aos processos de discriminação e, assim, constrói uma identidade subjetiva com base no pensamento crítico.

movimentações para uma mudança social, que estava se concretizando, não mais no imaginário e sim no real em todos os continentes do planeta. (NASCIMENTO, 1992, p 07).

A década de 1970 foi emblemática no processo de afirmação da identidade negra. No Brasil, ocorreu uma agitação político-cultural em torno da cultura negra norte-americana – a *Soul Music* – e envolveu movimentos culturais nas cidades do Rio de Janeiro (Black Rio), São Paulo (Chic Show), Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre e Salvador. Allan Thayer (2006) defende que os bailes negros no Brasil sugeriram da releitura de movimentos dos Estados Unidos e do Reino Unido. Nessa época, os cantores da música considerada negra ganharam notoriedade no meio artístico brasileiro: Tim Maia, Jorge Ben, Wilson Simonal, Maria Alcina, Toni Tornado, Luiz Melodia, Paulo Diniz, Sandra de Sá, Gilberto Gil. Quando esses artistas começaram a cantar nos grandes festivais, a música negra alcançou um lugar de destaque sem precedente. Em São Paulo, entre os personagens do Chic Show, há o dançarino e coreógrafo Nelson Triunfo, pioneiro na dança de rua e referência do Rap no Brasil. O Black Rio ganhou um número cada vez maior de frequentadores, e a cultura negra brasileira era mostrada para crianças e jovens da Zona Norte do Rio de Janeiro. Ícones do esporte, como Muhammad Ali e Pelé, e da música, como Jackson Five e James Brown, eram exaltados. Nos anos de 1980, o movimento no Rio perdeu força, e a Soul Music se rendeu aos apelos da nova onda cultural vinda dos Estados Unidos, a discoteca.

O interesse de Beatriz Nascimento, ainda muito jovem, pela temática do negro culminou na pesquisa do quilombo.²⁶ A pesquisadora negra iniciou sua investigação na graduação, auxiliando o professor José Honório Rodrigues [1913 - 1987]²⁷, em arquivos públicos da cidade do Rio de Janeiro, na busca de informações do período colonial brasileiro.²⁸ O trabalho, como auxiliar de pesquisa, rendeu-lhe a participação na publicação “O Parlamento e a Evolução Nacional”, em 1971, por ocasião do sesquicentenário do Senado Federal.²⁹ Ao trabalhar como estagiária de pesquisa, encontrou inúmeras referências dos

²⁶ Segundo Alex Ratts (2006), o projeto surge em uma situação de enfrentamento do racismo branco na qual um intelectual se julga mais negro que Beatriz Nascimento por estudar e por participar de manifestações culturais. Ela retoma a essência de uma proposta de Guerreiro Ramos sobre os estudos do negro que consiste em distinguir a história estudada, da história vivida.

²⁷ O historiador carioca deixou, entre outras publicações, dois volumes dos seis previstos para a obra *História da História do Brasil*. O primeiro volume foi publicado enquanto ele ainda estava vivo, e o segundo, postumamente, sob a organização de sua mulher, a também historiadora, Lêda Boechat Rodrigues (MOTA, 2012).

²⁸ Foram anos de trabalho em acervos do Arquivo Nacional e do Arquivo Diplomático do Itamarati.

²⁹ Em 1971, foi o ano de formatura de Beatriz Nascimento e, como lembra Alex Ratts (2006), aos 29 anos de idade, acompanhando as estatísticas de outros homens e mulheres negros que se formam geralmente mais tarde.

quilombos em documentos da história brasileira.³⁰ A pesquisa dos sistemas sociais livres – genericamente chamados de quilombos – partiu do estranhamento pela condenação do negro, por parte da historiografia nacional e do campo intelectual brasileiro, à ordem exclusiva do discurso colonial.³¹ E, dessa forma, Beatriz Nascimento incorpora as críticas à historicidade da época e faz denúncias do silenciamento sobre o tema. A posição de Beatriz Nascimento ajudou a afastá-la de uma concepção naturalista da história e colaborou para inscrevê-la entre os que contestaram a visão simplista de um fenômeno complexo denominado Atlântico Negro.³²

E quando cheguei à Universidade, a coisa que mais me chocava era o eterno estudo, quando se referia ao negro, sobre o escravo, como se durante todo o tempo da história do Brasil nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra pra fazenda e pra mineração (NASCIMENTO, 1977, p. 03).

No estudo do quilombo, ela propunha repensar o papel do negro na historiografia nacional e, fundamentalmente, reconhecer o seu lugar de homem livre que lutou por sua liberdade.³³ Também havia uma clara possibilidade de estudar fenômenos sociais contemporâneos – urbanos e rurais – cujas origens estariam ligadas às antigas formas de organização social do negro no Brasil Colônia. Os núcleos localizados em antigos territórios quilombolas e espalhados pelas regiões brasileiras sugeriam uma linha de continuidade histórica entre os sistemas sociais negros do passado e os assentamentos em favelas urbanas e comunidades rurais da atualidade. São locais em que a incidência da população negra e de segmentos sociais de baixa renda é a maioria, junto com outras pessoas de etnias não europeias.³⁴ O estudo dos sistemas sociais livres estava alicerçado na certeza de que

Através desse arcabouço ideológico, da constatação desse arcabouço ideológico, que eu resolvi estudar o quilombo e ver que dentro de toda a história do Brasil, dentro de todo período colonial, o negro conseguiu viver dentro de comunidades que não eram aquelas que o opressor tinha determinado pra ele (NASCIMENTO, 1977, p. 04).

E,

³⁰ Em 1976, Beatriz Nascimento já trabalhava como pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, da Fundação Getúlio Vargas.

³¹ A expressão “discurso colonial” é usada, na Teoria Pós-Colonial, em trabalhos de Homi Bhabha (1998), Paul Gilroy (2001), entre outros autores dos Estudos Culturais. Frantz Fanon (2008) e pensadores clássicos do pós-colonialismo também a utilizam.

³² Paul Gilroy (2001) descreve o oceano atlântico como uma rota continental onde circulam pessoas, culturas, histórias, memórias. Há um fluxo e um refluxo de toda espécie de bens simbólicos entre os continentes americano e africano através do Atlântico Negro.

³³ A ideia do protagonismo negro também é compartilhada por Clóvis Moura (1988), José Reis e Flávio Gomes (1996) e Richard Price (1996).

³⁴ Outros núcleos negros na atualidade seriam as escolas de samba, os terreiros de candomblé, os bailes negros, as festas de negros. (NASCIMENTO, 1982)

Nos documentos referentes à correspondência do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro com o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, no século XIX, vários territórios que naquela época compreendiam “quilombos” são atualmente favelas ou ex-favelas com grande contingente de população negra (de menor poder aquisitivo), assim como segmentos populacionais de outras etnias com a mesma origem de classe. Esta composição populacional tem grande semelhança com a dos ex-quilombos. Situações idênticas ao Rio ocorrem em Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo, não somente nas áreas urbanas, como também nas de economia rural decadente. Nesta última os negros guardam como característica marcante o isolamento da sociedade global, assim como padrões comunitários de organização social e, eventualmente, formas de produção características dos “quilombos” anteriores à Abolição (NASCIMENTO, 1981, p. 05).

Beatriz Nascimento continuou a investigação sobre o quilombo em consultas a fontes primárias e secundárias: arquivos públicos e literatura especializada, respectivamente.³⁵ A tese do antropólogo baiano Edison Carneiro – com quem ela compartilhou a hipótese de que o quilombo não representaria uma mudança social no período colonial – ajudou a delinear a visão crítica da jovem pesquisadora negra.³⁶ Ela formulou, perseguiu e defendeu a ideia de que o conceito de quilombo seria uma generalização errônea da organização social negra no Brasil dos séculos XVI a XIX. Alex Ratts (2006) defende a ideia de que de Beatriz Nascimento se recusava a aceitar o lugar pré-determinado para as mulheres negras, na hierarquia da sociedade brasileira. Essa recusa a levou a experimentar um lugar de fala diferenciado e, por que não dizer, perpassado pela interseção de categorias como raça, gênero, classe, pela qual sua posição pessoal, acadêmica e política é condicionada. Beatriz Nascimento também mantinha interesse pela temática do racismo e da mulher negra, temas dos quais falarei mais adiante. Tudo leva a crer, portanto, que ela tenha empreendido um estudo profundo do conceito de quilombo no Brasil e na África, uma vez que discordava da forma como a História era vulgarmente difundida no campo intelectual brasileiro. Acima de tudo, Beatriz Nascimento defendeu, desde o início, a revisão da historiografia brasileira devido à posição reservada a ela mesma na história da nação.

Compreendendo o “quilombo” no seu sentido histórico e como um sistema social alternativo, é importante reproduzir sua trajetória para o entendimento do seu aparente desaparecimento da História do Brasil a partir do final do século XIX, assim como as influências ou sobrevivências que ele projetou na história do negro no século XX (NASCIMENTO, 1985, p. 05).

³⁵Em trabalhos escritos, Beatriz Nascimento cita: MOURA, Clovis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Zumbi, 1959; CARNEIRO, Edison. *O quilombo dos Palmares, 1630-1695*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. Porto Alegre: Movimento, 1973.

³⁶ Edison Carneiro (apud. NASCIMENTO, 1985) considerava a organização do quilombo uma reação negativa de fuga e defesa.

Entre 1976 e 1979, Beatriz Nascimento realizou, em parceria com Marlene de Oliveira Cunha, uma pesquisa no quilombo localizado a 14km do município de Carmo da Mata, em Minas Gerais.³⁷ O trabalho foi iniciado com o mapeamento das áreas em que o termo “quilombo” constasse na relação do IBGE e com a identificação de ex-quilombos na literatura especializada e nas fontes de documentação primárias do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e do Arquivo Público de Minas Gerais. A localização de um lugar denominado “Kilombo”, perto de Carmo da Mata, despertou, na jovem pesquisadora negra, o interesse pelo levantamento de conceitos histórico-culturais: quilombo e reinado.³⁸ Alex Ratts (2006) menciona a preocupação de Beatriz Nascimento com a denominação recebida por quilombos, favelas, escolas de samba, terreiros de candomblé, bailes negros. Eu presumo que a equipe tenha revelado a existência do quilombo para a comunidade acadêmica, já que, tudo indica, não havia registro de sua existência em nenhuma fonte documental pesquisada no Arquivo de Minas Gerais, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e nas igrejas dos municípios de Carmo da Mata e de Divinópolis.

No campo de pesquisa, a equipe encontrou uma família cuja matriarca contava na época, aproximadamente, 105 anos e seria, supostamente, uma descendente direta dos quilombolas que viveram na região até o fim do século XIX. A família era composta por numerosos membros que residiam na região e por outros que haviam migrado para São Paulo, Paraná, Mato Grosso e outros estados.³⁹ Para os negros entrevistados durante a pesquisa, o termo “Kilombo” se devia à Santa Milagrosa encontrada próxima ao rio chamado Calhambola (quilombola). Entre os brancos, a versão era de que o termo representaria a presença, na região, de negros fugitivos. A equipe, a esta altura, já estava ciente do conflito latente entre negros e brancos, envolvendo a origem e o direito de posse da terra.

Esse conflito estava se processando em torno da posse da Santa Milagrosa pela comunidade preta, todos componentes de ternos do Reinado da região. Com isso eles procuravam o domínio da renda das festas, das esmolas por romarias à Santa, além da tomada das terras, seu objetivo final (NASCIMENTO, 1981, p. 11).

A equipe concluiu que o conflito era mais facilmente observado na dramatização dos festejos do Reinado. A festa de rua era uma manifestação cultural impregnada de conteúdos simbólicos cuja encenação revelaria sobre o quilombo e a dinâmica das relações raciais. No relatório final da pesquisa, o reinado é caracterizado como uma manifestação constituída por

³⁷ Na equipe, estavam também Laura Ramos Bezerra, Roberto Serfaty Rosemberg, Luis Antonio Vieira de Castro, Álvaro Pianno e Josef Waldemar Rösner.

³⁸ A grafia “kilombo” é de origem bantu (NASCIMENTO, 1974a, 1979, 1981, 1985).

³⁹ Florestan Fernandes (2008) documentou com profundidade a dificuldade do negro e da família negra no Brasil em conseguir subsistir sem recorrer às migrações e aos precários trabalhos da economia capitalista.

ternos que assemelham a pequenos exércitos e batalhões: Congada, Moçambique, Catupé e Vilão (NASCIMENTO, 1981). A Congada se refere a um patriarcado africano do Reino do Congo, dos séculos XIII a XV. O Moçambique também faz referência ao período da Congada e representa, ao mesmo tempo, um matriarcado e um poder descentralizado. O Catupé é o índio brasileiro, e o Vilão é o indivíduo português. Em torno da manifestação cultural, havia a disputa pela recuperação da caixa de auxílio mútuo do Reinado e pela retirada da imagem da santa milagrosa das mãos da Igreja.

Em 1977, Beatriz Nascimento participou como conferencista da Quinzena do Negro, organizada na Universidade de São Paulo (USP). Para Alex Ratts (2006), a sua participação nesse encontro representou o reconhecimento público de seus estudos sobre o quilombo.⁴⁰ Na conferência, ela pôde fazer uma longa exposição sobre a historiografia do quilombo e contou com interlocutores da envergadura de Eduardo de Oliveira e Oliveira [1924 - 1980]⁴¹ e Hamilton Cardoso⁴² [1953 - 1999].⁴³ Todas as conferências tratavam da mesma temática com ênfase em diferentes aspectos culturais e históricos dos descendentes de africanos. Em sua fala, fica claro que a questão central da conferência era a falta de reconhecimento do negro na sociedade brasileira e a necessidade de encarar a historiografia do negro como um forte meio para refletir a situação da população negra no Brasil contemporâneo:

É justamente esta história que não é escrita, que não foi escrita, e que é a história não conhecida. Agora, que desta maneira nós pretos nos sentimos fora do Brasil, nós nos sentimos como exilados dentro do Brasil. Não pelo nosso querer porque a gente se identifica realmente com a cultura que está aqui dentro e que fomos nós, e os grupos oprimidos, menos os brancos, que já estavam aqui há longo tempo, que desenvolveram, mas essa cultura basicamente negra e índia e nós não somos realmente computados, considerados brasileiros no sentido cultural (NASCIMENTO, 1977, p. 10).

Em sua conferência, Beatriz Nascimento defendia publicamente a continuidade histórica dos estabelecimentos negros do passado – os quilombos – com aqueles que persistiriam na contemporaneidade – comunidades negras rurais e favelas urbanas. Essa

⁴⁰ A primeira conferência “O quilombo e a historiografia” foi proferida em 1974, na UFF. Cf. Declaração emitida pela UFF e assinada por Maria Maia Berriel. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁴¹ Sociólogo, então estudante da USP. Eduardo de Oliveira e Oliveira e Beatriz Nascimento organizaram trabalhos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Em 1978, Beatriz Nascimento participou da mesa intitulada “Avaliação Crítica da Abolição Jurídica do Estatuto Civil - 1888/1978”. Cf. Cartas. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁴² Militante negro e uma importante liderança do Movimento Negro Unificado (MNU).

⁴³ Ambos morreram tragicamente. Alex Ratts (2009) chama atenção para a forma trágica como muitos intelectuais negros e negras morrem no Brasil. Isso pode ser observado na história da vida de Eduardo de Oliveira e Oliveira que cometeu suicídio em 1980; Hamilton Cardoso que também cometeu suicídio em 1999; Lélia Gonzalez que morreu em decorrência das complicações de diabetes em 1994, e Beatriz Nascimento, assassinada em 1995.

continuidade seria um fator mobilizador e perpetuador da organização de núcleos negros frente às adversidades sociais, culturais, políticas, econômicas, militares.

Por isso é que a minha preocupação é que ele [quilombo] não pode terminar com a abolição, não pode terminar simplesmente pelo fato de que a abolição libertou a mão de obra escrava, porque ele sempre foi independente do processo da escravidão, não o quilombo especificamente de Palmares, ou especificamente de Gambú, mas o quilombo como movimento geral de longa duração em todo o Brasil (NASCIMENTO, op. cit., p. 09).

Beatriz Nascimento ainda propunha o deslocamento do conceito de classe econômica na explicação da situação do negro no Brasil. Em sua fala, havia a convicção de que a questão da classe social não dava conta da problemática do negro na sociedade brasileira. Tudo indica que este ponto dividiu a opinião da plateia de como ser possível retirar dessa categoria a proeminência de explicar historicamente o Brasil contemporâneo e as causas do empobrecimento e da vulnerabilidade da população negra. Eu presumo que o enunciado da intelectual negra representou a reiteração de uma visão renovada do problema do negro no Brasil que estava sendo arquitetada por uma geração de intelectuais brasileiros, em parte influenciados pela sociologia norte-americana.⁴⁴

Agora, nós negros sofremos um tipo de discriminação que não é parecida com nenhuma outra discriminação que outros grupos, como o branco pobre sofre. Então, justamente quando eu me apoio na historiografia, na tentativa de uma crítica da historiografia, do que se estabeleceu ser história do Brasil, é justamente por isso, porque pra nós não significa, a questão econômica não é o grande drama, apesar de ser um drama, não é o grande drama. O grande drama é justamente o reconhecimento da pessoa, do homem negro que nunca foi reconhecido no Brasil. [...] Quer dizer, esse não reconhecimento de nós como parte integrante, capazes de ser, de existir dentro da nação, é esse o grande drama do negro brasileiro. (NASCIMENTO, op. cit., p. 11).

Ou,

Sim, claro, tem que ter, mas a discussão da luta de classe no momento, quer dizer, em termos de apreensão pra nosso grupo não é o fato fundamental. É um fator subjacente, um fator primário, é um fator também que corre paralelo à luta que a gente tem que empreender em termos da autonomia cultural, autonomia individual

⁴⁴ A herança essencialista e biológica da explicação de Oliveira Viana, Nina Rodrigues, Roquette-Pinto, dá lugar à concepção cultural do fenômeno, como já aparece em Arthur Ramos, Florestan Fernandes, Abdias do Nascimento. A influência de Donald Pierson e do Projeto Unesco é inegável para a mudança de paradigma do campo intelectual brasileiro sobre o problema do negro e da transformação que ocorreu nos Estudos Étnico-Raciais no Brasil. Mariza Corrêa (2003) lembra que, na mesma época em que São Paulo recebia a influência norte-americana dos estudos socioantropológicos de comunidade, chegava ao Rio de Janeiro uma perspectiva semelhante através de Franz Boas [1858 - 1942], Ralph Linton [1893 - 1953], Paul Rivet [1876 - 1958], Alfred Métraux [1902 - 1963], Charles Wagley [1913 - 1991]. A vinda de pesquisadores estadunidense foi facilitada, em parte, pelo convênio entre o Museu Nacional e a Universidade de Columbia (CORRÊA, 2003). Foi o caso, por exemplo, da chegada de Donald Pierson [1900 - 1995] e Ruth Landes [1908 - 1991] para integrarem, com pesquisadores nacionais, como Nina Rodrigues [1862 - 1906], Arthur Ramos [1903 - 1949], sem esquecer o antropólogo baiano Edison Carneiro [1912 - 1972], os estudos pioneiros das relações étnico-raciais.

dentro dessa sociedade. Ela disse: a luta política é paralela; é paralela quando a gente está fazendo isso está subentendendo que a gente quer melhores condições de vida, maiores oportunidades, maior distribuição de riquezas para os negros, claro. (NASCIMENTO, op. cit., p. 30).

E ainda:

[...] o grande problema é que essa burguesia negra se identifica com o branco e não com o negro porque ele não tem, quer dizer, falta dentro das nossas instituições nacionais, da nossa cultura, a possibilidade de identificação com uma vida melhor, com uma instrução, com uma cultura nobre, como eles dizem, falta tudo isso, então o que acontece é que há uma espécie de racha quando se hierarquiza no nível de classe o grupo negro. Em vez de ser um fato de reflexão no sentido de ver que essa dominação racial que a gente sofre é tão violenta que o próprio negro de classe média tem dinheiro, mas ele se identifica com outro grupo racial e não se identifica com o seu grupo. O drama está aí, não que ele tenha dinheiro, não que ele seja elite. É que ele se identifica com o grupo dominante que não é a classe dominante, é o grupo dominante (NASCIMENTO, op. cit., p. 34).

Finalmente,

Um estudante uma vez me procurou pra fazer um trabalho, pra me entrevistar pra um trabalho que ele estava fazendo e eu estava falando justamente sobre o problema que durante o processo da escravidão existiu negros e mestiços em grande número como senhor de escravos, inclusive, pessoas ricas, juristas, como foi o caso de André Rebouças que a família toda era de pessoas importantíssimas na Bahia. Eu falei do André Rebouças, ele disse [o entrevistador] assim para mim: mas, você acha, Beatriz, que ele tem ideologia de classe dominante? Eu disse: ele não tem ideologia de classe dominante, ele era classe dominante e você tem que aceitar que mesmo que você não seja classe dominante, não queira ser, faça opção ideológica, mas você tem que aceitar que dentro do seu grupo, você inclusive pode ser classe dominante, ser um político, ser um advogado, você pode ser uma série de coisas, quer dizer, o problema maior do racismo no Brasil é esse condicionamento do negro a ser vencido, a ser oprimido economicamente (NASCIMENTO, 1982d, p. 34-35).

O que estava colocado era a possibilidade de o negro reconhecer a cultura afro-brasileira e africana como sendo dele, sem sentir culpa pela escolha, nem obrigação de legitimar o arcabouço cultural branco e europeu como principal referência da cultura brasileira.⁴⁵ Tratasse da busca de identidade e, principalmente, de reconhecimento da sua presença nas referências geográficas e históricas da nação. A população negra no Brasil sofria com o fantasma do processo de branqueamento: a ameaça de apagar da memória nacional tudo aquilo que lembrasse a presença e a participação negra na formação social brasileira. É com base nesta concepção de branqueamento que Eduardo de Oliveira e Oliveira interveio, na conferência, para explicar, ao público, a natureza do dilema de ser um intelectual negro na década de 1970, em São Paulo:

⁴⁵ Um trabalho desta natureza foi iniciado com o Teatro Experimental Negro (TEN) criado em 1945. O TEN teve entre seus fundadores Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos. O grupo dedicou especial atenção às artes cênicas, à poesia, à música, bem como às tradições religiosas de matriz africana. (VINHAS, 2010).

Agora, sem uma Universidade, sem um crédito, seria até impossível eu conseguir essas semanas aqui porque eu seria apenas um negro. Hoje, depois de dez ou doze anos de trabalho já me mandam entrar e sentar porque o senhor Eduardo de Oliveira, tenho um título, que não pretende ser doutor, que não se branqueou, mas que usa disso como instrumento de trabalho pra poder se afirmar como negro e ajudar outros negros que se afirmem como tal. E nós vamos continuar lutando para que os negros entrem mais aqui e que voltem a sua identidade de negro, e a minha, de subúrbio, de proletário, que não se branqueou e é isso que nós temos que fazer e voltar e ensinar os outros. Então, vamos continuar. Não, deixa eu te explicar porque está havendo um processo de neo-colonialismo que os negros estão negando a formação porque acham que ela é irrelevante. Ela, em certo ponto, é irrelevante porque você se forma em doutor e não passa de um negro, você está entendendo? Mas que se faça doutor e use o seu crédito e lute por ele (OLIVEIRA, apud. NASCIMENTO, 1977, p. 23).

A carga ideológica das elites brasileiras esconderia as razões da ausência de negros competindo em pé de igualdade com os brancos na escala da mobilidade social. E isso só seria revertido a partir do momento em que o negro desejasse e ocupasse cargos de classe média – negra: advogados, médicos, políticos.⁴⁶ Mas, pelo contrário, muitos preferiam evitar o confronto com a ideologia nacional – interiorizada como visão de mundo – conformando-se em ocupar funções subalternas como as de porteiros, escriturários, datilógrafos.⁴⁷ Os negros também sentiriam receio de entrar e permanecer na universidade e, assim, perderem as referências de seu grupo social, passando a reproduzir o discurso dominante de integração e aculturação.⁴⁸ Isso faria com que muitos deles permanecessem exclusivamente envolvidos com os movimentos de base comunitária negra e fora dos redutos considerados de brancos. Na fala da conferencista, estava claro que a questão do negro no Brasil não poderia ser tratada como mais um aspecto social a ser considerado na hora do planejamento econômico, se não levasse em conta as experiências individuais.

[...] um dos grandes problemas do negro é justamente isso, o inconsciente, quer dizer, o que você não pode trazer para o consciente, pra fora, estabelecer uma comunicação entre os seus iguais, trazer essa comunicação com a sociedade brasileira. [...] É preciso que haja uma luta dentro da gente mesmo pra conciliação, pra afirmação de todo esse processo de se entender realmente como pessoas, como homens (NASCIMENTO, 1975, p.03).

A relevância da Quinzena do Negro na trajetória intelectual de Beatriz Nascimento pode ser mensurada em dois acontecimentos: 1) o reconhecimento público do trabalho de pesquisa sobre o quilombo; 2) a parceria cinematográfica com Raquel Gerber, na produção do

⁴⁶ No Brasil, o termo “classe média negra” passou a ser utilizado nos anos 1990 (FIGUEIREDO, 2012). No entanto, a classe média negra não pode ser comparada a outros segmentos da classe média: a classe média branca ou a classe média chinesa. Como observa Figueiredo (2012), cada uma delas possui demandas específicas e, por isso, não pode ser agrupada dentro de uma categoria mais ampla como a classe média em geral.

⁴⁷ Esta ideia guarda estreita relação com a noção lugar de negros de Lélia Gonzalez (1982) cuja explicação heurística está relacionada à noção de lugar natural aristotélico.

⁴⁸ Para Thales de Azevedo (1996), é comum dizer que o negro pode branquear-se à medida que ascende economicamente e adquire os estilos comportamentais dos grupos dominantes.

documentário sobre o Movimento Negro de 1970.⁴⁹ O filme-documentário “Ôrí” é dividido em três partes: 1) raízes e genealogia; 2) afirmação da identidade; 3) luta pelo poder e a questão nacional. O documentário percorre as trajetórias de líderes, ideias e ideologias durante os anos de luta contra os regimes autoritários no Brasil e no continente sul-americano. Documenta a existência de culturas negras transmigradas da África para a América e procura estabelecer os nexos históricos com as comunidades negras no sul do Brasil. Fala da memória do negro e da procura de sua autoimagem na modernidade. A película ainda trata do herói Zumbi dos Palmares e procura investigar os modelos de adaptação da cultura negra no novo mundo. Finalmente, busca identificar ligações que eram raramente percebidas entre o Brasil e o continente africano. Em uma narrativa ampla sobre a historiografia do negro, aborda a persistência do que se convencionou chamar de cultura africana no Brasil e o modo como o homem africano se relaciona com a cultura dos seus antepassados.⁵⁰

O filme aborda a trajetória de Beatriz Nascimento seguindo os passos de sua pesquisa sobre os quilombos: a formação de organizações sociais no reino do Congo, a resistência do quilombo da rainha Nzinga e, finalmente, os quilombos de Sergipe. Ôrí é um termo iorubá⁵¹ que significa “cabeça”: consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória. Adquirir Ôrí é nascer, desprender-se da matéria – massa genérica de origem mística. Aquele que adquire Ôrí individualiza-se, mantendo uma relação pessoal com o seu orixá.⁵²

E ainda,

O Ôrí na realidade está nessa trajetória do ir e vir. É um momento de não separação, embora aparentemente por ser rito de passagem, rito iniciático, existe um grande corte, uma grande separação do seu passado para o que vem a partir de você mesmo. Essa não separação que está na origem do Ôrí é a não separação, vamos dizer assim, suportando e assimilando as diferenças. O Ôrí talvez esteja numa outra linguagem, uma linguagem também de povos africanos com os povos bantus. O Ôrí pode estar também no prefixo Ki, de onde surge Kilombo. Esse respeito das diferenças que está projetado no conceito de não separação, não há separatividade, é só momento de passagem, o momento de interlocução, não é de interligação, é de interlocução, esse

⁴⁹ Beatriz Nascimento ingressou no mestrado de comunicação em 1994. Sua relação com as artes passou pela poesia e por textos literários, bem como por incursões na arte cinematográfica.

⁵⁰ Trata-se da ideia de recriação da África no Brasil. Os africanos no Brasil teriam reproduzido a Mãe-África no continente, preservando as características culturais dos povos transmigrados para as Américas. (VINHAS, 2010).

⁵¹ Segundo David Eltis (2006), os iorubás são originalmente povos migrantes da África Ocidental que têm em comum o fato de pertencerem a um grupo étnico-linguístico e de não se constituírem como unidade política. Correspondente aos nagôs, entre os portugueses, e aos lucumi, entre os espanhóis, é possível que a autoidentificação tenha ocorrido por volta do século XIX, como forma de resistir aos frequentes sequestros realizados pelos escravagistas do Velho Mundo ou como modo de organizar uma identidade social no Novo Mundo. Ver também Raymundo Nina Rodrigues (2008).

⁵² Conforme Roger Bastide (2001), os orixás são divindades cuja morada é a África e que se deslocam para onde são chamados. Para Donald Pierson (1942), as divindades mais importantes e veneradas são Xangô, adorado como o orixá do relâmpago e do trovão; Ogum, da guerra e do ferro; Oxossi, da caça; Omolú, da peste; Nanan, da chuva; Yemanjá, da água salgada; Oxum, da água doce; Yasan, do vento e da tempestade; Oxum-manrê, do arco-íris; e Beji, (ou Ibeji), dos gêmeos. (p. 08)

momento é o momento de uma busca, de uma assimilação de alguma coisa, talvez passada, talvez presente, talvez futura, e está na origem justamente dessas palavras pequenas, miúdas como o Ki, Ôrí, e uma série de outras palavras. Axé também é uma palavra que tem o mesmo significado, de alguma coisa interlocutada, o primeiro código, o primeiro é expressão, é verbalização, o Ki, ou Ôrí, esse processo de fazer a cabeça, fazer o Bôrí, tem um B antes de alguma coisa que tem esse significado primordial e imediato que é a própria cabeça. Ôrí é a própria cabeça, é a própria unidade, mas ela está buscando nesse momento um instante de não separação, porque ela já é uma unidade, então nesse sentido ela começa a respeitar as diferenças que existem (NASCIMENTO, 1982d, p.07).

O filme-documentário tem direção de Raquel Gerber, textos e narração de Beatriz Nascimento.⁵³ Produzido entre 1977 e 1983, foi finalizado em 1988, e lançado em 1989.⁵⁴ As



Figura 2: Raquel Gerber e Beatriz Nascimento.

filmagens registraram importantes momentos da organização política e da tomada de “consciência” dos movimentos negros no país: “autoconsciência, individual e coletiva, acerca da inserção da população negra na história da sociedade brasileira” (RATTS, 2006, p. 64). No Brasil, são gravadas imagens em São Paulo, Minas Gerais e Alagoas. No continente africano, filmaram no Senegal, no

Mali e na Costa do Marfim. O documentário registra elementos das comunidades negras nesses continentes e documenta vestígios ideológicos da negritude, assim como do movimento social mais tarde denominado Movimento Negro de 1970.⁵⁵ Os primeiros

⁵³ O filme-documentário ainda contou com a produção executiva de Ignácio Gerber, direção de fotografia de Hermano Penna, montagem de Renato Neiva Moreira e música de Naná Vasconcelos.

⁵⁴ O filme-documentário ganhou vários prêmios em festivais de cinema e amostras de televisão. Em 1989: Prêmio Paul Robeson da Diáspora, no Festival Pan-Africano de Cinema de Ouagadougou, na África; Prêmio Costa Azul, no Festival Internacional de Troia, Portugal; *15 Best Documentaries in the World-Centennial of the City of Yamagata International Documentary; Honorable Mention for Documentary, Prized Pieces; National Black Programming Consortium; Special Jury Award Filmand Video Sociology, Category in Told Gate Awards Competition, San Francisco International Film Festival*. A produção de Raquel Gerber e Beatriz Nascimento ganhou espaço na imprensa nacional e internacional logo após o seu lançamento, na África, em 1989. Ôrí foi matéria jornalística em 1989, nos periódicos: Europeu, Jornal da Tarde, Tempo, A Capital, Jornal do Brasil, UH Revista, Última Hora, Correio da Bahia, Daly Champion, Gazeta Esportiva, O Estado do Paraná, A Notícia, Diário Catarinense, Jornal da Bahia, Tribuna da Bahia, Jornal da Semana e Diário de Pernambuco.

⁵⁵ Em 1978, era lançado publicamente o Movimento Negro Unificado (MNU) em um ato público na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo. A manifestação seria uma resposta à discriminação racial sofrida por quatro integrantes do Clube de Regatas Tietê. Os garotos do time infantil teriam sido proibidos de jogar por serem negros. O ato público também seria uma resposta à violência cometida contra Robson Silveira da Luz, preso e torturado na 44º Distrito Policial de Guaianases.

registros do filme captam o sonho de retorno à África, as recriações da cultura africana no Brasil, as manifestações das religiões de matrizes africanas, a força ancestral do continente africano e as formas de afirmação dos valores comunitários e coletivos da população negra.⁵⁶ Enfim, o retorno não deveria ser pensado em termos de isolamento, mas no sentido de colocar em cena negros e negras que escreveram acerca dos seus deslocamentos, como Beatriz Nascimento fez.

Em 1973, um grupo de estudantes organiza, no Conjunto Universitário Candido Mendes, uma série de reuniões para debater temas relacionados ao continente africano e à situação da população negra no Brasil.⁵⁷ Os encontros eram frequentados por universitários e militantes de organizações sociais interessados em discutir a produção textual que propunha revisar a historiografia nacional. Frequentava as reuniões um público ansioso em compartilhar experiências com foco na ação política e de fazer parte do movimento de resistência à suspensão do direito de fazer reuniões públicas.⁵⁸ O primeiro trabalho discutido foi “Por uma história do homem negro”, de Beatriz Nascimento (1974), publicado na Revista Cultura Vozes. Em seguida, foram debatidas as produções de Carlos Alberto Medeiros, Yedo Ferreira, José Ricardo de Almeida, Paulo Roberto Santos (SEGURA-RAMIREZ, 2000; RATTS, 2006).⁵⁹

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) é uma entidade privada e, na época, representava uma participação maior da sociedade civil nas questões da África e nos debates dos estudos das relações étnico-raciais no Brasil.⁶⁰ Eu acredito que dois motivos podem ser destacados como primordiais na criação do Centro: 1) um maior interesse do governo brasileiro em ampliar o comércio com o continente africano;⁶¹ 2) o ressurgimento dos

⁵⁶ Registra a vida e a organização de comunidades negras de São Paulo: Escola de Samba Vai-Vai, Escola de Samba Mocidade Alegre, Escola de Samba Camisa Verde; acompanha importantes manifestações musicais, como os bailes negros do Chic Show, Soul Music, Funk; documenta importantes congressos e encontros de lideranças negras, como a Quinzena do Negro [1977], o Festival Comunitário Negro Zumbi [1980], o III Congresso de Cultura Negra das Américas [1982] e a instalação do Memorial Zumbi na Serra da Barriga [1982].

⁵⁷ Com esta ação, foi possível criar, no Conjunto Universitário Candido Mendes, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) cuja biblioteca era formada pelo antigo acervo do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA) que foi extinto na administração de Castelo Branco e integrado à Candido Mendes, em 1967 (NASCIMENTO, 1982).

⁵⁸ Refiro-me ao período da Ditadura Militar [1964 - 1985], mais especificamente, ao AI5, que entrou em vigor durante o governo de Arthur da Costa e Silva, em 1968. Entre 1974 e 1979, a sociedade civil começa a se reorganizar sem se cristalizar politicamente. Nesse período, a universidade ocupa um lugar em que críticas ao regime são formuladas.

⁵⁹ Esta é uma das versões para a fundação do CEAA. (Ver Nascimento, 1990b.)

⁶⁰ A oficialização do CEAA, em 1973, partiu dos professores Candido Mendes [1928 -] e José Maria Nunes Pereira [1937 - 2015].

⁶¹ Em 1972, o governo de Garrastazu Médici (1969-1974) havia reaproximado o Brasil da África, com objetivo de favorecer a elite industrial brasileira que havia investido na ampliação do parque industrial e atingido, pela primeira vez, o padrão internacional de produção almejado desde o Estado Novo. No cenário nacional, vivia-se

movimentos sociais negros no Brasil. Este último representava a possibilidade de formar um público específico interessado em estudar a África e a sua relação com o Brasil. Tudo leva a crer que a temática negra tenha sido introduzida no CEAA por meio dos estudantes da professora da Maria Maia Berriel, da UFF, que haviam ido ao Centro realizar pesquisas sobre a história do negro, da África e da questão racial.

A 21 de março de 1974, o CEAA comemorou, pela primeira vez no Brasil, o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. Essa tomada de posição aproximou mais os negros, que passaram a realizar semanalmente, aos sábados das 16 às 21hs seminários sobre o racismo no Brasil e sobre a História da África. Nos seus primeiros passos esses seminários são dinamizados por Beatriz Nascimento, o primeiro dos quais em abril de 1974, reuniu pouco mais de uma dúzia de pessoas. Um ano mais tarde, ascende a mais de 120 o número de negros que, através do Departamento Afro-brasileiro do CEAA, se reúnem em grupos de estudos (*sic*) (PEREIRA, 1981, p. 04).

Em 1975, o público do CEAA era composto por uma centena de participantes. Muitos deles seriam responsáveis pela criação de entidades autônomas: Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA); Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN); Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR). A disponibilidade de recursos financeiros e técnicos oferecidos por organismos internacionais foi fundamental para o sucesso alcançado, na década de 1970, pelas entidades interessadas em discutir a temática do negro no Brasil. A consolidação e a expansão do CEAA tiveram relação direta com o financiamento da Fundação Ford para projetos na América Latina. Muitas vezes, o interesse da Fundação nos estudos das minorias dos países chamados periféricos foi causa de questionamentos e motivo de polêmicas.⁶² É fato que a Fundação Ford vinha mantendo investimentos em instituições privadas nos países assistidos e reproduzindo a política norte-americana de expandir a capacidade de produção intelectual, científica e acadêmica dos países beneficiados em programas de apoio institucional e financeiro a demandas identificadas e priorizadas pela equipe técnica designada.⁶³ Os programas da Fundação Ford priorizavam o treinamento de

um clima de asfixia cultural e de cerceamento da liberdade do ensino universitário. Contudo, o súbito interesse pela África representou, para a sociedade civil, a oportunidade de falar mais abertamente do cenário político do continente africano, de discutir a contribuição do negro na sociedade brasileira e de advogar a revisão da historiografia do negro e da nação brasileira.

⁶² Segura-Ramirez (2000) tem a mesma posição sobre a importância do financiamento da Fundação Ford, mas inclui a parceria institucional do CEAA com a Fundação Léopold e com o Ministério da Educação (MEC).

⁶³ Segundo Sergio Miceli (1993), a Fundação Ford evitava investir em organismos estatais visando ao fortalecimento da sociedade civil.

professores e pesquisadores, o desenvolvimento comunitário e incluía a questão do negro e das mulheres nos países latino-americanos.⁶⁴

Ainda em 1975, surge o Grupo de Trabalho André Rebouças⁶⁵ (GTAR). É muito provável que o Grupo tenha funcionado na UFF até o encerramento de suas atividades, na década de 1990. Alex Ratts (2009) considera a criação do Grupo uma iniciativa pioneira na organização do Movimento Negro Acadêmico no Brasil.⁶⁶ O GTAR nasce com um grupo de estudantes que organizava encontros regulares no CEEA, em Ipanema, e no Teatro Opinião, em Copacabana.

Os alunos negros da Universidade Federal Fluminense através de professores, da diretoria do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, e da chefe do Departamento de Antropologia, Maria Berriel, e da aluna Marlene Cunha, organizaram as primeiras semanas de Estudo sobre o Negro em Niterói. Por trás destes eventos havia o objetivo concreto de reformular o ministério da Antropologia Cultural que estava impregnada de conceitos do “primitivo” (NASCIMENTO, 1990a, p.02).

Beatriz Nascimento foi uma das idealizadoras e fundadoras do GTAR, tendo contribuído decisivamente para o enfoque do coletivo na temática da negritude, da educação e da cultura.⁶⁷ Como orientadora do Grupo, defendeu publicamente a universidade como um lugar privilegiado de luta do movimento negro e local da (re)escrita da história do negro no Brasil.⁶⁸ O Grupo incentivava a juventude negra a ingressar nos cursos acadêmicos onde poderia discutir e produzir conhecimentos científicos sobre a temática negra.⁶⁹ Os integrantes mantinham uma perspectiva centrada no processo histórico, político e social da população negra. O GTAR organizou várias edições da “Semana de Estudo sobre a Contribuição do

⁶⁴ Para Sergio Miceli (1993), a Fundação Ford compartilhava um paradigma instituído, logo após o fim da Segunda Grande Guerra, de que a história da humanidade seria uma linha de progresso, e o desenvolvimento nacional, uma questão de competência técnica, recurso e motivação.

⁶⁵ André Rebouças [1838-1898] nasceu em Cachoeira, Bahia. Ele foi um dos ideólogos do movimento pela liberação dos escravos. Formado em engenharia pela Escola Militar e de Aplicação realizou, dentro outros projetos e obras, a construção da Alfândega do Rio de Janeiro. Exilou-se espontaneamente na África depois de se decepcionar com a solução dada ao problema da escravidão cuja consequência foi a marginalização da população negra no Brasil.

⁶⁶ Segundo Alex Ratts (2009), o Movimento Negro de base acadêmica seria uma face do movimento negro contemporâneo que se configura no âmbito das universidades brasileiras com visibilidade restrita. Implica, por sua vez, o que Alex Ratts (2006) denomina de processo de formação da intelectualidade negra e do seu posicionamento diferenciado na academia.

⁶⁷ Participavam também Marlene de Oliveira Cunha, Rosa Nascimento e Sebastião Soares, dentre outros (RATTS, 2006).

⁶⁸ Para Joseph Ki-Zerbo (2010), o trabalho da (re)escrita não seria a construção de uma história de revanche, que lançaria a história colonialista contra seus autores, mas de mudar a abordagem e evidenciar aquilo que foi esquecido ou perdido. Seria um possível retorno à ciência para modificar o discurso.

⁶⁹ Para Alex Ratts (2006), os principais propósitos do grupo eram: “1. Introduzir gradualmente na Universidade créditos específicos sobre as relações raciais no Brasil, principalmente nos cursos que abrangem a área das Ciências Humanas; 2. Tentar uma reformulação no programa de Antropologia do Negro Brasileiro, no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da UFF; 3. Atualizar a bibliografia no que diz respeito ao assunto adotado pelo corpo docente e discente; 4. Estabelecer contato entre professores que desenvolvem teses sobre as relações raciais fora da UFF com o corpo docente do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia” (p. 37).

Negro na Formação Social Brasileira”, com a participação de especialistas nos estudos das relações étnico-raciais.⁷⁰ O protagonismo de Beatriz Nascimento no GTAR pode ser visto na participação intensa em debates com os movimentos político-sociais da época.⁷¹ O perfil militante de Beatriz Nascimento estava em pleno acordo com uma concepção mais engajada de ocupar a universidade como lugar privilegiado da disputa com o campo intelectual brasileiro. Esta era a sua militância, e foi também o seu dilema!⁷² A minha hipótese é que Beatriz Nascimento diante das escolhas – a militância política e o percurso intelectual – optou por seguir os dois caminhos ao ingressar no Movimento Acadêmico Negro.

Em 1979, Beatriz Nascimento retoma os estudos acadêmicos, cursando especialização em História do Brasil, pela UFF. O retorno ocorreu depois de alguns anos afastada da academia. Nesse ínterim, enveredou pela literatura, poesia, ensaio e prosa – cerca de mil produções entre poemas e aforismos.⁷³ Ela teria abandonado o discurso científico pela recusa à racionalidade do pensamento ocidental e rejeição do que era europeu. Também manifestava a necessidade de romper com o pensamento estritamente acadêmico. Essa questão se constituía em mais um dilema: “Isto me coloca numa situação ambígua: mesmo que eu deseje e seja aculturada por este pensamento rejeito-o como tendo sido um princípio de colonização” (NASCIMENTO, 1992, p. 03).

⁷⁰ Além de Beatriz Nascimento, colaborou Eduardo de Oliveira e Oliveira, Carlos Hasenbalg, Manuel Nunes Pereira, Décio Freitas, Vicente Sales, Juana Elbein, Ivone Magie, Roy Glasgow, Leni Silvertein, Michael Turner, entre outros. Foi com o objetivo de aglutinar intelectuais e estudantes participantes das Semanas de Estudos do GTAR que criaram o Grupo de Trabalho Luiz Gama, em 1977. O Grupo era composto por Eduardo de Oliveira e Oliveira, Beatriz Nascimento, Marlene de Oliveira Cunha, Sebastião Soares, Rosa Virgínia Nascimento, Andreino de Oliveira Campos, João Ribeiro, Alcides da Conceição e Alcebiades Abel Filho.

⁷¹ É possível afirmar que a contribuição mais importante de Beatriz Nascimento aos movimentos negros tenha sido a abordagem histórica sobre a ação política dos negros, incluindo a do mito do herói Zumbi dos Palmares. Nas décadas de 1960 e 1970, havia uma forte mobilização da luta antirracista focada na recuperação da memória do povo negro através dos seus heróis. A narrativa de nação proposta por Beatriz Nascimento não explora a visão mítica do quilombo, mas a concepção factual da origem, desenvolvimento e da sua hipótese de continuidade histórica. Para Le Goff (1994), a memória coletiva ou social tende a ser essencialmente mítica e anacrônica. Ela é constituída pelo vivido e pela relação inacabada entre o presente e o passado. Para que a memória coletiva possa angariar legitimidade histórica, precisa apresentar o sentido de continuidade. É por isso que a memória pode ser um elemento fundamental da identidade de um grupo e pode ser alcançada mediante o artifício da historicidade.

⁷² Na metade da década de 1970, as ideias de Beatriz Nascimento ganham notoriedade nacional e internacional. É nessa época que ela inicia o contato com Carol Cooper. Com a negra estadunidense, compartilhou ideias e projetos de viver e estudar na América do Norte. Michael Brooks também foi seu interlocutor nos Estados Unidos, e a amiga Marcela, em Roma, com quem também planejou a exibição de Ôrí na Itália, com a presença de Muniz Sodré em mesa de debate. No Brasil, a historiadora negra manteve diálogo com Eduardo de Oliveira e Oliveira, Clóvis Moura, Éle Semog, Jônatas Conceição, Carlos Hasenbalg, Maria Maia de Oliveira Berriel, Helena Theodoro Lopes, entre outros.

⁷³ Beatriz Nascimento participa de dois dos encontros realizados no Perfil da Literatura Negra. Em um deles, com o amigo e poeta baiano, Jônatas Conceição, em 1988.

Recebe, nesse ano ainda, a autorização para viajar à República Popular de Angola (RPA) para realizar pesquisas.⁷⁴ O período da viagem coincidiu com o início do semestre na pós-graduação na UFF e, em acordo com o professor José Calazans,⁷⁵ partiu com o propósito de fazer levantamentos das condições sociais da população do país, em função da readaptação pós-independência e da revolução socialista. O relatório contendo o resultado da pesquisa foi aproveitado como crédito acadêmico e, posteriormente, incorporado ao trabalho sobre sistemas alternativos.⁷⁶ Ela permaneceu em solo africano durante dois meses – de 18 de setembro a 18 de outubro de 1979 –, empreendendo um trabalho de observação e pesquisa da história oral da região. Também realizou consultas sistemáticas nos documentos oficiais fornecidos pelo Conselho Federal de Cultura da RPA. A pesquisa na África foi financiada pela Fundação Ford e pela Fundação Léopold Sédar Senghor⁷⁷, tendo como produto final um relatório contendo informações, análises e conclusões acerca das hipóteses sobre os quilombos.

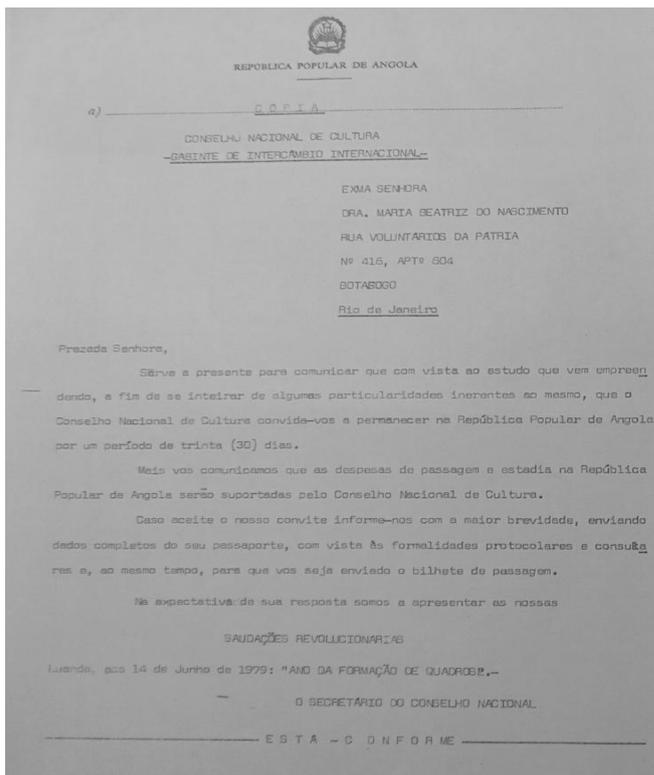


Figura 3: Carta convite do governo angolano, em 1979.

A chegada a Angola foi conturbada, por ocorrer logo após a morte do primeiro presidente empossado no período pós-independência, o médico Antônio Agostinho Neto [1922 - 1979].⁷⁸ A jovem pesquisadora negra desembarcou em Luanda um dia após a chegada das delegações que vieram prestar homenagem ao líder angolano morto. A morte do presidente agravou as lutas armadas e houve prenúncio de uma guerra civil no país. As fronteiras permaneceram fechadas durante dias e ocorreu batalhas contra opositores do

⁷⁴ Cf. Carta Convite do Conselho Nacional de Cultura. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 23, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁷⁵ Creio se tratar do historiador Francisco José Calazans Falcon, titular da Universidade Salgado de Oliveira, na área de Pós Graduação e Pesquisa.

⁷⁶ Ver Nascimento, 1981.

⁷⁷ Cf. Cartas e recibos emitidos. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixas 2 e 23, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁷⁸ Principal líder da Revolução e primeiro presidente da RPA. Foi um importante poeta da língua portuguesa, da chamada Nova Geração e recebeu o título de Guia Imortal da Revolução na África.

abertura ao Ocidente. O revolucionário morto era considerado o líder de todos os movimentos de libertação, e o seu falecimento trouxe instabilidade para diferentes grupos políticos.

Todos pareciam sofrer esta perda de uma forma ou de outra. Havia aqueles que estiveram ligados intimamente a ele e sofriam por conta desta experiência. Havia também aqueles que só choravam a perda do líder e que tomava uma dimensão sufocante para todos (NASCIMENTO, 1982d, p.20).

A pesquisa foi iniciada na zona urbana da Ilha do Cabo, arquipélago de Luanda. A primeira etapa consistiu no levantamento de documentos secundários – mapas, livros – que possibilitaram organizar os reinos desde o século XIII ao século XIX. Com o trabalho, também conseguiu ordenar as províncias antigas e atuais, bem como os estados neocoloniais, segundo uma linha de investigação que levava em consideração as características etnolinguísticas. A segunda etapa da pesquisa tratava da verificação *in loco* da possível continuidade histórica dos quilombos na África em organizações urbanas africanas conhecidas por mussekés ou musseques.⁷⁹ Com a normalização dos conflitos nos arredores de Luanda, foi possível seguir viagem rumo ao norte do país, em busca dos quilombos localizados nas áreas rurais. Visitou comunidades tradicionais em Angola e no Congo: Nova Oeiras, Ndalatando, Massagano, Kugando. Ainda pretendia visitar os povoados de KuaPutu e Dembo, mas estavam em conflito direto com as forças de ocupação.

O relatório final, intitulado “Sistemas alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas”, foi concluído no retorno da viagem ao continente africano. Com a finalização do trabalho, Beatriz Nascimento estabelece uma linha de continuidade histórica entre os quilombos e as atuais formas de resistência negra. A negligência com o tratamento histórico do tema teria possibilitado falhas em termos de análise desse fenômeno na historiografia do negro e da nação brasileira. Esse fato agravaria a ruptura do negro com o seu passado e aumentaria o desconhecimento da sua situação contemporânea: “[...] o que eu quero não é narrar acontecimentos do passado, mas estabelecer o que há de continuidade entre o passado e o presente do negro no Brasil” (NASCIMENTO, 1976b, p. 130).

Em 1980, Beatriz Nascimento participa do I Encontro Nacional do Parque Histórico Nacional do Zumbi.⁸⁰ No Encontro, trabalhou com Abdias do Nascimento na documentação e

⁷⁹Musseques são espaços sociais destinados aos colonizados, assalariados, redutos da mão de obra barata e de reserva da economia colonial, colocados à margem do processo urbano, como espaços dos marginalizados cujas fisionomias estão em constante transformação. Neste sentido, haveria uma correspondência dessa organização social africana com as favelas brasileiras.

⁸⁰ O Encontro foi organizado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e contou com a participação de delegações de vários estados brasileiros. Os participantes propuseram a incorporação do sítio histórico Quilombo dos Palmares ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e também colaboraram com sugestões para a fundação do Parque Memorial.

na elaboração das estratégias de criação do Parque Memorial Quilombo dos Palmares.⁸¹ O evento contou com a presença de outros nomes de relevância nacional, como Lélia Gonzalez. O Encontro foi a consagração de um processo de luta de uma geração de intelectuais negros e negras em busca do reconhecimento das referências africanas e afro-brasileiras na cultura nacional. Eu suponho que estar, naquele momento, no epicentro de sua pesquisa tenha sido uma emoção maior do que pesquisadora negra esperava para aqueles dias em Alagoas. Isso fica evidente em um trecho do filme-documentário “Ôrí”:

O fundamento do quilombo é a terra, o homem se identificando profundamente com a terra, por isso que quando eu fui à Serra da Barriga eu senti essa coisa, foi um momento muito forte, não é forte, um momento de integração com o seu passado e com o seu presente, com as perspectivas daquele passado, com a providência desse passado, a origem desse passado que é a impregnação da terra, da terra da Serra da Barriga, da terra que está o sangue de Zumbi (NASCIMENTO, 1982d, p. 01).

Em 1984⁸², Beatriz Nascimento foi aprovada em concurso público e nomeada professora de História, pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro.⁸³ A década foi marcada pela intensificação do debate sobre a inserção do conteúdo de História da África no currículo das escolas públicas brasileiras.⁸⁴ O Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)⁸⁵ articulou encontros para discutir esse assunto, contando com a

⁸¹ O Parque Memorial Quilombo dos Palmares, criado em 2007, está situado na Serra da Barriga, na atual cidade de União dos Palmares, no Estado de Alagoas, região da Zona da Mata alagoana, a 92 km da capital Maceió. Às margens do Rio Mundaú, a mais de 500 metros acima do nível do mar, no então Planalto da Borborema, a Serra da Barriga era anteriormente chamada de Oiteiro da Barriga e Cerca Real dos Macacos. O tombamento do sítio histórico foi aprovado pelo Projeto de Lei nº 4.733/84, da Câmara dos Deputados.

⁸² Cf. Memorando nº 1085/84. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 7, Código de Referência BR NA, RIO 2D. Em 1984, Beatriz Nascimento também prestou serviços de consultoria no filme “Quilombo”, de Cacá Diegues. Em 1985, esteve envolvida numa pesquisa sobre o pagode carioca, entrevistando pessoas negras sobre temas como racismo, africanidade, ancestralidade. É importante observar que não foi localizado nenhum outro material – artigo ou esboço – desta investigação, além das anotações de campo (NASCIMENTO, 1975). Ela fez parte da elaboração do calendário do ano de 1988: *As Mulheres na Luta Contra a Escravidão*. Cf. Carta de agradecimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 7, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁸³ Para Ângela Figueiredo (2012), existe uma relativa concentração de negros em cargos públicos. O concurso tem ajudado muitos negros a alcançarem a tão sonhada ascensão social.

⁸⁴ O ano de 1988 foi de extrema importância para a militância e a intelectualidade negra: resultado das críticas ao Estado e à sociedade brasileira de forma mais ampla, por meio da cobrança da dívida histórica com a população negra do Brasil. Era o momento de reivindicar a transformação da representação do negro no Brasil, e isso deveria começar na desqualificação do 13 de Maio a favor do 20 de Novembro, para lembrar os heróis e a causa negra de libertação alcançada desde o período colonial até a lei de revogação da escravatura no Brasil. Nesse ano, Beatriz Nascimento participou de mesas de discussão sobre o Centenário da Abolição, que, segundo afirma Alex Ratts (2006), ficou conhecido como “farsa da abolição”. Beatriz Nascimento (1988b) profere palestra durante “Os Deserdados da Abolição”, com a intervenção intitulada “Dona Marta Herança de um Quilombo”.

⁸⁵ O IPEAFRO surge em 1981, com o retorno de Abdias do Nascimento ao Brasil. O Instituto é uma organização civil com o objetivo de pesquisar, preservar e valorizar a história e a cultura africana e afro-brasileira (BARBOSA, 2009). O Instituto instalou-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que acolheu a proposta de criar um setor de ensino e pesquisa de assuntos afro-brasileiros e uma biblioteca especializada a partir do acervo de Abdias do Nascimento. Hoje, o IPEAFRO funciona no bairro da Glória, Rio

presença da professora Beatriz Nascimento, para falar da inserção da temática africana no currículo educacional brasileiro.⁸⁶ A preocupação com o material didático demonstrava cuidado com a difusão da história africana e com a representação da cultura negra no Brasil. Tudo leva a crer que as falas da professora negra tenham sido uma das primeiras sobre o assunto e tiveram estreita relação com o seu percurso intelectual: o estranhamento com os discursos dos livros didáticos; a pesquisa do quilombo; a ligação do Brasil com a África; a continuidade histórica dos quilombos às favelas.

O estudo das sobrevivências, através da memória, lendas e outros elementos como o acervo simbólico, psicossocial e histórico das comunidades que habitavam atualmente tais áreas, servirão de referencial e fonte de estudo, no esforço de suprimir determinadas lacunas da disciplina História do Brasil, tanto as refletidas nos livros didáticos de níveis elementares, como mais especializados (NASCIMENTO, 1988a, p.03).

A representação do quilombo e da cultura negra nos livros didáticos careceria de uma pesquisa mais profunda, com o objetivo de evitar a visão distorcida e preconceituosa difundida nos antigos livros escolares. Seria uma forma de evitar a aplicação de categorias inadequadas que comprometeriam o entendimento da historiografia do negro. Os livros da época continham poucas e infundadas informações que reforçavam a visão estereotipada dos negros como indivíduos primitivos, malfeitores e irresponsáveis. A historiografia oficial não os tratava como protagonistas em sua terra natal ou em qualquer parte do continente americano. A caricatura do negro era suficiente para negar a liberdade de um povo supostamente incapaz de construir a sua própria história.

Quando uma criança negra ouve, na escola, que os africanos viviam livres, dançando, caçando nas florestas, quando foram aprisionados e transportados em navios negreiros – essa criança pode ficar revoltada. Mas, ao mesmo tempo, ela se sentirá, enquanto negra, depreciada: então os negros eram assim tão frágeis? (NASCIMENTO, 1976b, p. 130).

Em 1994, Beatriz Nascimento é aprovada na seleção de mestrado em Comunicação, sob a orientação do professor Muniz Sodré, na UFRJ. O projeto versava sobre terreiro, capoeira e gênero feminino na obra ficcional de Sodré.⁸⁷ A pesquisa consistiria na problematização dos conceitos de identidade racial e afirmação étnica, examinada à luz da obra ficcional de Sodré, em diálogo com o debate de Félix Guattari e Gilles Deleuze sobre a

de Janeiro. Durante uma década, de 1985 a 1995, promoveu o curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira-Sankofa”, na UFRJ.

⁸⁶ Atualmente, o país conta com a Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, obrigando o ensino da história, da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental.

⁸⁷ Cf. Informa em carta e em projeto de pesquisa. Ver: Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixas 5 e 25, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

concepção de literatura engajada.⁸⁸ A dedicação de Beatriz Nascimento aos estudos e à pesquisa revela o drama dos intelectuais negros e negras em obter uma formação escolar e acadêmica que os (as) coloque em igual condição de disputa pelo sentido cultural de nação com os demais membros do campo intelectual brasileiro. Em 28 de janeiro de 1995, Beatriz Nascimento é assassinada por Antônio Jorge Amorim Viana, em frente à lanchonete Pasteur, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Com a sua morte, encerra-se prematuramente mais uma promissora trajetória da intelectualidade negra brasileira, como foram também as mortes de Eduardo Oliveira e Oliveira (suicídio), Hamilton Cardoso (suicídio) e Lélia Gonzalez (enfermidade). Beatriz Nascimento, nos últimos anos, passou por distúrbios psíquicos sobre os quais ela escreveu em diários e anotações pessoais. Por vezes, a pesquisadora (1976a, 1982b) deixou transparecer, em seus escritos, um dos dramas, considerados por ela, mais difíceis de serem vivenciados pela mulher negra: a solidão e a ausência de amor pela sujeição a um contínuo processo de sexualização.

Nos anos 1990, Beatriz Nascimento já havia publicado um conjunto de textos em revistas acadêmicas de circulação nacional, criticando a historiografia do Brasil, contestando a visão estereotipada do negro e defendendo uma revisão da história do país. Em outras



Figura 4: Beatriz Nascimento.

publicações, enfoca a temática do quilombo, com duas questões centrais, como um desdobramento da crítica à história nacional: 1) a necessidade de pesquisar o protagonismo negro na formação da nação brasileira; 2) a possibilidade de estabelecer uma linha de continuidade histórica entre os núcleos negros do passado brasileiro e as comunidades negras contemporâneas. Isso explicaria o interesse em estudar o negro como protagonista da historiografia nacional e a relação com o dilema da criança negra de não se ver representada na

⁸⁸ Resumidamente, estes autores têm como principal indagação o modo pelo qual a literatura intervém na vida social e como sua leitura e análise teórica pode fortalecer essa intervenção.

história oficial do Brasil. Por sua vez, isto também elucidaria o desejo de discutir a inclusão do ensino da história afro-brasileira e africana no currículo escolar e a proposta de revisão do conteúdo veiculado pelos livros didáticos brasileiros.

Em paralelo, há publicações que discutem a temática da mulher negra e do racismo sem perder de vista as perspectivas anteriores: o protagonismo negro e a continuidade histórica. Sobre a condição da mulher negra, manteve, como problematização, o lugar que ela ocupa na sociedade brasileira, bem como a representação que predominou sobre ela nas referências de Brasil. Beatriz Nascimento atacou a construção de estereótipos racialistas e sexistas em torno da imagem de figuras públicas, como o fez com a personagem Xica da Silva, do filme de Cacá Diegues.⁸⁹ A inexpressividade da representação da mulher negra na historiografia brasileira faria parte da negação de uma trajetória imbricada com a dinâmica social do quilombo (NASCIMENTO, 1976b). Nesse sentido, poderia estabelecer uma continuidade histórica da imagem da mulata brasileira com a figura da mucama africana. A mulher africana, acessível e sensualizada, beirando à libertinagem, chega à contemporaneidade preservada na representação da mulher típica brasileira. O passado colonial pesa sobre a mulher negra, por meio de estigmas que relegam a ela funções de baixa remuneração no mercado de trabalho. Atualmente, a colonialidade agravaria o grau de submissão da mulher negra ao ser duplamente oprimidas pelo patriarcado brasileiro: racial e de gênero.⁹⁰

O racismo no Brasil estaria manifesto em expressões como aceitação, integração e igualdade que participam de uma linguagem conceitual permeada pelo preconceito racial da ideologia oficial e dominante. Dessa forma, constituiriam em uma situação de fato ou uma prática de racismo e de discriminação já que busca integrar parcelas da população negra na chamada cultura dominante – branca – levando milhares de negros a abandonarem as práticas de uma denominada cultura periférica – e negra. Nos dias atuais, as formas de racismo persistiriam em outras maneiras de discriminação camufladas em termos como pureza, riqueza cultural, consciência racial. São conceitos que fariam parte do ponto de vista dominante e que se tornariam a ideologia nacional: classes dominantes, classe intelectual, raça dominante, ideologia racialmente branca (NASCIMENTO, 1978).

⁸⁹ Refiro-me ao filme dirigido por Carlos (Cacá) Diegues, baseado no livro de João Felício dos Santos, filmado em 1976, tendo como atores principais Zezé Motta e Walmor Chagas. A personagem retratada no filme, segundo Alex Ratts (2006), seria o oposto da Xica da Silva da História, mulher prepotente e dinâmica, “atenta ao seu redor, o que está de acordo com a situação da mulher em determinadas estruturas africanas e que em parte foi transferido para o Brasil” (p. 74).

⁹⁰ Maria Lugones (2015) afirma que, diferentemente da colonização, a colonialidade permaneceria nos dias atuais na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial.

Eu selecionei do Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento alguns trabalhos publicados para colocar em destaque:⁹¹ “Por uma história do homem negro”, Revista de Cultura Vozes, 1974; “Negro e racismo”, Revista de Cultura Vozes, 1974; “Culturalismo e contracultura”, ICHF-UFF, 1976; “A mulher negra no mercado de trabalho”, Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976; “O Quilombo do Jabaquara”, Revista de Cultura Vozes, 1979; “Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso”, Estudos Afro-Asiáticos, 1982; “Maria Beatriz Nascimento: Pesquisadora, 29 anos”, Editora Record, 1982; “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”, Afrodiáspora, 1985; “A mulher negra e o amor”, Jornal Maioria Falante., n. 17, Fev.- Mar., p. 3, 1990. E, finalmente, é preciso contabilizar as produções poéticas sobre a negritude e a mulher negra.⁹² Em 1987, publica, com outros autores, “O negro e a cultura no Brasil”, pela Unesco. Contudo, há outras produções que merecem o tratamento adequado para uma futura publicação.

O reconhecimento da maturidade intelectual veio com inúmeros convites para participar de eventos públicos envolvendo negritude, escravidão, quilombo, cultura negra, organização social e comunitária da população negra. Entre os eventos, é possível citar o I Encontro Nacional do Parque Histórico Nacional do Zumbi, com participação de Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, organizado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 1980; palestrante no SECNEB/81, realizado pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, em 1981; SECNEB/84 como palestrante no curso Conscientização da Cultura Afro-Brasileira com uma fala intitulada “Quilombos e Identidade Nacional”, realizado pelo IPEAFRO, em 1984; participação no curso Conscientização da Cultura Afro-Brasileira, sob o título “O conceito de Quilombo e a Cultura de Resistência”, organizado pelo IPEAFRO, em 1985; contribuição na mesa “O Negro e a Educação”, durante a Semana Zumbi dos Palmares, organizada pelo Circo Voador, do Rio de Janeiro, em 1985; participação no Simpósio Internacional no *Festival Panafrican des Arts et Cultures* (FESPAC), sobre “O Mundo Negro e Panafricanismo”, realizado em Dakar, 1987; colaboração no calendário de 1988, “As Mulheres na Luta Contra a Escravidão”, realizada pelo Programa Mulher Negra, do Conselho Nacional dos Direitos da

⁹¹ O Apêndice B contém o Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

⁹² São alguns dos poemas de Beatriz Nascimento: “Belatrix”. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 17, Código de Referência BR NA, RIO 2D; Sol e Blues: 17/02/1990. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 17, Código de Referência BR NA, RIO 2D; Rotas 12/08/1987. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 17, Código de Referência BR NA, RIO 2D; Inusitado (1989). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 17, Código de Referência BR NA, RIO 2D; Espera (1990). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 17, Código de Referência BR NA, RIO 2D; entre outros. Recentemente Alex Ratts e Bethânia Gomes publicaram alguns dos poemas em “Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento”, lançado em 2015.

Mulher; participação na discussão sobre o tema “Mulher Negra e Violência”, realizada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/RJ), em 1988.

Em 1990, Beatriz Nascimento participou como palestrante no evento realizado pela Fundação Cultural Prometheus Libertus; nesse mesmo ano, contribuiu com a palestra “Quilombo e Cidadania”, durante o curso Consciência da Cultura Afro-Brasileira, com Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, em evento organizado pelo IPEAFRO; foi debatedora no Fikula Mukúmbu, organizado pela Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras, do Estado do Rio de Janeiro, (SEDEPRON) em 1992⁹³. Finalmente, Beatriz Nascimento foi homenageada como uma das dez mulheres do

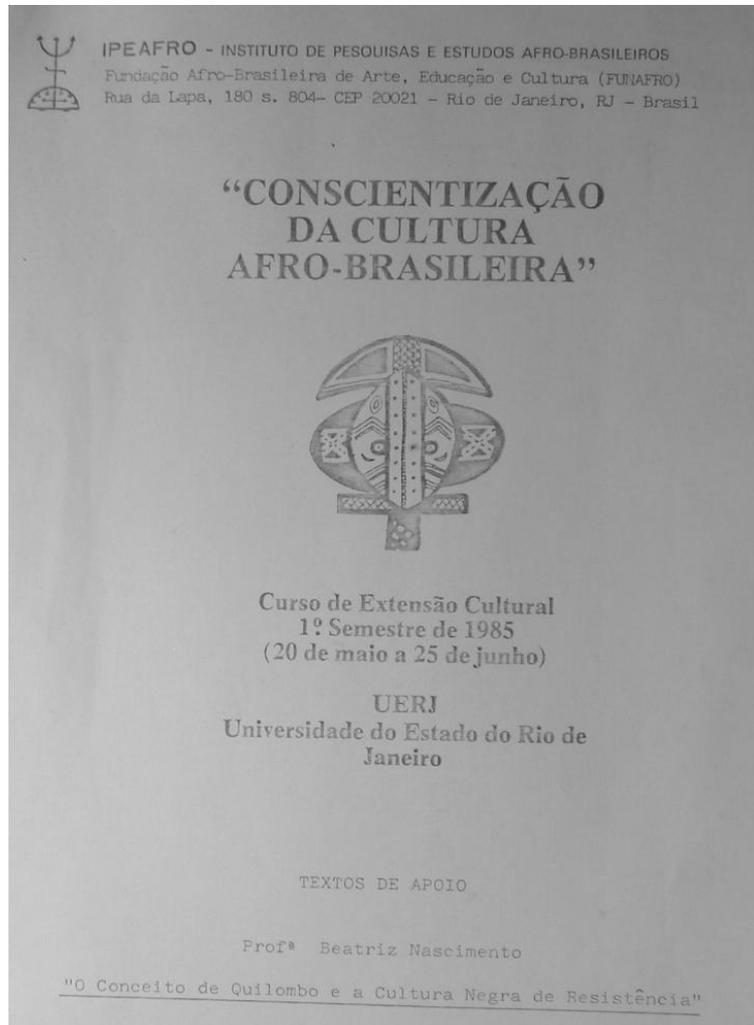


Figura 5: Curso organizado pelo IPEAFRO, em 1985.

ano de 1986, pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, organismo filiado ao Conselho Internacional de Mulheres, como reconhecimento pelos seus esforços na integração da mulher no processo de desenvolvimento sócio-político-econômico da sociedade brasileira.⁹⁴ Em 1997, recebeu merecida homenagem do Bloco Ilê Ayê, no tema carnavalesco “Perolas Negras do Saber”.

⁹³ Cf. Cartas de agradecimentos e convites enviados. Ver: Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixas 7, 8, 24, 26, 28, 31, Código de Referência BR NA, RIO 2D. Foi homenageada, também, como uma das dez mulheres do ano de 1986, conferida pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, organismo filiado ao Conselho Internacional de Mulheres, como reconhecimento pelos esforços com vista à integração da mulher no processo de desenvolvimento sócio-político-econômico do Brasil. Cf. Diploma emitido pelo Setor de Mulheres Negras, em 30 de abril de 1987. Ver: Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 31, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

⁹⁴ Cf. Diploma emitido pelo Setor de Mulheres Negras, em 30 de abril de 1987. Ver: Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 31, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

No primeiro tópico, a minha intenção foi situar o leitor em relação à história de uma intelectual negra no Brasil, na segunda metade do século XX e descrever a trajetória de Beatriz Nascimento cujos pontos de inflexão narrados procuram destacar um percurso intelectual de crescente projeção na vida pública. Para descrever sua trajetória, eu busquei salientar um conjunto de dilemas compartilhados com outros autores negros e negras: a formação escolar, a afirmação étnico-racial, a vida pública, a estabilidade profissional, a morte trágica. Portanto, ressaltai, no percurso, as singularidades de um projeto de vida que, mesmo estando repleto de experiências compartilhadas com homens e mulheres negros, demonstra o esforço individual de enfrentar as diversidades por meio do posicionamento constituído numa carreira de intelectual negra. Nesse caminho, ela foi capaz de deslocar a representação de mulher negra ocupante de um lugar subalterno na sociedade para a posição de sujeito enunciador. A construção da persona de Beatriz Nascimento reflete as experiências de racismo e sexismo, mas, por outro lado, também diz respeito a uma pessoa que não se deixou suplantada pelas hierarquias da sociedade brasileira.

Nos próximos tópicos, procuro retomar as ideias e as parcerias já apresentadas, com intuito de reforçar os argumentos em relação ao que venho chamando de intelectualidade negra e dilema da intelectualidade negra. Eu conduzo a narrativa no sentido de procurar explicar possíveis causas do apagamento da contribuição da intelectualidade negra no Brasil, e tentar refletir qual seria o perigo (negro) que o grupo social oferece aos cânones da intelectualidade brasileira. Finalmente, eu busco demonstrar que o dilema na intelectualidade negra está relacionado a questões estruturais da formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, não recairiam apenas sobre a trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, mas da intelectualidade negra brasileira.

2.1. POLÍTICA DO ESQUECIMENTO

Na historiografia do campo intelectual brasileiro, encontramos nomes da intelectualidade negra que, apesar da relativa visibilidade em sua época, beiram o apagamento completo da memória nacional. Como exemplo, é possível citar Luiz Gama [1830 - 1882], Monteiro Lopes [1867-1910], Hemetério dos Santos [1858 - 1939], Lino Guedes [1897 - 1951], Solano Trindade [1908 - 1974], Edison Carneiro [1912 - 1972], Abdias do Nascimento [1914 - 2011], Guerreiro Ramos [1915 - 1982], Clóvis Moura [1925 - 2003], Eduardo de Oliveira e Oliveira [1924 - 1980], Lélia Gonzalez [1935 - 1994] e Beatriz Nascimento [1942 - 1995]⁹⁵. Partindo de Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2007) pode-se argumentar que são casos relacionados à **política do esquecimento** cujo mecanismo responde pelo apagamento da contribuição de autores negros e negras das novas gerações.

Ao tomar como referência Raymond Aron (1980), é possível dizer que existem várias definições de intelectualidade e muitas maneiras de conceituar o quadro de pensadores de uma época. Então, a pergunta inicial poderia ser: a quem se destinaria o exercício da atividade intelectual? Antonio Gramsci (1982), filósofo italiano, acredita que a distinção entre intelectual e não intelectual se refere tão somente à função social da categoria profissional dos intelectuais. O chamado intelectual orgânico seria formado por uma classe com a intenção de torná-lo o seu especialista e organizador. É dessa forma que a intelectualidade negra vem sendo forjada historicamente em disputas no campo intelectual – mesmo levando em conta a extrema desvantagem dos *outsiders*.⁹⁶ Partindo de Gramsci, Spivak (2010) formula uma acepção para o intelectual subalterno na qual condiz com as camadas baixas da sociedade e forjadas pelas exclusões dos mercados, das representações políticas e legal, bem como pela impossibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. Por sua vez, questiona a ideia de discurso de resistência que parte dos que julgam poder falar pelo outro, e por meio dele, reproduzindo as estruturas de poder e opressão ao manter o chamado subalterno silenciado.

Por intelectualidade negra, entendo um grupo social reconhecido, que também se reconhece como intelectual negro e negra, cuja atuação em espaços públicos – academias,

⁹⁵ Alex Ratts (2006) argumenta que, dez anos depois da morte de Beatriz Nascimento, ela foi referenciada pela intelectualidade negra vinculada aos movimentos negros, mas não havia sido citada em trabalhos acadêmicos. No entanto, encontrei em Lélia Gonzalez (1982) e em Abdias do Nascimento (1980) referências ao trabalho de Beatriz Nascimento.

⁹⁶ Em uma tradução literal, *outsiders* significa os de fora, forasteiros. É um conceito proposto por Norbert Elias e John Scotson (2000) para abordar situações em que numa comunidade, grupo ou sociedade, existem os estabelecidos – coesos e integrados – por isso mesmo, superiores e poderosos; e os de fora, não inseridos no grupo – desconsiderados e marginalizados.

organizações, movimentos, partidos políticos – reafirma a posição de advogar pelas causas da população negra. Acrescento que a intelectualidade negra na qual me refiro também parte de um reconhecimento da sua própria cumplicidade no processo de silenciamento do outro, mas que torna esse reconhecimento um espaço produtivo na medida em que questiona o lugar de onde teoriza. Por isso, a intelectualidade negra também é um convite para pensar o intelectual ativista, como sugere Alex Ratts (2006) ou, ainda, indo além dos limites da formação acadêmica, aceitar a impossibilidade de reivindicar um distanciamento epistemológico entre o teórico e o ativista, como propõe Homi Bhabha (1998).

Tais negociações entre política e teoria tornam impossível pensar o lugar do teórico como uma meta narrativa que pede uma forma mais total de generalidade. Tampouco é possível reivindicar uma certa distância epistemológica familiar entre o *tempo e lugar* do intelectual e do ativista, como sugere Fanon quando observa que “enquanto os políticos situam sua ação em acontecimentos do momento, os homens de cultura se posicionam no campo da história” (p. 58).

Alex Ratts (2006), discorrendo sobre a informalidade dos textos de Beatriz Nascimento, não a considera descuidada intelectualmente, uma vez que ela realizou um grande número de estudos no campo das humanidades e das artes. Há também de se considerar que, na historiografia da intelectualidade negra, existem trajetórias que não estão relacionadas a espaços acadêmicos, mas, nem por isso, deixam de ser reconhecidas como produtoras de um conhecimento científico.⁹⁷ Nilma Gomes (2010) argumenta que a produção da intelectualidade negra seria uma atividade realizada com auxílio de organizações coletivas – próximo do que Bruno Latour (2005) chama por Teoria do Ator-Rede⁹⁸ ou Jean-François Sirinelli (1998), de estrutura de sociabilidade⁹⁹ – cujo objetivo seria dar maior visibilidade aos grupos sócio-raciais silenciados. A noção de rede a que me refiro também estaria próxima da ideia de quilombismo proposta por Abdias do Nascimento (1980), ou seja, algo que envolve associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, escolas de samba:

Com efeito, o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinarmente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros. [...] O modelo quilombista vem atuando como ideia-força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV. Nessa dinâmica quase sempre

⁹⁷ Refiro-me a mães e pais de santo, mestres de capoeira, homens e mulheres de ofício e a pessoas que fizeram parte da militância negra no século XX. Há também temas científicos debatidos fora dos muros da academia em que os sujeitos envolvidos são considerados: questão de gênero discutida sobretudo por mulheres, e de raça, por negros.

⁹⁸ A teoria do Ator-Rede consiste em pensar o mundo social por meio de um princípio de simetria generalizada que exige uma explicação simultânea sobre a natureza e a sociedade, os humanos e os não-humanos.

⁹⁹ Seriam as redes às quais os intelectuais aderem, como revistas, conselhos editoriais, partidos políticos. (SIRINELLI, 1998).

heroica, o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico (p. 338-339).

Florentina Souza (2013) afirma que o negro brasileiro é exaltado enquanto objeto de pesquisa, mas normalmente excluído da atividade de pesquisador por essa prática ser considerada prerrogativa de brancos. No racismo à brasileira, lembra Souza, a intelectualidade do país sempre esteve atenta ao lugar étnico-racial desse grupo social, seja para exaltá-lo como pessoa de alma branca, seja para depreciá-lo em áreas exclusivamente destinadas aos brancos. bell hooks (1995) defende que, além dos preconceitos raciais presentes na sociedade, a intelectual negra também enfrentaria as discriminações de cunho sexista da estrutura patriarcal.¹⁰⁰ O trabalho intelectual não seria considerado uma atividade para mulheres e isso levaria muitas delas a desistirem de estudar ou a não encontrarem motivação para continuar o percurso acadêmico (HOOKS, 1995, RATTS, 2005), ou ainda a ter de enfrentar o que Sandra Azerêdo (1994) chama de tradição acadêmica patrilinear. De acordo com Spivak (2010) a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica na medida em que enfrenta os problemas de gênero que a coloca no mais profundo obscurantismo.

Suponho que a animosidade do campo intelectual brasileiro com a intelectualidade negra ocorra pelo incômodo em relação à reinterpretação da história da nação protagonizada pelo grupo subalterno, ou porque os temas trabalhados por intelectuais negros e negras sejam considerados “ideologizados”, como explica João Baptista Borges, citado por Alex Ratts (2006). O embaraço da história revisitada pode ser constatado com a denúncia feita por esse grupo de intelectuais relativamente à omissão do microcosmo social no que se refere à violência sexual cometida contra a mulher africana e afro-brasileira. Essa postura omissa teria se apoiado no discurso harmonioso da teoria luso-tropicalista que serve de fundamento para o chamado mito da democracia racial brasileira (NASCIMENTO, 1976a; NASCIMENTO, 1980; GONZALEZ, 1982). Em outro momento, a intelectualidade negra chamou atenção também para a ligação oculta entre o apadrinhamento brasileiro e o tipo de relação de poder contido na noção de cordialidade brasileira (NASCIMENTO, 1976a; NASCIMENTO, 1982). A recusa à produção da intelectualidade negra seria outra forma de negar a legitimidade das práticas sociais de conhecimento – vinculadas ao modo de vida da população negra – cujo trabalho de sistematização pode ser considerado um empreendimento intelectual. Portanto, em

¹⁰⁰ Vale ressaltar o que Alex Ratts (2006), citando Vagner Gonçalves, afirma sobre o esquecimento de intelectuais negros como Manuel Querino, Edison Carneiro, Zora Neale Hurston e a intelectual estadunidense Ruth Landes, cujos trabalhos foram alvo de preconceitos racistas e sexistas no campo intelectual.

parte, o silenciamento de autores negros e negras deve ser atribuído a sua posicionalidade dentro do campo intelectual brasileiro: raça, gênero, classe.

Há muitas maneiras de tentar desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual da intelectualidade negra. Uma delas seria considerar o interesse por uma temática que diz respeito a ela mesma e que, por isso, resultaria em falta de distanciamento epistemológico. Outra alegação seria o engajamento na militância negra, uma vez que a perspectiva política vai de encontro aos critérios de objetividade requeridos para a investigação do conjunto de fenômenos sociais. Há também o argumento infundado do despreparo dos intelectuais negros e negras quando comparados à competência dos brancos. O possível isolamento, em especial dos que estão politicamente comprometidos com o combate da desigualdade racial e do racismo, também seria considerado um motivo para a ausência da intelectualidade negra no campo intelectual brasileiro.

O campo de estudos conhecidos como “estudos das relações raciais” no Brasil constituem o objeto de conhecimento historicamente produzido por acadêmicos brancos cuja epistemologia baseia-se no estudo *sobre* negros, por isso mesmo, a noção de estudos sobre as “relações raciais” mantém o mito de uma horizontalidade entre os grupos racialmente diferenciados (FIGUEIREDO E GROSFUGUEL, 2007, p. 36).

Ângela Figueiredo e Ramón Grosfoguel (2009) afirmam que a dificuldade de reconhecer o racismo institucional comprometeria a associação de práticas cotidianas de desqualificação como possíveis causas do desestímulo na trajetória acadêmica dos negros. Seja como for, as consequências desse processo são inquestionáveis: 1) ausência de uma bibliografia de autores negros e negras em cursos acadêmicos; 2) desconhecimento da contribuição da intelectualidade negra; 3) desinteresse pelos conteúdos produzidos e pelo contexto político-intelectual em que eles foram elaborados. Por sua vez, o grau de desconhecimento dos trabalhos da intelectualidade negra pode ser verificado pelo pouco número de citações, traduções e premiações entre os pares¹⁰¹, bem como pela pouca leitura da produção intelectual negra em cursos de graduação e pós-graduação, para retomar à proposta mertoniana (COLE e COLE, 1967).

Consciente ou inconscientemente, raramente os autores negros estão nas bibliografias dos cursos ministrados nas universidades. Consequentemente, poucas vezes temos tido a oportunidade de conhecer a contribuição desses autores, refletindo, inclusive, não apenas sobre o conteúdo de seus trabalhos, mas sobre o contexto político-intelectual em que foram produzidos (FIGUEIREDO E GROSFUGUEL, 2007, p. 36).

¹⁰¹ Alex Ratts (2006), citando Vagner Gonçalves Silva, também considera a citação uma forma de visibilidade acadêmica.

Figueiredo e Grosfoguel (2007) argumentam que a ausência de debates da produção intelectual de autores e autoras negros ocorre devido a geopolítica do conhecimento que minimiza a produção da intelectualidade negra em favor de uma cultura acadêmica específica e em conformidade com um tipo de capital social e simbólico. Retomando uma crítica de Spivak (2010) o subalterno é muitas vezes impedido de falar, e quando tenta falar não é ouvido. Isso ocorre porque o ato de representar – falar por ou re-presentar – não se concretiza para o sujeito subalterno uma vez que se encontra desvinculado de qualquer forma de agenciamento que assegure a transação entre o falante e o ouvinte, ou seja, haveria ausência do caráter dialógico na fala do subalterno. Resumidamente, pode-se argumentar que a fala desse outro é sempre intermediada pela voz de outrem – autorizado, legitimado -, que reivindica para si algo em nome do sujeito subalterno.

A crítica ao discurso epistemológico ocidental se baseia, inicialmente, na ideia de que somente pelo conhecimento das práticas sociais é possível assegurar as condições de produção e validação do conhecimento. A inflexão da reflexão epistemológica desloca a soberania epistêmica para o social. Isso leva à contra-argumentação de que não é possível determinar os critérios de avaliação e validação que não estejam ancorados em contextos históricos específicos. O conhecimento seria produto das relações sociais – experiência intencional e inteligível, e produção intelectual por meio de práticas e de atores sociais – e, por isso, daria origem a diferentes epistemologias.

No sentido mais amplo, as relações sociais são sempre culturais (intra-culturais ou inter-culturais) e políticas (representam distribuições desiguais de poder). Assim sendo, qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural como em termos de diferença política. Para além de certos patamares de diferença cultural e política, as experiências são constituídas por vários conhecimentos, cada um com os seus critérios de validade, ou seja, são constituídos por conhecimentos rivais. (SANTOS, 2010, p. 09).

Figueiredo e Grosfoguel (2007) também afirmam que as redes compostas por pesquisadores brancos excluem os poucos membros da intelectualidade negra. Spivak (2010), por sua vez, defende que uma das mais notáveis formas de violência epistêmica diz respeito ao projeto orquestrado de constituir o sujeito subalterno como Outro. Dessa forma, fica evidente que o racismo no Brasil não se manifesta somente como discriminação, mas também como dominação e subjugação do trabalho, da subjetividade, da autoridade, bem como da sexualidade, da cultura e da identidade. São aspectos que formam um padrão de poder – que alguns autores chamam de colonialidade – o qual articula diversas dimensões da existência social (MENESES, 2005; FIGUEIREDO e GROSFOGUEL, 2007; QUIJANO, 2010;

SANTOS, 2012). Quando Aníbal Quijano (2010) propôs a noção de colonialidade do saber queria demonstrar como as relações de poder contemporâneas implicam a persistência da colonização epistêmica, bem como a manutenção dos estereótipos e das formas de discriminação e dominação.

A colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial. A expressão “colonialidade do poder” designa um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno/colonial, que articula os lugares periféricos da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global e com a inscrição de migrantes do Terceiro Mundo na hierarquia étnico-racial das cidades metropolitanas globais (GROSGUÉL, 2008, p. 55).

A colonialidade implica múltiplas relações de poder imbricadas: sexuais, políticas, epistêmicas, econômicas, espirituais, linguísticas, raciais. Cada uma delas se constitui num padrão hierárquico que tem como base o racismo e que pode variar segundo os critérios de discriminação vigente em cada lugar (SANTOS, 2012). Grosfoguel (2008) defende que ninguém está livre das hierarquias de classe, sexo, gênero, religião, língua e raça do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno. A noção de raça se referiria tão somente a uma experiência de dominação colonial cuja consequência nos dias atuais está relacionada com a dominação de uma racionalidade específica, ou seja, o eurocentrismo.

O eurocentrismo não é exclusivamente, portanto, a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas os dominantes do capitalismo mundial, mas um conjunto de educados sob a sua hegemonia. E embora isso implique um componente etnocêntrico, este não o explica, nem é a sua fonte principal de sentido. Trata-se da perspectiva cognitiva durante o longo tempo do conjunto do mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder. Ou seja, fá-las entender como naturais, consequentemente como dadas, não susceptíveis de ser questionadas (QUIJANO, 2010, p.75).

Os europeus não só teriam sido eficazes no controle das formas de trabalho, como também na definição da configuração intersubjetiva, incorporando histórias culturais e intelectuais. A colonialidade resultaria na repressão das demais práticas sociais de conhecimento e de produção de sentido, inclusive as do universo simbólico e as do padrão de expressão e de objetivação da subjetividade. Nesse sentido, a colonialidade do saber seria a evidência do legado epistemológico eurocêntrico que impede grupos e povos subalternizados de compreenderem o mundo a partir do mundo em que vivem e das epistemes que lhe são próprias (QUIJANO, 2010).

Para finalizar, uma das mais contundentes críticas à estrutura da epistemologia europeia surge com a retomada do conceito “pós-colonial” e com a releitura do processo de

colonização e das grandes narrativas – ou metanarrativas – centrada no ideário de nação. Stuart Hall (2003) defende que o valor teórico da noção “pós-colonial” consiste na crítica à ideia de binarismo presente nas estratégias dos intelectuais conservadores e dos intelectuais de esquerda.

Consequentemente, o termo “pós-colonial” não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global especificamente transnacional e transcultural, e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. (HALL, 2003, p. 109).

A contribuição do conceito estaria na possibilidade de dar notoriedade às novas histórias, às temporalidades, às diferenças, às especificidades – ou às contextualidades – para também compor as narrativas de nação. Nesse sentido, a intelectualidade negra brasileira tem participado da crítica à geopolítica do conhecimento. Ela responde pela análise pautada na denúncia da perspectiva eurocêntrica dos cânones brasileiros e no uso de critérios hierárquicos – étnico-raciais – de validação do conhecimento. Além disso, compartilhariam, entre outros princípios, a necessidade de revisar a historiografia do negro e, conseqüentemente, de retificar aquilo que foi dito ou escrito sobre a contribuição negra na sociedade brasileira. É na perspectiva de uma literatura revisionária (VINHAS, 2010) que abordo, no próximo tópico, o conjunto de práticas discursivas chamado “estudo das relações étnico-raciais”.

2.2. CORPUS TEÓRICO: BEATRIZ, LÉLIA E ABDIAS

No trabalho intelectual sério e crítico não existem “inícios absolutos” e poucas são as continuidades inquebrantadas (Stuart Hall, 2003, p. 131).

O que chamo de intelectualidade negra refere-se tanto a um grupo social organicamente criado e ciente da sua função social, quanto a uma **unidade discursiva**.¹⁰² Parto dessa assertiva para propor que intelectualidade negra também se refere ao projeto de descrição de acontecimentos de discurso cuja evidencia revela o domínio de enunciados¹⁰³ efetivamente falados ou escritos (FOUCAULT, 1987).¹⁰⁴ O tratamento de tal conjunto possibilita evidenciar as intenções dos sujeitos falantes e a construção dos objetos de discurso. Em outras palavras, sua posicionalidade de sujeito enunciativo. A análise da formação discursiva ajuda a refletir a existência das regularidades – objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias – e acompanhar a dispersão de elementos numa unidade discursiva. A intenção, aqui, não é tanto falar da intelectualidade negra como um grupo social, mas, como um *corpus* em que se compartilha a mesma visão das coisas, delinea-se o mesmo campo perceptivo e uma análise comum. A existência da unidade discursiva pressupõe esse *corpus* que chamamos de **estudos das relações étnico-raciais**¹⁰⁵ cujo trabalho consiste em consolidar um paradigma no sentido kuhniano.¹⁰⁶

Gilles Deleuze (1987) tem razão ao afirmar que a definição foucaultiana de *corpus* estabelece uma relação com palavras, frases e proposições, considerando a simples função

¹⁰² Para Roberto Machado (1981), a unidade discursiva foucaultiana é uma dispersão de elementos. Os discursos seriam uma dispersão, ou seja, não estão ligados por nenhum princípio de unidade que não seja pura dispersão de elementos do discurso. Portanto, a análise do discurso em Foucault remete à descrição de uma dispersão que estabelece as regularidades e que funciona como lei de dispersão ou sistemas de dispersão entre elementos do discurso que operam como uma forma de regularidade.

¹⁰³ Por enunciado, Foucault (1987) entende qualquer série de signos, de figuras, grafismos ou traços.

¹⁰⁴ Conforme Roberto Machado (1981), o discurso em Foucault não obedece às distribuições tradicionais: ciência, poesia, romance. Portanto, seria ele capaz de dar conta de todos os domínios sem estar limitado a qualquer uma destas divisões.

¹⁰⁵ Partindo das definições do *Dictionary of Race and Ethnic Relations*, é possível argumentar que a expressão se refere a casos particulares de relação social. Essa particularidade tem sido vista como a relação entre grupos que utilizam a ideia de etnia e de raça para estruturar sua ação e reação uns para com os outros. Entre as décadas de 1950 e 1960, os pesquisadores estadunidenses concordavam que as relações sociais dessa natureza eram uma categoria real e distinta das demais relações sociais. Concluem, assim, que etnia e raça são fenômenos socialmente construídos, havendo relação entre os grupos resultantes dessa construção social. A outra abordagem conclui que as relações étnico-raciais são uma forma específica de relacionamento, envolvendo pessoas que acreditam na existência étnica e racial, e, por isso, organizam suas relações com os demais com base nessa crença. O estudo das relações étnico-raciais procuraria analisar as relações entre conjuntos de fatores entre os quais estaria o racismo. A presença da discriminação é presumida desde o início. A análise, então, toma a forma de uma pesquisa por suas origens, remontando, de modo etiológico, à elaboração do pensamento racista, à consideração dos seus efeitos comportamentais e cognitivos e à importância funcional para a cultura (CASHMORE, 1994).

¹⁰⁶ Para Kuhn (2003), o paradigma determina os problemas, os fatos e o objeto de reconstrução interpretativa, ou seja, o modelo ou padrão aceito.

que exerce em seu conjunto. Somente o exame desse conjunto seria capaz de demonstrar onde os objetos podem surgir e como recebem as qualificações de **quilombo, racismo, negritude e mulher negra**. É dessa forma que a intelectualidade negra – enquanto acontecimento discursivo – não pode ser caracterizada apenas pelos objetos que lhe são atribuídos – mulher negra, negritude, racismo, quilombo -, mas também, acima de tudo, pela maneira como esses objetos foram formados. A condição de emergência dos objetos estaria vinculada às circunstâncias do seu aparecimento histórico e, portanto, às diferentes coisas que foram ditas sobre eles: semelhanças e diferenças; aproximações e distanciamentos. Nesse sentido, não poderia ser estudada isoladamente, mas levando em consideração o conjunto de instituições, processos sociais e políticos, bem como as formas de comportamento.¹⁰⁷ O que caracteriza um *corpus* não é tanto o tema, mas a perspectiva como ele é trabalhado. No século XIX, os estudos das relações étnico-raciais se voltam para a subjugação de povos não europeus através de um modelo evolutivo cujas populações eram classificadas em escalas de superioridade e inferioridade. No final do século XX, em particular a partir da década de 1960, o estudo das relações étnico-raciais se empenha numa perspectiva engajada de denúncia do racismo e de revisão historiográfica dos povos submetidos à colonização moderna.

Procuo demonstrar que a produção intelectual de Beatriz Nascimento pode ser situada no que Foucault (1987) denomina de unidade discursiva. Portanto, caberia esclarecer as regularidades e as dispersões, bem como as regras que possibilitam a sua existência. Assim, a intenção seria situá-la em um feixe de relações – unidade discursiva/*corpus* – e demonstrar como os níveis – objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias – ajudam a entender o que chamo de intelectualidade negra. Para realizar tal tarefa, trago para o debate dois nomes contemporâneos de Beatriz Nascimento, a saber, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. A escolha parte da possibilidade de demonstrar que, além de compartilharem um conjunto de enunciações, também participaram de encontros e debates em torno do que é denominado de “estudos das relações étnico-raciais” no Brasil.¹⁰⁸ Mas, acima de tudo, por conta das suas posicionalidades – raça, gênero, classe – frente às questões tratadas enquanto

¹⁰⁷ Inicialmente, a formação das modalidades discursivas estaria envolvida com quem fala e com os critérios de competência e saber para proferir semelhante discurso. Em seguida, seria preciso demonstrar onde o discurso foi obtido, nesse caso, o discurso intelectual não só do tipo acadêmico, como também ativista, poético, performático, pedagógico. Finalmente, seria necessário identificar a posição que o sujeito falante ocupa em uma rede de informações: de origem acadêmica ou militante; proveniente de encontros, congressos, seminários; advinda do papel exercido como palestrante ou ouvinte (FOUCAULT, 1987).

¹⁰⁸ A tríade intelectual esteve junta em encontros como a 10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira e na Conscientização da Cultura Afro-brasileira, em 1984; no Seminário Brasil e Dakar Pan-African Conference, em 1987; no 1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública, em 1991. Ver Apêndice B.

sujeitos de fala. O que proponho não é uma exaustiva demonstração dessa produção intelectual, mas evidenciar como, no decurso dessa produção, estiveram envolvidos com temas, lugares e percepções.¹⁰⁹

A problemática central do pensamento de Beatriz Nascimento foi o fenômeno do quilombo. De fato, trata-se de uma experiência histórica presente em inúmeros debates realizados no Brasil, mais intensamente discutida após a década de 1960.¹¹⁰ A tríade intelectual compartilhava a ideia de que em todo o continente americano haveria existido focos de resistência africana¹¹¹ e indícios de sistemas sociais alternativos que corresponderiam à organização de quilombos no Brasil: cimarrones, cumbes, palenques, morronages e marronsocieties.

Para Beatriz Nascimento (1982c):

Deste modo o Kilombo se transfere para a América. Através destes indivíduos, em todo o território americano foram fundados a partir do século XVI os estabelecimentos quilombos (Brasil e Cone Sul), Cimarróns (ao norte da América do Sul), Apalancados (em Cuba e Haiti) e Marrons (nas demais ilhas do Caribe) (p. 26).

Lélia Gonzalez (1988a) argumentava que:

E foi no interior das novas sociedades que se formaram no Novo Mundo (sejam de segregação aberta ou disfardada), que a amefricanidade floresceu e se estruturou. Já na época colonial-escravista, ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta está nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, morronages e marron societies, que surgiram nas mais distintas paragens geográficas da América (p. 24).

Abdias do Nascimento (1982a) dizia que:

Trouxemos conosco, desde a África, a força do nosso espírito, das nossas instituições socioeconômicas e políticas, de nossa religião, arte e cultural. É essa a essência do nosso conceito de quilombo. [...] Celebramos a tradição africana de luta, expressa nos milhares de quilombos militantes espalhados através do território e da história brasileiras. Celebramos Jabaguara (São Paulo), Campo Grande (Minas

¹⁰⁹ Basta lembrar que Beatriz Nascimento foi professora no Estado do Rio de Janeiro, membro-fundadora do GTAR. Lélia Gonzalez foi professora da PUC/RJ, fez parte do Movimento Negro Unificado e do Movimento de Mulheres, bem como foi candidata à deputada federal pelo PT, elegendo-se primeira suplente, em 1982. Em 1986, candidatou-se à deputada estadual pelo PDT, novamente elegendo-se suplente. Abdias do Nascimento foi professor da Universidade do Estado de Nova York, deputado federal pelo PDT de 1983 a 1987 e senador da República de 1997 a 1999, assumindo a vaga após a morte de Darcy Ribeiro.

¹¹⁰ Para João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (1996), a popularização dos estudos sobre o quilombo data da década de 1930, seguindo os passos deixados por Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro e, mais tarde, Roger Bastide. Desde as décadas de 1920 e 1930, há indícios da influência desta temática no Centro Cívico Palmares, de onde mais tarde sairia alguns dos fundadores da Frente Negra Brasileira. Há também intelectuais, como Aderbal Jurema, escrevendo, nessa época, sobre o quilombo como um episódio de luta de classes no Brasil. Os trabalhos de Edison Gomes e Clóvis Moura também sinalizavam para a emergência da temática na perspectiva marxista. Há, no final da década de 1950, uma tentativa de questionar a visão harmoniosa de Gilberto Freyre, através das análises da chamada Escola Paulista, da qual faziam parte Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e, mais tarde, com Luís Luna, José Alípio Goulart e Décio Freitas.

¹¹¹ Para Reis e Gomes (1996), onde houve escravidão houve resistência.

Gerais), Tutiaçu (Maranhão) e todos os demais quilombos irmãos disseminados pela terra e pelo tempo brasileiros. Estas comunidades percorriam o espectro que abrangia desde a minúscula vila isolada às populações de milhares (p. 26).

Beatriz Nascimento (1985) discordava de uma definição de quilombo capaz de englobar toda e qualquer forma de sistemas alternativos. Para a autora, não se poderia comparar uma organização com milhares de negros – do tipo Estado ou República¹¹² – aos núcleos negros com poucos indivíduos. Portanto, uma definição globalizante de quilombo recairia no mesmo erro quando

Simbolicamente como quase tudo que se refere à História do negro no Brasil o conceito de quilombo como “valhacouto de negros” permaneceu na historiografia, na literatura, e no glossário idiomático (dicionário) como um lugar de bandidos ou de idílicos, que sonhavam com uma possível volta ao estado “tradicional” africano. Estado também considerado República negra. O que não é de todo falso. Essa visão apoia-se no episódio em que Ganga Zumba permite e aceita trégua com o Império Ultramarino português. Estas relações foram de nível de Estado para Estado. Esta forma de quilombo tem seu exemplo unicamente em Palmares. Entretanto os historiadores de quilombo, de um modo geral amplia esta característica, generalizando para os demais (NASCIMENTO, 1985, p. 01-02).

O que chamo de intelectualidade negra não se limita a compartilhar um ponto de vista ou um mesmo objeto ou um conceito comum. O que faz dela uma unidade discursiva é participar de um sistema de relações ou ser tomada por uma visão comum ou ser considerada um feixe de relações. Nesse sentido, a tríade concordaria que as diferentes formas de enunciar a história do negro implicam confluir a vontade de conhecer o passado com o desejo de revelar o que ficou oculto da história oficial.

Eu quero dizer o seguinte: o preto, diante da História do Brasil, se sente eternamente escravo, o eternamente vencido, incapaz de reagir diante da situação que foi colocada no Brasil. Mas isso é uma deformação total que a historiografia procura trazer e que já não corresponde mais à situação de classe baixa que o negro brasileiro geralmente está, de falta de instrução, de falta de condições econômicas, mas que está basicamente estruturado dentro de um arcabouço ideológico de grandes implicações. [...] Então, o quilombo pra gente, pro negro, tem uma importância fundamental porque enquanto escravidão, o negro como escravo, ele historicamente termina de existir no final do século passado, 1888, se projeta todo tipo de vida no negro e que não aquela da fazenda, mas que já existia e preexistia à abolição (NASCIMENTO, 1977, p. 03-04).

Lélia Gonzalez (1982) cita Beatriz Nascimento (1974a, 1979, 1981, 1985) para argumentar de que maneira o estudo do fenômeno do quilombo lançaria luz sobre uma história renovada do Brasil e dos negros:

¹¹² Para Clóvis Moura (2001), elevar o quilombo ao *status* de Estado provocaria uma situação em que os senhores estabeleceriam uma relação com os aquilombados diferente da que teriam com seus escravos. Isso porque precisaria firmar uma linguagem que não fosse entre o senhor e o escravo, mas tendo que considerar o quilombola como aquele que está fora do controle e da disciplina despótica, na medida em que a relação é mediada por categorias de oposição radical.

Assim como a história do povo brasileiro foi outra, o mesmo acontece com o povo negro especialmente. Ele sempre buscou formas de resistência contra a situação sub-humana em que foi lançado. De acordo com as informações que obtivemos da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade, na região das plantações de cana do nordeste (p.90).

O tom denunciador de Abdias do Nascimento (1980) não esconde o desejo pela revisão da historiografia de uma nação que falseia a concepção de história ao excluir propositalmente o negro:

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos, exatamente como toda sua estrutura econômica, sócio-cultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite minoritária brancóide, presumidamente de origem europeia. [...] A falsa imagem de uma escravidão humanizada, benemérita, com certa “liberdade”, tem sido atribuída ao Brasil como também à região de modo geral (p. 28-29).

Há certos conceitos que denotam a correlação de enunciados em que os esquemas retóricos fazem parte do mesmo grupo enunciativo – o racismo como uma neurose da cultura brasileira: o negro por adoção (Beatriz Nascimento, 1974b)¹¹³; o racismo por denegação (Lélia Gonzalez, 1988a), e a autonegação (Abdias do Nascimento, 1982a):

Ser negro por adoção é uma tarefa tão simples quanto falsa. Nela se esconde a tentativa de permanecer o quadro racial dominante, é uma forma sofisticada de apresentar sob forma de paternalismo o preconceito de quem não pode negar uma origem que repudia; de quem deve maior parte do que possui ao povo que escravizou e desumanizou (NASCIMENTO, 1974b, p. 66).

Lélia Gonzalez (1988a) dizia que:

Enquanto denegação dessa ladinoamefricanidade, o racismo se volta justamente contra aqueles que, do ponto de vista étnico, são os testemunhos vivos da mesma, tentando tirá-los de cena, apagá-los do mapa (p. 23).

Abdias do Nascimento (1982a) afirmava que:

A integração significava a renúncia da especificidade cultural e política da comunidade negra, cuja identidade própria seria absorvida pela sociedade dominante à qual se integraria. Seria esse um conceito alheio à experiência brasileira, o qual só poderia ser colhido no exterior? Pelo contrário. Através de minha experiência de luta afro-brasileira, desde a década de 1930 até 1968, quando saí do país, já havia chegado a essa conclusão. Pois a chamada “integração” racial brasileira significava, e significa, na prática, apenas a subordinação e a dependência do negro ao paternalismo do banco, que detém todos os recursos e os concede, apenas, ao negro que se mantém subalterno, humilde e conciliador. [...] Dessa forma, a experiência prática de tentar travar uma luta a favor da identidade específica do negro e da sua valorização dentro da sociedade brasileira já havia me levado, muito antes de chegar aos Estados Unidos, à conclusão de que a chamada integração racial não seria nunca

¹¹³ Alex Ratts (2006) conclui que esta categoria seria forjada na ambivalência entre o branco que deseja representar o pai e aquele que almeja alcançar o lugar do irmão. Em ambos os casos, não evitariam o posicionamento e a visão etnocêntrica do pesquisador branco.

a solução do racismo no Brasil: a integração do negro aos padrões exógenos da cultura dominante eurocêntrica significa a sua autonegação (p. 19).

A tríade de pensadores responde por um conjunto de enunciações que sustenta a ideia de que o sistema social alternativo dos negros teria sido a primeira tentativa de estabelecer o Estado-Nação no Brasil e de forjar uma nacionalidade brasileira. Eu vou tratar desse assunto com mais profundidade no capítulo IV.

Por hora, vale ressaltar que Beatriz Nascimento (1982d) entende que:

O Quilombo de Palmares, no século XVII, estabelece o primeiro conceito real de Nação, a primeira experiência real de Estado Nacional no Brasil, porque é um estado autônomo, com um sistema fechado, todos os quilombos dos maiores aos menores, dos mais duradouros aos menos duradouros, dos mais antigos aos mais novos, eles estão sempre ligados à noção do estabelecimento político, fundamentalmente político (p. 11).

Lélia Gonzalez (1982), por sua vez, diz que:

Também não é ressaltado pela história oficial o fato de que o primeiro Estado livre de todo o continente americano existiu no Brasil colonial, como denúncia viva do sistema implantado pelos europeus no continente. Estamos falando da República Negra de Palmares que, durante um século (1595-1695), floresceu na antiga Capitania de Pernambuco (p. 91).

Abdias do Nascimento (1982a) completa que:

O exemplo mais formidável dessa realidade histórica é o da República de Palmares, um estado africano que resistiu de 1596 a 1696: um século inteiro de luta armada contra as campanhas portuguesas, holandesas e brasileiras de extermínio. [...] Esses africanos, fora da existência convencional da sociedade colonial, praticaram a verdadeira abolição da escravidão, junto com seus irmãos e irmãs que se uniram em todas as maneiras concebíveis de resistência, revolta e luta (p. 26-27).

Sabemos que a Negritude foi um movimento iniciado por estudantes da América Latina e da África cujo encontro ocorreu na Europa em plena década de 1930. Eu demonstrei em trabalho anterior (VINHAS, 2010) que a negritude teve versões diversificadas em cada continente e país. No Brasil, outras expressões tiveram a função de embasar movimentos similares que buscaram referência nos trabalhos de Luiz Gama, Lino Guedes, Solano Trindade. A expressão “negritude” seria a versão moderna de outros termos usados no passado.

Vejamos como esses termos aparecem nas enunciações da tríade intelectual:

Existia realmente um “negro” dentro de mim maior, estupidamente maior do que o de fora, mas ele permanecia me negando o direito de ingressar na “democracia racial brasileira”. [...] Me sentia na rua um pouco eufórica, por poder pensar calmamente no “meu negro”, amá-lo, exibi-lo aos transeuntes, sem medo. Fora de mim existia um negro maltratado, que passa fome, que vive na pior das condições de sobrevivência. [...] Exibi meu “negro” alguns quarteirões abaixo do consultório

médico, passei com ele, subi as escadas de um edifício, onde morava uma amiga a quem ia visitar (NASCIMENTO, 1982b, p. 06-07).

Gonzalez (1988b), por sua vez, diria que:

Quanto a nós, negros, como podemos atingir a consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? [...] As implicações políticas e culturais da categoria de *Amefricanidade* (“*Amefricanity*”) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretção e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de *Amefricanidade* está intimamente relacionada àquelas de *Panafricanismo*, “*Négritude*”, “*Afrocentricity*” etc. (p. 76-77).

Abdias do Nascimento (1980) defendia que:

Se nós, descendentes africanos espalhados nos países da diáspora, estamos para forjar uma unidade significativa no sentido de elevar a qualidade de vida da população negra, de melhorar a nossa situação coletiva (pois ela é irredutivelmente coletiva) e compreendemos uns aos outros em nossa situação única, específica, devemos conter resolutamente esse tipo de distorção, produzindo a própria versão da realidade por meio do testemunho escrito (p. 300).

Trago, como último aspecto dessa sequência lógica, o fato de a tríade compartilhar uma análise comum acerca da condição da mulher negra no Brasil.¹¹⁴ Em paralelo aos estudos do quilombo, há o ineditismo de Beatriz Nascimento (1976a, 1982, 1990) sobre a participação da mulher negra na dinâmica e na edificação dos quilombos. A tríade intelectual compartilha a pressuposição crítica de que: 1) a gênese da exploração da mulher negra está na sociedade escravocrata; 2) o lugar da mulher negra na sociedade tem relação com uma tríplice discriminação – racial, gênero e de classe; 3) a naturalização da violência contra a mulher negra tem origem na representação da mucama no sistema colonial, perpetuada na imagem da mulata no sistema capitalista.

Vamos deixar ecoar algumas destas enunciações:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e o papéis que lhe eram atribuídos desde a escravidão. A herança escravocrata sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora não muda muito (NASCIMENTO, 1976a, p.01).

A perspectiva defendida por Lélia Gonzalez (1982) dizia que:

¹¹⁴ Vale ressaltar que os três incluíam nas análises sobre a mulher negra a sua participação no mercado de trabalho e a relação histórica da sua condição social hedionda no Brasil colonial.

Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho (p. 96).

Abdias do Nascimento (1980) denunciava que:

O abuso sexual à mulher africana e à mulher negra brasileira é mais do que simples abuso: é genocídio, fácil de constatar no crescimento da população mulata e no desaparecimento da raça negra. [...] O crime de estupro contra a mulher negra-africana pelo branco ocorreu através de gerações. Até os filhos mulatos, herdeiros de um precário prestígio de seus pais brancos, continuaram a prática dessa violência contra a negra (p. 309).

Não creio ser necessário demonstrar exaustivamente como a intelectualidade negra consiste num feixe de relações que torna possível falar de uma unidade discursiva: objetos, modalidades enunciativas, conceitos e estratégias. Dessa forma, é minha intenção neste tópico foi mostrar os níveis em que as enunciações estão ligadas: 1) objetos – quilombo, racismo, mulher negra; 2) modalidades enunciativas compartilhadas – o caráter singular da organização de negros no período colonial ou a ideia de sistema alternativo frente ao modelo colonial; 3) conceitos, como o conceito de quilombo, que nem sempre se apresentam numa regularidade, e sim, por vezes, dispersos: a) qualquer unidade organizada por negros, como aparece em Abdias do Nascimento (1982) e Lélia Gonzalez (1982); b) cada sistema social corresponderia a um tipo de organização, como defende Beatriz Nascimento (1981). Eu procuro demonstrar como o campo intelectual brasileiro refrata as relações sociais do espaço social circundante que, por sua vez, reforça o sistema de distinção, hierarquizando entre aqueles que participam do campo intelectual brasileiro. Portanto, trata-se de discutir de que maneira um conjunto de princípios impacta sobre o percurso de autores e autoras negros.

2.3. O DUPLO VÍNCULO: ORDEM CIENTÍFICA E ORDEM SOCIAL

Eu defendo que o **dilema da intelectualidade negra** no Brasil reside na herança racista do campo intelectual brasileiro.¹¹⁵ Para tanto, argumento que este microcosmo social produz um jogo hostil à produção da intelectualidade negra por discordar dos temas e das reflexões, e, principalmente, pelo incômodo provocado pelas contradições apontadas acerca das interpretações de cânones do pensamento social brasileiro sobre a história do Brasil e do negro. Nesse tópico, eu proponho conduzir a reflexão tomando como base a proposta do duplo vínculo – **ordem científica e ordem social** – tal qual aparece no artigo “Ideias fora do lugar e o lugar do negro nas ciências sociais brasileiras”, de Ângela Figueiredo e Osmundo Pinho (2002).¹¹⁶

Em discordância do que diz a teoria bourdiana,¹¹⁷ presumo que o acúmulo de capital específico não pode justificar a ausência de autores negros e negras no campo intelectual brasileiro. Alex Ratts (2005) afirma existir uma barreira étnico-racial demonstrada pela baixa presença de homens e mulheres negros nas atividades professorais e, acrescento, nas demais ocupações intelectuais. Figueiredo e Pinho (2002) defendem que a estrutura do campo se apresenta como uma ordem consumada, determinada pelo vínculo entre ordem científica e ordem social, uma vez que o campo não se descola das estruturas sociais circundantes, mas transfere e retira poder desse vínculo.

As relações sociais de todo tipo são constituídas simbolicamente e o arcabouço geral da vida social são interações significativas baseadas no caldo movediço dos sentidos historicamente sedimentados. Este *a priori* da experiência não se constitui como um real social essencial. Não existindo um “real social” anterior à simbolização, não temos como escapar para uma anterioridade não simbólica, quer dizer não ideológica, para realizarmos a crítica das ideologias ou uma crítica da ciência como ideologia (FIGUEIREDO & PINHO, 2002, p. 194).

Partindo de Thales de Azevedo (1996), pode-se afirmar que no Brasil persiste uma estrutura social baseada no *status* como forma de ascensão social. A sociedade brasileira não teria sido capaz de concluir a transição de uma sociedade de *status*, característica do período colonial e da República Velha, para uma moderna sociedade de classes sociais. Para os não

¹¹⁵ A herança racista incorpora práticas, atitudes e crenças. Nesse sentido, a prática do racismo denota todo o complexo de fatores que produz discriminação racial e, às vezes, mais largamente, designa também aqueles que produzem desvantagem racial.

¹¹⁶ Segundo a proposta dos autores, a estrutura do campo apresenta uma ordem determinada pelo vínculo entre ordem científica e ordem social.

¹¹⁷ A estrutura do campo é caracterizada por um nível de concentração de capital que pode variar desde o monopólio até a distribuição quase igual entre os concorrentes (BOURDIEU, 2004b, 55).

brancos, o *status* de nascimento e a cor da pele seriam fatores de limitação da ordem social independente dos demais elementos condicionantes (AZEVEDO, 1996). Os estigmas¹¹⁸ corporais tenderiam a reforçar as possibilidades de recusa profissional para as carreiras mais promissoras: nos brancos, a cegueira, a surdez, a gagueira (MICELI, 2001); nos não brancos, a cor da pele, os traços fenotípicos (AZEVEDO, 1996).¹¹⁹ Para que houvesse uma mudança, seria preciso confrontar as velhas estruturas da organização social com base nas relações de servidão e de apadrinhamento, o que incluiria a formação de quadros de intelectuais (AZEVEDO, 1996).¹²⁰

Sidney Chalhoub (2001) afirma que a relação entre patrão-empregado na Primeira República assemelhava-se à relação entre pai e filho. O patrão seria uma espécie de juiz que guiaria e aconselharia o empregado em troca de obediência e respeito. A relação entre o empregador e trabalhador tinha como objetivo o controle social e procurava amenizar os conflitos entre os que ocupavam diferentes posições na estratificação social.¹²¹ À medida que as formas de apadrinhamento adentravam a sociedade brasileira, havia a tendência de generalizar esse modelo de relação social em diversos espaços societários e políticos.¹²² A estratégia seria tratar os indivíduos isoladamente, favorecendo as escolhas alternativas de mobilidade social em termos individuais e não coletivos.¹²³ Na historiografia da intelectualidade negra, encontramos situações envolvendo o apadrinhamento.

Vejamos alguns casos relatados por Abdias do Nascimento:

Cheguei até a fazenda Chapadão porque lá havia um conhecido do meu pai e da minha mãe, que possibilitou a minha ida (SEMOG & NASCIMENTO, 2006, p. 54).

Eu estava praticamente terminando o curso de contabilidade quando finalmente arranjei uma colocação para trabalhar com um amigo bem próximo dos meus pais, um amigo da família, seu Orozimbo Campos, de quem já falei (SEMOG & NASCIMENTO, op. cit., p. 57).

¹¹⁸ “Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava.” (GOFFMAN, 1982, p. 5).

¹¹⁹ O chamado estatuto da pureza do sangue – que vigorou na República Velha – limitava o acesso de indígenas, negros e mulatos a cargos públicos. O termo raça era relacionado à religião e à descendência, garantido os privilégios e justificando as desigualdades sociais (ALBUQUERQUE, 2006).

¹²⁰ O apadrinhamento era uma forma de mobilidade social individual em oposição à ascensão coletiva da população negra brasileira. (ALBUQUERQUE, 2006).

¹²¹ Segundo Chalhoub (2001), a Primeira República manteve a subordinação social da população negra ao transformar o escravo em trabalhador livre, sem muda, a sua posição na estrutura social, mantendo, assim, as rivalidades nacionais e raciais como tensões comuns da competição pela sobrevivência.

¹²² Como lembra Alex Ratts (2006), Beatriz Nascimento (1982) denuncia as relações de apadrinhamento nos terreiros de candomblé, no futebol; eu acrescentaria, nas escolas de samba do Rio de Janeiro.

¹²³ É uma estratégia que persiste na medida em que atualmente são poucos os negros e as negras que ocupam cargos em escolas, universidades, redes de televisão, bem como exercem profissões liberais como advogado, médico, engenheiro.

Em Franca morava o dr. Antônio Constantino, um sujeito que já tinha vivido em São Paulo, era advogado e parecia muito inteligente. [...] Fui conversar com ele, e foi fantástica a forma como me atendeu e a atenção que me dedicou. Além de me receber muito bem, arranjou uma passagem, pois para mim era uma dificuldade gastar aquela fortuna com a passagem para pegar a Estrada de Ferro de Mogiana para São Paulo. Ele ainda me arranjou umas cartas de recomendação para eu apresentar na Região Militar, para não ser preterido (SEMOG & NASCIMENTO, op. cit., p. 61).

Foi em meio a esse período de prontidão e treinamentos que eu recebi um telegrama, enviado da cidade de Franca. [...] O telegrama avisava que a minha mãe não estava bem, e que eu deveria ir imediatamente para Franca. [...] Na caserna estávamos todos de prontidão; ninguém podia sair, as licenças estavam suspensas. [...] Avaliei bem as consequências de qualquer ato precipitado que viesse a tomar, mas não tive dúvidas e decidi fugir para ir ver a minha mãe. [...] Não tive como pensar no que poderia acontecer comigo, em decorrência dessa minha fuga para Franca; pelo regulamento militar era mais do que certo que eu receberia uma rigorosa punição. [...] Entretanto, ocorreu um fato inesperado quando retornei para o quartel. [...] Para minha surpresa e espanto, dei de cara com um oficial negro, um capitão, de nome Alfredo Correa. Expliquei e justifiquei o meu procedimento, e ele aceitou os meus argumentos (SEMOG & NASCIMENTO, op. cit., p. 68-69).

E por Mariza Corrêa (2003) em relação a Edison Carneiro:

A correspondência trocada entre ambos [Arthur Ramos e Edison Carneiro], pouco antes de Edison Carneiro se transferir para o Rio de Janeiro, mostra uma assimetria na relação: o jovem mulato baiano procurando apoio do professor de medicina, branco, já consagrado (p. 173).

Insisto que a ausência da intelectualidade negra no campo intelectual brasileiro nem pode ser atribuída exclusivamente à falta de capital simbólico convertido a partir de algum tipo de capital específico, nem por um sistema de disposições particulares – *habitus*.¹²⁴ Isso porque dificilmente a intelectualidade negra corresponde aos critérios estabelecidos pelo campo intelectual brasileiro. Mesmo tendo acumulado diferentes tipos de capital específico – cultural, escolar, político, científico – seria particularmente difícil identificar homens e mulheres negros que chegaram efetivamente a convertê-los em capital simbólico.¹²⁵

Tudo leva a crer que, no Brasil, o que determina a posição no campo intelectual vai além da incorporação de um tipo de capital específico – classe, escolaridade, origem – transferido para o campo intelectual de um espaço social circundante. Alex Ratts (2006) acredita que a invisibilidade da intelectualidade negra consiste na reprodução de mecanismos de outros microcosmos sociais. Dessa forma, as regras desse microcosmo social implicam a incorporação de elementos determinantes de uma organização social cujas hierarquias rígidas

¹²⁴ A noção de *habitus* foi definida por Bourdieu (2005) como sendo um conhecimento adquirido e também um haver, um capital, indicando a disposição incorporada, quase postural.

¹²⁵ “O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital: físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor” (BOURDIEU, 2011, p. 107).

refratam a herança racista – e sexista – da sociedade brasileira. Refiro-me ao que Louis Dumont (1997) descreveu como sendo a base de organização de toda sociedade: a hierarquia como um princípio de gradação dos elementos de um conjunto em relação ao mesmo conjunto.¹²⁶ Portanto, pode-se inferir que, uma vez que a estrutura do campo intelectual brasileiro seria determinada pela relação entre a ordem científica e ordem social, acaba por estabelecer um tipo de vínculo não apenas distintivo, mas também hierárquico. Eduardo de Oliveira e Oliveira, citado por Alex Ratts (2006), defende que vivemos numa sociedade em que a cor da pele e a classe social são primordiais para entender a posição do intelectual negro e negra no campo intelectual brasileiro.

A relativa predominância da ordem social sobre a ordem científica pode ajudar a explicar as razões por que alguns intelectuais negros da envergadura de Edison Carneiro [1912 - 1972] e Guerreiro Ramos [1915 - 1982]¹²⁷ nunca foram admitidos em universidades públicas cariocas, ou por que Clóvis Moura [1925 - 2003] permaneceu fora das universidades paulistas. O mesmo pode ser dito em relação a Abdias do Nascimento [1914 - 2011], aceito somente em academias estadunidenses e nigerianas. O caso de Abdias do Nascimento é exemplar na medida em que, depois do regresso do exílio, ele não foi admitido em nenhuma universidade brasileira, mesmo estando numa situação próxima a de intelectuais brancos que foram readmitidos ou reassumiram antigos cargos, ou foram realocados em universidades públicas (CARVALHO, 2005-2006).

A submissão do campo intelectual brasileiro não apenas colabora no silenciamento da intelectualidade negra, como também aprofunda a discriminação em relação à população negra. Isso ocorre, porque a herança racista desse microcosmo social impõe um jogo que consiste na falta de reconhecimento da diversidade e da pluralidade epistemológica. Esse fato contribui para a contínua invisibilidade das práticas sociais de conhecimento que estão em desacordo com os critérios de produção intelectual estabelecidos pelos que detêm o poder no campo.

¹²⁶ As formas de oposição distintivas e valorativas não apenas vinculam o indivíduo a um sistema de distinção, mas também de hierarquização. É o que se pode chamar de relação hierárquica na qual um elemento simultaneamente participa e se distingue da totalidade de que faz parte, ou seja, ao tempo em que o elemento considerado superior inclui aquilo que é considerado inferior também o exclui (DUMONT, 1997).

¹²⁷ Segundo Lucia Lippi Oliveira (2009), Guerreiro Ramos foi vítima de um profundo ostracismo por parte da sociologia brasileira de sua época. O autor polemizou diversas vezes com intelectuais da envergadura de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Costa Pinta, Hélio Jaguaribe, Florestan Fernandes. Um dos traços mais marcantes do sociólogo é a produção intelectual fora dos cânones acadêmicos, ou seja, dos padrões científicos de sua época: a separação entre política e ciência, e a reverência aos fundamentos das vertentes fundadoras do pensamento social. O seu grande dilema foi pensar numa sociologia engajada em uma época comprometida com o ideal de nação e nacionalismo, modernização e Estado nacional.

O campo das Ciências Sociais brasileiras, notadamente no que se refere aos estudos de relações raciais, faz parte da história das relações de raça no Brasil. Tanto alimenta as interpretações que entram nas disputas efetivas, extrapolando o campo acadêmico propriamente dito, como, constituindo modelos de leitura legítimos para a realidade, ajuda a ocultar o que deveria esclarecer: as relações entre a produção do conhecimento e a estrutura desigual da sociedade brasileira, racialmente marcada (FIGUEIREDO & PINHO, 2002, p. 198).

O campo intelectual detém uma autonomia relativa por estar submetido a certas leis sociais forjadas fora do microcosmo social: quanto menor for a autonomia do campo mais suscetível estará a forças não científicas nas lutas científicas (BOURDIEU, 2004a). Bourdieu (2004b) defendia que o sistema de disposições particulares – *habitus* – seria mensurado por princípios externos e diferenciado de acordo com o gênero, a origem social e a formação escolar. O *habitus científico* seria moldado conforme categorias de análise sociologicamente posicionadas: raça, gênero, classe. Portanto, considerando que as categorias são externas ao campo, não parece haver dúvida de que as relações raciais – e sexistas – permeariam igualmente o sistema de disposições.

A história do campo pode ser, então, entendida como solidária ao contexto da violência racial que tornou seu meio envolvente. As categorias sociológicas formadas nesse contexto, marcado pela atração da teoria estrangeira e rejeição da realidade nacional, não parecem menos espúrias do que aquelas que agora se transmigram ao Brasil, com uma diferença importante, enquanto que anteriormente a posição de poder implicada no ideal de universalização e normatividade das categorias sociológicas brancas permanecia inquestionada, dissimulada e estrategicamente retirada da cena, as novas categorias, muitas vezes resultantes da luta política pela emancipação em outros contextos, ou seja, categorias críticas, surgem plenamente conscientes de sua historicidade e posicionalidade o que certamente deverá parecer muito aberrante para os poderes constituídos na nossa topografia epistemológica. (FIGUEIREDO & PINHO, op.cit., p. 198-199).

A leitura que Bourdieu (2011) faz do conceito de campo estratégico foucaultiano revela a impossibilidade de uma obra existir fora das relações de interdependência com outras produções intelectuais. Foucault (1987) busca dentro da ordem do discurso os princípios de elucidação das práticas discursivas contidas no que chamou de episteme.¹²⁸ Situar a intelectualidade negra enquanto um conjunto de práticas de discurso permite pensá-la para além do campo estruturado com leis e regras submissas à ordem social circundante. No lugar da normatividade, teríamos um conjunto de pressupostos, proibições e tendências delimitadoras do pensamento de uma época. Nesse sentido, os estudos das relações étnico-raciais seriam práticas discursivas em um universo de limites e possibilidades de uma dada episteme. A proposta foucaultiana permite tratar as práticas de discurso como positivities ou

¹²⁸ Esta categoria é definida por Foucault (1987) como um conjunto de relações capazes de oferecer às práticas discursivas uma unidade temporal que funda as figuras epistemológicas ou a própria ciência.

figuras epistemológicas que não chegam a ser elevadas ao nível da cientificidade – ou nunca chegarão a ser uma ciência –, mas que permitem colocar um saber como *status* ou papel de ciência.¹²⁹ Parafraseando Foucault (1987), a intelectualidade negra desafia os limites da experiência de nossa época, bem como o alcance do conhecimento e da representação da verdade. É dessa forma que ela estaria propensa a originar uma determinada forma de conhecimento pelo acúmulo de conceitos, práticas e crenças.

Não é de hoje, entretanto, que agentes sociais negros têm insistido em reinterpretar a dinâmica racial brasileira. Muito desse esforço se beneficiou de trocas internacionais, não apenas com os Estados Unidos, mas também com a África e o Caribe. Este campo de lutas e interpretação racial é amplamente transnacional (cf. Risério, 1981; MNU, 1988; Crook, 1993). A questão é como o campo acadêmico brasileiro se posiciona diante da demanda crescente por identidade e protagonismo racial (FIGUEIREDO & PINHO, op. cit., p. 206).

No tópico, busquei delinear os contornos da ambivalência da intelectualidade negra uma vez que ela engloba, simultaneamente, a ideia de grupo social gramsciano e de unidade discursiva, como Michael Foucault (1987) prefere nomear um domínio de enunciados. No capítulo, a minha intenção foi abordar a vida pública de Beatriz Nascimento e oferecer um panorama de sua inserção na intelectualidade negra brasileira. Para realizar essa tarefa, apoiei-me em fontes documentais como cartas, ofícios, artigos, esboços, anotações. A escolha dos documentos tem-me dado a possibilidade de dissertar sobre os dilemas da trajetória de Beatriz Nascimento, em meio ao percurso da intelectualidade negra de sua época, bem como sobre o contexto histórico-social das décadas em que ela atuou na vida pública. A seguir, procuro traçar a importância e a natureza desse acervo documental.

¹²⁹ Para Alex Ratts (2006), seria nos “limites raciais e sociais do ambiente acadêmico contraposta à situação da população negra que fez emergir projetos bastante radicais, formulados no que denomino de ‘textos quentes’ e ‘falas duras’ que permearam os confrontos declarados apenas em parte pelos intelectuais hegemônicos, que raramente nomeiam os (as) contendores (as), não citando-os, relegando-os com maior ou menor consciência ao esquecimento ou ostracismo. Invisibilidade negra social e discurso sem reconhecimento adequado entre os que deviam ser pares”. (p. 42).

3. A QUESTÃO DAS FONTES DOCUMENTAIS

*Mas o que procuramos neste estudo é a continuidade histórica.
Por isso me referi a um sonho.
Todo historiador é um conservador e um sonhador em busca desse continuum.*
(Beatriz Nascimento, 1981, p. 46)

As ciências humanas progridem com o auxílio das fontes primárias e secundárias. Estas participam do trabalho de lapidação de conceitos – atividade que Renato Ortiz (2002) considera tarefa primordial do fazer intelectual. A pesquisa envolve o tratamento adequado dos conteúdos levantados com os quais o cientista realiza boa parte de seu ofício: identificação de registros, organização de indícios, interpretação de fatos e análise de dados. Parto do princípio de que as fontes primárias são compostas por documentos que não foram ainda devidamente estudados por um pesquisador e, por isso, suscetíveis a abordagens pouco exploradas sobre o tema pesquisado. As fontes secundárias, por sua vez, são constituídas por documentos interpretados e, assim, contêm uma relativa carga da subjetividade de quem realizou o trabalho de crítica documental.

Optei por abordar a trajetória intelectual de Beatriz Nascimento por meio dos dois tipos de fontes. As duas modalidades fazem parte dos procedimentos próprios de análise de documentos. Partindo do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, publicado em 2005, é possível dizer que todo documento – impressos, manuscritos, imagens, registros audiovisuais e sonoros – é um suporte com informação registrada e serve, por formar uma unidade, como consulta, estudo ou prova. Tomando como referência Hans-Georg Gadamer (1988) gostaria de esclarecer que a escolha dos tipos de fonte partiu de um diálogo com o objeto de pesquisa, porque cabe a ele boa parte da definição dos caminhos que trilhamos em nossas investigações. Portanto, a inclinação pelas fontes primárias e secundárias é justificada por aspectos condicionantes do fazer científico e pela natureza do caminho investigativo e, com elas, busco elucidar a trajetória de uma intelectual negra no Brasil. A escolha pela pesquisa documental e pela revisão bibliográfica teve como objetivo reconstruir um percurso em que o sentido só pode emergir de maneira contextualizada: evidenciar os fatores sociopolíticos, o lugar de fala (a posicionalidade), a produção autoral (*corpus* teórico) e a missão autorreferenciada (intelectualidade negra) enquanto intelectual de um grupo social especificamente.

Para elaborar o projeto de pesquisa, lancei mão do uso de fontes secundárias com a intenção de trilhar o caminho já percorrido por outros pesquisadores interessados nesse universo da intelectualidade negra. Na revisão bibliográfica, busquei verificar o que já havia

sido produzido sobre a trajetória de Beatriz Nascimento, as possíveis lacunas que justificassem um novo trabalho investigativo e um esforço de interpretar e elucidar a trajetória de uma intelectual negra no Brasil. Com o foco em sua história de vida, tomei como referência o livro publicado por Alex Ratts, *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, no qual o professor organiza um conjunto de informações sobre o percurso e a produção intelectual da historiadora negra. O estudo dessa publicação contribuiu para ampliar os conhecimentos sobre a vida, o trabalho e os temas de interesse de Beatriz Nascimento. A publicação também continha a reprodução de alguns de seus textos publicados e outros inéditos. A leitura dessa obra ainda indicou a localização exata das fontes primárias: o Arquivo Nacional, na Cidade do Rio de Janeiro, e o Museu Nacional, em São Paulo.¹³⁰

O manuseio das fontes primárias permitiu redefinir o escopo da pesquisa e localizar similaridades com outras experiências vividas por intelectuais negros e negras no Brasil. Ao trilhar essa linha investigativa, cheguei à formulação da noção de intelectualidade negra no sentido gramsciano, bem como pela crítica de Spivak (2010) de que a intelectualidade negra também se refere a uma condição colaborada pela sua posicionalidade no campo ou mesmo na estrutura social vigente. O tempo dedicado a um conjunto de documentos apontou evidências da formação de uma intelectualidade orgânica nem sempre relacionada a instituições acadêmicas. Pelo contrário, encontrei casos de homens e mulheres formados fora das academias. Em outras palavras, instruídos em locais de reconhecida formação doutrinadora, assim como de construção da intelectualidade negra brasileira: FESPAC, IPCN, IPEAFRO, SECNEB, SEDEPRON, SINBA. A análise documental ajudou ainda a elaborar uma noção de intelectualidade negra no sentido foucaultiano. Desse modo, foram identificadas enunciações como acontecimentos únicos de discurso, correspondentes a certos enunciados de interpretação de Brasil. O trabalho investigativo e análise documental permitiram definir quais seriam os níveis a que estas enunciações estariam ligadas. Por essas pistas, pude levantar um conjunto de objetos em comum – quilombo, racismo, negritude e mulher negra. O trabalho, por sua vez, também tornou possível identificar as modalidades enunciativas comuns a Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento e por eles compartilhadas: a singularidade dos núcleos negros, a ideia de Estado livre, a opressão da mulher negra – africana e afro-brasileira. Nessa linha de investigação, também identifiquei conceitos que foram manipulados dentro de uma mesma estratégia enunciativa: o negro por

¹³⁰ Não cheguei a visitar o Museu Nacional, na cidade de São Paulo, local onde está guardado o acervo iconográfico e outros documentos da filmagem do documentário “Ôri”.

adoção (Beatriz Nascimento, 1974a), o racismo por denegação (Lélia Gonzalez, 1988a) e a autonegação (Abdias do Nascimento, 1982).

3.1 AS FONTES E A PESQUISA DOCUMENTAL

A definição do tipo de pesquisa deve ser orientada por fatores como a natureza do objeto, o problema de pesquisa e a corrente de pensamento que norteia o trabalho de investigação. Nesse intuito, a escolha empreendida está de acordo com certas regras do fazer científico e com a natureza de um caminho percorrido cuja intenção consiste em dar sentido a uma trajetória intelectual trilhada em experiências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. Por isso, a escolha pela pesquisa documental pareceu uma opção mais adequada dentro de um universo de possibilidades de reconstrução de histórias de vida, pois, além de ajudar a entender o contexto que cerca tal trajetória, também colabora para iluminar o processo de maturação intelectual: ideias e práticas.

O trabalho de pesquisa quando regulado por procedimentos dialéticos resulta no relevo de uma influência mútua entre intenções e condições estruturais do fazer humano. A investigação dessas condições objetivas – como supõe uma concepção analítica da pesquisa – ajuda a revelar motivações e impulsos, bem como os efeitos que certas necessidades e consequências de uma vida prática recaem sobre as decisões e as ações da personagem inventariada: escolhas políticas, dilemas existências, dependência econômica, relação de gênero e raça. Portanto, colocar um trabalho investigativo no vasto campo da pesquisa documental também implica aceitar que o uso de fontes primárias tem por objetivo fazer emergir um conjunto de pistas captadas somente quando fazemos leituras em documentos originais. A análise do conteúdo dessas positivities remete às hipóteses que surgem em concomitância com outras leituras e permeadas pelo saber produzido em nossa área de conhecimento. Em outras palavras, raramente partimos de consultas isoladas!

O caminho metodológico pressupõe um processo de investigação – técnicas, etapas e procedimentos – que inclui a organização de categorias para uma análise futura. O pesquisador formula uma pergunta com objetivo de chegar a uma resposta no final do processo. A questão é formulada em função das lacunas no conhecimento e direcionada as fontes para obter informações necessárias para lhe dar uma resposta. O método regula operacionalmente o processo de pesquisa no contexto sistemático da heurística, da crítica e da interpretação. Os desafios relacionados à natureza dessa pesquisa são inúmeros e podem

camuflar os problemas existentes na interpretação de fontes primárias. Como afirma Umberto Eco (1993), a interpretação é indefinida e, por isso, compreende um labirinto onde a busca do significado inatingível leva à aceitação da oscilação e do deslocamento do significado. De acordo Jörn Rüsen (2007), o pesquisador sempre correrá o risco de cair no encanto das fontes e acreditar que a história resulta do que conseguiu extrair delas. É claro que somos motivados a abordar as fontes com algumas perguntas possíveis, mas não podemos esquecer que nem sempre encontraremos respostas esperadas.

Destarte, a consciência moderna – enquanto consciência histórica – deve assumir uma posição reflexiva diante do que reverbera como eco do passado e colocá-lo em seu contexto original, refletindo, portanto, o seu significado e o seu valor relativo, ou seja, fazendo uso do que nas Ciências Humanas ficou conhecido como interpretação (GADAMER, 1988). O caminho da pesquisa vai além das fontes, não se esgota nelas, por isso, as regras da formação discursiva só podem ser determinadas quando outras positivities imbuídas da análise interpretativa entram em cena. Sob à luz do entendimento de Rüsen (2007), é possível dizer que a análise das fontes pode ser entendida como o caminho que proporcione ao pesquisador um conhecimento maior, proveniente da própria fonte em união com seu universo intelectual.

A minha intenção ao analisar um conjunto de documentos não é simplesmente revelar o passado de uma personagem da história da intelectualidade do país e relacioná-lo à trajetória dos aspectos relevantes do campo intelectual brasileiro, uma vez que a crítica do documento não é o procedimento de validação de um suposto passado, mas a procura de unidades, conjuntos, séries e relações daquilo que foi escrito ou dito (FOUCAULT, 1987). A análise das fontes busca na facticidade a garantia daquilo que se sabe e se ignora em termos do conhecimento sobre o estado das coisas. É nessa busca pela objetividade da fundamentação que a diferença entre conhecimento científico (trajetória ou história de vida) e não científico (biografia) é demarcada. Portanto, procuro demonstrar as regras identificadas na verificação das positivities – textos literários, filosóficos, políticos ou práticas discursivas¹³¹ – para entender a formação de objetos, conceitos e séries de enunciados dos quais emergem as condições favoráveis para um discurso original de nação. Em outras palavras, intenciono fazer surgir das fontes o encadeamento compreensível da prática dos agentes e dos sistemas abrangentes para essa conduta.

¹³¹ A prática discursiva se articula com os discursos em dois níveis: dos documentos e dos acontecimentos de ordem técnica, social, econômica ou política. Os dois níveis formam séries temporais correspondentes.

A partir das possibilidades em que os enunciados são tomados como acontecimentos singulares, procuro demonstrar, por meio da materialidade dos documentos inventariados, quais seriam as condições de sua existência.¹³² O acontecimento enunciativo – um discurso original – possibilita suspender supostas unidades naturais em nome das que podem ser constituídas por outras formas de regularidade. Dessa forma, a elaboração de um inventário ajudou a demonstrar que a relação entre os enunciados de um discurso não depende exclusivamente do que foi proferido pelo sujeito enunciadador, mas pelo que foi enunciado por outras autorias e acontecimentos de ordem totalmente diferente (técnica, econômica, social, política). Assim, os enunciados não se encontram isolados daquilo que lhes dão legitimidade e nem apartados das regras que permitem a sua referência direta a uma condição de verdade. É a partir da justificativa sistemática e institucionalizada que os atos discursivos assumem o *status* de verdade em um determinado contexto.¹³³ Isso implica dizer que os procedimentos de validação tornam os atos do cotidiano manifestações da verdade – como ocorre com as comunidades de especialistas.¹³⁴

A natureza do enunciado atribui um caráter de originalidade a cada contexto em que existe a possibilidade de sua enunciabilidade: “A revelação, jamais acabada, jamais integralmente alcançada do arquivo, forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo” (FOUCAULT, 1987, p. 151). É dessa forma que não estou interessado em esgotar as possibilidades de combinações que eventualmente podem emergir da análise das positivities contidas no inventário: artigos, ensaios, notícias, convites, cartas, memorandos, anotações. A definição foucaultiana de arquivo se refere a um sistema geral de formação e de transformação dos enunciados: “[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 1987, p. 148). Essa perspectiva também é defendida por Gadamer (1988) quando argumenta que a intenção do conhecimento das Ciências Humanas não é tanto estudar as regularidades, mas as singularidades – a unicidade – de fenômenos que possuem força suficiente para acontecer e permanecer. Essa afirmativa revelaria uma condição pouco explorada na crítica do documento: a impossibilidade de descrever exaustivamente qualquer espécie de arquivo.

¹³² Conforme Foucault (1987), com a singularidade do enunciado, é possível demonstrar que a descontinuidade não está restrita aos grandes acidentes da história, mas que já está presente nos enunciados.

¹³³ Ao tomar como referência a reflexão de Dreyfus e Rabinow (1995), pode-se afirmar que o ato discursivo em Foucault só pode ser entendido pela relação entre os atos discursivos sérios de John Austin e os atos cotidianos de John Searle.

¹³⁴ Quero chamar atenção para a relação entre o que está sendo colocado e a noção de campo proposta por Bourdieu (1983a; 2004a; 2004b; 2005).

Dessa maneira, o meu objetivo central não seria fazer uma descrição exaustiva de um conjunto de documentos que validam a memória da personagem e sim trazer à tona um discurso original de nação cujas regras podem ser demonstradas paralelamente à possibilidade de sua enunciação.

3.2. FUNDO MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Desembarquei, na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de maio de 2012, com a intenção de passar duas semanas no Arquivo Nacional. Nesse período, fotografei quarenta e três envelopes contendo materiais diversos, doados pela família de Beatriz Nascimento. No fim do trabalho, contabilizei cerca de cinco mil registros fotográficos do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Concluída essa fase, passei ao exame cuidadoso das cópias digitais e à elaboração de uma ficha de catalogação (ver apêndice A) com as informações a serem analisadas posteriormente. Os elementos catalogados alimentaram um banco de dados com os conteúdos desses documentos. Em linguagem especializada, significa dizer que importei as informações para uma base de dados previamente definida, tendo como objetivo facilitar as buscas e o cruzamento futuros: periodicidade, tipo de documentos, localidade, autoria.¹³⁵ Com esses registros digitalizados, confeccionei o **Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento** (ver apêndice B). Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, inventário analítico ou simplesmente inventário é um instrumento de pesquisa que descreve, sumariamente ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele cuja apresentação obedece a uma ordenação lógica que poderá refletir ou não a disposição física dos documentos.

É importante esclarecer que o conjunto de documentos que utilizo parte, muitas vezes, de um material inédito e não publicado. Em muitos casos, são anotações, esboços, projetos, poemas, roteiros, artigos, capítulos que denotam regularidades e dispersões de um discurso.¹³⁶ É igualmente importante registrar que muitas citações presentes no corpo desse trabalho foram retiradas de alocações da conferência “O Quilombo e a Historiografia”, bem como das transcrições de falas registradas durante as gravações do filme-documentário “Ôri”. Com o objetivo de preservar a originalidade desse material, optei por conservar as falas e as escritas em sua forma original, mesmo se incorressem em desvios da norma culta da língua.

¹³⁵ Com o banco de dados, pode-se argumentar que um possível desdobramento da pesquisa seria tornar disponível essas informações, em formato digital, à consulta pública.

¹³⁶ Segundo Roberto Machado (1981), a análise foucaultiana do discurso determinaria as regras que tornam possível a existência de enunciações diversas.

Por meio dos fragmentos dos textos (poéticos, filmicos, acadêmicos, políticos), busco traçar o pensamento de uma mulher negra com expressiva importância entre décadas de 1970 e 1990. Portanto, em muitos casos, manuseei textos incompletos, não paginados, sem datação precisa, contendo partes ou fragmentos dos temas trabalhados. Somente por meio de uma análise cuidadosa, foi possível perceber as regularidades e as dispersões de assuntos abordados em diferentes textos ou em diversas versões de um mesmo trabalho. Finalmente, organizei na forma de referência bibliográfica uma lista de documentos – utilizados em várias partes desse trabalho – que se encontram ainda inéditos ou fogem do escopo de publicações normalmente aceitas em trabalhos acadêmicos. A minha intenção foi facilitar a identificação e a visualização dessas positivities no decorrer da dissertação dos capítulos.

3.3. INVENTÁRIO ANALÍTICO DO FUNDO MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

O Arquivo Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, guarda o Fundo Maria Beatriz Nascimento.¹³⁷ Encontrar o conjunto documental de uma intelectual brasileira sob a responsabilidade de uma instituição é gratificante e, ao mesmo tempo, inusitado, porque não é uma prática comum das famílias brasileiras cederem documentos para preservação da memória de pessoas ou grupos. Como afirma Carlos Bacellar (2005), não são raras as perdas de conjuntos documentais, mas são raríssimas as iniciativas de organização dos acervos com o objetivo de franquear a consulta pública. O Fundo possui quarenta e três envelopes com documentos de natureza diversa: correspondências pessoais e profissionais, manuscritos, esboços e cópias de artigos de opinião, trabalhos acadêmicos, livros e periódicos, impressos como folders, programações, convites, além de documentos pessoais. Apenas o envelope contendo os poemas não ficou no Arquivo Nacional, mas sob os cuidados de Bethânia Gomes, filha de Beatriz Nascimento, que organizou, em parceria com Alex Ratts, o livro *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*, lançado em 2015. O acervo iconográfico do documentário “Ôrí” também não está guardado no Arquivo Nacional, mas no Museu Nacional, em São Paulo.

A organização dos envelopes no Arquivo Nacional não segue uma ordem previamente definida em categoria temática, cronológica, autoral. Os documentos estão acomodados sem uma organização que permita a ordenação por qualquer uma dessas categorias. O instrumento de pesquisa disponibilizado pela instituição é uma ferramenta de

¹³⁷ Para Carlos Bacellar (2005), a documentação de caráter privado diz respeito a acervos de pessoas, famílias, grupos de interesse ou empresas.

apoio aos pesquisadores, contudo, está restrito à localização do conteúdo de cada envelope. A necessidade de ordenar o conjunto documental para a análise de dados e dar uma ordem lógica à variedade de documentos motivou a classificação do conteúdo em categorias. Portanto, com a intenção de apresentar ao leitor uma organização do Fundo Maria Beatriz Nascimento, organizei o inventário analítico. A ideia surgiu durante a banca de qualificação, ao concluirmos que esse conjunto documental teria um valor inestimável para a investigação e para o embasamento do trabalho proposto.¹³⁸ A proposta de fazer entrevistas para complementar as lacunas deixadas na análise documental foi descartada, diante do volume de dados à disposição do pesquisador para a condução de uma linha investigativa. Também concluimos que as entrevistas não garantiriam maiores evidências do que o arquivo era capaz de oferecer. Então, com a intenção de apresentar um quadro detalhado do acervo, apresento em seguida os pormenores do inventário: classificação, representação gráfica e apresentação analítica do conteúdo. Os documentos contidos no arquivo foram organizados em grupos definidos conforme o trabalho de análise e de interpretação.

3.3.1. CLASSIFICAÇÃO

1. **Correspondências:** A série reúne 279 documentos – ofícios, cartões postais, bilhetes, convites – enviados e recebidos.
2. **Documentos Pessoais:** A série é composta por 65 documentos como certidões, diplomas, passaporte, carteira profissional, declarações.
3. **Produção Intelectual:** A série possui 200 documentos de autoria de Beatriz Nascimento, sendo esboços, artigos, trabalhos acadêmicos, poemas. A sessão também é composta pela produção intelectual de outros autores e autoras.
4. **Livros:** A série compõe-se de 40 títulos de livros da biblioteca particular de Beatriz Nascimento.
5. **Periódicos:** A série possui 15 exemplares de periódicos não acadêmicos.
6. **Recortes de Jornais:** A série contém 32 recortes com notícias, entrevistas.
7. **Anotações:** A série é composta por estudos, lembretes, diários, em um total de 282 documentos.
8. **Impressos:** A série reúne *folders*, cartazes, programações, totalizando 153 documentos.

¹³⁸ A banca examinadora foi composta pela orientadora Ângela Figueiredo (UFRB), e pelos professores Florentina Souza (UFBA), Alex Ratts (UFG) e Osmundo Pinho (UFRB).

3.3.2. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Distribuição por Grupo de Documentos

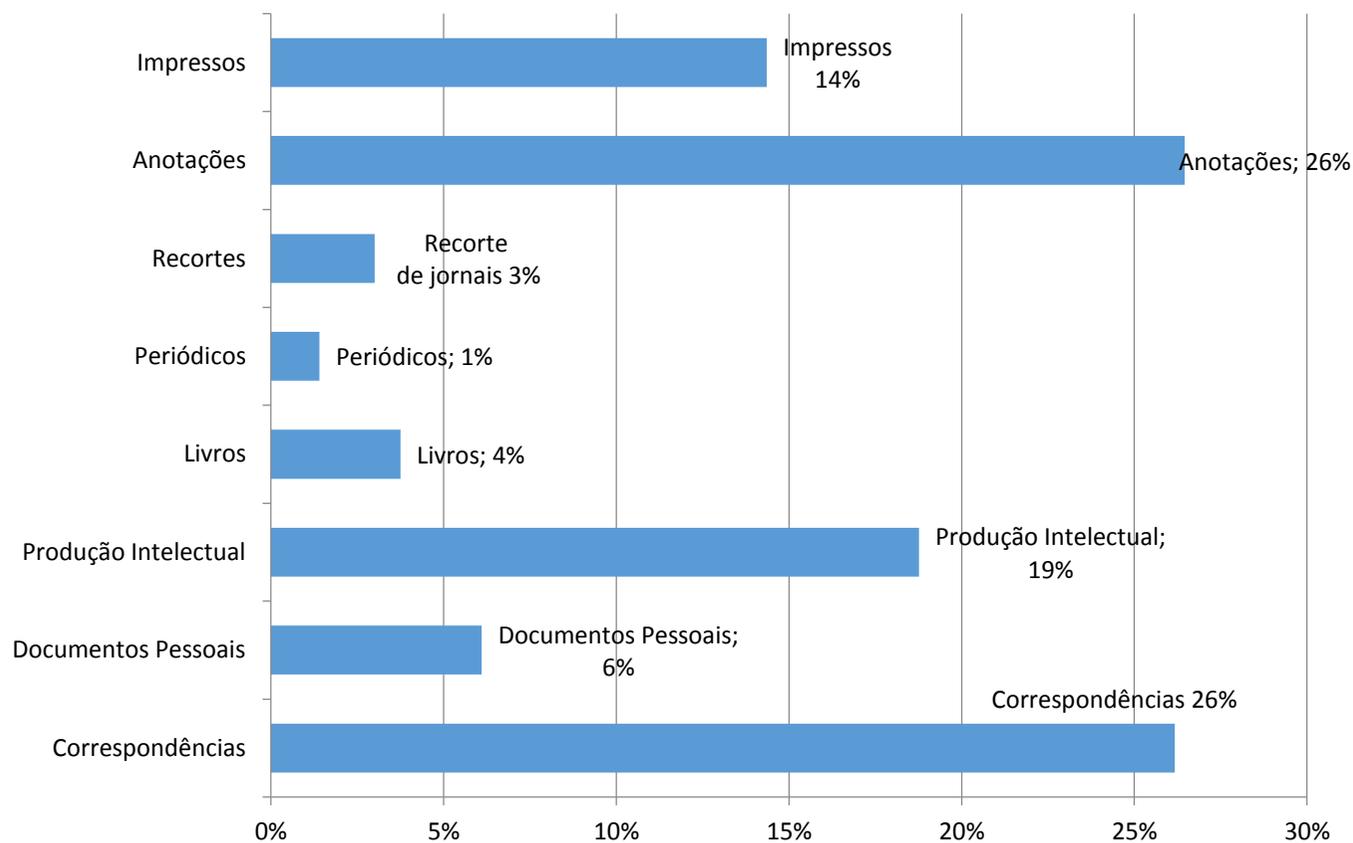


Gráfico da distribuição por grupo de documentos do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

Distribuição por Natureza da Correspondência

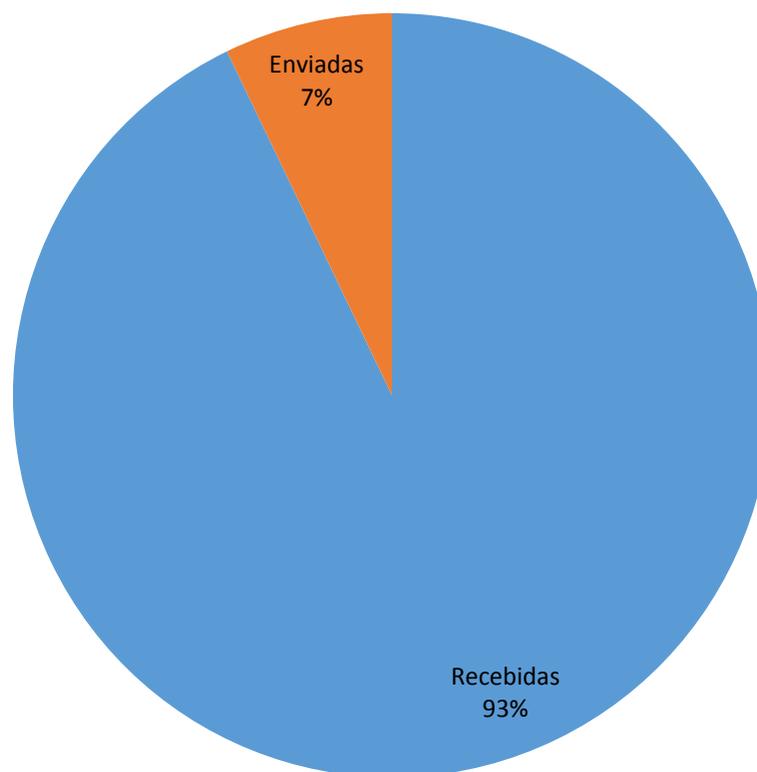


Gráfico da distribuição por natureza da correspondência do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

Distribuição por Década

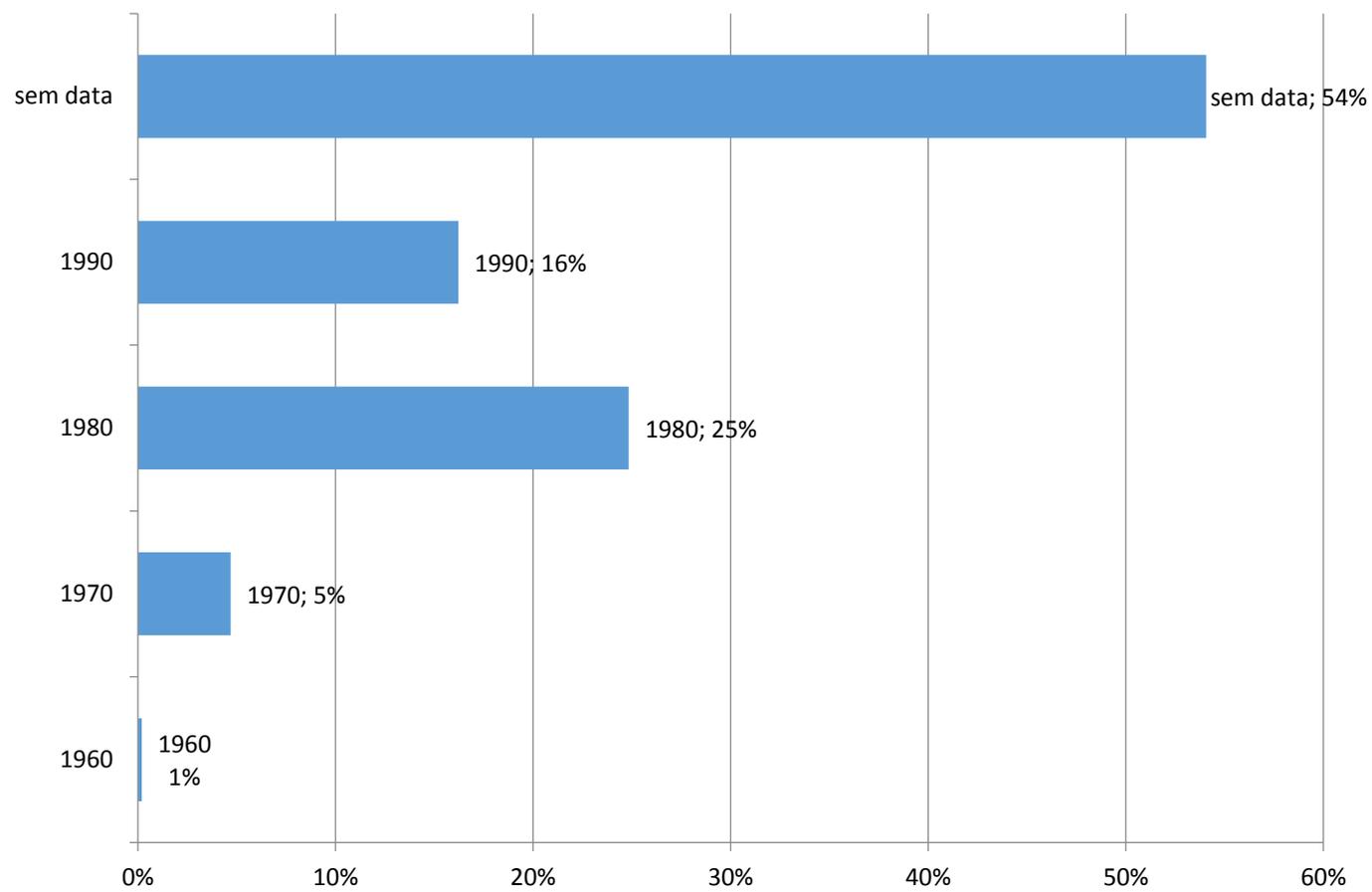


Gráfico da distribuição dos documentos por década do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

Distribuição por Localidade

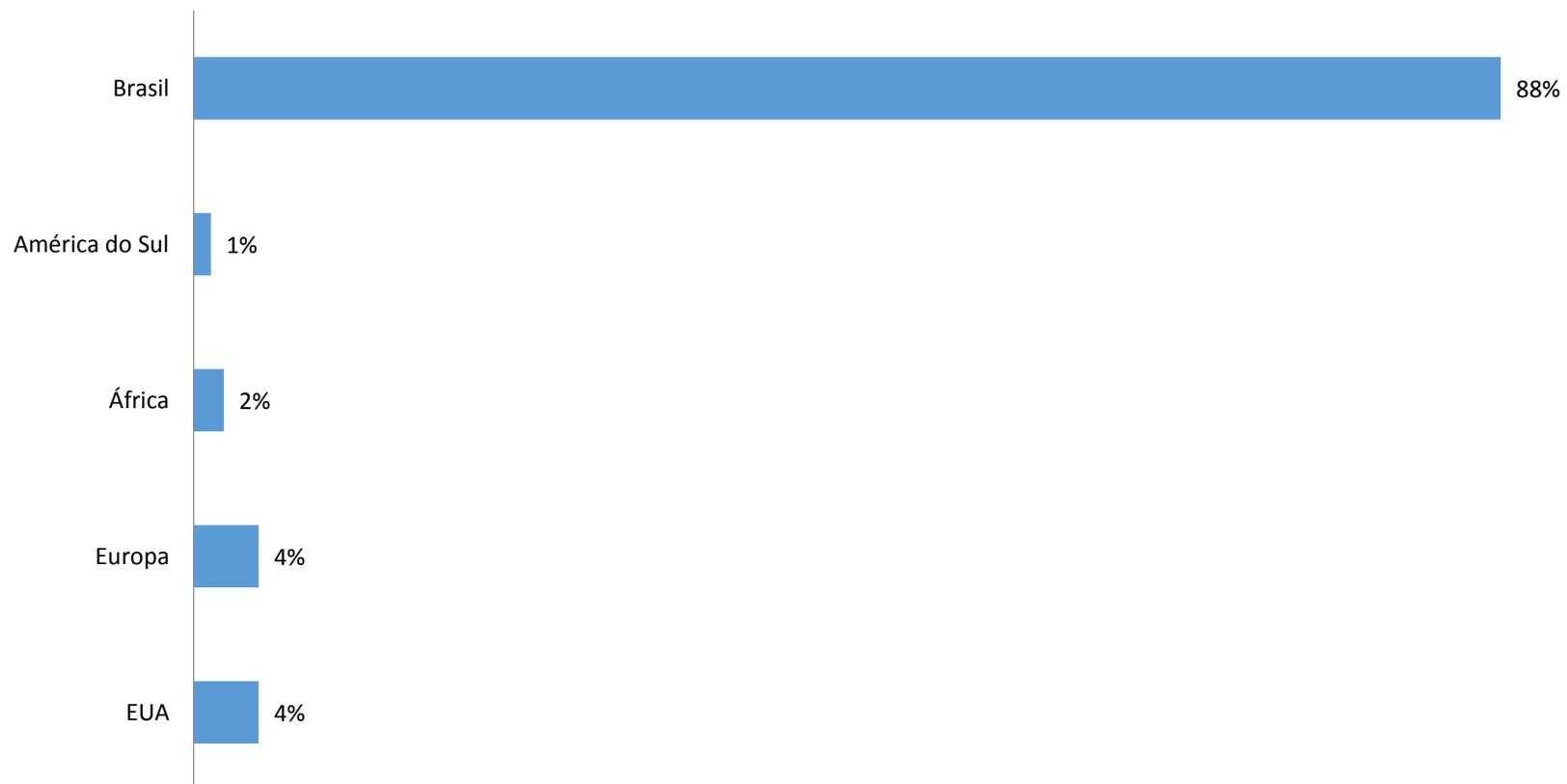


Gráfico da distribuição por localidade do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

Distribuição por Estados Brasileiros

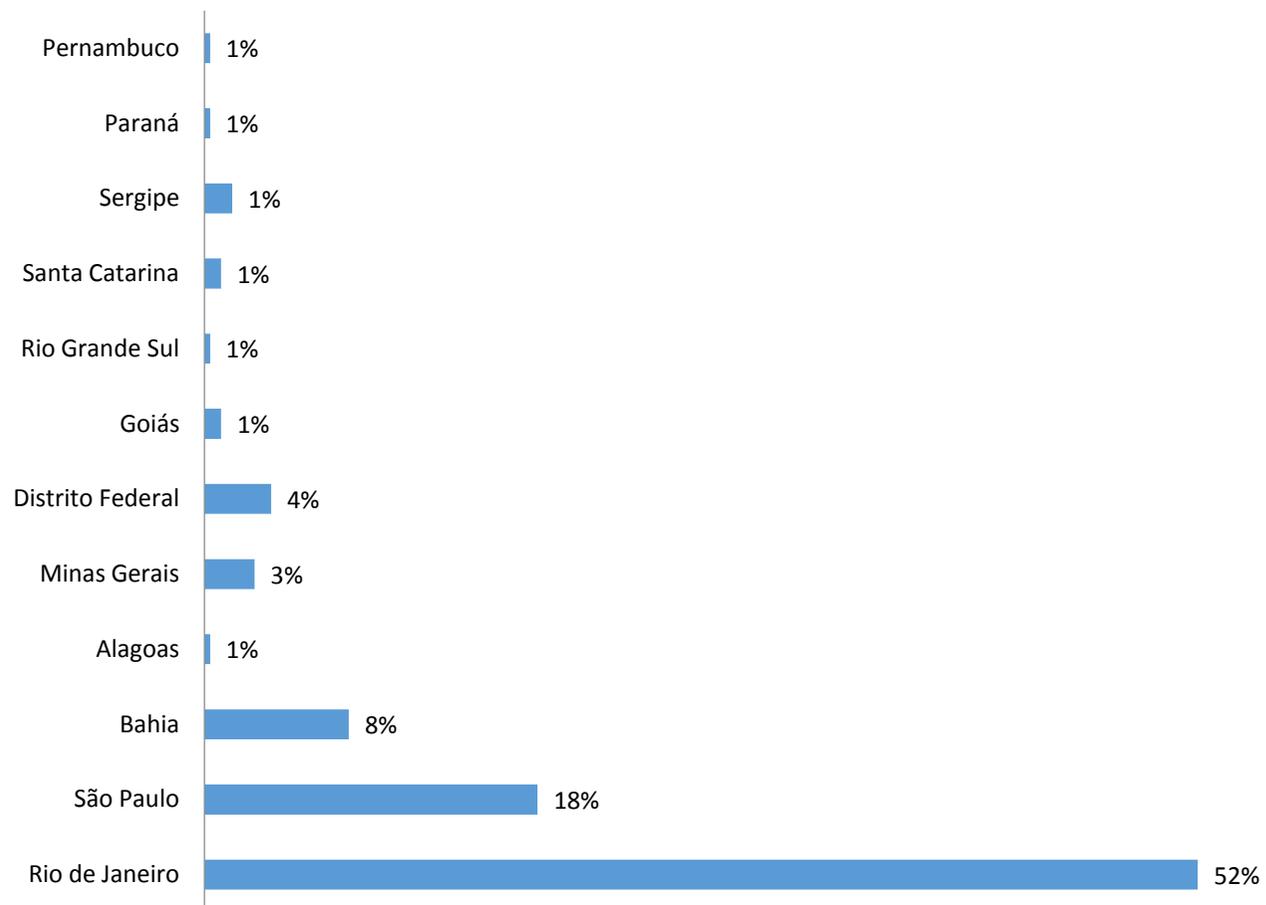


Gráfico da distribuição por estado brasileiro do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

Distribuição por Autoria

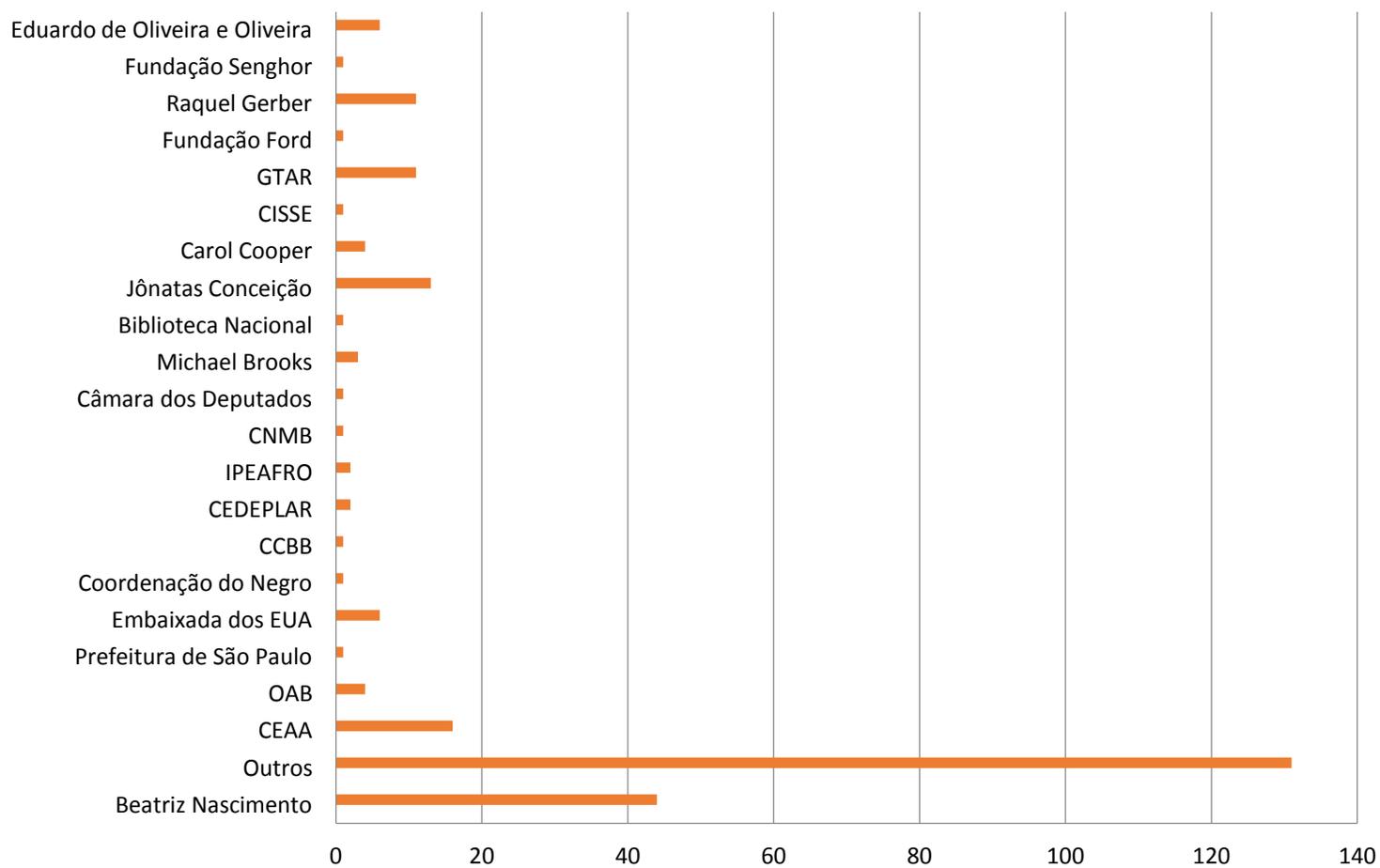


Gráfico da distribuição por autoria do Fundo Maria Beatriz Nascimento.

3.3.3 APRESENTAÇÃO ANALÍTICA DO CONTEÚDO

No tópico, procuro apresentar ao leitor detalhes dos materiais inventariados que compõem o Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento. Cada conjunto de documentos foi igualmente importante para esclarecer um percurso intelectual trilhado por meio de experiências políticas, acadêmicas, sociais, existenciais. Muitas vezes, pequenos fragmentos de textos ou anotações elucidaram aspectos relevantes do trabalho intelectual, profissional e político de Beatriz Nascimento. E neste sentido poderia destacar os detalhes contidos nos diários de campo e relacioná-los com as conclusões de seus estudos sobre o quilombo, bem como sobre as anotações pessoais que revela peculiaridade em relação ao seu pensamento sobre a mulher negra. Nessa perspectiva, aquilo que normalmente seria considerado irrelevante em uma pesquisa, acabou assumindo, em alguns momentos, lugar privilegiado no esclarecimento de aspectos relacionados aos interesses, aos pontos de vista e às discordâncias intelectuais de nossa personagem. Por fim, organizei os grupos inventariados em tópicos, agrupando as informações em torno do material examinado.

3.3.3.1. CORRESPONDÊNCIA

A riqueza desse grupo está na correspondência passiva, uma vez que a comunicação ativa é composta de pouco material. O exame dessa série ajudou a identificar a natureza da rede social e profissional à qual Beatriz Nascimento estava ligada, principalmente o contato com a intelectualidade negra brasileira. O uso frequente do texto epistolar não deve nos surpreender em uma época permeada pelas tecnologias analógicas. A correspondência servia na comunicação privada entre pessoas, grupos e organizações e nela circulavam estratégias e táticas para correlação de forças no campo político e intelectual. A correspondência também nos permite olhar para um momento histórico – entremeado pela censura militar – e identificar as possíveis ligações entre pessoas, grupos e organizações. Possibilita ainda estabelecer conexão entre ideias, lugares e público-alvo. Uma maior atenção sobre esse grupo também pode revelar o trabalho de autores e autoras negros, e de outras classes de intelectuais orgânicos especialmente aqueles relacionados à causa dos negros na política nacional, nos “novos” movimentos sociais conhecidos como Movimento Negro Brasileiro Contemporâneo (TRAP, 2015) e o Movimento Acadêmico Negro (RATTS, 2009).

Em destaque cito: Carta de Gloria Samuels lembrando o Festival Africano em novembro de 1975, em 1975; Carta da Égide Editora solicitando um trabalho de sua autoria para compor o “Jornal Mensal” sobre o Quilombo de Jabaguara, em 1978; Carta da “Abertura” solicitando um trabalho de sua autoria para compor o próximo número, em 1978; Carta de recomendação de Maria de Oliveira Berriel à ICHF/UFRJ para trabalho de pesquisa histórica etnográfica, em 1978; Carta a Erivaldo Freitas (terreiro mãe-menininha) convidando a participar do conjunto baiafro durante os festejos dos “90 anos da abolição da escravatura”, em 1978; Convite da Fundação Nacional Pró-memória para participar da proposta de criação do Parque Histórico Nacional do Zumbi, em 1980; Carta para a Embaixada dos Estados Unidos (Robert M. Sayer) solicitando informações sobre possíveis vagas para afro-brasileiros em escritórios e consulados. Informa que o GTAR se ocupa com atividades acadêmicas na área de estudo das relações raciais no Brasil e junto à comunidade afro-brasileira, 1980; Convite da Fundação Cultural do Estado da Bahia para participar e enviar comunicação para o Seminário “Cinema e Descolonização”, em 1980; Carta informando o resultado do debate sobre o processo de descolonização cultural, durante o Secneb’81, em 1981; Carta da United States International Communication Agency agradecendo a colaboração durante o Seminário “O Brasil e os Estados Unidos: além dos estereótipos”, em 1981; Carta da Editora Vozes informando o recebimento do manuscrito “Por uma história do homem negro”, em 1982; Convite para o Secneb’84, em 1984; Carta de agradecimentos pela participação no Secneb’84, em 1984; Carta de Beatriz Nascimento congratulando pelo Secneb’84, em 1984; Carta agradecendo a

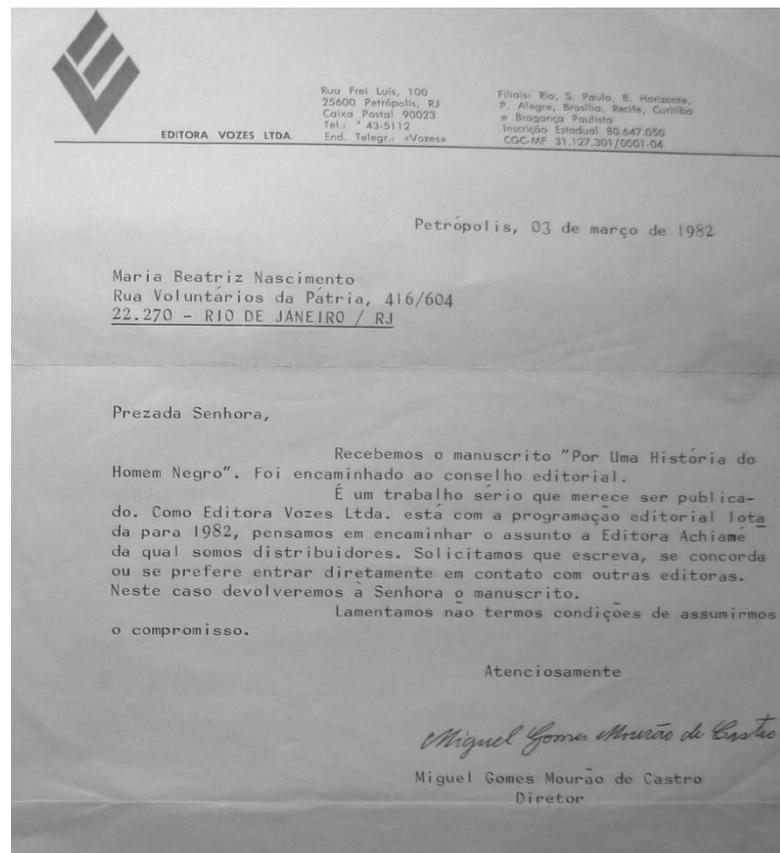


Figura 6: Carta da Editora Vozes, 1982.

Figura 6: Carta da Editora Vozes, 1982.

participação no curso do IPEAFRO, em 1984; Convite para participar da assinatura da Lei Municipal 288/84 que institui o 20 de novembro, o Dia Cabofriense da Cultura Negra, em 1984; Convite do Memorial Zumbi para a peregrinação à Serra da Barriga, no Dia da Consciência Negra, em 1984; Convite do Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yorubá para participar da mesa de debates sobre viabilidade da criação da Universidade do Negro, pelo Centro de Formação de Líderes, em 1985; Carta da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo informando o adiamento da publicação do artigo de Beatriz na revista, em 1985; Carta do MNU da Bahia confirmando a agenda de Beatriz em Salvador para falar sobre pontos abordados em sua produção intelectual, visita ao bloco Ilê Ayê. Sugere que solicite a passagem ao Pró-memória ou a Abdias, em 1985; Convite para participar do Ato Público para exigir a saída da Embaixada da África do Sul do território nacional brasileiro, em 1985; Convite para participar da mesa “O negro e a educação”, em 1985; Carta da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo com sugestões de ajustes para o artigo enviado para publicação, em 1985; Convite para participada do encontro “Macumba”, cujo objetivo é discutir temas como samba, carnaval, candomblé, umbanda, identidade, relações raciais, crime, em 1986; Carta da SECPLAN solicitando sugestões para o evento realizado no dia 13 de maio, em 1986; Carta da Fespac informando o objetivo do encontro em Dakar: desenvolver uma estratégia da presença na África e no mundo negro em relação a ciência e tecnologia, em 1987; Convite para posse do novo grupo de conselheiras da Comissão da Mulher do Conselho Estadual da Condição Feminina, em 1987; Convite para participar da “Festa Angola” no Circo Voador pelos doze anos independência do país, em 1987; Carta convite da Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo - do II Perfil da Literatura Negra abrindo as comemorações do Centenário da Abolição, tendo como atividade a Exposição de Arte Africana. No evento temas como “O estereótipo do negro nos meios de comunicação”, “A participação da literatura no processo absolutista”, “A poesia e música popular”, “Literatura e identidade”, “A literatura como forma de resistência”, “Literatura afrodiáspora: pontos de convergência”, “A literatura negra na literatura brasileira”, “Literatura negra: conceitos e caminhos”, em 1987; Convite para participar do “II Perfil da Literatura Negra: mostra internacional de São Paulo”, em 1987; Carta da Fundação Gregório de Matos em apoio à finalização do documentário Ôrí, em 1987; Carta da Prefeitura de São Paulo (Secretaria de Cultura) em apoio à finalização do documentário Ôrí, em 1987; Carta da Embrafilme em apoio à finalização do documentário Ôrí, em 1987; Convite do Arquivo Nacional para solenidade de comemoração dos 150 anos do órgão, em 1988; Convite da OAB para participar do Seminário “A mulher negra e o trabalho, integrando as atividades do

Tribunal Winnie Mandela, com objetivo de analisar às barreiras da mulher negra no Brasil, em 1988; Convite da OAB para o 3º Seminário Preparatório do Tribunal Winnie Mandela sobre “Reprodução e Dinâmica Demográfica da População Negra”, em 1988; Convite da OAB para reunião de encerramento do ciclo de seminários de preparação do Tribunal de Winnie Mandela com o tema: “Mulher Negra e Violência”, em 1988; Carta de Maria Lucia de B. Mott sobre um texto enviado por Beatriz sobre o calendário de Mulheres Negras, em 1988; Carta da Coalition of Black Business and Professional Women sobre a intenção de organizar um Diretório Internacional de Recursos para Mulheres, com o objetivo de criar uma rede internacional, em 1988; Carta de Rosemarie Rocha Cisse de Dakar mandando notícias e comentando as lembranças da família com a passagem rápida, mas significativa de Beatriz pela cidade durante a realização do Fespac. Comenta a vitória das eleições de Abdou Diouf, em 1988; Convite do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher para escrever um artigo visando as comemorações do Centenário da Abolição, 1988; Convite da Comissão de Mulheres Negras do Conselho Estadual da Condição Feminina para participar do livro: “Enfim...Nós, Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas”, em 1988; Carta de agradecimentos por ter colaborado com o calendário de 1988, “As mulheres na luta contra a escravidão”, em 1988; Convite do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil para homenagem “Dia Nacional da Mulher”, em 1988; Convite para enviar proposta para a Comissão Combate ao Racismo do Conselho Mundial de Igrejas, em 1988; Carta de Beatriz Nascimento à Comissão Cultura Afro-Brasileira sobre a minuta do Estatuto da Liga Internacional de Escritores, em 1988; Carta do Foret Sacree de La Casamance solicitando apoio para contatar empresas do ramo artístico para uma possível apresentação do grupo de balé no Brasil, em 1988; Carta do MNU de Goiás agradecendo a participação de Beatriz na programação do Dia Nacional da Consciência Negra, realizado com a exibição de Ôrí e debate com o público presente, em 1989; Convite da Prefeitura de São Paulo para participar da “I Jornada do Negro”, dentro do “Projeto Consciência e Liberdade: o negro e a república”, em 1989; Convite da Prefeitura de São Paulo para participar das comemorações do “Mês da Consciência Negra”, dentro do “Projeto Consciência e Liberdade: o negro e a república”, em 1989; Carta de Luis festejando a premiação de Ôrí no Fespac, e convidando para que vá a São Paulo comemorar com a equipe, em 1989; Convite da Prefeitura de São Paulo para participar da posse da Coordenadoria Especial do Negro, em 1989; Convite da UFMG para participar do Seminário Internacional sobre Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo, organizado com o apoio da Fundação Ford, em 1990; Convite para participar da comemoração do “Dia da Consciência Negra” junto ao monumento Zumbi dos Palmares, na praça onze, em 1990; Carta

do MNU da Bahia comemorando 12 anos de luta contra o racismo e convidando para a inauguração da sede própria no Curuzu, em 1990; Convite do CEDEPLAR para participar Seminário Internacional sobre “Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo”, em 1990; Carta ao professor Bruno Silveira (Fundação Emílio Odebrecht) explanando sobre o Projeto Micro-Centro de Informação para a Cooperação no Desenvolvimento Internacional Afro-brasileiro:1990, em 1990; Convite da Associação Nacional Casa Dandara para participar do ciclo de palestras dos “500 anos do descobrimento da América”, com a palestra do professor Dr. Ronaldo Vainfas, intitulada “A participação das igrejas cristãs no projeto de colonização e escravidão das Américas”, em 1991; Convite da CEPIA para participar do Encontro Mulher,

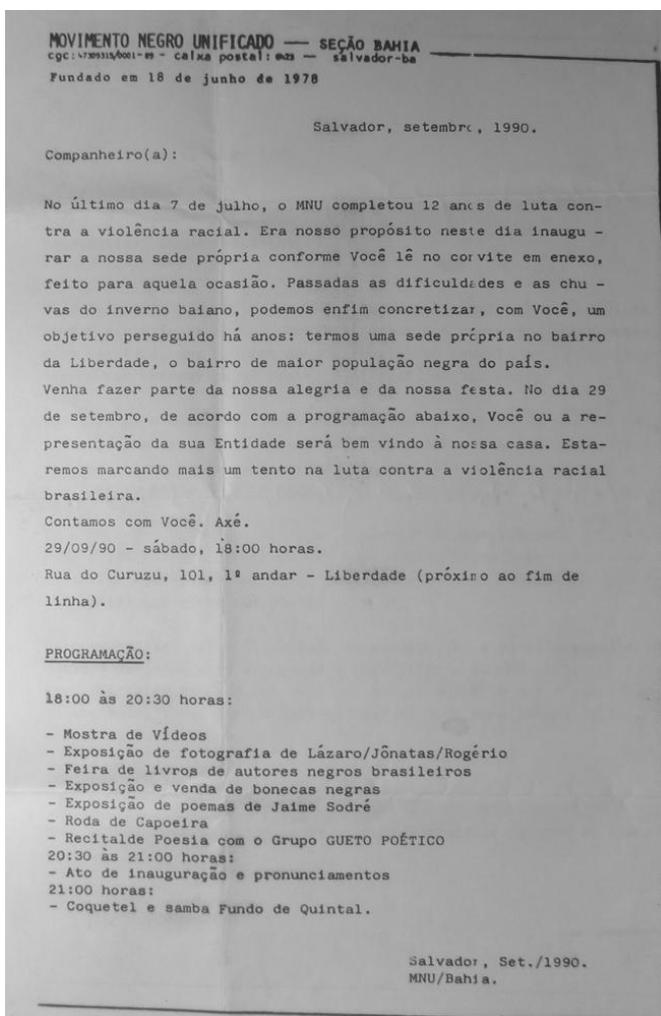


Figura 7: Carta do MNU, em 1990.

saúde e meio ambiente, em 1991; Convite da Coordenação Especial do Negro – São Paulo – para participar da Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento com a participação de entidades ligadas ao movimento negro e religiosas afro-brasileiras, em 1992; Carta de Marcela Punzo falando sobre a intenção de organizar uma exibição em Roma do filme-documentário Ôrí com a participação de Beatriz e Muniz Sodré, em 1992; Convite da Comissão Nacional de Universitários Negros para debater o tema “O papel da universidade na luta contra o racismo”, no seminário sobre “Relações raciais na universidade”, em 1992; Convite da prefeitura de São Paulo para participar do Seminário sobre Discriminação e Políticas, em 1992;

Carta de Marcella comentando a tentativa por parte do Centro de Estudos Brasileiros em Roma organizar um seminário sobre “Cultura e Movimento Negro” com a participação de Beatriz e Muniz Sodré. Comenta a publicação de artigo de sua autoria em uma revista na Itália sobre o candomblé, e o crescente interesse sobre o tema no país, em 1992; Carta da

Prefeitura do Rio de Janeiro com a confirmação da inscrição no II Encontro Latino Americano de Educação, em 1992; Convite da Assessoria dos Direitos Humanos para debater no “Seminário modernização das relações de trabalho: a questão das desigualdades raciais”, em 1992; Carta de Marcelle falando sobre o lançamento da Revista de Massimo Cameracci com o artigo da entrevista com Beatriz e Azoilda, bem como de um projeto a ser financiado pela comunidade europeia, em 1993; Convite para o seminário “A cidade e suas falas: o Rio em debate”, com a conferência “Comunicação urbana: a polifonia nas grandes cidades” por Massimo Canevaccie, 1993; Carta do Centro Cultural Municipal José Bonifácio agradecendo a participação na “Semana Agostinho Neto”, em 1993; Convite do CNMB para participar da cerimônia de homenagem às Dez Mulheres do ano de 1993, em 1994; Convite da Biblioteca Nacional para a exposição “Para uma História do Negro no Brasil” com ciclo de palestras sobre o tema com a participação de Joel Rufino, “450 anos de resistência do negro a opressão”, e Lélia Gonzalez, “Ser negro no Brasil hoje”, sem data.

O grupo é formado por documentos que incluem cartas, cartões, ofícios, convites. Procurei me deter nas correspondências que Beatriz Nascimento mantinha com intelectuais e instituições, devido à natureza do trabalho investigativo ao qual estou empenhado. Desse agrupamento, gostaria de destacar as correspondências com intelectuais da envergadura de Eduardo de Oliveira e Oliveira [1924-1980], Carlos Hasenbalg [?-2014], Clóvis Moura [1925-2003] e Jônatas Conceição [1952-2009]. Destaco também a comunicação com relevantes instituições da época, como SINBA, IPCN, GTAR, CEAA. Essa coleção demonstra a ascensão da vida pública de Beatriz Nascimento no decurso de sua trajetória intelectual. Não foram localizados registros da comunicação pessoal de Beatriz Nascimento com Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, apesar de esse último manter intensa comunicação por intermédio do IPEAFRO.¹³⁹ Saliento ainda que a análise exclusiva dessas cartas, ofícios, convites poderia desdobrar esta pesquisa em um trabalho cujo objetivo estivesse voltado ao estudo de ideias pouco exploradas e ao percurso de pessoas relevantes na história nacional.¹⁴⁰

Como salientei, a minha intenção é poder proporcionar ao leitor detalhes da comunicação de Beatriz Nascimento com importantes nomes da intelectualidade negra de sua época. Quero iniciar pela correspondência com Eduardo de Oliveira e Oliveira na qual os interlocutores mantêm um tratamento de colegas. Inicialmente, analiso a correspondência

¹³⁹ Foi localizada uma carta dirigida a Lélia Gonzalez e Anselmo Vasconcelos sobre um episódio envolvendo a peça “88 – a causa da liberdade”. Ver carta datada de 1988, de Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴⁰ Creio ser pertinente lembrar que foi com as cartas do período colonial que Beatriz Nascimento desmascarou a farsa do desaparecimento dos núcleos negros e da dissolução étnica e racial dos antepassados africanos na sociedade brasileira.

sobre as organizações de trabalho, para um dos encontros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Eduardo de Oliveira e Oliveira escreve:

Beatriz, aí está em letra de forma o encaminhamento da SBPC. Como você pode ver conseguimos todos os três pedidos. [...] Mando a cópia para com ela você negociar com Nelson Carneiro. É imprescindível a presença de uma pessoa como ele para projetar de forma contundente o nosso simpósio.¹⁴¹

Em outra carta, Beatriz Nascimento responde:

Eduardo, recebi sua carta, repondo: 1) SBPC – a) Falei com Carneiro por telefone ele marcou o “papo” para a entrega da carta sexta-feira (10/03) pois vai para Brasília hoje e chegou antes de ontem de lá... b) Falei com Carlos Alberto Medeiros que “topou” mas só conversamos dia 7, terça-feira. Quanto a Lafite (Lafite, não acerto!) e ao geneticista, só você mesmo pode “transar”. Na próxima semana enviarei os artigos que prometi a ela. Em caso negativo de Carneiro, fracamente não sei quem poderia substituí-lo. No momento minha mente está em branco. Mas vou pensar. Até lá (vou ainda conversar com ele) é esperar.¹⁴²

Nessas breves palavras, podemos inferir algumas das estratégias da intelectualidade negra para lutar contra o silenciamento da questão negra no campo intelectual brasileiro. Na década de 1970, a SPBC havia introduzido os debates próprios das Ciências Sociais e Humanas nos encontros marcados pela crescente oposição aos governos militares. Em 1977, a ditadura militar procura suspender o encontro daquele ano, proibindo duas tentativas consecutivas de realização da 29ª Reunião Anual da SBPC, uma, em Fortaleza, e outra, em São Paulo; somente depois, a PUC/SP cedeu o espaço para a realização do evento.¹⁴³ Em outras correspondências, identifiquei um intenso diálogo sobre a proposição de projetos futuros em que Eduardo de Oliveira e Oliveira se mostra como colega de trabalho:

Beatriz, devo ir ao Rio impreterivelmente dia 12 para combinar sua vinda a São Paulo para discutirmos coisas. [...] A questão de Florestan [Fernandes] e do Caio Prado [Junior] é uma atitude pública de prestígio a homens que nortearam os destinos da sociologia e da história e que foram punidos por isso. [...] Me diga o que acha.¹⁴⁴

¹⁴¹ Ver carta sem data (1977?), de Eduardo de Oliveira e Oliveira para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴² Ver carta datada de 03 de março de 1978, de Beatriz Nascimento para Eduardo de Oliveira e Oliveira. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴³ Segundo Rafael Petry Trapp (2015), Beatriz Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira e Clóvis Moura organizaram o simpósio “Brasil Negro”, na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada na PUC-SP, em 1977.

¹⁴⁴ Ver carta datada de 03 de janeiro de 1978, de Eduardo de Oliveira e Oliveira para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

Entre as cartas, há o registro de um incidente com Eduardo de Oliveira e Oliveira. Tudo indica que o fato esteja ligado à possível disputa intelectual. Vejamos, nas palavras de Beatriz Nascimento, como este drama se estabeleceu:

Em virtude dos mal-entendidos que ocorrem enquanto me encontrava trabalhando como sua companheira nos festejos da passagem dos 90 anos da Abolição da Escravatura aí em São Paulo, venho por meio desta apresentar-lhe o meu veemente protesto frente a incompreensão que, sem eu tomar conhecimento, permeou nossas relações de trabalho.¹⁴⁵

Presumo que Beatriz Nascimento referiu-se às comemorações da abolição em 1978, quando a proposta era transformar o 13 de Maio em uma data de profundas discussões e denúncias sobre a vulnerabilidade da população negra no país. Em outro trecho da correspondência, ela reivindica um lugar na intelectualidade negra brasileira. Em suas palavras, é possível identificar o reconhecimento do seu papel enquanto uma intelectual negra no país:

Quero deixar claro que o meu papel nos trabalhos sobre as condições do povo ao qual grupo pertencem no Brasil, foi sempre de uma idoneidade e integridade que representa meu próprio esforço de vida. Se V.Sa. pensou em se dedicar a uma causa, creio eu que os indivíduos envolvidos na mesma – não só aqueles que se encontram numa posição menos evoluída, mas, principalmente aqueles que colaboraram na mesma causa – mereciam de V.Sa. respeito ilimitado e consideração ilibada.¹⁴⁶

Mais claramente, ela cita, em outro momento, o seu desagrado frente à acusação de Eduardo de Oliveira e Oliveira:

Imaginei conscientemente que isto contasse para um esforço de pelo menos 9 meses (desde quando o senhor se desculpou frente a mim e a minha família) da acusação de ter cometido um “crime de lesa-ciência” (lembro-lhe que mais duas pessoas foram acusadas de tal delito).¹⁴⁷

Finalmente, Beatriz Nascimento acusa o colega sociólogo do uso indevido de suas ideias:

Diante da atitude maldosa e desleal e arbitrária de V.Sa. quero textualmente reiterar o que lhe afirmei às 11hs do dia 13/05/78 no Cemitério da Consolação: minhas palavras, minhas hipóteses de trabalho são minhas, somente eu poderei utilizá-las com arbítrio.¹⁴⁸

¹⁴⁵ Ver carta datada de 22 de maio de 1978, de Beatriz Nascimento para Eduardo de Oliveira. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 6, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴⁶ Ver carta datada de 22 de maio de 1978, de Beatriz Nascimento para Eduardo de Oliveira. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 6, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴⁷ Ver carta datada de 22 de maio de 1978, de Beatriz Nascimento para Eduardo de Oliveira. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 6, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁴⁸ Ver carta datada de 22 de maio de 1978, de Beatriz Nascimento para Eduardo de Oliveira. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 6, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

É possível que eles tenham resolvido o impasse e restabelecido contato. Pelo menos, é isso que transparece em trecho do filme-documentário “Ôrí” que ficou registrado na edição final da obra: “Essa cidade que Eduardo amou! Eu estou voltando, Raquel. Tão bom retorno” (NASCIMENTO, 1982d, p. 09). Ela estaria se referindo a São Paulo, cidade onde Eduardo de Oliveira e Oliveira viveu e morreu.¹⁴⁹

Na correspondência com Carlos Alfredo Hasenbalg, era mantido o distanciamento característico das relações profissionais. A comunicação era formada por convites, solicitações, ofícios. Não há registro de comunicação direta com Hasenbalg, mas, somente, de perfil institucional:

Prezada Beatriz, em virtude da coincidência da reunião sobre o Boletim do Centenário marcada para o próximo dia 27 com o encontro da ANPOCS, gostaríamos de adiar a referida reunião para terça-feira, 1º de novembro, às 17hs.¹⁵⁰

A carta é datada da época em que o sociólogo estava à frente da coordenação do CEAA. Nas correspondências, foi possível observar um contínuo interesse nos trabalhos de Beatriz Nascimento. Isso pode ser verificado nos inúmeros convites para participar ou proferir palestra sobre temas relacionados à negritude, ao racismo, ao quilombo, à história do negro. Entre elas quero destacar: Convite para participar do 5º Encontro “Macumba”, com a participação do sociólogo Julio Cesar Tavares, em 1987; Convite do CEAA para participar do 10º Encontro “Macumba” com a participação de Eduardo Silva da Fundação Casa de Raul Barbosa, em 1987; Convite para participar do conselho consecutivo da revista Estudos Afro-Asiáticos organizada pelo CEAA, em 1987; Convite do CEAA e do GTAR para o 8º Encontro “Macumba”, com a participação do diretor do Bloco Olodum apresentando o trabalho “Ação cultural como fator de conscientização da comunidade afro-baiana”, em 1987; Convite do CEAA para participar do 10º Encontro “Macumba” com a participação de Eduardo Silva da Fundação Casa de Raul Barbosa, em 1987; Convite do CEAA para o 11º Encontro “Macumba” com a participação de Nelson do Vale Silva com o trabalho Distância Social e Casamento Inter-Racial no Brasil, em 1988; Convite para a 14º Encontro “Macumba” com a participação do economista Carlos Vainner apresentando o trabalho “Estado e raça: reflexões sobre a administração de um laboratório racial”, em 1988; Convite do CEAA para 15º Encontro Macumba com a participação do antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira

¹⁴⁹ Conforme Rafael Petry Trapp (2015), “Eduardo de Oliveira e Oliveira foi um ativista negro, músico, teatrólogo, publicitário, professor, e, sobretudo, sociólogo. Em meados dos anos 1950, mudou-se para a cidade de São Paulo, onde se radicou” (p. 5). O sociólogo nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1924.

¹⁵⁰ Ver carta ofício datada de 21 de janeiro de 1988, de Carlos Hasenbalg (CEAA) para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 6, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

apresentando o trabalho “Pagode: uma espaço de problematização do samba”, em 1988; Convite do CEAA para participar do Guia Fontes para a História da África, em 1988; Convite do CEAA para participar da 17º Encontro “Macumba” com a participação do professor Beto Mussa, apresentando o trabalho “Arte Poética do Escravo Negro”, em 1989; Convite do CEAA para participar da 18º Encontro “Macumba” com a participação de Vera Figueira, apresentando o trabalho “O preconceito racial na escola”, em 1989; Convite do CEAA e IFCS/UFRJ para participar do 20º Encontro Macumba com a participação do antropólogo Hermano Vianna com o trabalho “Metrópoles Africanas e Modernidade: algumas impressões de viagem, em 1989; Convite do CEAA para participar da palestra de Moema De Poli Teixeira Pacheco, intitulada “Raça e crime: uma leitura do censo penitenciário do Rio de Janeiro”, em 1993; Convite do CEAA para participar da palestra da professora Sheila S. de Castro Faria, intitulada “Casamento e desigualdade: Rio de Janeiro séc. XVIII”, em 1994; Convite do CEAA para participar da palestra da Dra. Barbara Carter, com o tema “Os afro-americanos e as relações raciais nos Estados Unidos”, em 1994.

Com Jônatas Conceição, mantinha uma correspondência em tom fraternal, repleta de termos afetuosos. Entre elas desataco: Carta de Jônatas Conceição enviando o texto de apresentação no I Encontro de Escritores Negros, em 1985; Carta de Jônatas Conceição informando a sua ida ao Rio de Janeiro para participar do II Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros, em 1986; Carta de Jônatas Conceição informando sobre a publicação de “Outras Miragens” e solicita que Beatriz faça a apresentação. Solicita confirmação do aceite para encaminhar os materiais, em 1988. O amigo e poeta escrevia demonstrando certa intimidade: “Beatriz, recebi sua correspondência. Muito lhe agradeço pelo texto. Custa-me acreditar o acontecido com Marlene. Força e axé”.¹⁵¹ Mesmo se tratando de assuntos de trabalho, o tom amigável era mantido: “Beatriz, desculpa a demora em escrever-lhe. É a lida da vida. Em termos concretos não vou fazer o lançamento no Rio, este ano”.¹⁵² O livro à que ele se refere é *Outras Miragens: Miragem de Engenho*, uma coletânea de poemas inéditos cuja apresentação Beatriz Nascimento foi convidada a escrever:

Sobre Outras Miragens quero apenas uma apresentação. 3 a 4 laudas, não é? Uma apresentação crítica, que introduza o leitor no livro (frase banal!). [...] Pode sugerir

¹⁵¹ Ver cartão postal datado de 25 de maio de 1988, de Jônatas Conceição para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁵² Ver carta sem data de Jônatas Conceição para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

alterações nos títulos e ordem dos poemas. Beatriz, estou duro. Vamos nos comunicar apenas por carta.¹⁵³

Em outra série de correspondências, encontrei as cartas de Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. É possível constatar que entre eles, havia, além de uma relação profissional, um sentimento de amizade.

O sociólogo negro diz:

Depois de tantos anos volto a lhe escrever. O meu silêncio foi correspondido pelo seu e, quando nos encontrávamos, parece que a distância esfriou nossa amizade, o que não é verdade. [...] Em Brasília vi um livro seu em parceria com Helena Teodoro. Fiquei alegre em ver o seu nome na capa do livro e estou muito interessado em conhecê-lo.¹⁵⁴

Em outro trecho, ele descreve o andamento de seus últimos trabalhos a Beatriz Nascimento:

Eu aqui continuo trabalhando muito. Estou redigindo um Dicionário da Escravidão no Brasil e lançarei dois livros: Sociologia do Negro no Brasil e a 4ª edição do Rebelião da Senzala ampliado, em uma edição definitiva. O ano passado publiquei Quilombos. Não sei se ele chegou por aí. Se não, me diga para lhe enviar um exemplar.¹⁵⁵

O grupo inventariado também permite identificar a relação de Beatriz Nascimento com as instituições de fomento intelectual, como a Fundação Abdias do Nascimento, a Fundação Léopold Sédar Senghor, o IPEAFRO e o GTAR. Há também correspondências trocadas com a Fundação Ford, no período em que ela recebeu financiamento para a pesquisa que resultou na elaboração do relatório “Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Existem cartas e ofícios que revelam a intensa comunicação com o CEEA durante vários anos. Com a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, foram tratadas questões relacionadas à vida profissional de Beatriz Nascimento como professora da rede estadual de educação. Nesse conjunto quero colocar em destaque: Carta da Fundação Ford lembrando o prazo excedido da entrega do Relatório Final, solicitando informações sobre possíveis atrasos e necessidade de prorrogação de prazo, 1980; Carta de Beatriz Nascimento à Fundação Ford sobre as razões do atraso para entrega do relatório final: curso de mestrado, dificuldade de integrar os procedimentos metodológicos à escrita final e retorno a campo para última coleta de dados, em 1980; Convite do GTAR para

¹⁵³ Ver carta datada de 20 de julho de 1988, de Jônatas Conceição para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 28, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁵⁴ Ver carta datada de 01 de março de 1988, de Clóvis Moura para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁵⁵ Ver carta datada de 01 de março de 1988, de Clóvis Moura para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 26, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

participar do “Painel Quilombo: raiz da liberdade”, em 1987; Convite da Fundação Nacional Pró-memória para participar da proposta de criação do Parque Histórico Nacional do Zumbi, em 1980; Carta agradecendo a participação no curso do IPEAFRO, em 1984; Convite do GTAR para na 10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, participar da mesa “Quilombo urbanos: dez anos depois”, em 1984; Convite do GTAR para participar da 11ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, com o tema “A arte negra: cultura e resistência”, em 1985; Carta de Elisa Larkin Nascimento informando o envio do projeto de publicação dos livros da série Sankofona e solicitando o complemento do seu ensaio, sem data.

Há correspondências de cunho político das quais destaco a comunicação com o gabinete de Jurema Batista e de Carlos Alberto Oliveira, o Caó.¹⁵⁶ Em destaque enumero: Carta do Gabinete de Jurema Batista promovendo sessão solene para comemorar o Dia Mundial da Dignidade e Orgulho Gay, em 1994; Carta de Caó denunciando os ataques sistemáticos da Rede Globo de Televisão, em 1987; Carta de Caó encaminhando o pronunciamento na Assembleia Nacional Constituinte com o discurso contra a campanha de difamação da Rede Globo, em 1987. Vejamos um trecho em que o político negro informa sobre a aprovação de projeto de lei de sua autoria na Câmara dos Deputados:

Prezado Companheiro (a), tenho a máxima satisfação de lhe encaminhar o texto da emenda, da minha autoria, aprovado pela Assembleia Nacional Constituinte, declarando, pela primeira vez, ao longo da história republicana, que a prática do racismo constitui crime inafiançável.¹⁵⁷

A correspondência pessoal de Beatriz Nascimento demonstra uma longa e contínua relação com intelectuais e militantes fora e dentro do país. Entre elas, gostaria de destacar as cartas com Michael Brooks¹⁵⁸ e Carol Cooper: Carta de Michael Brooks falando sobre ter conhecido Carol Cooper em Salvador, em 1976; Carta de Michael Brooks com exemplar da revista “Essence”, com artigo de Carol Cooper. A carta foi escrita antes de Beatriz e Carol tenham se conhecido dando sinais de possíveis interesses em comum, em 1976; Carta de Carol Cooper enviando notícias sobre a vida nos Estados Unidos: informando o trabalho no journal “Village Voice”, comentando questões de política internacional, o estímulo do governo estadunidense em negócios com empresas brasileiras, o visível trânsito de brasileiros

¹⁵⁶ Carlos Alberto Oliveira foi autor da Lei 7437/85, que torna contravenção, punida nos termos desta lei, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil.

¹⁵⁷ Ver carta datada de 8 de fevereiro de 1988, de Carlos Alberto Oliveira para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 28, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁵⁸ A informação que tenho sobre Michael Brooks é que se trata de um jovem estudante estadunidense cuja amizade com Beatriz Nascimento além de diálogos sobre a causa negra, também proporcionou novas amizades, como foi o caso de Carol Cooper.

no país para fazer turismo, estudar e trabalhar, em 1980; Carta de Carol Cooper falando sobre os planos da participação de Beatriz Nascimento nos Seminários de Verão da Cornell University sobre o desenvolvimento das sociedades quilombolas diasporicas. Informa a realização de uma série de conferências no Brasil na qual contam a sua participação, sem data; Carta de Carol Cooper falando sobre Jimmy Carter ser o próximo presidente dos Estados Unidos, e o receio de suas ideias com relação a população negra. Fala das danças e do corpo negro. Exprime preocupação com a segurança de Beatriz. Pede uma visita e que aprenda inglês, sem data; Carta de Carol Cooper dando pêsames à família pela morte de Beatriz Nascimento, em 1995. Vejamos o trecho da carta em que Michael Brooks manifesta o desejo de apresentar a jovem Carol Cooper à Beatriz Nascimento:

Uma coisa. Eu conheci uma moça americana negra quanto estive em Salvador. Ela é estudante e às vezes jornalista. Ela é jovem, muito bacana. Ela pretende visitar uma amiga no Rio no início de agosto e como eu falei tanto de você ela está interessada em te conhecer. Acho que você vai gostar de conhecer ela também. Eu já dei o seu telefone para ela. O nome dela é Carol Cooper.¹⁵⁹

Com a socióloga e cineasta Raquel Gerber, correspondeu-se durante todo o período em que estiveram à frente da produção do filme-documentário “Ôrí”: “Bia, aí vão mais alguns textos. Seria bom você abrir uma pasta com índice e ir colecionando os materiais na ordem para sentir o desenvolvimento do trabalho”.¹⁶⁰ As cartas e os bilhetes demonstram a evolução e o processo de montagem do longa-metragem: “Querida Beatriz, aí vão notícias. O trabalho de Ôrí está retomado tendo ainda dores, mas estou ativando o possível. Começo hoje a ouvir as gravações”.¹⁶¹ Ou ainda, “Querida Beatriz, envio-lhe este cheque para possibilitar o envio do material de fotos e xérox de qualquer outro material de imagem que você descubra... imagens, imagens, necessárias sobre os quilombos e outros temas de nosso interesse”.¹⁶²

¹⁵⁹ Ver carta datada de 20 de julho de 1976, de Michael Brooks para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 2, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁶⁰ Ver carta datada de 20 de maio de 1985, de Raquel Gerber para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 20, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁶¹ Ver carta datada de 12 de agosto (sem ano), de Raquel Gerber para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 20, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

¹⁶² Ver carta datada de 18 de agosto (sem ano), de Raquel Gerber para Beatriz Nascimento. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 20, Código de Referência BR NA, RIO 2D.

3.3.3.2. Documentos pessoais

Por intermédio desse grupo, confirmamos uma série de acontecimentos na vida de Beatriz Nascimento: a graduação em História pela UFRJ, o trabalho como assistente de pesquisa na Fundação Getúlio Vargas (FGV), os vistos de entrada nos continentes africano e

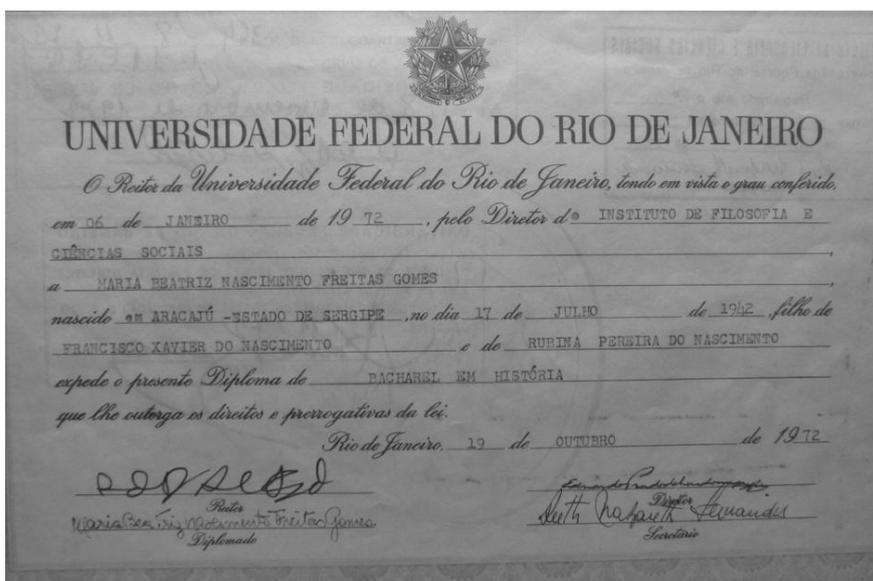


Figura 8: Diploma de Bacharel em História conferido a Beatriz Nascimento, em 1972.

questões envolvendo a saúde psíquica de nossa personagem, mas, por outro lado, isso nos interessa na medida em que encontramos entre a intelectualidade negra outros casos de distúrbios dessa natureza em Eduardo de Oliveira e de Hamilton Cardoso que sofreram de depressão. Vale ressaltar que Beatriz Nascimento recebeu acompanhamento profissional, mas, mesmo fazendo uso de medicação, foi internada para tratamento pelo menos uma vez.

Em resumo, Beatriz Nascimento se graduou em História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971. Ao consultar documentos de matrículas e de conclusão de curso, ficamos a par da conclusão da Especialização em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1981; e da aprovação na seleção de mestrado, em 1980, sem, no entanto, haver concluído o curso. Voltou a cursar a pós-graduação na década seguinte, em 1993, sob a orientação do professor Muniz Sodré, mas uma fatalidade interrompeu prematuramente a sua trajetória intelectual sem concluir a qualificação. Entre os trabalhos registrados na carteira profissional e no *curriculum vitae*, consta, como primeiro registro profissional, a função de pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 1977; pela Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social,

Destaco os registros envolvendo a vida pessoal e profissional, bem como as questões de saúde física e mental. Gostaria de esclarecer que foge ao escopo desse trabalho discutir profundamente

desempenhou a função de documentarista, em 1981; foi professora do magistério, no Rio de Janeiro, pela Secretaria de Estado de Administração, entrando para o quadro em 1984. No *curriculum* ainda constam a participação na organização das semanas de Estudo da Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, pelo GTAR; o filme-documentário produzido com Raquel Gerber; a participação em seminário, na Universidade de São Paulo (USP), organizado por Eduardo de Oliveira e Oliveira.

Os registros nos passaportes indicam viagens ao continente africano, com visto da República Popular de Angola, assim como visitas ao continente europeu, com entrada na Espanha, França, Alemanha e em Portugal. No continente sul-americano, consta o desembarque na Venezuela (não fica claro se foi uma conexão). Por meio desse tipo de registro, podemos inferir que a rede de relações de Beatriz Nascimento cresce na mesma proporção em que aumentam as viagens pelo Brasil e fora dele. Chamo a atenção para o fato de que, depois da finalização do filme-documentário “Ôrí”, a historiadora recebeu vários convites para participar de encontros intelectuais, em alguns casos com a presença de Raquel Gerber. O filme também foi exibido em festivais e encontros sem a presença das produtoras.

3.3.3.3. Produção Intelectual

Beatriz Nascimento possui uma vasta produção escrita. Entre os documentos, encontrei textos acadêmicos e políticos, artigos de opinião, esboços, poemas, roteiros cinematográficos. A produção intelectual é composta por temas relacionado à história do negro e, em especial, ao fenômeno do quilombo, à questão do racismo e à problemática da mulher negra. O eixo de condução de sua produção intelectual foi sem dúvida o quilombo: organização, resistência e protagonismo negro. No conceito de quilombo, estão intrínsecas reflexões sobre território, corporeidade, mulher negra que assumem uma dimensão cada vez mais simbólica e significativa da identidade negra no Brasil. Na expressiva produção intelectual, destacam-se “Por uma história do homem negro”, Revista de Cultura Vozes, em 1974; “Negro e racismo”, Revista de Cultura Vozes, em 1974; “Culturalismo e contracultura”, ICHF-UFF, em 1976; “A mulher negra no mercado de trabalho”, Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976; “O Quilombo do Jabaquara”, na Revista de Cultura Vozes, em 1979; “Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso”, Estudos Afro-Asiáticos, 1982; “Maria Beatriz Nascimento: Pesquisadora, 29 anos”, Record, em 1982; “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”, Afrodiáspora, em 1985; “A mulher negra e o amor”, Jornal Maioria Falante, n. 17, fev-mar, p. 3, 1990.

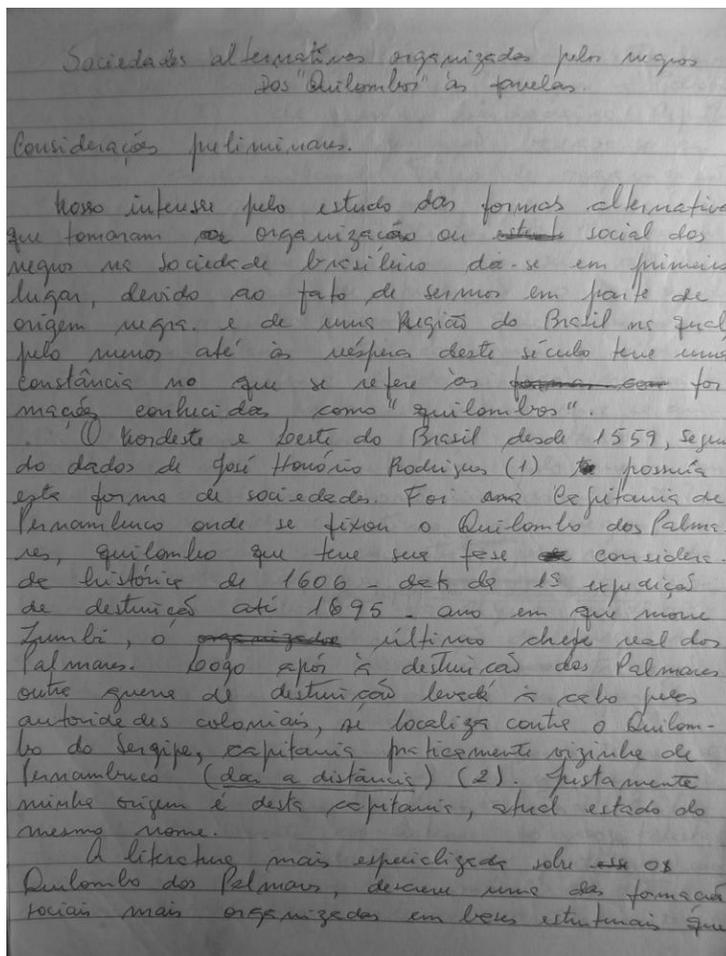


Figura 9: Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos quilombos às favelas (manuscrito).

Finalmente, é preciso contabilizar as produções poéticas sobre a negritude e a mulher negra. Beatriz Nascimento escreveu em torno de mil poemas. Como mencionei anteriormente, Bethania Gomes, filha da historiadora, e o professor Alex Ratts publicaram um número expressivo de poemas inéditos: “Reflete no escuro do teu corpo” e “Papai tu morreste e sabes?”, de 1983; “Quero escrever um conto” e “Rocio”, de 1984; “Urgência (Zumbi)”, de 1984/1985; “Urgência II (Quilombo dos Palmares)”, “Poema Sinfônico No. 1”, “Luci”, “Argonauta” e “Reflexões”, de 1985; “Paciência”, “Radicalismo”, “Interferências”, “Marúcia”, “Búzios”, “Lençóis”, “Luna”, “Cruz (Primeiro Nome)” e “Marcas”, de 1986; “Máscara”, “Absurdo”, “Sol e Blues”, “Surto final/Estação terminal”, “Dias de vigília”, “Agridoce”, “Rotas”, “Querer bem”, “Transgressão”, “Ilha de Vera”, “Professor”, “Noite de autógrafos”, “Prima filha”, “Quem me levaria a pensar”, “Memória”, “Inusitado”, “Ancestres” e “Mediocridade”, de 1987; “Várzea das Flores”, “Insegurança”, “Lanço-me no espaço”, “Imago”, “Mar”, “Mais uma vez saudade” e “Aeroporto”, de 1988; “Black Soul”, de 1989; “Anti-racismo”, “Slavers”, “Baby te amo”, “Invocação a Zumbi dos Palmares”, “Tudo isso não resgata a dor”, “Até ontem e amanhã” e “Nascimento”, de 1990; “Odisséia - Ano 2001”, de 1991.

Se partirmos da afirmação lejeuneana de que a autobiografia é um relato retrospectivo de uma pessoa sobre sua própria existência, com ênfase na vida pessoal, então, seria possível argumentar que os textos do filme-documentário “Ôri” podem ser considerados uma espécie de autobiografia de Beatriz Nascimento. Portanto, não seria absurdo dizer que o tom confessional presente em certos momentos do longa-metragem também estaria próximo do tipo de relato encontrado na obra agostiniana “Confissões”. O filme-documentário transcorre com a narradora compartilhando experiências e reflexões, em meio a sentimentos, olhares e vivências, como mulher, negra, nordestina e, acima de tudo, como intelectual que teve a coragem de desafiar as subjetividades do convívio com a família, a escola, a universidade e a militância.

O relato da nossa personagem se confunde com a vivência do exílio negro e com a perda da imagem social. O discurso sobre o quilombo – transformado em ponto de partida para a reconstrução mítica da memória social de um povo – revelaria a busca pela liberdade confiscada e pela imagem roubada. Esse processo dá-se contemporaneamente na representação social promovida por escolas de samba, terreiros de candomblé, bailes negros, evocação libertária da Serra da Barriga, imagens do corpo negro. A centralidade poética do documentário está no quilombo mítico, ou seja, na transposição do sentido histórico que chegou aos dias atuais na forma de núcleos negros, como também do corpo negro que

revelaria, simultaneamente, a presença da escravidão e da resistência a ela, por meio de performances, adereços, pinturas, cabelos. O corpo seria o território, o quilombo, aquilo que supostamente qualquer pessoa teria sob seu domínio. “Ôri” narra a busca de Beatriz Nascimento por seu corpo, sua imagem, seu território, seu quilombo. É a procura autorreferenciada, a libertação dos estigmas e da negrura no sentido fanoniano.

Há também, no grupo, produções de outras autorias que mostram o interesse de Beatriz Nascimento por temas como feminismo e mulher negra (GONZALEZ, 1979); escravidão (GRAHAN, 1974; SLENES, 1976; CONCEIÇÃO, 1987); movimento negro (COSTA, 1981); quilombo (ALMEIDA, 1986; D’ALELINS, 1986); racismo (GONZALEZ, 1988a; NASCIMENTO, 1988). É possível verificar quais eram as ideias que estavam circulando e de que maneira essas produções intelectuais dialogavam com sua visão sobre esses temas. O grupo ainda permite mapear quais as estratégias e táticas da formação de um público interessado na temática negra que buscava interlocução com questões vivenciadas cotidianamente. Na produção intelectual de outras autorias, foi possível inferir uma estratégia de “doutrinação” envolvendo temas, pessoas e instituições que estavam a cargo de um trabalho feito pelo ressurgimento do movimento negro e da ação coletiva de mulheres negras. Outro desdobramento possível do trabalho que estou empreendendo pode ser construir um mapa conceitual das ideias que circulavam na época, como forma de evidenciar a produção vinculada ao que chamamos de estudos das relações étnico-raciais.

3.3.3.4. Livros

O grupo reúne os títulos da biblioteca particular de Beatriz Nascimento. O acervo é composto por livros de literatura, poesia, história, antropologia, filosofia, sociologia, entre outros. Trata-se de uma biblioteca eclética, mas, com maior concentração de livros da área de História e de temática negra.¹⁶³ É possível argumentar que a manutenção de um conjunto de títulos e exemplares é parte da vida intelectual e a ele se recorre no processo de construção intelectual. Há obras que gozam de tal prestígio que fazem parte de um número expressivo de estantes como leituras essenciais de temas específicos. Na lista estão: *Adonis e o Alfabeto*, de Aldous Huxley; *Fogo do Olhar*, de Abilio Ferreira; *A Mina de Ouro*, de Agatha Christie; *Como Vejo o Mundo*, de Albert Einstein; *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do*

¹⁶³ Sugiro ao leitor consultar o Apêndice B para obter informações detalhadas do acervo particular de Beatriz Nascimento.

colonizador, de Albert Memmi; *Negras Raízes*, de Alex Haley; *A Filosofia através dos Textos*, de Alexandre Caballero; *Chama da Esperança*, de Alice Cardoso Lucio; *Obras completas de Fernando Pessoa*, de Álvaro de Campos; *Confronto*, de Alzemiرو Lidio Vieira; *Nada será como antes: MPB nos anos 70*, de Ana Maria Bahiana; *Cultura e Opulência do Brasil*, de André João Antonil; *Concepção Dialética da História*, de Antonio Gramsci; *Novas Cartas de Gramsci e algumas de Piero Sraffa*, de Antonio Gramsci; *Só Doi Quando Fico Sério*, de Antônio Nássara; *Poetas do Brasil*, de Aparício Fernandes; *Terramara*, de Arnaldo

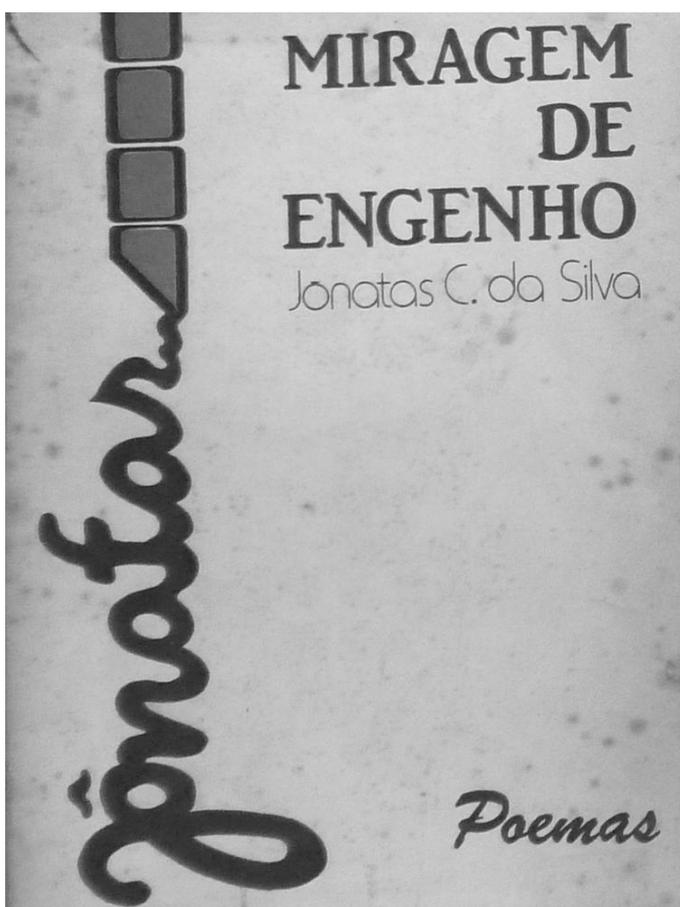


Figura 10: *Miragem do Engenho*, de Jônatas Conceição, 1984.

Xavier; *Manual de Sobrevivência do Negro no Brasil*, de Arnaldo Xavier & Maurício Pestana; *O fundador do caraça*, de Augusto de Lima Junior; *Um Socialista Anti-Social*, de Bernard Shaw; *O Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia*, de Boris Fausto; *O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930)*, de Boris Fausto; *Obras Completas*, de Carlos Drummond de Andrade; *Dossier Deleuze*, de Carlos Henrique de Escobar; *Identidade e Etnia*, de Carlos Rodrigues Brandão; *Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Vol. 1*, de Charles R. Darwin;

Fundamentos da teoria dos signos, de Charles W. Morris; *Relações*

Perigosas, de Choderlos de Laclos; *Os Métodos da História*, de Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Perez Brignoli; *Felicidade Clandestina*. 2ª ed., de Clarice Lispector; *Planejamento de ensino e avaliação*. 10ª ed., de Claudia Maria Godoy Turra; Délcia Enricone; Flávia Maria Sant'Anna; Lenir Cancellia André; *Cartas do Conde ao Rei de Portugal*, de Conde de Assumar; *Os Últimos Sonetos*, de Cruz e Souza; *Pode Acontecer*, de Dario Gomes Ribeiro; *Dionísio Esfacelado*, de Domício Proença Filho; *A Vingança da Mata*, de Edgar da Rocha Miranda; *Emoções no divã*, de Eduardo Mascarenhas; *Curetagem: Poemas doloridos*, de Éle Semog; *Atos de Amor*, de Elia Kazan; *Sankofa. Resgate da cultura afro-brasileira*. Vol. 1 e 2,

de Elisa Larkin Nascimento; *Capitalismo e Escravidão*, de Eric Williams; *Escrevo o que Eu Quero*, de Esteve Biko; *As Três Ecologias*, de Félix Guattari; *Micropolítica: Cartografias do desejo*, de Félix Guattari e Suely Rolnik; *Manifesto Democrático*, de Ferdinand Peroutka; *Entradas e Bandeiras*, de Fernando Gabeira; *O Adolescente*, de Fiódor Dostoiévski; *O negro no mundo dos brancos*, de Florestan Fernandes; *História do Brasil*, de Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos; *Logos e Práxis*, de François Chatelet; *A Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche; *Leite do Peito*, de Geni Guimarães; *Introdução à filosofia da educação*, de George F. Kneller; *Coronel Delmiro Gouveia*, de Geraldo Sarno e Orlando Senna; *Juliano*, de Gore Vidal; *Costiera Amalfitana*, de Gore Vidal e Muir Wessinger; *Caetés*, de Graciliano Ramos; *Cabeça de Turco*, de Günter Wallraff; *História da América Latina*, de Halperin Donghi; *Negros na Noite*, de Henrique Cunha Jr.; *Materialismo Histórico e Existência*, de Herbert Marcuse; *Demian*, de Hermann Hesse; *Sistema educacional brasileiro: legislação e estrutura*, de Iale Renan e Ricamar P. de Brito Fernandes; *O vôo mais baixo*, de Irene P. Machado; *O Escravismo Colonial*, de Jacob Gorender; *Cativeiro e liberdade*, de Jaime da Silva, Patricia Birman, Regina Wanderley; *Teclas do Ébano*, de Jamu Minka; *Manual de Sociologia*. 3ª ed. , de Jay Rumney Maier e Joseph; *O Testamento de Sartre*, de Jean Paul Sartre; *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*, de Jeanne Berrance de Castro; *Novos Roteiros em Educação*, de Jiddu Krishnamurti; *Tutaméia: Terceiras Estórias*, de João Guimarães Rosa; *Zumbi*, de Joel Rufino dos Santos; *10 Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed; *O Destino Viaja de Ônibus*, de John Steinbeck; *Miragem do Engenho*, de Jônatas Conceição; *Outras Miragens: Miragem de Engenho*, de Jônatas Conceição; *Outras Miragens (manuscrito)*, de Jônatas Conceição; *Rua J. Carlos*, de Jorge Salles; *Os eguns do candomblé*, de José Alberto Varanda; *E Disse o Velho Militante*, de José Correia Leite; *Flor de sangue*, de José Eustáquio Rodrigues; *Teoria da história do Brasil*, de José Honório Rodrigues; *Independência: revolução, e contra-revolução*, de José Honório Rodrigues; *O Parlamento e a Evolução Nacional*, de José Honório Rodrigues, Lêda Boechat e Octaciano Nogueira; *Etnias e Culturas de Angola*, de José Redinha; *Os nagô e a morte*, de Juana Elbein dos Santos; *O Capital: livro I*, de Karl Marx; *O paradigma holográfico e outros paradoxos*, de Ken Wilber et al.; *A África deve unir-se*, de Kwame Nkrumah; *Temas de Ciências Humanas*, de Lenin, Lukács; *La Societé Humaine*, de Léon Sharwatzenberg; *A carta de Pero Vaz de Caminha*, de Leonardo Arroyo; *Cultura das Cidades*, de Lewis Mumford; *O Portão Vermelho*, de Lin Yutang; *Norte*, de Louis-Ferdinand Céline; *O lugar do negro na força de trabalho*, de Lucia Elena Garcia de Oliveira; Rosa Maria Porcaro; Tereza Cristina N. Araújo; *O golpe na educação*, de Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes; *Pedaços de*

Coração, de Luiz de Melo Santos; *O homem dos dados*, de Luke Rhinehart; *Identidade Negra e Educação*, de Marco Aurélio Luz (Org); *A obra em negro*, de Marguerite Yourcenar; *Meus Versos*, de Maria Antonia Carneiro Agarez; *O messianismo no Brasil*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *Os conceitos elementares do materialismo histórico*, de Marta Harnecker; *Escravidão Africana no Brasil*, de Mauricio Goulart; *Black History*, de Melvin Drimmer; *Black History: a reappraisal*, de Melvin Drimmer; *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault; *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera; *Miles Davis: a autobiografia*, de Miles Davis; *Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK- JQ*, de Mirian Limoeiro Cardoso; *O monopólio da fala*, de Muniz Sodré; *A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil*, de Muniz Sodré; *O Terreiro e a Cidade*, de Muniz Sodré; *O bicho que chegou a feira*, de Muniz Sodré; *Bola da vez*, de Muniz Sodré; *A Capoeira*, de Nestor Capoeira; *An American Dream*, de Norman Mailer; *História Universal: Roma*, de O. Secco Ellauri e Pedro D. Baridon; *A geografia ativa*, de P. George; R. Guglielmo; B. Kayser; Y. Lacoste; *Os holandeses no Brasil*, de P. M. Netscher; *A cultura da cidade*, de Patrik Geddes; *Africa and Africans*, de Paul Bohannan e Philip Bohannan; *História da Educação*, de Paul Monroe; *Guerra e cinema*, de Paul Virilio; *O Espaço Crítico*, de Paul Virílio; *Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira*, de Paulo Colina; *Os Quilombos Brasileiros*, de Pedro Tomas Pereira; *Conquête et exploitation des nouveaux mondes*, de Pierre Chaunu; *Ásia/África/Middle East*, de Princeton University; *Die Geschichte*, de Regine Hillman & Ivan Ferraro; *The Urban Development of Latin America*, de Richard M. Morse; *Identidade, etnia e estrutura social*, de Roberto Cardoso de Oliveira; *Carnavais, Malandros e Heróis*, de Roberto da Matta; *Ideologia e escravidão: Os letrados e a sociedade escravistas no Brasil Colonial*, de Ronaldo Vainfas; *Estrutura e funcionamento do ensino de I Grau*, de Samuel Rocha Barros; *An Anthropological Approach*, de Sidney W. Mintz e Richard Price; *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - volume 14*, de Sigmund Freud; *Tempos de Capanema*, de Simon Schwartzman; Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro; *Moçambique: Primeiras Chamadas*, de Sonia Corrêa e Eduardo Homem; *Mulher e escrava: Uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*, de Sonia Maria Giacomini; *André Rebouças e seu tempo*, de Sydney M. G. dos Santos; *Melanina*, de Terezinha Malaquias; *All God's Dangers: The Life of Nate Shaw*, de Theodore Rosengarten; *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, de Thomas E. Skidmore; *Doutor Fausto*, de Thomas Mann; *Das Lutas à Paz*, de Trigueirinho; *Niskalkat: Uma mensagem para os tempos de emergência*, de Trigueirinho; *Reencontro Cruz e Souza*, de Uelinton Farias Alves; *Viagem na irrealidade cotidiana*, de Umberto Eco; *Eros*, de Vanêde

Nobre; *Manual de história do Brasil*, de Vicente Tapajós; *Caminhos e Pontes*, de Vilma Kruse; *Quarto de Jacob*, de Virginia Woolf; *Sociologia da Arte*, de Walter Benjamin, Teodoro Adorno e Lucien Goldmann; *As confissões de Nat Turner*, de William Styron.

3.3.3.5. Periódicos

Aqui temos a oportunidade de examinar um conjunto de produções não acadêmicas, mas nem por isso menos relevantes. O grupo se compõe de críticas que possivelmente só poderiam ser publicadas fora dos meios de comunicação hegemônicos: editoras renomadas, grandes mídias e impressos de circulação nacional. Portanto, uma série de textos foram lançados por coletivos, como Jornal MNU, Jornal Maioria Falante, Jornal Olodum, Tribuna de Xangô, *Black People*, *The Other Side*, *SoulFunk*. É interessante perceber o esforço de incorporar outras referências, com intuito de escapar do olhar eurocentrado que perpetua um ponto de vista histórico e uma geopolítica do



Figura 11: Jornal do MNU n. 20, 1991.

conhecimento específica. A importância desse acervo, cujas obras são produzidas desde a década de 1920, já foi apontada em outros trabalhos (SOUZA, 2010; RATTS, 2009). Na lista também temos: *Revista José*; *Jornal O Correio Unesco*; *Jornal Le Soleil*; *Boletim do Centenário*; *Jornal Maioria Falante*; *Suplemento 100 anos de Abolição: o Negro Hoje*; *Revista Arrabalde*, Ano I, n. 2, Set/Dez 1988; *Caderno O Negro: uma Identidade em Construção*; *Jornal Atualidade Angolana*; *Jornal MovimentAção*; *Jornal Dawn Informs*; *Jornal do MNU*, n. 20; *Revista Prisma*; *Boletim informativo O Mondo*; *Boletim da Coordenadoria Especial do Negro*; *Jornal AfroReggae*, Ano I, n. 1; *O diário de umas e outras meninas*; *Jornal da ASUFRJ*; *Jornal Paparazzi*; *Jornal El Pais*; *Jornal da UFRJ*; *Caderno CEPIA*; *Jornal AfroReggae*, Ano I, n. 8; *Poder Popular*; *Jornal do Olodum*; *Jornal*

Mergulho; Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano; Jornal do MNU: Nêgo, n.12; Jornal do MNU: Nêgo, n.14; Revista Estudos Afro-Asiáticos, n. 13; Caderno A Mulher e a Cultura; Caderno A Mulher e o Planejamento Familiar; Caderno Temas Sociais - CBCISS; Caderno A Trajetória da Mulher na UFMG; Caderno Estudos Cebrap, n. 17; Caderno II; Derê Bô: Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano; Cadernos Negros 14: contos; Revista Diálogo; Cadernos Negros; Suplemento Brasil: A Mulher e a Crise do Terceiro Mundo; O Discurso da Diferença e da Subordinação; Revista Black People; Jornal Mergulho; Revista The Other Side; Jornal MNU; Jornal SoulFunk; Jornal Tribuna de Xangô; A mulher e a constituinte.

3.3.3.6. Recortes de Jornais

O grupo é composto por recortes e fragmentos de notícias jornalísticas sobre



Figura 12: Recorte de jornal, sem data.

temáticas e assuntos do interesse de Beatriz Nascimento: temática negra e quilombo. Foram identificadas matérias contendo as opiniões de pesquisadores, políticos e ativistas, bem como a cobertura da vida de personalidades negras dentro e fora do Brasil. Há também a cobertura da morte de Beatriz Nascimento: notificação, investigação,

sepultamento, julgamento e repercussão nos setores da sociedade civil. Portanto, por meio desse grupo, foi possível verificar a tensão sobre o acontecimento fatídico na vida de uma intelectual negra no Brasil: os movimentos negros denunciam a morte da militante negra como mais um caso de genocídio do povo negro, e os movimentos de mulheres, os assassinatos brutais de indivíduos do sexo feminino – o feminicídio.

3.3.3.7. Anotações

O conteúdo desse grupo ajuda a acompanhar os estudos e os interesses de Beatriz Nascimento: reflexões sobre temas recorrentes da produção intelectual e atuação profissional.

Esse universo de informações ainda abrange as anotações como aluna de pós-graduação, nas conferências e nos seminários que em que esteve presente. Existem, sobretudo, muitos rascunhos envolvendo a temática do quilombo, do negro e da mulher negra. Constam muitas anotações da pesquisa de campo no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Angola. Mas, acima de tudo, a série revela o lado pessoal da vida de Beatriz Nascimento: conflitos, alegrias, decepções, dilemas, dramas existenciais, questões amorosas e profissionais. Revela a preocupação com a educação da filha, o bem-estar da família e a aparência física. Em síntese, as

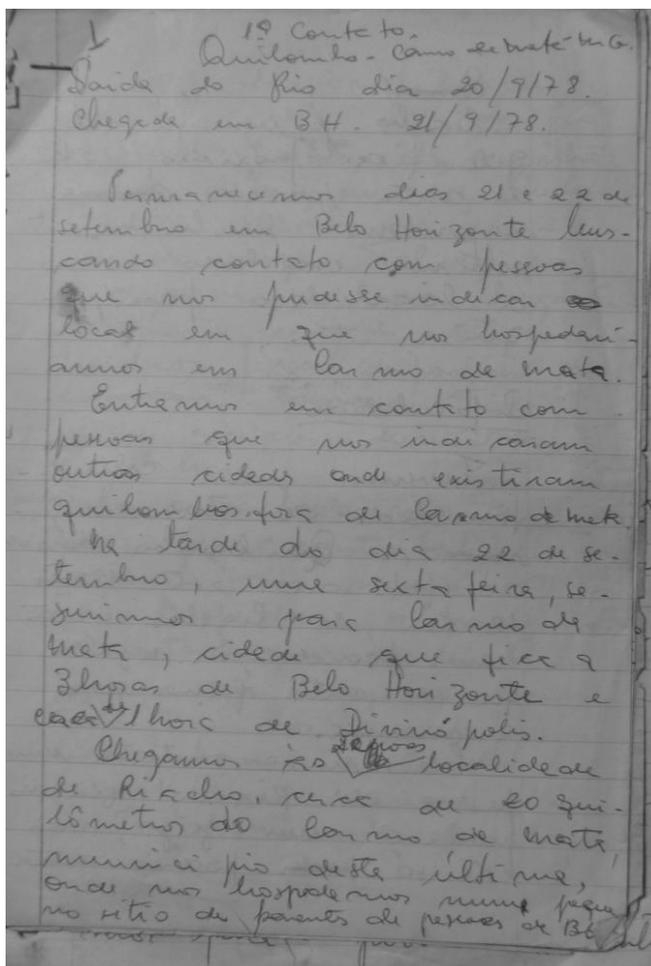


Figura 13: Diário de campo, 1978.

anotações revelam muito sobre a condição da mulher negra vivendo na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 a 1990.

Seria possível inferir que tais registros implicam anotações analíticas, poéticas, intimistas, mas, acima de tudo, revelam uma mulher preocupada com a filha, os amigos e os amores. O material contido no grupo deixa transparecer um fenômeno cada vez mais acentuado depois da década de 1950: a individualidade moderna. Esse fenômeno parece pesar sobre os ombros de Beatriz Nascimento, na medida em que evidencia um tempo cada vez mais escasso para se estar com outros. Finalmente, fazendo um paralelo das anotações com os ensaios e os artigos sobre a mulher negra, encontramos sinais de um drama vivido por

mulheres que se lançaram na vida intelectual: a relativa solidão do percurso intelectual. Vale a pena ressaltar que demorarei um pouco mais sobre esse tema no capítulo IV.

Uma das riquezas desse grupo consiste nos diários de campo, com o qual elucidei alguns aspectos dos estudos e das pesquisas empreendidos pela Beatriz Nascimento. Por sua riqueza de detalhes, a título de ilustração, transcrevo trechos da viagem a Carmo da Mata:

Saída do Rio dia 20/09/78 e chegada em BH 21/09/78. Permanecemos dias 21 e 22 de setembro em Belo Horizonte buscando contato com pessoas que nos pudessem indicar o local em que nos hospedaríamos em Carmo da Mata. [...] Chegamos à localidade de Riacho, cerca de 20 quilômetros do Carmo da Mata, município deste último, onde nos hospedamos num pequeno sítio de parentes de pessoas de BH (NASCIMENTO, 1976, p.01).

Há também informação sobre contatos locais e entrevistas realizadas durante as visitas de campo:

A senhora que dizem possuir cerca de 105 anos chama-se Idalina, como já dissemos é negra e apesar de dizerem que não possui mais lucidez suficiente, num primeiro contato não nos pareceu tão destituída de tal (NASCIMENTO, op. cit., p. 05).

As dificuldades da pesquisa também estão relatadas no diário:

Como da vez anterior tivemos algumas dificuldades no que se refere à disponibilidade das pessoas em responder satisfatoriamente aos nossos objetivos. Esta disponibilidade era da ordem: 1) carência de tempo devidos aos afazeres da lavoura, na qual a maioria dos homens se ocupam. 2) por razões subjetivas, caracterizada por um certo acanhamento, muito próprio de populações camponesas, os diversos elementos com os quais procuramos contato mostravam-se arredios, negando-se a falar sobre o local e suas relações (NASCIMENTO, op. cit., p. 10).

Por fim, no grupo, há anotações sobre um possível quadro depressivo: “Não fui a Jorge Márcio [psicólogo], amanheci com total falta de desejo, quase de depressão. Faziam 38°C” (NASCIMENTO, 1975). Ou elucubrações sobre a vida afetiva: “Estou precisando de um companheiro. Mas como? Quem? Pra quê? Será que estou precisando mesmo?” (NASCIMENTO, op. cit.). E, ainda, registros sobre momentos de alegria: “Como diz Bethânia: feliz aniversário, Beatriz! O aniversário foi muito feliz” (NASCIMENTO, op. cit.).

3.3.3.8. Impressos

Do mesmo modo que a correspondência privada entre pessoas, grupos e organizações servia para construir estratégias e táticas, a comunicação pública de

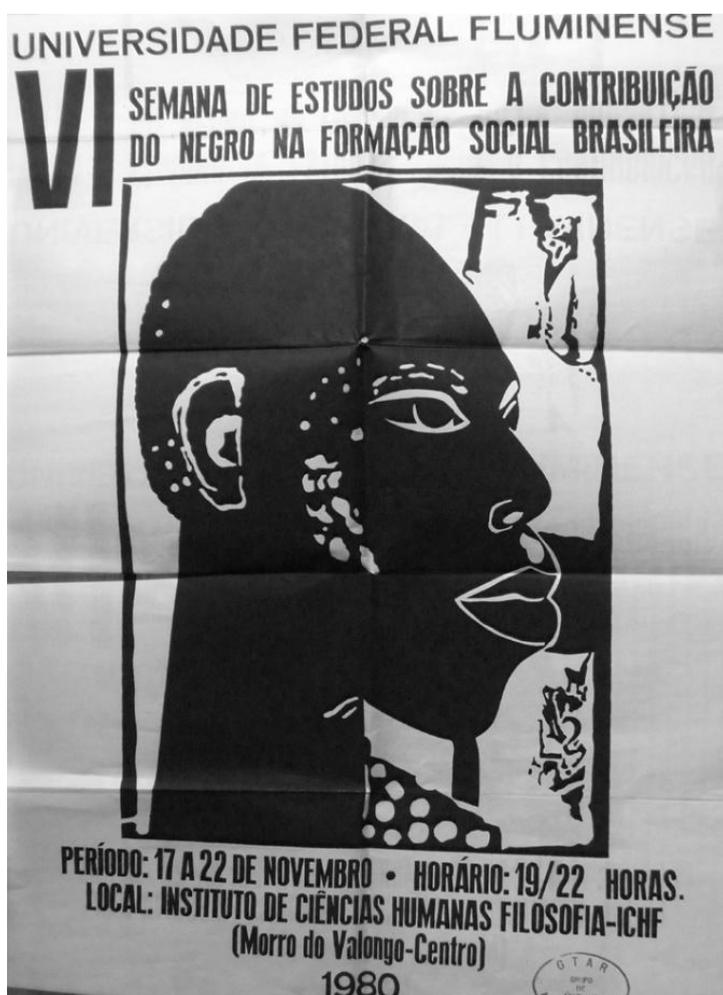


Figura 14: Cartaz do GTAR, 1980.

organizações, como MNU, GTAR, IPEAFRO, CEAA, teria a mesma finalidade. O material é composto por cartazes, *folders*, programações, boletins cujo conteúdo é uma amostra da gama de temas que circulavam no campo intelectual e político naqueles anos. Nesse conjunto gostaria de destacar: “Manifesto ainda que Tardio”. Exposição na Bahia, Rio, São Paulo e Brasília; 6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; I Semana de Cultura Negra; Semana Alternativa para Estudo de Comunidade. Programação com temas variados; 6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira.

Organizado pelo Grupo de Trabalho André Rebouças; SECNEB/81. Programação; CEAA: perfil institucional e histórico (autoria de José Maria Nunes Pereira); “Novo Compromisso com as Caraíbas”. Programa do presidente Ronald Reagan; Boletim da Coordenadoria Especial do Negro, n. 6. Divulga o Seminário “Discriminação e Políticas Públicas”; Encarte da exposição de Meyer Filho; 8ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; “Periódicos Bibliográficos sobre a África Existentes no Centro de Estudos Africanos”, de Izabel Cristina Renófilo Oliveira; Evento SECNEB/84. Programação: Seminário “Identidade, Processo Econômico, Relações Sociais e Pluralidade Nacional”. Exposição. Sessão especial: a) Vídeo da comunidade Oba-Biyí; b) Lançamento do livro

História de um Terreiro, de Deoscoredes Maximiliano dos Santos; c) Lançamento do disco “Evolução”, de Djalma Correia. Palestras: “A expansão mercantilista europeia”; “O negro e a sociedade brasileira”; Lembra os sambas-enredo e convida para o lançamento do enredo de 1985. Cita Maria Augusta Rodrigues, Billy Acioly e Eduardo de Almeida Filho. No samba enredo, há trechos da música “Que Bloco É Esse?”, do Ilê Aiyê; 10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira; 10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. Programação: a) A educação no Brasil; b) O negro na fotografia; c) A representação do negro nos meios de comunicação social; Informe da Câmara dos Deputados, com o pronunciamento integral do deputado Freitas Nobre, sobre o tombamento do Quilombo dos Palmares; Conscientização da cultura afro-brasileira. Programação: a) Abertura com Abdias do Nascimento (diretor do IPEAFRO); b) História do negro no Brasil; c) Cultura, religião e identidade nacional; d) Mulher e cultura afro-brasileira; e) Simbologia Nagô na cultura afro-brasileira; Programação dos 10 anos do GTAR; 11ª Semana de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira. Programação: a) O negro no mercado de trabalho; b) Como usar a realidade do educando na aprendizagem; c) O negro no sistema educacional brasileiro; d) Arte negra; e) Identidade e padrão de beleza; f) O papel da mulher na história do Brasil; Propaganda política de Caó/86 – Carlos Alberto Oliveira; Reavaliando dois centenários. Programação: a) O escravismo e a abolição no Brasil; b) O tráfico de escravos; c) A Inglaterra e a crise do escravismo; d) A escravização no Brasil; e) Democracia racial/Democracia do cão; f) Resistência e luta dos escravos; VI Encontro Organizado por Entidades Negras do Norte e Nordeste; VI Encontro Organizado por Entidades Negras do Norte e Nordeste; “Mulheres Negras no Brasil”.

4. EU NÃO FIZ UMA TESE, EU FIZ UMA ANTÍTESE

A terra é circular.
 O sol é redondo.
 Onde está a dialética?
 No mar.
 (Beatriz Nascimento)¹⁶⁴

Em sua trajetória intelectual, Beatriz Nascimento dedicou especial atenção a temas como negritude, racismo, mulher negra, transmigração e quilombo. Porém, o fio condutor da sua pesquisa foi, sem dúvida, o quilombo. E nesse sentido é o que na literatura especializada chamamos de ponto nodal: uma tentativa de fixar os fluxos discursivos privilegiados. Sob à luz do pensamento de Laclau e Mouffe (1985), entendemos que:

Any discourse is constituted as an attempt to dominate the field of discursivity, to arrest the flow of differences, to construct a Centre. We will call the privileged discursive points of this partial fixation, *nodal points* (p. 112).¹⁶⁵

O que ela disse ou escreveu posteriormente sobre os demais temas tem ligação com as enunciações que fez acerca dos núcleos negros do passado. De acordo com Alex Ratts (2006), Beatriz Nascimento continua sendo a pesquisadora de maior dedicação ao estudo do quilombo e com mais tempo de análise sobre o tema. Acrescentaria que o seu empenho resultou na particularidade de articular duas modalidades enunciativas em uma mesma enunciação: o protagonismo negro e a continuidade histórica.¹⁶⁶ Essas duas enunciações resumem o significado da história do negro para Beatriz Nascimento (1974a, 1981, 1982c, 1982d) e dão pistas da importância do reconhecimento do negro como aquele que não apenas participou, mas também construiu a história brasileira. A garantia dessa evidência seria a continuidade dos empreendimentos negros no tempo e no espaço da nação. Coube à pesquisadora revisitar a historiografia do negro no Brasil e identificar vozes silenciadas na memória nacional, como a de Zumbi dos Palmares e a do engenheiro negro André Rebouças.¹⁶⁷

¹⁶⁴ NASCIMENTO, 1982d.

¹⁶⁵ Qualquer discurso é constituído como uma tentativa de dominar o campo da discursividade, de deter o fluxo das diferenças, de construir um centro. Chamaremos os pontos discursivos privilegiados desta fixação parcial, pontos nodais. [Tradução minha].

¹⁶⁶ Remeto o leitor ao capítulo II em que a definição do protagonismo negro está relacionada à capacidade de os negros empreenderem uma organização social imbuída de uma vida relativamente autônoma. A continuidade histórica consistiria naquilo que liga o negro ao seu passado.

¹⁶⁷ Sobre o herói Zumbi dos Palmares, há inúmeras citações ligadas à sua presença na história brasileira e na história do negro. Em Niterói, Beatriz Nascimento e outros estudantes da UFF criaram um grupo de trabalho em homenagem ao engenheiro negro abolicionista, André Rebouças.

No capítulo, procuro destacar o trabalho intelectual de Beatriz Nascimento, especialmente o fenômeno da quilombagem¹⁶⁸ e a persistência dos núcleos negros na contemporaneidade.¹⁶⁹ A minha intenção não é fazer uma longa e exaustiva exposição da sua produção intelectual, nem tão pouco entrar no mérito da crítica às suas ideias, mas ter a oportunidade de reivindicar, para Beatriz Nascimento, um enunciado de interpretação de Brasil. Presumo que possa me valer do seu argumento acerca do papel da mulher negra no passado brasileiro para fundamentar a hipótese de que estamos diante de um acontecimento de discurso: “cabia à mulher sustentar a fuga” (NASCIMENTO, 1982d, p.30). O lugar da mulher negra na estrutura social do quilombo e, conseqüentemente, no sistema colonial havia sido omitido nas interpretações do Brasil: mais uma evidência do silenciamento da população negra na história do país.

Procuro retomar a noção da intelectualidade negra para reforçar o meu argumento de que havia um esforço coletivo para colocar em pauta os discursos a respeito do negro no Brasil. Refiro-me às enunciações, que o grupo organicamente criado proferiu, de ser o quilombo a primeira tentativa de fundar um Estado-nação na colônia portuguesa na América e de os aquilombados forjarem a sociedade brasileira (NASCIMENTO, 1982b; GONZALEZ, 1982; NASCIMENTO, 1982a). Espero deixar claro que se está diante de uma rasura na escrita da historiografia nacional. Então, para iniciar a exposição, proponho começar por uma crítica de Beatriz Nascimento à definição de quilombo comumente encontrada na historiografia nacional:

O quilombo não é, como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência, quer dizer, a independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si (NASCIMENTO, 1977, p. 04).

4.1. QUILOMBO: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL

Ao partir de José Maurício Arruti (2008), podemos afirmar que o quilombo tem sido estudado por historiadores e antropólogos, assim como tem provocado debates na imprensa e nas decisões judiciais. Acrescentaria que o quilombo é um objeto privilegiado dos estudos das relações étnico-raciais sem, no entanto, ser exclusivo. Seja como for, o que foi escrito ou

¹⁶⁸ Termo cunhado por Clóvis Moura (2001) para se referir ao quilombo como um *continuum* na história brasileira.

¹⁶⁹ São exemplos de núcleos negros na atualidade as escolas de samba, os terreiros de candomblé, os bailes negros (NASCIMENTO, 1982).

falado acerca dos núcleos negros do passado tem consequência nos discursos que povoam as interpretações do Brasil, especialmente porque implica a legitimação do sentido cultural da nação (BHABHA, 1998).

Carlos Guilherme Mota (1994) defende que, desde o início, a historiografia brasileira colaborou com os interesses da elite nacional. O pensamento social brasileiro aposentou os ensaios literários logo após os primeiros estudos científicos, mas, por outro lado, ficou preso à epistemologia eurocêntrica. A influência do pensamento social europeu e norte-americano permeou quase que exclusivamente todas as fases da formação dos quadros de intelectuais brasileiros. Além disso, definiu praticamente todas as questões de ordem científica e epistemológica nos últimos anos na sociedade nacional. Apenas recentemente obteve-se uma mudança mais expressiva nesse contexto sem, no entanto, ter-se ainda alcançado um equilíbrio capaz de responder às nossas expectativas.

Presumo ser interessante apresentar brevemente as fases de formação do pensamento social brasileiro, suas características e quais autores a elas relacionados. A primeira fase estaria marcada pela produção de Caio Prado Junior [1907-1990] (materialismo histórico); Gilberto Freyre [1900-1987] (culturalismo); Sérgio Buarque de Holanda [1902-1982] e Arthur Ramos [1903-1949] (psicologia social). A formação intelectual desses autores estaria relacionada à instrução fora do Brasil e ao uso de conceitos forjados em outras experiências intelectuais. Em seguida, na segunda fase, a vida acadêmica nacional (universitária) assinalaria a trajetória intelectual de expoentes como Celso Furtado [1920-2004], Florestan Fernandes [1920-1995] e Fernando Henrique Cardoso [1931-] (materialismo histórico); Octávio Ianni [1926-2004] e Darcy Ribeiro [1922-1997] (culturalismo). Os intelectuais dessa fase teriam pouca ou quase nenhuma autonomia, por conta da influência das ideias estrangeiras, da presença de professores de outros países e, em particular, da escola francesa, enormemente apreciada pela oligarquia local.

A terceira fase foi empreendida por nomes como José Honório Rodrigues [1913-1987] (crítica historiográfica)¹⁷⁰; Raymundo Faoro [1925-2003] (crítica sociológica); Antônio Candido [1918-] (crítica literária). A marca desse momento seria a revisão reformista, traduzida em ideais progressistas acerca da nação. Na quarta, haveria a recapitulação de dois aspectos consolidados em fases anteriores: a ideologia desenvolvimentista e a política populista. O momento estava pautado pela leitura reversa do dualismo reinante em outros

¹⁷⁰ Pode ser interessante lembrar que Beatriz Nascimento auxiliou pesquisas do professor José Honório Rodrigues no início do seu percurso intelectual.

momentos – historicismo e estruturalismo – e mantinha Octávio Ianni, Florestan Fernandes e Dante de Moreira Leite [1927-1954] como expoentes intelectuais.

A quinta fase marcaria a tentativa de discutir e evidenciar a dependência, bem como a influência da escola francesa e norte-americana no pensamento social brasileiro. Nela haveria uma clara tendência a abandonar o historicismo e voltar à leitura da chamada cultura brasileira, com desdobramentos em análises sobre a consciência nacional e o pensamento brasileiro. Entre os nomes da época, podemos destacar Antônio Cândido e Roberto Schwarz [1938-]. Finalmente, proponho acrescentar a essa reconhecida cronologia uma sexta fase, que denominei, em outro trabalho, “Produção Revisonária” (WAGNER, 2010).¹⁷¹ Portanto, entre os nomes, destacaria Abdias do Nascimento [1914-2011], Guerreiro Ramos [1915-1982], Clóvis Moura [1925-2003], Eduardo de Oliveira e Oliveira [1924-1980], Lélia Gonzalez [1935-1994], Carlos Hasenbalg [1942-2014] e Beatriz Nascimento [1942-1995]. A fase estaria marcada pela revisão da historiografia nacional e pela elaboração de uma literatura marginal e de contestação da validade de um sistema epistêmico único. Nesse sentido, os temas, os objetos e os conceitos formariam um *corpus* denominado “Estudos das Relações Étnico-Raciais”.¹⁷²

Antônio Candido (1957), examinando os primeiros estudos sobre o negro no Brasil, observa que eles se processaram à margem das questões sociológicas e que tendiam à psicologia, à história e ao folclore. Nos trabalhos, destacava-se um conjunto de discursos que faz referência à formação da sociedade nacional. Entre eles, elenco: *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, trabalho organizado por Roger Bastide [1898-1974] e Florestan Fernandes [1920-1995]; *The negro in Northern Brazil*, de Otávio da Costa Eduardo; *The black Carib of Honduras*, publicado por Ruy Coelho, discípulo de Herskovits [1895-1963]; *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*, estudo de Tales de Azevedo, e *O negro no Rio de Janeiro*, de Luiz de Aguiar da Costa Pinto [1920-2002]. As obras estariam sob influência de Raimundo Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Alfred Métraux [1902-1963], Donald Pierson [1900-1995], Roger Bastide e Emilio Willems [1905-1997]. Esses, por sua vez, seriam tributários dos estudos de Sílvio Romero [1851-1914], Euclides da Cunha [1866-1909], Alberto Torres [1865-1917] e Oliveira Viana [1883-1951]. Todos esses

¹⁷¹ Eu chamo de *produção revisonária* uma literatura referente à problematização da “identidade” que recai tanto sobre o colonizado quanto sobre os habitantes das metrópoles (VINHAS, 2010, p. 19).

¹⁷² No capítulo II, defendi que, desde a década de 1960, os estudos das relações étnico-raciais se empenham em uma perspectiva engajada de denúncia do racismo e de revisão historiográfica dos povos submetidos à colonização moderna.

autores são notadamente consagrados no campo intelectual brasileiro e referenciados como cânones das interpretações do Brasil.

Florentina Souza (2010) argumenta que, desde o século XIX, os negros buscaram, por meio de ações e intervenções, fazer parte dos debates de seu tempo, procurando forçar uma brecha no sistema escravista, com o intuito de garantir direitos para o seu grupo. Com esse objetivo, os negros faziam uso da insubordinação – quilombagem, revolta, criação de jornais, revistas e livros especializados – como rejeição tácita à coisificação de sua pessoa. Dessa forma, ainda hoje, o trabalho da intelectualidade negra continua pautado em uma agenda semelhante àquela que ocupou homens e mulheres negros desde o século da abolição e que consistiria na “[...] necessidade de alterar o modo como os negros eram vistos e configurados por um sistema político e de representação que os apresentava como racialmente destinados à exclusão da vida pública e dos direitos civis” (SOUZA, 2010, p. 186).

Na segunda metade do século XX, a estratégia do Movimento Negro Acadêmico seria ocupar as universidades, por entendê-las como espaço de poder e espaço epistêmico privilegiados para transformação da representação social dos negros. A característica fundamental desse movimento seria articular outros movimentos políticos que não teriam nenhuma pretensão de usar um discurso científico, para tratar da prática social de conhecimento, imbricada em reflexões acerca da situação do negro na sociedade brasileira.

Na década de 1990, com a nova Constituição, ocorre o crescimento exponencial em direção à consolidação de uma série de reivindicações e críticas feitas em décadas anteriores. Foi a partir desse ponto de inflexão que passou a existir, no país, um interesse renovado pelos processos de resistência cultural e política, pela definição de grupos sociais e étnicos, pela afirmação de identidades coletivas e de novos sujeitos de direitos socioculturais. Em especial, refiro-me à ressignificação teórica e política do conceito de quilombo no Brasil. Para Arruti (2008), a definição de quilombo passou a ter diferentes sentidos no tempo e no espaço da nação. A primeira acepção, publicada na legislação colonial, foi criada com objetivo de ser um instrumento de repressão contra os núcleos negros.¹⁷³ No período republicano, abandonou-se o caráter repressivo do conceito, e ele passa a ocupar um lugar de destaque nos discursos políticos e de resistência na época.

Na primeira metade do século XX, os trabalhos sobre o quilombo eram escassos e mantinham a perspectiva culturalista dos estudos religiosos. Nesse período, predominava o enfoque de resistência cultural nas obras de Melville Herskovits [1895-1963] e Roger Bastide

¹⁷³ Segundo Arruti (2008), seria desta época o uso da expressão Estado Africano no Brasil.

[1898-1974]. Na segunda metade do mesmo século, a definição do núcleo negro ganha contornos de resistência política atrelada à ascensão dos movimentos de esquerda no mundo ocidental e à proliferação da leitura marxista na historiografia e nas ciências sociais no Brasil. Mais recentemente, a definição passou por uma reformulação sob a perspectiva cultural, racial e política dos movimentos negros, tornando o quilombo ícone da “resistência negra”.¹⁷⁴ Ainda nesse século, a definição de quilombo ganha uma interpretação histórico-humanista com foco na resistência física e cultural da população negra no Brasil e também “[...] na forma de todo e qualquer grupo tolerado pela ordem dominante em função de suas declaradas finalidades religiosas, recreativas, beneficentes, esportivas etc. Assim, nesta ressemantização, ‘quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial’” (ARRUTI, 2008, p. 320).

Os primeiros estudos em comunidades negras rurais culminaram com a redação incorporada à Carta Magna de 1988. A Constituição aprovada continha no texto uma formulação bastante sucinta sobre o quilombo: tratava da propriedade de terra e dispensava a ênfase na historicidade dos chamados remanescentes. Essa interpretação era uma tentativa de dar conta dos novos direitos abertos pelo artigo 68 (ADVT/CF-88):

A relação de continuidade, ou ao menos de implicação, entre as ressemantizações históricas e a ressemantização constitucional de quilombo estabelece uma espécie de genealogia para o artigo 68 (ADCT/CF-88), centrada no seu agenciamento enquanto símbolo ou metáfora tanto da “resistência negra” – razão de *afirmação* – quanto do desrespeito histórico infligido a esta população – razão de *reparação* (ARRUTI, 2008, p. 323).

É no conjunto de regulamentos constitucionais que os chamados quilombolas passariam a ter direitos territoriais: ocupação das terras tradicionais com a garantia da titulação definitiva concedida pelo Estado brasileiro. Isso poderia ocorrer sem necessidade de nenhuma referência à preservação das diferenças herdadas, facilmente identificadas com a suposta manutenção do pretense isolamento geográfico e/ou social no tempo e no espaço da nação – como sugere o modelo de Fredrik Barth (Cf. Poutignat e Streiff-Fenart, 1998) de que raça não é igual à cultura.

Alfredo Wagner Berno de Almeida (2002) argumenta que, a partir da Constituição de 1988, o quilombo passou a ter o significado de uma organização social em termos étnicos. O estudo do quilombo aponta para um campo específico de articulação envolvendo a produção intelectual e a ação coletiva em torno da mobilização de grupos que reivindicam a pertença

¹⁷⁴ Arruti (2008) argumenta que esta apropriação operava desde a década 1950, com o jornal negro *O Quilombo*.

étnica como forma de acesso ao direito à diferença cultural, à reprodução de práticas cotidianas – econômicas, sociais, culturais, políticas – e ao respeito aos saberes tradicionais.

Para Miguel Alberto Batolomé (2006), etnicidade ou grupos étnicos se refere especialmente às organizações sociais percebidas – e que se percebem – como formações distintas pelo compartilhamento de um patrimônio linguístico, social ou cultural considerado exclusivo (BARTOLOMÉ, 2006). Fredrik Barth (Cf. Poutignat e Streiff-Fenart, 1998) acrescenta que os grupos étnicos persistem não por um suposto isolamento social, cultural ou geográfico, mas justamente porque as fronteiras permanecem, apesar do fluxo de pessoas. Dessa maneira, as relações sociais estáveis seriam mantidas através das fronteiras onde os estatutos étnicos são dicotomizados.

Em trabalho anterior, procurei demonstrar que contemporaneamente a centralidade na Teoria da Etnicidade teve como intuito deslocar a força explicativa de um conceito de raça que predominou por décadas (VINHAS, 2014). Contudo, a tentativa de expurgar as Teorias Raciais esbarra com frequência na constatação de que a maioria dos habitantes de comunidades quilombolas é quase exclusivamente negra (ARRUTI, 2008). É dessa forma que a aparência física ainda constituiria um importante marcador de características comuns e uma fonte de contrastividade de relativa relevância entre grupos. Segundo o *Dictionary of Race and Ethnic Relations*, publicado em 1994, o termo raça é utilizado em três acepções: 1) de grupo ou categoria de pessoas conectadas pela origem comum; 2) de termos biológicos como uma subespécie ou variedade de uma espécie; 3) de significante cujas definições são codificadas e decodificadas apenas dentro dos parâmetros do discurso.

Tudo leva a crer que a identificação de grupos considerados étnicos envolva a referência ao passado. Ocorre, contudo, que essa ideia de uma origem comum, norteadas pela perspectiva histórica, tem mais a ver com a memória coletiva do que com a regressão sem limites a um tempo imemoriável. Essa forma de perceber as organizações sociais implica questionar a validade de noções com base na perspectiva de grupos remanescentes e aponta para a necessidade de considerar a história a partir de dimensões que incorporem o ponto de vista dos que aspiram à categoria étnica.

A definição de quilombo, por sua vez, não seria uma referência a resíduos ou resquícios arqueológicos ou comprovações biológicas, e não poderia ser reduzida a grupos isolados com uma população estritamente homogênea. Podemos inferir, portanto, que os núcleos negros nem sempre surgiram por meio de aglutinações de resistência ou de revoltas, e ainda por movimentos considerados insurrecionais ou rebelados. Pelo contrário, seriam sobretudo grupos com práticas cotidianas e modos de vida característicos com vistas a

consolidar um território próprio. Em outras palavras, as práticas sociais marcam uma singularidade na medida em que instituem uma territorialidade pelo uso comum da terra: a ocupação territorial toma como base os laços de parentesco e de vizinhança, em torno da organização de relações de solidariedade e de reciprocidade (ALMEIDA, 2002).

Finalmente, a noção de raça não se refere a um dado exclusivamente biológico, mas, como aparece na teoria antropológica contemporânea, a uma construção social envolvendo complexos critérios de clivagem. Pelo menos, é nessa direção que caminham os trabalhos de Alfredo Wagner (2002) quando apontam a sobreposição das chamadas terras de preto a terras de índio. Essa afirmação estaria pautada na questão histórica de que, desde o período colonial, os índios eram nomeados de pretos e assim se reconheciam, até que uma proibição formal os separou com a intenção de instituir o mito das três raças. Parece oportuno fazermos um exame mais aprofundado do conceito de quilombo, considerando a sua origem e a sua evolução no tempo e no espaço da nação. Essa tarefa ajuda a compreender qual teria sido o papel dos núcleos negros no passado, o que levou a sua persistência na história nacional e qual significado recebe na contemporaneidade. Sugiro examinar essas questões tomando por referência os estudos realizados por Beatriz Nascimento (1977, 1981, 1982d, 1985).

4.2 CORRIGINDO UMA NACIONALIDADE

Sob à luz da noção proposta por Beatriz Nascimento (1981), é possível dizer que uma maneira de definir a experiência do quilombo – quilombo¹⁷⁵ ou quimbundo – na história brasileira seria situá-lo enquanto **sistema social alternativo**. Para a autora, a historiografia nacional convencionou chamar de quilombo uma gama de núcleos cuja capacidade de luta e renitência acabou sendo generalizada como resistência do povo negro de um modo geral e, portanto, usada arbitrariamente para categorizar uma variedade de organizações sociais, militares, econômicas, políticas, religiosas. É neste sentido, presumo, que Arruti (2008) defende o quilombo enquanto um objeto em aberto e ainda em construção, por se tratar de um fenômeno de caráter polissêmico:

Partindo de uma definição negativa – eles não se referem a resíduos, não são isolados, não têm sempre origem em movimentos de rebeldia, não se definem pelo número de membros, não fazem uma apropriação individual da terra – o documento propõe que os quilombos sejam tomados como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados” (p. 316).

Beatriz Nascimento (1981) argumentava que o problema inicial do quilombo seria estabelecer, em um período de longa duração na história e dentro de uma extensão continental, qual seria a estrutura comum entre os diferentes núcleos negros no Brasil. Clóvis Moura (2001) considerava um ponto de convergência a ruptura radical, em todos os níveis, com o sistema escravista. Assim, o quilombo se caracterizaria como uma fissura econômica, política, moral, racial, ideológica do sistema colonial. Por sua vez, Beatriz Nascimento (1981) afirmava que os quilombos seriam núcleos em que

Duas características podem ser visíveis neles: sua constância no tempo de duração do regime escravagista; e seu caráter geral, pois eles ocorrem senão em todas as regiões do Brasil, pelo menos em grande parte delas, mesmo naquelas onde o regime escravagista não possui maior significação (p.11).

Beatriz Nascimento (1977) dizia, ainda, ser preciso

[...] estabelecer que tipo de organização social, quer dizer, que tipo de estrutura social. [...] nós temos várias documentações sobre quilombos que têm características específicas de grupo religioso, de terreiros de candomblé, por exemplo. Nós temos outros quilombos, por exemplo, que nunca foram assim, não tiveram o sentido de repressão, não sentiram realmente a repressão, outros que se mantiveram por largo tempo como é o quilombo de Guandú e do Catumbí, e quilombos que simplesmente desapareceram no próprio processo deles (p.04).

¹⁷⁵ Segundo Funari (1996), o termo se refere à sociedade guerreira ovimbundo (ovimbundu), caracterizada por rituais de iniciação e disciplina militar.

Para Beatriz Nascimento (1981), a continuidade histórica do quilombo descartaria qualquer conceitualização envolvendo um projeto meramente insurrecional e de contestação da ordem social, mas reteria, no entanto, o sentido de autodefesa e resistência como forma política: a) os quilombos são movimentos sociais arcaicos cuja particularidade consistira em inaugurar sistemas sociais variados de base comunitária; b) a variedade de sistemas sociais alternativos se deu em função das diferenças institucionais; c) o maior ou o menor êxito na organização dos núcleos negros têm relação com o fortalecimento do sistema social dominante e a sua evolução no tempo; d) a continuidade física e espacial do quilombo serviu como preservação e/ou atração de populações negras no século XX; e) a existência de assentamentos em favelas urbanas e em áreas de economia rural decadente, onde ocorre incidência de população negra, de segmentos sociais de baixa renda e de etnias não europeias, pressupõe uma linha de continuidade histórica com movimentos sociais arcaicos em antigos territórios quilombolas.

É preciso esclarecer desde já que a definição de sistema social alternativo, proposta por Beatriz Nascimento (1981, 1982d), nada tem a ver com a concepção da Escola Paulista em que, mesmo contestando a visão freyreana das relações escravistas, partiria da definição de quilombo como resistência negra e de negação do cativo, por meio da organização de uma sociedade alternativa e livre. A oposição da autora à proposta dos paulistanos estaria no fato de que eles retomariam a tese da marginalização e do isolamento, além de aludir à incapacidade de os negros irem contra o regime escravocrata. Dessa maneira, persistiria no campo intelectual brasileiro a visão de que “Os rebeldes não teriam alcançado o ‘nível’ de consciência de classe necessária para dar esse passo definitivo da luta, assim como eram incapazes de decifrar as ‘leis’ que supostamente regem as transformações sociais” (REIS e GOMES, 1996, p. 13).

Para Beatriz Nascimento (1981), a continuidade histórica seria um fator mobilizador e perpetuador da organização de núcleos negros frente às adversidades sociais, culturais, políticas, econômicas, militares. Nessa perspectiva, não caberia pensá-lo em termos de vitória ou derrota de um ou outro quilombo, mas como um processo que permitiu um *continuum* que Clóvis Moura (2001) denominou “quilombagem”. Destarte, a perpetuação de agrupamentos negros na história pouco se relaciona ao viés de reminiscência amplamente difundida pela antropologia cultural e a história social, ou seja, uma noção de coletividade congelada no tempo e no espaço (NASCIMENTO, 1981). Pelo contrário, a ideia da continuidade proposta pela autora teria muito mais a ver com o que ocorre contemporaneamente em termos de

dinâmica das identidades emergentes em comunidades e agremiações negras, assim como em bairros periféricos com predominância do fenótipo negro.

Como se sabe, o enfoque na temática do quilombo caminhou historicamente em duas direções: a) a perspectiva culturalista que defende a persistência da cultura africana e a recriação de Estados Africanos no Brasil; b) a ênfase na resistência ao trabalho escravo e a busca pela liberdade através da fuga. A pesquisa de Édison Carneiro (2001) ilustra perfeitamente como essas duas perspectivas operam: atribui à fuga uma rebeldia contra os padrões da vida escravocrata e defende uma verossimilhança do quilombo com os Estados africanos.

O movimento de fuga era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial que oprimia os negros escravos, eliminando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos. O tipo de organização social criado pelos quilombolas estava tão próximo do tipo de organização então dominante nos Estados africanos que, ainda que não houvesse outras razões, se poder dizer, com certa dose de segurança, que os negros por ele responsáveis eram em grande parte recém-vindos da África, e não negros crioulos, nascidos e criados no Brasil (p. 11).

Beatriz Nascimento (1985) não defendia a recriação de uma organização política africana na América, pelo contrário, entendia que a organização do quilombo no Brasil implicava a primeira tentativa de formação de um Estado sob as condições previamente existentes na colônia. Eu remeto o leitor ao capítulo II em que desenvolvi mais demoradamente este argumento, tomando como ponto de partida o *corpus* da intelectualidade negra.

Então, em que consistiria a pesquisa sobre o quilombo? Para Alfredo Wagner, (2002) trata-se de um conceito que envolve diferentes esquemas interpretativos cujas definições, com pretensões classificatórias, implicariam princípios quase sempre arbitrários e disputas em campos opostos de interesse. O que parece estar em jogo é uma concepção hermenêutica de quilombo capaz de dar conta das dimensões histórica, social, cultural, econômica, política. Conforme Beatriz Nascimento (1981), a pesquisa sobre o quilombo partiria da procura da unidade dentro de um sistema cujo ponto inicial poderia ser um conceito, um fato histórico, uma lembrança, uma ideologia ou uma lenda. Por sua vez, o estudo científico sobre o fenômeno da quilombagem seria a tentativa de compreender as frinchas não restritas à história passada, mas, igualmente, como parte da historiografia presente:

É preciso compreender os sistemas, mas não só o sistema unitário, mas, justamente porque se faz o sistema unitário, quais as diferenças que estão na unidade, as distinções que estão nessa unidade, quais são as frinchas e quem se estabelece nessas frinchas (NASCIMENTO, 1982d, p. 05).

Naquele momento, a Companhia de Navegadores seria exemplo de abertura à solução das crises europeias ocorridas por problemas econômicos, epidêmicos e alimentares, bem como a Companhia de Jesus pela crítica que fazia à visão dominante dentro do sistema:

[...] frinchas de um poder, são críticas ao poder, são críticas positivas ou negativas, conservadoras ou revolucionárias, a nós não nos cabe valorizar a história. A nós nos cabe ver o contínuo dessa história, porque nos parece que o momento hoje se reproduz o quilombo (NASCIMENTO, op. cit., p.06).

A crítica do quilombo ao sistema dominante consistiria em evidenciar a impossibilidade de ele existir de forma inteiramente isolada ou fechada. Para a autora, um sistema considerado predominante não deve constituir uma unidade sem que haja abertura para outras possibilidades: homens livres e pequenos e decadentes proprietários. Portanto, parece razoável pensar que os núcleos negros do passado não teriam existido de forma isolada e sem nenhuma interação com outras formas de organização social dentro do sistema colonial. Não haveria nenhum sistema capaz de sobreviver isoladamente!

Dessa forma, o quilombo não deveria ser visto como fato subordinado à época colonial, mas como processo que atravessa a história da nação brasileira. Para a autora, isso implicaria a aceitação de que, mesmo diante de um sistema social de base econômica dominante, sempre haveria a possibilidade de se fazer emergir um modelo para servir de contraponto e de crítica a esse mesmo sistema.

Essa crítica que o quilombo estabelece frente ao sistema escravista é uma crítica positiva, categórica, determinada, pois é uma crítica concebida para fora. Era o quilombo o escravo fugido e o próprio quilombo quando organizado, quem saía da relação senhor escravo, rompendo a unidade maior que era o sistema escravagista, o sistema totalizante, o sistema total, dicotômico, duplo, oposto, senhor escravo, quer dizer, um multiplicador, um opositor (NASCIMENTO, op. cit., p. 07).

Onde encontraríamos essas frinchas atualmente? Parafraseando Beatriz Nascimento (1982d), elas estariam na memória coletiva. O quilombo seria memória, não apenas para os negros, mas para a nação brasileira. No século XVI, a ranhura surge como uma clivagem continental transportada para o outro lado do mundo, estabelecendo formas de relações na América.

Nesse sentido é que a gente diz clivagem continental, é a transmigração de uma cultura e de uma atitude no mundo de um continente pra outro. Continente no sentido geográfico, de África para América, de Angola para Pernambuco (NASCIMENTO, op. cit., p.07).

Beatriz Nascimento (1982d) argumentava que o quilombo seria uma unidade dentro de uma unidade maior – o sistema colonial – e teria características peculiares que

responderiam pela variedade dos sistemas sociais alternativos existentes. Seria dessa maneira que Palmares reproduziria a economia açucareira da Capitania de Pernambuco e o Quilombo da Comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, apresentaria características da economia aurífera. Ela insistia que cada quilombo inserido em uma unidade mais ampla reproduziria, além das práticas econômicas, as experiências sociais e o sistema de valores da unidade maior.

Para Beatriz Nascimento (1977), a pouca informação em relação aos sistemas sociais alternativos teria colaborado para a proliferação de características atribuídas a um núcleo em particular, especialmente Palmares. A autora constatou que os registros sobre quilombos partiam fundamentalmente da documentação oficial e, por isso, seriam constituídos de relatos sobre o processo de repressão à organização de negros no Brasil. Trata-se de documentos oficiais do chefe da polícia com o Ministro de Justiça do Império e outras autoridades administrativas. Haveria também a correspondência do Conde de Assumar com Lisboa relatando os casos envolvendo quilombos.

[...] só o registro da história branca é que nos diz o que é o quilombo, então, trazendo a perspectiva do quilombo vencido, nós ficamos sendo os fugidos vencidos ou os escravos vencidos e isso em termos de psicologia social pro grupo negro atual é muito pernicioso” (NASCIMENTO, 1977, p. 07).

Para José Reis e Flávio Gomes (1996), certas fontes vêm sendo problematizadas, uma vez que novos estudos – como os de Richard Price (1996) – identificam incongruências entre os documentos oficiais e os relatos dos povos escravizados. Price (1996) chegou a esta constatação investigando a documentação holandesa e a relacionando à história oral do povo quilombola do Suriname, os saramakas:

É importante enfatizar que a maior parte de nosso conhecimento sobre Palmares se origina de escritos semelhantes de militares ou de autoridades, todos empenhados em destruir o grande quilombo. Assim, esses escritos são bons em descrever fortificações militares, armas palmarinas e coisas afins. Nunca devemos esquecer que quase tudo que sabemos deriva das palavras escritas por seus inimigos mortais (p. 53).

Beatriz Nascimento (1977) defendia que a historiografia brasileira teria omitido a importância histórica dos quilombos em termos de persistência e universalidade.

Então a minha questão foi a seguinte: o quilombo vem nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, de repente, o corte histórico deixa o quilombo como não existindo – entendendo o quilombo como núcleo de negros – e a gente se pergunta como é que uma história tão forte dentro de quatro séculos, ela pode ter, de repente, desaparecido do mapa. E eu cheguei à conclusão de que isso era um erro muito grande, quando comecei a fazer pesquisa no Arquivo Nacional com José Honório Rodrigues, eu comecei a ver nos cortes da polícia e na correspondência da polícia

com o ministro da Justiça milhares e milhares de quilombos que estavam localizados em áreas geográficas que até hoje no Rio de Janeiro são áreas de favelas ou ex-favelas. Então a minha questão foi a seguinte: será que o quilombo, como está sendo entendido pela historiografia, ou seja, como um movimento político de rebelião e insurreição, ele não tinha também uma outra face que foi transportada, que teve uma continuidade acabando a Abolição. (p. 02).

Para Alfredo Wagner (2002), estranhamente houve um silêncio acerca dos quilombos nos documentos oficiais desde a promulgação da Lei Áurea. O antropólogo supõe que isso tenha ocorrido porque eles foram considerados inexistentes depois da lei de libertação dos escravos no território nacional. Clóvis Moura (2001) defendia que a chegada do trabalho livre no Brasil trouxe também o término da experiência da quilombagem e, concomitantemente, encerrou a dialética senhor/escravo. Beatriz Nascimento (1977, 1981, 1982d), por sua vez, com base em documentos oficiais, denunciou o controle nas comunidades negras como evidência da continuidade de práticas de quilombagem e de repressão aos núcleos negros.¹⁷⁶ Tudo leva a crer que o termo quilombo utilizado na documentação oficial até o século XIX passou a ser omitido no século seguinte. Em seu lugar, foram encontradas expressões como “valhacouto” ou “grupo de bandidos” que se referiam aos sistemas sociais alternativos. Alfredo Wagner (2002) afirma que os quilombolas são lançados à condição de bandidos rurais à medida que o processo abolicionista não consegue resolver o problema da terra para os negros libertos e não são feitas as reformas necessárias na estrutura agrária, resultando na marginalização desse grupo social.

Beatriz Nascimento (1974a, 1981) questionava a visão estereotipada do quilombo como um simples reduto de negros fugidos: uma experiência vivida pelos escravos africanos que fugiam desordenadamente em busca da liberdade e procuravam recriar em terras americanas o aldeamento tribal africano.¹⁷⁷ Clóvis Moura (2001) defendia que o estigma do aquilombado seria resultado da síndrome do medo senhorial, e estaria justificado pela agressividade e preguiça do negro, luxúria e depravação negra, bem como a sua incapacidade intelectual. Este tipo de representação do negro fugido e despreocupado era encontrado em vasta literatura. O poema de Joaquim José de Lisboa, de 1806, citado por Donald Ramos (1996), ilustra bem essa representação:

¹⁷⁶ Como saliento, estamos diante de mais um enunciado proferido por Beatriz Nascimento que diz respeito à ideia de continuidade histórica dos núcleos negros no tempo e no espaço da nação.

¹⁷⁷ A noção tribo como um conceito da Antropologia clássica é recorrente nos estudos étnico-raciais. Contudo, seria importante ressaltar que Maurice Godelier (1978) alerta para a polissemia do termo “tribo”: em grego, *phule* e, mais tarde, em úmbrio, *trifú*; em latim, *trifus*; em inglês, *tribe* e em francês, *tribu* (francês). Em cada um deles, representou um tipo de organização social pré-existente à formação da cidade-Estado ou do Estado-nação, mas, de maneira alguma, poder-se-ia dizer que esteve relacionado a algum estágio necessário ao desenvolvimento humano.

Os escravos pretos lá, quando dão com maus senhores, fogem, são salteadores, e nossos contrários são. Entranham-se pelos matos, e como criam e plantam, divertem-se, brincam e cantam, de nada têm precisão. (p.164).

Para Beatriz Nascimento (1977), o quilombo deveria ser entendido fundamentalmente como uma organização empreendida por negros que ocorreu de forma paralela ao sistema escravagista: uma organização com economia singular e relações sociais específicas:

Eu discordo do (*sic*) quilombo ser compreendido somente como uma luta, mas como um estabelecimento de homens que querem manter a sua autonomia, e a importância do quilombo hoje, pra consciência do negro, está justamente nessa busca de autonomia, autonomia cultural, autonomia de vida, e não somente a autonomia da escravidão dos séculos passados (p.03).

Beatriz Nascimento (1981) não concordava com a visão de enclausuramento do quilombo e mantinha profunda discordância com a historiografia brasileira por colocar os núcleos negros em um estado permanente de guerra. Beatriz Nascimento (1982d) argumentava que a presença de homens e mulheres negros na dinâmica dos quilombos seria um alerta para se rever a ideia exclusiva de militarização dos quilombos. Dessa forma, o quilombo “[...] não pode ser reduzido à fuga. Esta é uma etapa; etapa para se empreender a luta, ainda que neste momento seja evidente que não se organizou a repressão da sociedade oficial” (NASCIMENTO, 1978). Destarte, seria um engano insistir na exclusividade dada pela literatura especializada ao caráter de rebelião e de insurreição dos quilombos e aquilombados. Alfredo Wagner (2002) alerta para o fato de que nos códigos jurídicos a organização do quilombo não era considerada de prática insurgente.

Isso está no art. 113 do Código Criminal do período imperial, que afirma: ‘reunindo-se 20 ou mais escravos para obter a liberdade por meio da força, tem-se uma insurreição’. E lá estão as penas, diferenciadas: para os cabeças, a morte, o grau máximo, ou as galés perpétuas (p. 64).

Para Beatriz Nascimento (1978), havia momentos em que predominava o que ela chamou de “paz quilombola”:

Podemos ver, portanto, que, estabelecido num espaço geográfico, presumivelmente nas matas, o quilombo começa a organizar sua estrutura social interna autônoma articulada com o mundo externo. Entre um ataque e outro da repressão oficial ele se mantém ora retroagindo, ora se reproduzindo. Este momento chamaremos de “paz quilombola”, pelo caráter produtivo que o quilombo assume como núcleo de homens livres, embora potencialmente passíveis de escravidão. (p. 12).

Presumo que tenha sido nas frinchas da documentação oficial que Beatriz Nascimento (1976a, 1977, 1978, 1981) encontrou os vestígios da interação social dos

quilombos com outras formas de organização colonial: relatos da organização e das relações sociais e econômicas com a vizinhança.

Podemos ver, portanto, que estabelecido num espaço geográfico, presumivelmente nas matas, o quilombo começa a organizar sua estrutura social interna autônoma articulada com o mundo externo (NASCIMENTO, 1978, p.14).

Dessa maneira, haveria uma vida cotidiana que transcorreria em função da dinâmica do núcleo negro e não exatamente por conta do sistema colonial português na América. Beatriz Nascimento (1981) argumentava que a repressão aos quilombos não ocorria exclusivamente por questões relacionadas à mão de obra escrava, mas porque eles estavam em áreas de solo muito fértil. Laura de Mello e Souza (1996) também chegou a mesma constatação ao examinar os motivos das incursões aos quilombos em Minas Gerais, durante todo século XVIII. Segundo a autora, o aumento populacional e a escassez do ouro levaram à disputa com os negros pelas terras férteis afastadas dos locais de mineração. Conforme Édison Carneiro (2001), o tipo de agricultura e as atividades de caça e pesca praticadas pelos quilombolas muitas vezes aguçaram a ambição de moradores vizinhos e de sertanistas pelo aumento da quantidade de terra e pela ampliação de riqueza e poder. Segundo Alfredo Wagner (2002), os relatos militares do século XIX deixam transparecer que as campanhas bélicas eram a primeira etapa do projeto de colonização em áreas de quilombo.

Para Beatriz Nascimento (1981, 1982d, 1985), o quilombo originou-se entre os povos de origem bantu, mais especificamente, os imbagalas – ou jangas – cujas características inconfundíveis teriam sido identificadas em quilombos nas Américas.¹⁷⁸ Kabengele Munanga (2001) afirma que, embora o termo quilombo esteja relacionado à língua umbuntu, não podemos desconsiderar o fato de que resulta de longa história envolvendo regiões e povos em torno de questões de conflito e poder. Beatriz Nascimento (1982d) afirmava que os bantus eram um povo formado por várias etnias que viviam um processo constante de trocas econômicas, políticas, religiosas, míticas, mitológicas.

[...] os bantus já eram uma nação na África, e sempre tentaram através da história do Brasil e das Américas estabelecer nações onde estavam, sejam territoriais, sejam produtivas, sejam místicas, sejam pessoais (NASCIMENTO, 1982d, p. 10).

Entre as etnias, os Imbagalas teriam habitado a região atualmente denominada Angola e seriam conhecidos pelo contínuo deslocamento no território e por não possuírem

¹⁷⁸ Conforme Munanga (2001), tudo indica que os jangas tenham chegado ao território vindos do leste do rio Kwango. Há também relatos de sua chegada pelas montanhas de Lion e de sua retirada em direção de Ndongu (costa de Angola e Benguele). Eram também conhecidos pelos nomes de imbagala e imbangola e supostamente teriam vínculos culturais com os povos lunda e luba.

plantações ou gado. A etnia adotaria com frequência os adolescentes de outros grupos, porque sacrificariam os próprios filhos assim que nasciam. O grupo preferiria fazer a iniciação de estrangeiros, recorrendo à prática da circuncisão. O ritual além de conferir forças específicas e qualidades de grande guerreiro, ainda tinha a finalidade de integrar os membros recrutados ao grupo dos Imbagalas. Essa prática tem estreita relação com a noção turneriana de rito de passagem: um ritual que objetiva retirar o indivíduo de seu meio social para, posteriormente, reintegrá-lo com outro *status*.

Conforme a tradição oral africana, o território do povo mbuntu¹⁷⁹ foi invadido por um grupo de caçadores liderado por N'gola, que impôs um regime monárquico de governo. A maioria dos escravos enviados para a colônia de Portugal na América pertencia à etnia mbuntu. Eles eram capturados com a orientação do rei do Congo. Os três métodos comumente usados pela empresa colonial eram: 1) compra em mercados de escravos que existiam em localidades distantes; 2) capturas diretas por guerras; 3) imposição, aos chefes mbuntus conquistados, do pagamento de tributos, inclusive por meio de jovens conhecidos como “peças da índia” (NASCIMENTO, 1985).

Beatriz Nascimento (1985) defendia que os quilombos no Brasil teriam sido originados da tradição mbuntu que fora transmitida ao novo continente por intermédio de diferentes linhagens, famílias e etnias. Também acreditava que, em Palmares, esses grupos foram capazes de organizar um sistema social próximo à experiência que tiveram durante a luta, na África, com os ngongos e os jagas, bem como no decorrer dos estados de proximia catastrófica. Os quilombos eram estabelecidos em função dos exercícios de guerra, táticas, estratégias, ocupações e também devido às relações com etnias que estavam na grande caminhada do reino de Congo ao sul de Angola.

Os bantus trafegam nesta (proxemia milenar) região de norte-leste-sul. Assimilam-se com os povos dos lagos, na cabeceira do Rio Congo. E esta característica migratória, de certo modo facilita sua apreensão pelos colonizadores já que possuíam a arte da guerra, a negociação da paz, a fuga como elemento libertário de situações adversas, pois a crença no muntu, na inscrição do radial ntu, facilita seus deslocamentos, rompendo os limites da organização (NASCIMENTO, 1985, p.03).

Para a autora, o que estava ocorrendo na República de Palmares também se processava nessa região africana. Isso provavelmente ocorria, porque as diversas etnias africanas se encontravam em choque ao resistirem ou ao aderirem à nova penetração estrangeira. Munanga (2001) também observa que, concomitantemente à república palmarina,

¹⁷⁹ Etnia bantu que vivia no sul de Angola entre os rios Dande e Quanza (NASCIMENTO, 1981; MUNANGA, 2001).

foi formada no continente africano a instituição Kilombo – organização política, militar, transétnica e centralizada – nos séculos XVI e XVII.

Os grandes deslocamentos seriam características de um tipo de organização social que perpetuava na colônia portuguesa a prática migratória em direção a outras regiões – em particular para o interior do território. A migração no continente americano buscava por um modo de vida em consonância com as práticas identitárias transmigradas ou desenvolvidas pela transmigração: “E é assim também nesse sentido que são os quilombos brasileiros que somente a partir de Palmares tem a sua maneira de viajar para o sul, migrar para o sul” (NASCIMENTO, 1982d, p. 06). Beatriz Nascimento (1982c) argumentava que o quilombo no continente africano havia recebido significados distintos antes mesmo de serem organizados na América: Então, o termo “kilombo” seria atribuído: a) aos novos membros incorporados pelo ritual de passagem¹⁸⁰; b) ao território de guerras (militar); c) ao local da iniciação dos adolescentes adotados; d) ao acampamento de escravos fugidos; e) ao comércio com os portugueses (trocas); f) às caravanas de comércio em Angola, no século XIX.

No Brasil, a primeira referência a quilombos em documentos oficiais data de 1559, mas somente em 1740 as autoridades portuguesas os definem como sendo “[...] toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (NASCIMENTO, 1985. p. 43). Alfredo Wagner (2002) afirma que a designação do Conselho Ultramarino vigorou como conceito jurídico-formal desde Perdigão Malheiro [1788-1860] até os trabalhos mais recentes de Clóvis Moura. O autor argumenta que essa referência implica cinco questões básicas: 1) a fuga como elemento fundamental da formação dos quilombos por escravos fugidos; 2) a quantidade mínima e exata de fugidos; 3) a localização definida pelo isolamento geográfico; 4) o rancho simbolizando a moradia habitual; 5) o pilão como instrumento da autonomia e da capacidade de reprodução.

Conforme Beatriz Nascimento (1981), o quilombo haveria recebido outros significados com o passar do tempo: no Nordeste brasileiro, passou a designar grande confusão ou festa de rua; no Sul do país, lugar público e local onde prostíbulos são instalados; no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, como união, quilombo, do quimbundo capital, povoação, s.m. brasileiro: valhacouto de escravos fugidos. A definição no Código de Processo Penal de 1835 trata o quilombo como valhacouto de bandidos, distinto de qualquer outra

¹⁸⁰ Munanga (2001) diz que o termo tem significado de “uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de superhomens invulneráveis as armas de inimigos” (p. 27).

forma de contestação de escravos. Para Nascimento (1985), essa definição passa a vigorar concomitantemente à relativa perda de força dos legisladores coloniais e de força jurídica da categoria “quilombo” ocorrida com a abolição da escravatura e com a proclamação da República. A definição também pode estar ligada à ascensão da medicina legal, que seria responsável por tratar o problema do negro.¹⁸¹

Palmares foi de longe o mais conhecido e relevante quilombo da história brasileira.¹⁸² Não foi à toa que o sistema colonial português o comparou ao perigo representado pelos holandeses (MOURA, 1988). Tudo indica que houve outros quilombos com estrutura similar: quilombo Rio das Mortes, de Sergipe e quilombo Isidoro, no Tijuco. A característica fundamental desses sistemas sociais residia na quantidade de habitações, na figura de um chefe e no excedente de produção. Funari (1996) descreve Palmares como resultado da composição da aldeia capital, na serra da Barriga, também chamada de Palmares Novo, e da aldeia menor, na margem esquerda do rio Gurungumba, conhecida como Palmares Velho. Estima-se que, no século XVII, Palmares Novo fosse habitada por seis mil pessoas que viviam cercadas por paliçadas, com duas entradas e muitas roças; em Palmares Velho, residiam cerca de mil e quinhentas pessoas, vivendo em duzentas e vinte casas. A República de Palmares era composta por nove aldeias.

O leitor deve estar se perguntando, a esta altura, como Palmares atingiu essas proporções dentro do sistema repressor e ciente da existência do núcleo negro. Édison Carneiro (2001) argumentava que houve certo afrouxamento do controle senhorial sobre os negros escravos motivado pela decadência econômica em várias regiões da colônia. Por sua vez, Beatriz Nascimento (1982d) defendia que isso deve ter ocorrido pela perda da coroa portuguesa para a Espanha, e o Brasil, já um tanto abandonado pela realeza de Portugal, começou a ter com Palmares relativa autonomia.

O Brasil começou com Palmares a ser pai de si mesmo, como diz Honório Rodriguez, ele deixa de ser filho da coroa portuguesa, porque a coroa portuguesa inclusive está sendo filha de outra coroa que está tentando unificar todas as coras do mundo, no momento à coroa de Absburgo, a coroa da Inglaterra mais tarde. É um grande momento das coroas nacionais, o absolutismo monárquico da Europa. É um

¹⁸¹ O médico e antropólogo brasileiro Raimundo Nina Rodrigues adotou o darwinismo literal e negou o evolucionismo social, incluindo, em seus estudos, o modelo de criminologia de Cesare Lombroso [1835-1909]. O resultado seria a criminalidade mestiça como particularidade nacional. Em seu ataque as teorias do direito, Rodrigues propõe o que ficou conhecido como conceito moderno de crime: o crime relativo muda em função da idade, das raças e dos povos. Em termos raciais, não se poderia julgar os crimes involuntários das raças inferiores com os códigos dos povos civilizados. Ele duvida da unidade étnica apreendida por Silvio Romero, por acreditar que o mestiço brasileiro careceria de uma unidade antropológica em meio a elementos distintos da formação social brasileira (SCHWARCZ, 2009).

¹⁸² Tudo leva a crer que a primeira vez que Palmares tenha sido citado em uma publicação foi no livro de Sebastião da Rocha Pita, *História da América Portuguesa*, em 1724 (LARA, 1996).

momento crucial que se estabelece com Felipe, com a era filipina. Ele tenta confluir todas as coroas sobre a sua égide, o grande inquisidor (NASCIMENTO, 1982d, p. 12).

Eu insisto na ideia de que a intelectualidade negra assume um papel de relevância ao colocar o quilombo como a primeira tentativa de Estado-nação e uma experiência pioneira na formação da sociedade brasileira (NASCIMENTO, 1981, 1985; GONZALEZ, 1982; NASCIMENTO, 1982a). É também, desse modo, que Funari (1996) argumenta que os quilombos foram inicialmente nomeados pelo poder colonial com expressão latina, *res publicae* (Estado), traduzida mais tarde para repúblicas, *republics*, *républiques*, portanto, República de Palmares.

O que desejo destacar é a representação do negro como protagonista da história nacional e também a ruptura com uma tradição do pensamento ocidental que predomina desde a filosofia hegeliana e com a qual os países do Norte relegam o hemisfério Sul a um processo a-histórico e, por isso, englobado pela historiografia do hemisfério Norte. Por outro lado, também marca a oposição com o pensamento canônico brasileiro, em particular, as interpretações da formação social do Brasil.

Clóvis Moura (1988) já defendia uma interpretação singular de nação quando elegeu, como eixo fundamental do modo de produção escravista, a luta de classe entre senhores e escravos. Lélia Gonzalez (1982) argumentava ser a República Negra de Palmares a primeira tentativa de fundar um Estado livre na América, em oposição ao sistema implantado pelos europeus no continente. Abdias do Nascimento (1982) afirmava que um Estado africano no Brasil havia sido instaurado pela república palmarina, unindo quilombolas em torno da resistência e da luta. Beatriz Nascimento (1982d), por sua vez, arguia que o quilombo teria estabelecido o primeiro conceito de nação e a primeira experiência de sociedade brasileira.

Então, naquele momento ele [o quilombo], quando se estabelece na floresta tropical do nordeste do Brasil e depois em algumas regiões do Brasil inteiro, principalmente Minas Gerais e Bahia, e no final do século passado em São Paulo, ele estabelece um confronto entre a ideologia nacional, que já começa a se mostrar nesse século em todo o mundo, fundamentalmente na Europa, um sentido de nação estritamente africano e Bantu, a nação aculturada, era a nação africana Bantu que ia das cabeceiras do Rio Senegal até o sul da África, a bacia do Congo, de leste a oeste da África. Quer dizer esse conceito de sistema centralizado, fechado com fronteiras estabelecidas, já era uma realidade da África no século XVII (NASCIMENTO, 1982d, p. 14).

O quilombo teria nascido de um fato histórico: a fuga! A autora defendia que a fuga representaria a rejeição do homem – e da mulher – em serem tomados como propriedade de outro: “A fuga, no caso, era fundamental, uma vez que os negros, enquanto presos às fazendas, não tinham condições de enfrentar militarmente seus dominadores”

(NASCIMENTO, 1976b, p. 130). Por essa razão, a fuga não poderia ser considerada espontânea e anárquica no sentido de desorganização. Pelo contrário, a evasão de negros seria a primeira fase da luta que começaria na fazenda com a organização e o planejamento do combate a ser travado contra a ordem social estabelecida. É preciso destacar, nesse contexto, o papel da mulher negra – questão que irei tratar adiante.

Clóvis Moura (2001) concordava que a fuga não poderia ser vista como ato desordenado e sem projeto político, considerando a assiduidade e a frequência com que aconteciam. O autor também defendia que os aquilombados, aproveitando-se das dificuldades de acesso, pelo colono, ao quilombo e da abundância de recursos naturais na região, promoveram uma experiência de autonomia sem precedente no Brasil colonial: “[...] foram-se aglomerando e reunindo gente, juntando braços para a guerra e trabalho e formaram naquele lugar a maior tentativa de autogoverno dos negros fora do Continente Africano” (MOURA, 1988, p. 185).

Na historiografia brasileira, difundiu-se a ideia de que a existência do quilombo provaria a necessidade dos negros em fugir da escravatura ou em retornar à situação tribal a que estavam habituados em seu continente de origem. Em um esforço de imaginação, a historiadora Beatriz Nascimento (1978) defendia a existência de outras motivações para a fundação de quilombos em território dominado pela coroa portuguesa. Em um exercício para desentranhar os pontos cegos, a autora inferiu que:

Um homem africano traficado, mas vindo de uma organização social mais desenvolvida do que as inúmeras da África, ou um grupo de grau hierárquico elevado em determinado grupo africano (sociedade primitiva, estado, império ou grupo social não especificado). Imaginemos um potentado, separado pela distribuição de mão de obra no mercado aqui no Brasil, de seus súditos, ou da maior parte deles, ou ainda da sua família. Simplificadamente diremos que este homem por experiência de mando, de grau hierárquico social, não aceita racional e conscientemente a nova condição em que se encontra no Brasil. Este homem poderá conseguir, mesmo na senzala, ainda na fazenda, nas horas mesmas de trabalho, reorganizar nos moldes anteriormente conhecidos, ou não, um grupo. Isto poderia ser feito através de prestação de algum favor, de continuidade de vassalagem dos seus antigos súditos, de relações novas, etc. A continuidade de vassalagem foi um fenômeno observado por Mariam Graham, relatado no seu Diário, e que é citado por José Honório Rodrigues na sua obra “Revolução e contra revolução – economia e sociedade” (v. II). Presume-se que este também tenha sido o caso de acumulação de riqueza por parte de Chico Rei em Vila Rica no século XVIII. Além destes homens africanos, entretanto, é provável que homens crioulos (brasileiros) possam ter tido ocasiões de estabelecer grupos novos baseados em novas relações. É possível que, da forma como estava organizada a escravidão, o agrupamento se relacionasse de uma maneira que para aquele de fora de tal agrupamento (o branco, o feitor ou senhor, outros negros, etc.), fosse totalmente incompreensível e indistinta. É inegável que os negros estavam organizados socialmente na relação de trabalho sem fragmentação aparente. Qualquer mudança que pudesse acontecer dentro do núcleo de trabalho seria, deste modo, imperceptível. Isto dava margem de vantagem a que o

núcleo inicial do quilombo pudesse se desenvolver sem a intromissão dos elementos estranhos e opostos a ele (NASCIMENTO, 1978, p.05).

Nessa linha de reflexão, a autora defendia que um grupo liderado por pessoas com certa importância (curandeiro, parteira, feiticeiro) já estaria formado entre os escravos antes mesmo de seguirem para um novo território.¹⁸³ Esse embrião teria supostamente a necessidade de se afastar da ordem dominante, conspirar contra ela e, dadas as condições históricas e institucionais, valer-se do único instrumento de resistência que possuía: a fuga.

O quilombo é justamente isso, esse isolamento, todos os conceitos sobre o quilombo vai dar nisso, fuga, isolamento, reunião pra troca de coisas. Se faz muito em Angola ainda, o quilombo entrava numa região e através de lá ele vendia as próprias tribos, mas essas tribos muitas vezes ali também se fazia um grande mercado, quer dizer, o quilombo ao mesmo tempo que é um encontro, um acampamento de caçadores na floresta também pode ser uma feira, quer dizer, aonde você caça, aonde você mata, ali você divide, ali você faz vida (*sic*) (NASCIMENTO, 1982d, p. 06).

A autora, contudo, acreditava que, antes da culminância desse fato histórico, o grupo pode ter passado por crise grupal ou individual, existindo o risco de desagregação. No entanto, a experiência de crise teria revigorado os laços e os vínculos entre os grupos vindos de diferentes regiões, e essa interação foi traduzida em práticas lúdicas, religiosas e filosóficas.¹⁸⁴ Homens e mulheres podem ter passado por uma fase caótica, mas a experiência resultou naquilo que conhecemos como ponto de inflexão. Assim o “[...] caos psíquico nestas pessoas é que vai suscitar então, neste momento, uma elaboração ideológica para fortalecer os laços e justificar as atitudes contrárias à ordem social, política e jurídica estabelecida” (NASCIMENTO, 1978, p. 10).

Clóvis Moura (2001) defendia a passagem da consciência de negro fugido para a consciência de negro quilombola. Isso aconteceria quando o protesto deixasse de ser solitário e adquirisse um sentido social abrangente por meio da interação coletiva: “O quilombola era, portanto, um ser social com uma visão menos fragmentária da necessidade de negar coletiva e organizadamente o instituto da escravidão” (MOURA, 2001, p. 104). Destarte, o quilombo refletiria no aquilombado uma nova organização sócio-psicológica responsável por torná-lo um agente de rebeldia e de uma dinâmica oposta à condição de escravo. De acordo com o

¹⁸³ Se partirmos da ideia de que as tribos são sociedades completamente organizadas e formadas por clãs cuja organização social tem como base as relações de parentesco supostamente consanguíneas, descendentes de um mesmo passado comum, também teremos que admitir que no Brasil houve uma reorganização em termos de solidariedade e hierarquia: localidade, história, alianças, entre outros. Ou seja, converge para a hipótese de que os clãs são exógamos que se multiplicam, se diferenciam e se organizam constantemente em tribos endógamas (GOLDELIER, 1978).

¹⁸⁴ Conforme Silvia Hunold Lara (1996), chegou a ser cogitado, depois de Palmares, que seria melhor evitar o agrupamento de negros de mesma etnia e que as diferenças entre as nações poderiam ser um meio eficaz de se evitar aglutinações.

sociólogo negro, não haveria, para o africano sem alforria, a posição intermediária entre liberto e escravo no sistema colonial.¹⁸⁵ Em outras palavras, não lhe era facultada a opção de ser camponês, meeiro, posseiro, arrendatário. Não podia comprar terras, nem as arrendar, nem as alugar, mas somente ocupá-las por um ato racial e violento contra o sistema de propriedade escravista. Para exercer a liberdade, ele teria de ser um aquilombado!

Segundo Beatriz Nascimento (1981) não caberia estudar os quilombos usando interpretações de movimentos modernos ocorridos na Europa Ocidental, desde o século XVIII.

O fato dos (*sic*) “quilombos” pertencerem à dinâmica da sociedade brasileira dos séculos de colonização e à posterior sociedade pré-capitalista e pré-industrial do século XIX, os encaixam nos chamados movimentos sociais “arcaicos” ou “primitivos” (NASCIMENTO, 1981, p.12).

Beatriz Nascimento (1985) afirmava existir duas linhas predominantes de interpretação acerca do quilombo: a) a análise liberal encharcada pelos ideais franceses na qual o quilombo seria uma expressão da igualdade e da liberdade, sem levar em conta as desigualdades produzidas em seu interior;¹⁸⁶ b) a interpretação na linha marxista-leninista de mudança social em que o quilombo seria um embrião revolucionário no momento de acirramento da luta contra a ordem opressora.

Na primeira, predominaria a visão paradisíaca e acarretaria o equívoco de imaginar uma organização social completamente apartada do sistema em que está inserido e, portanto, um erro conceber o quilombo como um paraíso étnico-racial.¹⁸⁷ Existiriam, segundo a autora, indícios de uma prática escravista dentro dos núcleos negros cuja diferença fundamental com a escravidão praticada por Portugal consistiria no tipo de escravatura conhecida e exercida por etnias africanas. Os aquilombados conheceriam a escravidão por aprisionamento de guerra; em casos de filhos de mães escravas não resgatados; por castigo imposto pela quebra de regras coletivas; por pedir proteção a outra linhagem e, conseqüentemente, tornar-se escravo dela.

¹⁸⁵ As categorias de vassalo, ingênuo, crioulo e liberto são distintas condições de liberdade no sistema escravocrata, mas, por outro lado, são semelhantes em relação às limitações impostas aos negros nos seus direitos sociais, culturais e políticos (MOURA, 2001).

¹⁸⁶ Segundo Stuart Schwartz (1996), a perspectiva liberal também foi atribuída à revolta dos malês, em 1835, na Bahia, junto a outras explicações para a insurreição: 1) motivos religiosos ligados à influência islâmica e à concentração de escravos mulçumanos; b) questões étnicas envolvendo grupos de africanos diversos; c) influência dos jacobinos entre os escravos.

¹⁸⁷ A representação romanceada dos quilombos teria sido proliferada por trabalhos de intelectuais seguindo as pistas deixadas pelos seus antecessores. Raimundo Nina Rodrigues e Édison Carneiro seriam exemplos de autores que viam na organização de negros um verdadeiro Estado africano – como sugeriu R.K.Kent – ou uma interpretação restauracionista – como em Eugene Geonovese. (REIS e GOMES, 1996).

A autora argumentava que, na segunda linha de interpretação, dominaria a explicação da incidência e da prática quilombola como tentativa frustrada de tomada de poder com base em teorias marxistas da revolução ou da insurreição da chamada classe oprimida. José Reis e Flavio Gomes (1996) argumentam que o ideal marxista-leninista deduz que os aquilombados não teriam alcançado a necessária consciência de classe para dar o passo de luta naquele momento histórico e, dessa forma, não teriam sido capazes de orientar a ação política sob a luz das leis das transformações e das revoluções sociais.

Em desacordo com essas visões, Beatriz Nascimento (1981) sugere olhar para os quilombos como sistemas sociais arcaicos e, nesse entendimento, a Guerra de Canudos representaria um caso exemplar historiado para oferecer pistas válidas a essa perspectiva. O Movimento Conselheirista – Guerra de Canudos –, liderado por Antônio Conselheiro [1830-1897],¹⁸⁸ teria sido uma experiência empírica de um movimento social e político. O movimento representaria a saída para a população marginalizada no processo capitalista brasileiro: estabelecer uma sociedade baseada em sistema tradicional. Clóvis Moura (2000) definiu Canudos como um dos mais relevantes movimentos sociais da época cujo conteúdo de protesto reflete o grau de antagonismo à que chegaram as relações entre o latifúndio e a massa camponesa desapropriada e explorada. Porém, a historiografia nacional teria perpetuado uma leitura de fanatismo e uma ação de banditismo sem nenhum conteúdo político (NASCIMENTO, 1981, MOURA, 2000).

Beatriz Nascimento (1981) defendia que o movimento de Antônio Conselheiro teria contado com a participação de ex-escravos e de população parda e preta livre. Para a autora, a justificativa para tal fato seria os grandes deslocamentos de populações escravas no mesmo período em que Conselheiro iniciava a peregrinação pelo interior de Sergipe e Bahia. Clóvis Moura (2000) concordava que o número considerável de cativos, muitos deles egressos das senzalas para os quilombos da região, não poderia deixar de interessar ao Conselheiro. A migração forçada de escravos, que começou logo após a supressão do tráfico negreiro, arrastou levas de cativos do Nordeste rumo às lavouras de café no Sudeste brasileiro. Muitos deles temerosos com esse processo refugiaram-se no arraial: “Pelo talvez do rio Tapiranga (Iraripanga o nome antigo do Vaza-Barris) subiam escravos foragidos das usinas de Sergipe e Alagoas (Palmares) para se refugiarem em Canudos” (NASCIMENTO, 1981, p. 05). Existiria o temor, por parte de negros, índios e caboclos libertos, de que o comércio negreiro

¹⁸⁸ Segundo Clóvis Moura (2000) Conselheiro era mestiço – no seu registro de nascimento consta pardo – e, por isto, considerado um desequilibrado, assim como sofriam do desequilíbrio da mestiçagem os camponeses que o seguiam – sofriam de uma loucura coletiva.

interprovincial não poupasse, pela ânsia de lucro dos escravagistas, nem mesmo os alforriados. Dito de outra maneira, existia a possibilidade concreta de reescravização.

O silêncio sobre a composição étnica dos adeptos de Conselheiro reflete uma posição constante da História do Brasil. De um modo geral essa história oficial procura negar a existência desses componentes em todos os movimentos sociais ou políticos do passado. Salvo as revoluções da Bahia no final do século XVIII e primeira década do século XIX, a Balaiada no Maranhão e a Cabanagem no Pará, a impressão que se tem é de que índios e negros não se insurgem contra a ordem estabelecida (NASCIMENTO, 1981, p.13).

Não cabe aqui uma exaustiva explanação acerca do Movimento Conselherista, especificamente sobre a Guerra de Canudos. Ambos foram amplamente documentados em obras de Euclides da Cunha, Clóvis Moura, José Calasans e tantos outros. O que seria importante reter desses acontecimentos é a existência de movimentos envolvendo quilombos, os aquilombados e uma ampla população de escravos, alforriados e negros libertos que confirmariam um *continuum* de núcleos negros depois da abolição. Isso também foi verificado por Beatriz Nascimento (1981) em estudo realizado entre 1976 e 1979, em um quilombo localizado a 14 km do município Carmo da Mata, Minas Gerais, denominado “Kilombo” pela população local.

Na localidade, a jovem pesquisadora negra tomou conhecimento que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário era frequentada por negros e brancos. Contudo, os negros mantinham maior número de práticas cristãs durante a trilogia de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia. Nessa época, aconteciam os festejos de rua denominados “Reinado”, constituídos de ternos – Congada, Moçambique, Catupé e Vilão – que se assemelham a pequenos exércitos e a batalhões, sempre comandados por negros ou mestiços (NASCIMENTO, 1981). O Reinado seria capaz de distribuir o poder entre os quatro termos da Congada. A primeira passagem com os sons só poderia ser feita depois do consentimento da Igreja Católica, inclusive a realização da missa na capela dos congadeiros. Por sua vez, os membros da Igreja Católica não possuíam permissão para entrar na capela: isso demonstraria o poder dos negros sobre seu sincretismo religioso e a relativa autonomia na sua prática cultural.

A Congada seria a representação das nações e das etnias em Angola. O bastão da quibamba teria um valor simbólico idêntico ao da coroa e do manto do rei do Congo: “São chefias, são líderes de comunidades, líderes históricos, lideranças também por parentesco, por vizinhança, por linhagem étnica” (NASCIMENTO, 1982d, p, 15). O rei do Congo, no interior da Congada, representaria aquele que traficou e vendeu escravos. É a representação do poder a que todos se voltam contra. Nesse sentido, a dramatização significaria uma rememoração

histórica: não haveria uma luta real, mas um conflito “[...] de distribuição de corpos, de energia, de música, de quem está melhor e mais bonito na festa [...]” (NASCIMENTO, 1982d, p. 17). Por essa razão, o Reinado não apenas dramatizaria uma situação de conflito, como também objetivaria o próprio conflito.

Beatriz Nascimento (1981) optou pela pesquisa oral depois de procurar, sem sucesso, registros no Arquivo de Minas Gerais, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e nas igrejas de Carmo da Mata e de Divinópolis. Os depoimentos revelaram que o Kilombo teria surgido do contato de negros “corumbas” – nação bantu, etnia m’bunda – com os índios *puris* que habitavam a região. Em outra versão, os brancos haviam chegado em busca de terra para o plantio de café e teriam expulsado ou reescravizado os negros e os índios da região. São versões concorrentes que apontam para um possível conflito entre negros e brancos sobre a origem da localidade e o direito à posse da terra.

Na versão dos negros, existiria o mito fundador do Kilombo. No relato, consta que uma santa milagrosa foi encontrada logo após a luta entre forasteiros e quilombolas. Nessa interpretação, um peão, ao procurar um boi desgarrado, encontra-o com o chifre partido. Seguindo o rastro de sangue do animal, depara, em uma gruta da região, com a imagem de Nossa Senhora de Santana. Na narrativa, o bovino representaria simbolicamente a retomada do território, a posse da terra: “[...] esse boi é para mim um símbolo realmente de Quilombo” (NASCIMENTO, 1982d, p. 18). Para a autora, a Santa Milagrosa corresponderia mitologicamente a mesma simbologia do boi quilombola. A Santa cumpriria a mesma função de oferecer a esperança de retomada daquele território. A imagem católica era de ébano, em estilo barroco e foi levada à Igreja Nossa Senhora do Rosário, logo após ser encontrada. Em seguida, teria ganhado uma capela própria, construída pelos comandantes do reinado – negros e mestiços. Mas, como não chegou a ser transferida para o novo templo religioso, a imagem da santa e a caixa de auxílio do reinado passaram a ser motivo de disputa entre brancos e negros da região.

Para Beatriz Nascimento (1981), a continuidade histórica seria uma das características negligenciadas pela historiografia nacional: “Quando um quilombo caía pelas forças de pressão, pouco tempo depois outro, no corredor das montanhas cariocas, se levantava e tornava-se visível para a cidade” (NASCIMENTO, 1991, p. 05). Conforme Clovis Moura (1988), houve persistência dessa organização social em todo território nacional e também capacidade de autorreprodução, pois “[...] destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando sua roça, constituindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa” (p. 87).

Beatriz Nascimento (1977, 1981, 1982d) afirmava que no passado diversos quilombos teriam sido formados continuamente na Amazônia¹⁸⁹, Maranhão, Paraíba, Pernambuco/Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, Mato Grosso¹⁹⁰, Goiás¹⁹¹, Bahia¹⁹², São Paulo¹⁹³ e Minas Gerais¹⁹⁴: “O quilombo de Minas Gerais do século XVIII há esse processo de continuidade, quer dizer, eles reprimem um núcleo aqui, mas surge outro núcleo e isso vai continuando” (NASCIMENTO, 1977, p. 12).¹⁹⁵ Contemporaneamente, o Quilombo Nossa Senhora dos Mares e o Quilombo Cabula, ambos em Salvador, Bahia, seriam exemplos de continuidade dos núcleos negros no Brasil.

José Reis e Flávio Gomes (1996) argumentam que quilombos na Jamaica e no Suriname também são exemplos de núcleos sobreviventes na América. Dessa forma, teriam chegado aos dias atuais graças aos tratados de paz que firmaram com os poderes coloniais e que lhes garantiram certa autonomia. Eurípedes Funes (1996), examinando os mocambos no baixo Amazonas, constata que a comunidade negra Pacoval seria mais uma prova de que nem todos os núcleos negros desapareceram com a abolição. Conforme Beatriz Nascimento (1981), Gambôa teria sido o primeiro quilombo do Rio de Janeiro. Em seguida, teriam surgido outros sempre em direção ao sul do estado: Catumbí, Corcovado, Santa Tereza, Leblon, Catacumba, Gávea, Catangalo, Pavãozinho, Mangueira, Macacos (ou Macacu), Salgueiro; no interior, Raiz da Serra, Xerém, Pati de Alferes, Vale das Videiras, Vassouras (NASCIMENTO, 1981).

Uma das provas que talvez tenhamos para este argumento [de continuidade histórica] é a de que no Rio de Janeiro, áreas geográficas de antigos quilombos, como os de Catumbi (um dos maiores), Leblon, Corcovado e outros, transformaram-

¹⁸⁹ Um dos mais conhecidos quilombos do baixo Amazonas foi Curuá. Desse local, tem-se uma curiosa história de homens e mulheres negros que ignoravam a ideia de ser propriedade de outra pessoa: “Nunca tive senhor por ter nascido na mata” (FUNES, 1996, p. 467).

¹⁹⁰ No Mato Grosso, os mais conhecidos são Quilombo Quariterê, Quilombo Sepotuba e Quilombo Rio Manso (VOLPATO, 1996). Tudo indica que surgiram com o povoamento da região no século XVIII.

¹⁹¹ Em Goiás, os mais representativos são Três Barras, Tocantins, Arraias, Meia Ponte, Crixás e Paracatu. O surgimento destes núcleos negros datam do século XVIII (KARASCH, 1996).

¹⁹² Na Bahia, existe o registro de Buraco do Tatu, de Jacuípe e Jaguaribe, de Nossa Senhora dos Mares e Cabula, do Urubu, dos Campos de Cachoeira, da Bahia, de Nazaré e Santo Amaro, de Jacobina e Rio das Contas, de Orobó, Tupim e Andaraí, do Camisão, de Taperoá, Canavieiras e Adjacências, de Maragogipe e Muritiba, do Piolho, de Pindaiutiba.

¹⁹³ Segundo Clóvis Moura (1988), a composição dos escravos de São Paulo não foi feita pelo continente africano, mas pelo comércio com outras regiões do Império. Tudo indica que a formação dos quilombos tenha ocorrido a partir do século XVIII, com ocorrência em todo o estado. Pelo menos, é isso o que indica as ordens de prisão de escravos fugidos em Mogi-Guaçu, Atibaia, Santos, Itu, Taboão, Piracicaba, sem contar as localidades menores, como Aldeia Pinheiros e Sítio da Ponte.

¹⁹⁴ Clóvis Moura (1988) admite ser difícil precisar com certeza quantos quilombos foram erguidos em Minas Gerais e a quantidade de aquilombados em cada um deles, mas presume que a população de quilombolas, no estado, possa ter chegado a vinte mil.

¹⁹⁵ O quilombo ao qual Beatriz Nascimento se refere é provavelmente o quilombo de Ambrósio, também conhecido como Quilombo Grande, que foi destruído na segunda metade do século XVIII.

se em favelas, e sobrevivem, embora transformados fisicamente, até nossos dias (NASCIMENTO, 1978, p.04).

Finalmente, como podemos entender o quilombo hoje? Segundo Beatriz Nascimento (1982d), o quilombo na atualidade não teria a forma do passado, ou seja, não seria mais a experiência empírica do sistema social alternativo protagonizado por negros dentro do sistema de dominação colonial. O quilombo contemporâneo seria o instrumento ideológico que orientaria a luta do negro na sua autoafirmação e autocompreensão.

O quilombo de hoje significa muito mais uma consciência, uma ideologia realmente, uma consciência de que você é um homem, que você é capaz de empreender coisas capazes de serem aceitas, viver e ser aceito dentro de uma sociedade, é isso que é fundamental (NASCIMENTO, 1977, p.15).

Ou,

[...] a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade (NASCIMENTO, op. cit., p.16).

Ou ainda,

Este movimento de longa duração nos séculos de colonização em todas as partes da América Central e do Sul. Após a abolição do trabalho escravo, não se documenta mais o processo do quilombo. Entretanto pela pesquisa realizada ele se interioriza nas práticas e condutas dos descendentes livres de africanos. Sua mística percorre a memória da coletividade negra e nacional, não mais como guerra bélica declarada, mas como um esforço de combate pela vida (NASCIMENTO, 1982c, p.04).

A perspectiva ideológica vigoraria desde o século XIX mobilizando populações negras em busca de melhores condições de vida. A importância dos quilombos na atualidade estaria na participação de um universo simbólico cujo caráter libertário seria o impulsionador ideológico para afirmação racial e cultural dos negros. O Quilombo de Jabaquara poderia ser considerado um exemplo de sucesso dessa forma de organização social de negros enquanto memória histórica e social.

A questão está em como essa massa de escravos carentes de formas mais aperfeiçoadas para manterem uma memória social, ou seja, uma história, conseguiram possuir uma ideia do quilombo tão aproximada daquela que foi divulgada pela literatura histórica ou vulgar, ou seja, um local onde a liberdade era praticada, onde os laços étnicos e ancestrais eram revigorados (NASCIMENTO, 1979, p. 177).

Beatriz Nascimento (1981) defendia que o quilombo seria uma prova contundente de que a liberdade dos negros foi conquistada de diversas maneiras, inclusive por meio da

rebelião, da compra da alforria e da luta política abolicionista.¹⁹⁶ Portanto, anteciparia qualquer decreto de soltura emitido pelo sistema dominante e manteria a perspectiva de se criar formas alternativas em uma sociedade que rejeita os elementos negro – e indígena. Desse modo, os núcleos negros compreendem, hoje, as escolas de samba, os terreiros de candomblé, os bailes negros, as agremiações de negros, as comunidades negras rurais, as favelas. A historiografia brasileira não poderia considerar os quilombos casos esporádicos e desarticulados de um fato político maior porque

[...] a grande maioria da população no século passado [XIX] era de negros e mestiços, então, logicamente se existe uma população de brancos no Brasil foi a partir da imigração no final do século passado, então nós temos uma história basicamente negra e uma cultura basicamente negra (NASCIMENTO, 1977, p.10).

O trabalho intelectual de Beatriz Nascimento culminou em uma série de indagações sobre as interpretações recorrentes de nação. Como sabemos, circulam livremente no campo intelectual brasileiro um conjunto de enunciações sobre a formação social brasileira. Destacaria, desse conjunto, o ocultamento das relações de apadrinhamento camufladas na noção de cordialidade que submete a população negra a um sistema de favores e deveres para com as elites nacionais, assim como a ideia de democracia racial cuja naturalização esconde um dos mais perversos capítulos de violência cometida contra mulheres africanas e afro-brasileiras na história brasileira.

A cordialidade brasileira coloca na relação entre brancos e negros uma interação mediada pela familiaridade, distante das relações impessoais que caracterizam o mundo moderno ou o mundo burocrático das instituições modernas. A convicção de que um povo afeito à pessoalidade, ao trato direto, esconderia um jogo de poder cujo objetivo seria a preservação do monopólio de recursos e de oportunidades nas mãos de uma elite que se sente no direito de distribuir bênçãos aos seus apadrinhados. Essa prática social teria se tornado tão comum entre nós que acabou naturalizada em expressões cotidianas como integração, aceitação e igualdade. Beatriz Nascimento (1974a) defendia que tais ideologias suprimiriam a singularidade do povo negro, uma vez que inclusão social significaria a assimilação da cultura europeia e dos modos de viver da população branca, em detrimento da cultura arcaica e bárbara dos antepassados africanos.

Por outro lado, a teoria luso-tropicalista, de autoria freyreana, colocaria homens e mulheres, senhores e escravas, portugueses e africanas, em um grau de harmonia que, além de

¹⁹⁶ Um exemplo do silenciamento da população negra consiste na ausência de informações sobre a sua atividade intelectual e política em toda história brasileira. Pinto (1993), diferentemente de Beatriz Nascimento, afirma que durante o processo de abolição não houve participação de homens e mulheres negros (p.110).

conviverem em paz, conseguiriam acasalasse livremente por toda extensão territorial e durante todo o período colonial. Portanto, esconderia uma prática regular de assédio e abuso sexual de senhores que mantinham na casa grande as mulheres de sua preferência ou as geradas pelo estupro cometido por filhos, vizinhos, amigos. Para Elisabete Aparecida Pinto (1993), as mulheres brancas sem nenhuma autoridade em um sistema predominantemente patriarcal – diante do marido ou do pai – acabariam reproduzindo o poder masculino de controle sobre os escravos. As mulheres negras que viviam fora da Senzala eram conhecidas como mucamas e, não raramente, eram alvo do descontentamento das mulheres brancas que se sentiam traídas em pleno seio conjugal por homens que supostamente estavam em busca da liberdade sexual reprimida pelo catolicismo da época.

4.3. A MULHER NEGRA E O QUILOMBO

Beatriz Nascimento (1976a, 1982d) argumentava que cabia à mulher negra o suporte da aventura empreendida pelas matas em busca de rotas que levassem a um novo território: um lugar suficientemente bom para edificar mais um núcleo negro e organizar a vida cotidiana com as novas possibilidades ofertadas pela estrutura social do quilombo.¹⁹⁷ Os homens eram os primeiros a fugirem! De acordo com a autora, eles se constituiriam em chefes de campo, dirigentes de vários mocambos, distribuídos conforme seu grau de importância e suas aptidões militares. Por outro lado, cabia à mulher africana participar do planejamento e da execução da fuga.¹⁹⁸ Muitas vezes, o alimento colocado como oferenda aos deuses também servia para alimentar os que estavam em processo de guerra ou de defesa das comunidades quilombolas.

Cabia as mulheres no quilombo o sustento dos guerreiros, cabia as mães preparar o alimento e colocar nas florestas não só para oferecer aos seus mitos arcaicos mas para também alimentar os fugitivos (NASCIMENTO, 1982d, p. 15).

Como lembra Peter Geschire (2006), sempre houve um temor em relação à feitiçaria, sendo esta, muitas vezes, um modo de equilibrar as forças entre dominadores e dominados. Segundo o autor, a tradução da prática social chegou até nós repleta de preconceitos expressos em termos como “bruxaria” ou “magia”. No entanto, expressões como “força oculta” ou “tipo

¹⁹⁷ Aqualtune, Acotirene e Mariana Crioula podem ser citadas como mulheres com atuação expressiva nos quilombos. Contudo, pouco se sabe sobre elas e sobre a ação que tiveram na dinâmica do quilombo (LARA, 1996).

¹⁹⁸ Joan Scott (1995) citando Natalie Davis alerta para a importância dos sexos na organização social e a necessidade de entender a variedade de papéis e simbolismos sexuais em diferentes sociedades e épocas.

especial de energia” seriam mais adequadas para traduzir esse ritual. A feitiçaria pode ser vista como discurso que instiga os estudos antropológicos a desvendar o modo como palavras e imagens adquirem um poder social equivalente a forças sociais próximas das que estivemos lidando no decorrer desse trabalho: as ideias. É importante lembrar que a prática da feitiçaria está ligada às mulheres, em especial, na modernidade, às mulheres não brancas, como as africanas, as ameríndias e as afro-brasileiras. Isso também foi observado por Ruth Landes (2002) quando estudou a prática do candomblé na Bahia e verificou que nos cultos dos orixás havia a predominância do feminino, com poucos homens mantendo alguma liderança nos terreiros.¹⁹⁹

Silvia Hunold Lara (1996) lembra que pior do que fugir era ajudar no processo de fuga: o crime não era fugir, mas acobertar ou acoitar escravos em fuga. Portanto, podemos inferir à que ordem de perigo as mulheres negras estavam expostas ao fazerem parte da organização e da operacionalização da fuga que levava à formação dos sistemas sociais alternativos. Conforme a autora, a mulher africana normalmente não adotava o suposto comportamento dócil e submisso da mulher europeia. As negras de origem bantu, por exemplo, eram tidas como fortes e guerreiras e, muitas delas, recebiam nomes das identidades iorubas. Existem informações a respeito de antigas sociedades secretas – Geledè e Eleekó – responsáveis por práticas sagradas e pelas articulações entre mulheres supostamente portadoras de poderes mágicos e transcendentais. Porém, mesmo quando se admite uma história das mulheres esta aparece apartada da história dos homens como uma contribuição ou mesmo uma consequência de uma história contada como oficial (SCOTT, 1995). Por trás dos mitos da formação social brasileira, esconde-se a história do protagonismo de muitos homens, mas, sobretudo, de mulheres negras (GONZALEZ, 1982, PACHECO, 2013):

O papel das mulheres negras em lutas organizadas contra a escravidão – as fugas, os motins, as rebeliões e a formação dos quilombos – demonstravam uma reação à dita docilidade-cordialidade-submissão dos negros e das mulheres escravas contra a família patriarcal branca (PACHECO, 2013, p. 58).

Isso seria amplamente comprovado com os registros da atuação de mulheres negras desde o século XIX, em especial nas irmandades de cor²⁰⁰. No século XX, temos o exemplo

¹⁹⁹ Landes (2000) argumentava que eram homossexuais e, por isso, vinculados à alguma expressão do feminino.

²⁰⁰ Conforme Pinto (1993), no final do século XIX, há registros de mulheres negras lutando pelo direito à educação formal. A Constituição de 1824 “declarava o ensino de primeiro grau obrigatório aos brasileiros, exceto a dois grupos – escravos e leprosos” (p. 148).

de Laudelina Campos Melo²⁰¹, criadora da primeira associação de trabalhadoras domésticas no estado de São Paulo. Ela seria uma das mulheres que também havia integrado os quadros da Frente Negra Brasileira. Na década de 1950, temos a criação do Conselho Nacional da Mulher Negra que agrega mulheres dos campos da política e da cultura, em especial, da cultura de massa, em que a música popular configura-se como espaço público de maior expressividade para as mulheres negras brasileiras (PINTO, 1993). Parafrazeando Joan Scott (1995) dar visibilidade as histórias dessas mulheres não significa apenas uma nova história das mulheres, mas em uma nova história, uma que ainda não foi contado, ou, mais precisamente, que foi omitida da historiografia nacional.

O percurso de mulheres negras não permite inferir que houve uma continuidade histórica entre as diferentes organizações do passado e as criadas mais recentemente. Porém, diferentes trajetórias sinalizam para nexos entre sujeitos de momentos distintos, permitindo certas caracterizações. Mais recentemente, podemos citar a atuação da mulher negra ligada à emergência e consolidação do feminismo negro dos quais temos como expoentes escritoras inseridas nas experiências da diáspora ocidental: Lélia Gonzalez (1982, 1983, 1988a, 1988b), Luiza Bairros (1995, 2000) e bell hooks (1995, 2000), entre tantas outras.

bell hooks (2000) argumenta que não raramente as mulheres negras testemunharam a segregação e a humilhação de companheiros, filhos e outros familiares, muitas vezes castigados sem motivo aparente, separados pela imposição de um sistema opressor, submetidos a tratamentos desumanos. Para a autora, mesmo com o fim da escravidão, os negros teriam preservado certas barreiras emocionais como forma de sobrevivência. Em tom de depoimento, hooks (2000) afirma que, na geração de seus pais, a prioridade era “subir na vida”, por isso encaravam o amor como perda de tempo. Portanto, entendiam que suprir as necessidades materiais da família era uma forma de amar.

Para Beatriz Nascimento (1990), a mulher negra que porventura ascende socialmente acaba enfrentando grande número de obstáculos para encontrar companheiros pretos ou não negros. Em uma sociedade em que a escolha masculina baseia-se no erotismo e na sexualidade, a mulher negra, vista sob a crença de possuir um grau de sexualidade acima de outras mulheres, é tida como objeto de desejo, mas não como merecedora de afeto. Por isso, a especialização da mulher negra seria acompanhada pela individualização: 1) a sua rede de

²⁰¹ Foi ativista e trabalhadora doméstica. Sua trajetória está ligada à luta contra o preconceito racial, tendo como mote a subvalorização das mulheres e a exploração da classe trabalhadora. Combateu a discriminação das empregadas domésticas na sociedade paulista, lutando por melhores condições de trabalho, remuneração e igualdade de direitos sociais. Sua atuação como ativista resultou na regulamentação do trabalho doméstico. Ela também foi fundadora do Sindicato das Empregadas Domésticas (PINTO, 1993).

relações se especializa; 2) existe um embate psíquico entre a individualidade e a discriminação racial; 3) há o distanciamento do sexo oposto, acostumado com padrão específico de relacionamento amoroso. Joan Scott (1995) argumenta que não é possível entender a diferenciação ou mesmo a discriminação de gênero sem partir dos sistemas de significação da sociedade na qual confere a cada um e, do mesmo modo, ao aspecto relacional, uma experiência que não pode estar apartada de um significado: “Sem significado não há experiência; sem processo de significação, não há significado” (p.81). E nesse sentido a interação social é inerente e especificamente generificada, sendo apenas abalada pelos desejos reprimidos que desestabilizam a identificação do gênero: o desejo pelo poder social – constituído em diferentes campos de força - masculino em oposição à suposta fragilidade feminina.

Dessa forma, a solidão tende a ser um componente na vida da mulher negra que buscou e alcançou certa posição social.²⁰² A autora afirma que caberia a ela o trabalho de desmitificar o conceito de amor que envolve mais a ideia de igualdade iluminista do que paridade. No processo de desmistificação, o amor assumiria uma perspectiva de similaridade que resultaria em ação dinamizadora da sociedade e da cultura.

Rejeitando a fantasia da submissão amorosa, pode surgir uma mulher preta participante, que não reproduza o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo assim assumir uma postura crítica intermediando sua própria história e seu ethos. Levantaria ela a proposta de parceria nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas (NASCIMENTO, 1990, p.03).

Segundo a autora, institucionalmente, a discriminação é reforçada quando a mulher negra alcança posições de destaque na sociedade. Desafiando o lugar historicamente destinado a ela, sofreria com as estratégias de desqualificação e desvalorização da sua participação na formação social brasileira, ou seja, haveria uma clara rejeição a sua representação que não fosse a de objeto do qual a elite branca sempre se serviu, porque seu uso foi legitimado pela ideologia nacional. Para Spivak (2010) a construção da mulher subalterna parte do mesmo pressuposto freudiano da constituição de um sujeito da histeria. Nesse sentido, a mulher serve de representação para o grau de histeria que os coletivos sociais podem estar submetidos. A mulher subalterna na qual a autora se refere é a mulher hindu viúva que diante da perda do marido morto deseja também a morte. Em oposição a essa prática temos o homem inglês – representante do patriarcado civilizador – que abole a prática foi

²⁰² Conforme Pacheco (2013), a solidão é uma experiência comum na modernidade na medida em que os indivíduos tendem a ficar sozinhos. E acrescenta que a solidão da mulher negra é agravada por questões de raça e gênero.

interpretado pelos seus intelectuais “como um caso de homens brancos salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura” (SPIVAK, 2010, p. 94). A autora defende uma dupla razão nessa proibição: 1) o marido morto mantém o caráter de sujeito apagado; 2) e a viúva nega-se a possibilidade de se constituir como agente. O silenciamento da mulher subalterna nesse caso pode ser verificado pela criminalização de uma prática tradicional, sem, no entanto, dar-lhe o direito de ser considerado a sua vontade – ou ser ouvida em sua vontade – como se ela fosse incapaz de decidir por si mesma. Na palavra *Sat* – o que designa o masculino – transcende qualquer aceção de gênero e se desloca no sentido universal: o ser, a verdade, o bom, o justo. Enquanto o termo *Sati* – o que designa o feminino – se refere tão somente a “boa esposa”:

Sati como um nome próprio de mulher é bastante difundido na Índia hoje em dia. Dar o nome a uma criança do sexo feminino de “boa esposa” encerra uma certa ironia antecipatória. E a ironia é ainda maior porque esse sentido do substantivo comum não é o operador principal do nome próprio. Por detrás do ato de dar o nome à criança está a *Sati* da mitologia hindu – Durga em sua manifestação como uma boa esposa (SPIVAK, 2010, p. 120).

Beatriz Nascimento (1976a) afirmava que a mulher negra brasileira estaria enclausurada em um destino histórico que a levava desempenhar serviços de baixa remuneração: as relações trabalhistas modernas estariam respaldadas na exploração colonial; a negra trabalhadora não qualificada estaria assentada na estigmatização da mulher pela escravidão colonial (NASCIMENTO, 1976a, GONZALEZ, 1982).

Para Luiza Bairros (1995), a posicionalidade da mulher negra estaria imbricada em experiência social particular e, portanto, sob uma perspectiva que a coloca em um lugar diferente daquele historicamente destinado a homens e mulheres brancos. Pacheco (2013) entende ser impossível falar da mulher negra sem considerar a sobredeterminação de categorias – raça, gênero, classe – no condicionamento de sua posição na sociedade brasileira. A autora defende que essas relações são processadas simultaneamente em contextos socioculturais específicos. Assim, teríamos a representação da mucama acessível e sensualizada, beirando à libertinagem, e que chegou à contemporaneidade preservada através da imagem da mulata (NASCIMENTO, 1976, GONZALEZ, 1982, NASCIMENTO, 1980, PINTO, 1993). De acordo com Joan Scott (1995) mesmo em casos em que se propõe uma paridade entre essas categorias elas não possuem o mesmo estatuto equivalente: classe goza na teoria marxista do estatuto de determinação econômica e mudança histórica, enquanto raça e gênero não teriam nenhuma associação equivalente.

A negra é associada à sensualidade e ao prazer sexual (principalmente na figura da mulata e na execução do trabalho doméstico), funções estas que foram preferencialmente designadas às mulheres negras pela sociedade brasileira (PINTO, 1993, p. 117).

Pacheco (2013) citando a pesquisa realizada por Osmundo Pinho em Salvador também argumenta que

Além do estereótipo da “mulata sexual”, Pinho (2004, p. 114-115) identificou o estereótipo naturalizado da Baiana de Acarajé, que circula nos grandes centros históricos e turísticos da cidade de Salvador como uma figura folclórica “Ora, a imagem da Bahia é a repetição da imagem da crioula escrava”. O terceiro estereótipo associa a imagem da mulher negra que “é [...] a empregada doméstica, a criada e a ama-de-leite. Também nesse caso o motivo é colonial e escravista”. (PINHO, 2004, p. 115). É evidente que o autor está se referindo a tais imagens folclorizadas na forma como a sociedade percebe o trabalho das baianas de acarajé e das trabalhadoras domésticas, associando-as ao trabalho visto e tratado como se fosse escravo. Isso se expressa, inclusive, na desvalorização e desqualificação do chamado trabalho informal e doméstico, exercido por boa parte das mulheres negras na Bahia (p. 25).

Conforme Figueiredo (2012), são as mulheres, acima de tudo, que recebem os menores salários, acompanhadas de perto pelos homens negros, especialmente no nordeste brasileiro.

Os dados analisados demonstram que os negros ganham salários inferiores aos brancos em todas as ocupações, até mesmo naquelas em que a diferença entre as médias de anos de estudo é quase inexistente, a exemplo dos profissionais universitários. E, quando acrescentamos o sexo à tabela inicial, percebemos que são as mulheres negras que recebem os menores salários do Brasil, ganhando em média cerca de 44.8% da renda dos homens brancos (p. 54-55).

Como sabemos, a mulher tem um papel preponderante na organização familiar brasileira e, nas últimas décadas, vem assumido um lugar de destaque como provedora da casa, especialmente entre as famílias negras e pobres. Em parte, isso pode ser explicado pela baixa qualificação dos homens e pela ocupação subalterna deles no mercado de trabalho. Contudo, mesmo entre aqueles com maior escolaridade, os homens e mulheres negros ganham abaixo dos brancos ocupando profissões semelhantes ou iguais (FIGUEIREDO, 2012). No caso das mulheres negras, não há confirmação do discurso de que as trabalhadoras apenas ajudariam no orçamento doméstico, pelo contrário, caberia a elas, muitas vezes, a responsabilidade pelo sustento de todos os membros da família. Partindo de Joan Scott (1995) pode-se argumentar que as relações de gênero operam em duas dimensões: 1) como constitutivo das relações sociais; 2) como forma primária de dar significado às relações de poder. Mesmo se aceitarmos que o gênero é uma construção das relações de parentesco, fica evidente que também é constituído na economia e na política. A autora defende que o poder político não só faz referência à oposição homem/mulher, como também estabelece essa

diferenciação. Dessa forma não pode ser apartada da representação histórica do gênero ou mesmo de um significante cuidadosamente tecido historicamente em diversas formas de relação entre os sexos. Nesse sentido, gênero assume o próprio significado de poder e qualquer alteração nessa ordem significa uma ameaça ao sistema como um todo.

Para concluir o capítulo, gostaria de esclarecer alguns aspectos da metodologia de trabalho de Beatriz Nascimento na condução da pesquisa sobre o quilombo – seu tema central de investigação – com foco no protagonismo e na continuidade histórica dos empreendimentos negros na nação brasileira. De acordo com Alex Ratts (2006), Beatriz Nascimento descreveu a metodologia de trabalho em entrevista cedida à Raquel Gerber, publicada no suplemento *Folhetim*, do jornal *Folha de São Paulo*. Segundo ainda o autor, ela também relatou os interesses, as preocupações e os vários aspectos relacionados à pesquisa: topônimos, memória social, corporeidade, territorialidade, espacialidade.

Como salientei anteriormente, a historiadora negra partia de lugares considerados de negros para entender a sua origem, a sua dinâmica e a sua persistência no tempo e no espaço da nação. Partindo de uma aceção positiva, o lugar de negro estaria relacionado à capacidade empreendedora dos negros no Brasil de erguerem locais que serviriam como sistema social alternativo para uma população que vive à margem de uma sociedade com rígidas hierarquias sociais.²⁰³ Os lugares negros – o quilombo, a favela, os bailes negros – seriam a prova de que os negros desenvolveram na nação diversos tipos de empreendimentos que, em certos casos, nenhum outro grupo das matrizes étnicas da formação social brasileira havia feito.²⁰⁴

A capacidade de empreendimento dos núcleos negros estaria entrelaçada à memória social dos povos transmigrados para a América e, historicamente, seria perpetuada por meio de práticas e simbologias herdadas dos antepassados dos africanos no Brasil. A organização de lugares negros na contemporaneidade teria conotação ideológica, pois recorreria a estratégias e táticas de afirmação identitária e cultural da população negra.

Os bailes negros seriam um caso exemplar de locais em que se pode estar com outros negros, falar, dançar, sem ter a necessidade de negar a sua origem ou a sua maneira de ser.²⁰⁵ O corpo também seria portador dessa memória social dramatizada em gestos,

²⁰³ O termo lugar de negros foi cunhado por Lélia Gonzalez (1982a) para referenciar ao lugar historicamente reservado ao negro na sociedade brasileira, sendo que a expressão tem uma forte ligação com o lugar natural aristotélico.

²⁰⁴ Lugar negro ou lugares negros é uma expressão forjada por Alex Ratts (2012) para falar de locais onde indivíduos negros se identificam, reconhecem-se e são reconhecidos.

²⁰⁵ Recentemente conversei com um membro de um movimento cultural em Salvador, denominado “Batekoo”, na qual a jovem relatava tratar de um local para escutar música de preto, sendo um dos lugares em que se sentia bem, podendo ser ela mesma sem ter que negar características do seu modo de ser. Há registro de que o evento também tenha ocorrido em Brasília.

comportamentos, adereços, indumentárias, que lembram e rememoram aquilo que constitui os sinais de resistência e persistência da cultura negra no Brasil. Os terreiros de candomblé tanto reproduziriam as práticas dos antepassados, como também compartilhariam uma forma de solidariedade que ajuda o negro a enfrentar as adversidades de um sistema social dominador e opressor.

Finalmente, Beatriz Nascimento utilizou a metodologia historiográfica e, paulatinamente, incorporou a seus métodos de trabalho as técnicas da Antropologia. Em muitos casos, a pesquisadora negra recorreu à técnica da oralidade histórica como forma de preencher as lacunas deixadas pela documentação disponível em arquivos públicos brasileiros. Entrevistando pessoas, chegou a revelações que não constavam nos registros oficiais e, utilizando uma estratégia parecida com Richard Price (1996), conseguiu estabelecer nexos entre diferentes núcleos negros, bem como avaliar com mais precisão a natureza de cada um deles. Muitas vezes, os depoimentos recolhidos confirmaram a documentação levantada, em outros casos, ajudaram a desentranhar os pontos cegos por meio dos relatos recolhidos.

5. CONCLUSÃO

A hipótese dessa pesquisa consiste em dizer que o dilema da intelectualidade negra no Brasil fundamenta-se na submissão do campo intelectual brasileiro às rígidas hierarquias da ordem social. Três questões nortearam essa hipótese: 1) o silenciamento de homens e mulheres negros no campo intelectual brasileiro; 2) o dilema da intelectualidade negra como herança racista desse microcosmo social; 3) a ausência de autores negros e negras pela submissão da ordem científica à ordem social nesse campo específico. Eu procurei esboçar uma narrativa com base em argumentos de que homens e mulheres negros foram historicamente silenciados pelo campo intelectual brasileiro, e mesmo aqueles nomes da intelectualidade negra que, apesar da relativa visibilidade em uma determinada época, beiram atualmente ao apagamento completo da memória nacional. As estratégias para tanto são variadas, mas consistem em tentar desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual de autores negros e negras pela suposta falta de distanciamento epistemológico pelo excessivo interesse pela temática negra ou pela ausência de critérios de objetividade da investigação ou pelo suposto despreparo dos intelectuais negros e negras ou ainda pelo possível isolamento.

No que se refere à primeira questão, busquei demonstrar que a animosidade do campo intelectual brasileiro em relação à intelectualidade negra decorre do incômodo sobre reinterpretação da história da nação protagonizada pelo grupo subalterno. Parti da ideia de que a produção da intelectualidade negra questiona à reinterpretação da história oficial protagonizada exclusivamente pelo grupo predominante ou que os temas trabalhados pelo grupo subalterno sejam fundamentalmente “ideologizados”. Assim, verifiquei que algumas das estratégias de apagamento partem da tentativa de desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual desse grupo social em particular. Entre uma variedade de formas de tentar desqualificar o trabalho científico e a capacidade intelectual da intelectualidade negra, procurei demonstrar que o interesse pela temática por parte desse grupo específico resultaria em uma suposta falta de distanciamento epistemológico. O engajamento na militância negra também seria outro argumento usado na desqualificação dessa produção intelectual na medida em que a perspectiva política iria de encontro aos critérios científicos de investigação. O argumento do despreparo dos intelectuais negros e negras em comparação à produção intelectual dos brancos seria outra maneira de negar o valor teórico-empírico dessa produção.

Finalmente, o possível isolamento dos que estão diretamente comprometidos com o combate da desigualdade racial e do racismo seria outro motivo para a ausência da intelectualidade negra no campo intelectual brasileiro.

No tocante à segunda questão, a intelectualidade negra seria partidária de um conhecimento vinculado ao modo de vida do povo negro e, portanto, fora dos critérios estabelecidos por um microcosmo social que incorpora elementos determinantes de uma sociedade com rígidas hierarquias da ordem social: raça, gênero, classe. Nesse sentido, procurei mostrar que a recusa à produção da intelectualidade negra também seria uma forma de negar a legitimidade das práticas sociais de conhecimento da população negra cujo trabalho de sistematização por parte da intelectualidade negra pode ser considerado um empreendimento intelectual de grande envergadura. E dessa forma considero que o silenciamento de autores negros e negras pode ser atribuído a sua posicionalidade dentro do campo intelectual brasileiro. Por sua vez, a negação do conhecimento da população negra tem estreita relação com a geopolítica do conhecimento que desqualifica a produção intelectual de negros e negras em favor de um grupo predominante ou em conformidade com um capital específico. O discurso epistemológico ocidental nega que somente pelo conhecimento das práticas sociais é possível assegurar as condições de produção e validação do conhecimento. E nesse sentido desconhece não ser possível estabelecer os critérios de avaliação e validação fora dos contextos históricos específicos na qual foram produzidos.

No que diz respeito à terceira questão, busquei mostrar que a estrutura do campo intelectual brasileiro está determinada pela submissão da ordem científica à ordem social. Defendi que, por essa razão, dificilmente identificamos homens e mulheres negros que, tendo acumulado diferentes tipos de capital específico, chegaram efetivamente a convertê-los em capital simbólico. Para tanto insisti que a ausência da intelectualidade negra no campo intelectual brasileiro não pode ser atribuída exclusivamente à falta de capital simbólico convertido a partir de algum tipo de capital específico, bem como por um sistema de disposições particulares. Eu argumentei que dificilmente a intelectualidade negra corresponde aos critérios estabelecidos pelo campo intelectual brasileiro e mesmo acumulando diferentes tipos de capital específico tona-se particularmente difícil identificar homens e mulheres negros que chegaram efetivamente a convertê-los em capital simbólico.

Por sua vez, defendi que a estrutura do campo intelectual brasileiro seria determinada pela relação entre a ordem científica e ordem social: estabelecendo um tipo de vínculo não só distintivo, mas também hierárquico. Procurei mostrar que essa relativa predominância da ordem social sobre a ordem científica ajuda a explicar as razões por que alguns intelectuais

negros nunca foram admitidos em universidades públicas brasileiras. Essa visível submissão do campo intelectual brasileiro não apenas ajuda a silenciar a intelectualidade negra, como também aprofunda a discriminação em relação às práticas de conhecimento vinculadas à população negra. A herança racista do campo intelectual no Brasil impõe um jogo perverso que consiste em não reconhecer a diversidade e a pluralidade epistemológica, contribuindo, por sua vez, para a contínua invisibilidade das práticas sociais de conhecimento em desacordo com critérios estabelecidos pelos que detém o poder nesse microcosmo social.

Em referência à trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, a intenção foi reivindicar para a historiadora negra um enunciado de interpretação de Brasil, ao demonstrar uma rasura na escrita da historiografia nacional. Desse modo, procurei mostrar o deslocamento do sentido de nação examinando a ambiguidade da categoria que denominei “Intelectualidade Negra”: a) uma classe subalterna forma um grupo social com a intenção de torná-lo o seu especialista e organizador, no sentido gramsciano; b) em termos foucaultiano, um projeto de descrição de acontecimentos de discurso que evidencia um domínio de enunciados efetivamente falados ou escritos. Coloquei em cena três enunciados com a intenção de evidenciar uma unidade de discurso: a) o quilombo, como a primeira tentativa de fundar um Estado-nação na colônia portuguesa na América concomitantemente à experiência de formação da sociedade brasileira; b) a continuidade histórica dos estabelecimentos negros do passado – os quilombos – com aqueles que persistiriam na contemporaneidade – comunidades negras rurais e favelas urbanas; c) o fato de caber à mulher negra o suporte em busca de rotas para um novo território.

Procurei retomar a noção da intelectualidade negra para mostrar o esforço coletivo em colocar em pauta os discursos a respeito do negro no Brasil. Para isso me referi às enunciações de ser o quilombo a primeira tentativa de fundar um Estado-nação na colônia portuguesa na América e de os aquilombados forjarem a sociedade brasileira. A concepção de continuidade proposta pela autora seria algo vinculado ao que atualmente ocorreria em termos de dinâmica das identidades emergentes em comunidades e associações negras ou em bairros periféricos com predominância negra. A mulher negra caberia a responsabilidade pelo suporte da aventura empreendida pelas matas em busca de um lugar para edificar mais um núcleo negro e organizar a vida cotidiana em meios as novas possibilidades oferecidas pela estrutura quilombola.

O legado deixado por Beatriz Nascimento suscita uma série de indagações acerca das interpretações recorrentes de nação: o ocultamento das relações de apadrinhamento camufladas na noção de cordialidade; a ideia de democracia racial responsável pela omissão

de um dos mais perversos capítulos de violência cometida contra mulheres na história brasileira. Finalmente, os lugares negros atestam o protagonismo negro no desenvolvimento da nação em diversos tipos de empreendimentos, em muitos casos, não comparável a nenhum outro grupo das matrizes étnicas da formação social brasileira.

Por meio da evidência de uma unidade discursiva, procurei comprovar a existência de um *corpus* que identifiquei como os estudos das relações étnico-raciais e que envolve a produção da intelectualidade negra, especialmente os trabalhos de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. Parti dessa assertiva para propor que intelectualidade negra também se referiria ao projeto de descrição de acontecimentos de discurso cuja evidência revelaria um conjunto de enunciados efetivamente falados ou escritos. Procurei mostrar que a produção intelectual de Beatriz Nascimento poderia ser situada em uma unidade discursiva. E nesse sentido a minha intenção foi esclarecer as regularidades e as dispersões, bem como as regras que possibilitariam a existência de tal conjunto. Assim, situei essa produção em um feixe de relações e procurei demonstrar como os níveis permitem compreender o que chamamos por intelectualidade negra. Para cumprir tal empreendimento procurei trazer para o debate enunciações proferidas por Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. A escolha se deu, acima de tudo, pela posicionalidades desses autores frente às questões tratadas enquanto sujeitos de fala.

Destarte, sugeri que um empreendimento dessa natureza objetiva atribuir uma maior e mais incisiva participação da população negra na formação da sociedade brasileira: homens e mulheres negros não teriam contribuído apenas nos falares, na cozinha ou na música, mas, fundamentalmente, eles seriam elementos predominantes da estrutura social brasileira no que diz respeito à economia, cultura, história, política. Por essa razão, teríamos que aceitar os aquilombados enquanto pioneiros no uso das terras não exploradas pelo colonizador, assim como concordar com a necessidade de proceder a uma revisão profunda da historiografia nacional e das interpretações de nossa brasilidade.

Ao término do estudo sobre a trajetória intelectual de Beatriz Nascimento, não podemos ser omissos sobre a atualidade de suas ideias nos estudos das relações étnico-raciais. Creio que a recuperação da história e da memória do quilombo é fundamental para pensar a formação social e a identidade cultural brasileira. O quilombo foi e continua a ser uma representação persistente da marginalização histórica, geográfica, política, social, cultural de parcelas expressivas da população no Brasil, incluindo indígenas e alguns brancos. Nesse sentido, os núcleos negros contemporâneos – as comunidades negras rurais, as favelas urbanas – ainda podem ser considerados lugares de refúgio para todos os que vivem à margem

da sociedade nacional, como foi constatado no decorrer da pesquisa com os casos de repressão em áreas rurais e urbanas.

Em relação às comunidades negras rurais, destacaria os conflitos envolvendo a Marinha Brasileira e o Quilombo dos Macacos, situado a 28km de Salvador; o Quilombo Santa Rita do Bracuí, no Rio de Janeiro, ainda em luta pelo direito do título da terra, e aqueles que envolvem a comunidade quilombola Calunga, situada na Serra Geral, nos municípios de Cavalcante e de Monte Alegre de Goiás. Em áreas urbanas, chamo atenção para a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) em favelas da área metropolitana do Rio de Janeiro. A ação dessas unidades muitas vezes resulta em diversas mortes, entre elas a de Claudia Silva Ferreira [1976-2014], moradora do Morro da Congonha, na Madureira, assassinada a tiros e arrastada por viatura da polícia militar enquanto era transportada para fora da comunidade; o desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza [1965-2013?], após ser abordado por policiais da UPP da Favela da Rocinha; a morte do dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira [1988-2014], durante uma ação policial no Morro Pavão-Pavãozinho, em Copacabana, na Zona Sul do Rio; a morte de Eduardo de Jesus Ferreira [2005-2015], durante uma operação de policiais na Favela do Alemão. A lista, porém, não termina nesses exemplos, como evidencia a morte de doze pessoas na Vila Moisés, no Cabula, bairro da periferia de Salvador, com indícios de execução policial.

A violência é um recurso de que as elites brasileiras sempre se valeram a fim de assegurar a submissão dos grupos subalternos. Foi o que aconteceu aos africanos escravizados, aos quilombados, aos refugiados do arraial de Canudos, bem como aos movimentos sociais negros, sem-terra e sem-teto. A violência no Brasil é histórica e deixou de ser um traço de uma época para tornar-se um atributo cultural em praticamente todas as regiões do país. A perseguição, a suspensão da condição política ou o estado de exceção recai sobre parcelas expressivas da população brasileira, em particular nas camadas pobres, negras e faveladas. Incluem-se ainda os índios, camponeses, homossexuais e transexuais, ou seja, todos os que vivem à margem da sociedade. A violência brasileira é endêmica e se reproduz com a mesma facilidade com que é tolerada em todas as classes da sociedade, chegando ao ponto de tornar-se institucionalizada. É herança da nossa incapacidade de romper com o sistema de privilégios das classes mais favorecidas, em nome da garantia mais ampla dos direitos civis, sociais, políticos, culturais.

Na pesquisa, procurei identificar as razões pelas quais a produção intelectual de Beatriz Nascimento não ocupa os ciclos acadêmicos nem obtém maior notoriedade nos debates das relações étnico-raciais no Brasil. Primeiramente, descobri que a relativa

invisibilidade que atinge Beatriz Nascimento alcança outros membros da intelectualidade negra. Entre eles, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Manuel Querino, Edison Carneiro, Guerreiro Ramos e Eduardo Oliveira e Oliveira. Em segundo lugar, o trabalho empreendido pela intelectualidade negra implica um movimento recorrente na sociedade brasileira desde a década de 1960, envolvendo a população negra e os movimentos negros no país. Parece existir, por parte da intelectualidade negra, uma mudança substancial, ou melhor, qualitativa na forma de pensar o negro no Brasil, a qual abandona uma ideia ingênua de integração social, em favor da perspectiva centrada na necessidade de afirmar uma identidade étnico-racial na vida social brasileira. Essa transformação caminha no sentido de abandonar os esforços de integração do negro – que serviu apenas como estratégia para a elite dominante assegurar e legitimar um sentido cultural de nação – na sociedade brasileira. Em outras palavras, a renúncia à integração da população negra significa o não apagamento da singularidade biológica pela mestiçagem, cultural pela cultura nacional, religiosa pelo cristianismo, econômica pelo subemprego, epistemológica pelo eurocentrismo e social pelo lugar historicamente destinado ao negro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
2. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as novas etnias In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, pp. 43-82.
3. ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
4. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005. 232 p.
5. ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador (BA): Associação Brasileira de Antropologia EDUFBA, 2008.
6. AZERÊDO, Sandra. **Teorizando sobre gênero e relações raciais**. Revista Estudos Feministas, outubro de 1994.
7. AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social; & Classes sociais e grupos de prestígio**. 2. ed.. Salvador, BA: EDUFBA, 1996.
8. BACELAR, Jeferson Afonso. **Mário Gusmão: um príncipe negro na terra dos dragões da maldade**. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2006.
9. BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In PINSKY, Carlos Bassanezi; BACELLAR, Carlos; GRESPAN, Jorge; et all. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
10. BAIROS, Luíza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas. Dossiê Mulheres Negras. volume 3, número 2, 1995, pp. 458-463.
11. _____. **Lembrando Lélia Gonzalez**. Salvador/BA, Afro-Ásia nº 23. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2000 pp. 341-361.
12. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2006.
13. BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político**. Mana. v.12, n.1, 1998, p. 39-68, 2006.

14. BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Global, 2008.
15. BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
16. BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In ORTIZ, Renato (org) **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983a. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
17. _____ . **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983b.
18. _____ . **A ilusão biográfica** In. Usos & abusos da história oral. Tradução Luiz Alberto Monjardim et. all. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
19. _____ . & WACQUANT, Loïc. “Prefácio: Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista”. In Pierre, Bourdieu, **Escritos de Educação**. Petrópolis, Editora Vozes, 1998. pp.17-32.
20. _____ . **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.
21. _____ . **Para uma sociologia das ciências**. Lisboa: Edições 70, 2004b.
22. _____ . **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
23. _____ . **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
24. BRITO, Iris dos Anjos. **Revisitando os percursos intelectuais e políticos de Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez**, 2012. (Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador.
25. CANDIDO, Antonio. **A sociologia no Brasil**. In Enciclopédia Delta Larousse, vol. IV, São Paulo, Delta Larousse, 1957.
26. CARNEIRO, Édison. Singularidades do quilombo. In: MOURA, Clóvis (Org.) **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.
27. CARVALHO, José Jorge. **O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro**. Revista da USP, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dez./jan./fev. 2005-2006.
28. CASHMORE, Ellis (org.). **Dictionary of race and ethnic relations**. 3rd ed. London / New York, Routledge, 1994.
29. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

30. CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.
31. CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, pp. 1241-1299. 1991.
32. COLE, Stephen; COLE, Joanthan R. **Scientific output and recognition: a study in the operation of the reward system in science**. *American Sociological Review*, 32 (3), pp. 377-390.
33. CORRÊA, Mariza. **Antropólogas & antropologia**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
34. DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Lisboa, PT: Vega, 1987.
35. DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995.
36. DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
37. ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.
38. ELIAS, Norbert. Mozart; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
39. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silverira, Salvador: EDUFBA, 2008.
40. FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. **Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras**. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 59, n. 2, June 2007. Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Oct. 2014.
41. _____ . **Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário**. *Revista Sociedade e Cultura*. Goiânia, v. 12, n. 2, 2009.
42. _____ . **Classe média negra: trajetórias e perfis**. Salvador: EDUFBA, 2012.
43. FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

44. _____ . **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 . 12. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2005.
45. FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
46. FUNES, Eurípedes A. Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
47. GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV Ed., 1998.
48. GESCHIERE, Peter. **Feitiçaria e modernidade nos Camarões**: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. Afro-Ásia, n° 34, p. 9-38. Salvador, 2006.
49. GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34. 2001.
50. GODELIER, Maurice. **O conceito de Tribo. Crise de um conceito ou crise dos fundamentos empíricos da Antropologia?** Horizontes da Antropologia. Lisboa: Edições 70, 1978, p. 130-40.
51. GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1982.
52. GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010 pp. 419-441.
53. GONZALEZ, Lélia. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira: uma abordagem político-econômico. In: MADEL, Luz. (org.). **O lugar da Mulher**: Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, V.1, 1982, (Coleção Tendências).
54. _____ ; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982a.
55. _____ . Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. In: SILVA, L. A. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, Cap. 3, 1983. (Ciências Sociais Hoje, 2)

56. _____ . **Nanny: pilar da Amefricanidade.** Revista Humanidades. Brasília: UnB, nº 17, 1988a.
57. _____ . **A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade.** Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Edição Revista Tempo Brasileiro, 92/93 janeiro – junho, 1988b.
58. GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução Carlos Neslson Coutinho. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.
59. GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais:** transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global, Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, 2008, 115-147.
60. HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Org.Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resente, Ana Carolina Escosteguy e at. all. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
61. HOOKS, Bell. **Intelectuais negras.** Estudos Feministas, Ano 3, Tradução: Marcos Santarrita, ISSN 0104-026X, Florianópolis, 1995, pp. 464-478.
62. _____ . **Vivendo de amor** In: WERNECK, Jurema et al. (Org.). O livro da saúde das mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. p. 188-198.
63. KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
64. KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África, vol. 1 - Metodologia e pré-história da África.** Brasília: Unesco, 2010.
65. LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy:** Towards a Radical Democratic Politics. 2 Edition. London: Verso, 1985.
66. LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres.** 2ª ed. Rio de Janeiro: URFJ, 2002.
67. LARA, Silvia Hunold. Do singular ao plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
68. LATOUR, Bruno. **Reassembling the social:** an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005.
69. LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.

70. LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, jan. 2015. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>. Acesso em: 10 Jul. 2015.
71. MENESES, Maria Paula Gutierrez. A questão da universidade pública em Moçambique e o Desafio da Pluralidade de Saberes. In: Cruz e Silva, Teresa e Outros. **‘Lusofonia’ em África**. História, Democracia e Integração Africana. Dakar: CODESRIA, 2005, pp.45-66.
72. MICELI, Sergio. A aposta numa comunidade científica emergente: a Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992. In MICELI, Sergio. (Org). **A Fundação Ford no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1993.
73. _____. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo, SP: Companhia das Letras. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
74. MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)**: pontos de partida para uma revisão histórica. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
75. MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1988.
76. _____. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos**: da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Editora Popular, 2000.
77. _____. A quilombagem como expressão de protesto radical. In. MOURA, Clóvis (Org.) **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.
78. MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo em África. In: MOURA, Clóvis (Org.) **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.
79. NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.
80. NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
81. _____. **O Negro Revoltado**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª. Ed., 1982a.
82. NASCIMENTO, Beatriz. **Por uma história do homem negro**. Revista de Cultura Vozes. 68(1), 1974a, pp. 41-45.
83. _____. **Negro e racismo**. Revista de Cultura Vozes. 68 (7), 1974b. pp. 65-68.

84. _____ . **A mulher negra no mercado de trabalho**. Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho, 1976a.
85. _____ . **O negro visto por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Revista Manchete, setembro, 1976b, p.130-131.
86. _____ . **O Quilombo do Jabaquara**. Revista de Cultura Vozes 3, 1979, pp. 176-178.
87. _____ . **My internal blackness**. Journal Village Voice, Nova Iorque, 1982b.
88. _____ . **Kilombo e memória comunitária**: um estudo de caso. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos 6-7, 1982c, pp. 259-265.
89. _____ . **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Afrodiáspora Nos. 6-7, 1985, pp. 41-49.
90. _____ . **Daquilo que se chama cultura**. Jornal IDE. No. 12. Sociedade Brasileira de Psicanálise, São Paulo. Dezembro, 1986, p. 8.
91. _____ . **A mulher negra e o amor**. Jornal Maioria Falante. No. 17, Fev – março, 1990, p. 3.
92. OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.
93. ORTIZ, Renato. **Ciências sociais e trabalho intelectual**. São Paulo: Olho D'água, 2002.
94. PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.
95. PASINATO, Wânia. **Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil**. Cad. Pagu [online]. 2011, n.37, pp. 219-246. ISSN 0104-8333.
96. PINTO, Elisabete Aparecida. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de D^a de Laudelina Campos Melo (1904-1991)**, 1993. (Dissertação de Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas.
97. PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, 2008.
98. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

99. PRICE, Richard. Palmares como poderia ter sido In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
100. QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010 pp. 73-118.
101. RAMOS, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
102. RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
103. _____. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **Movimento Negro Brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte-MG: Nandyala Livros e Serviços Ltda, 2009, v. 1, p. 81-108.
104. _____; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
105. _____. Os lugares da gente negra: Temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.
106. _____; GOMES, Bethânia (Orgs). **Todas [as] distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.
107. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
108. RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado – Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Asta-Rose Alcaide e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UNB, 2007.
109. SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.

110. SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010 pp. 23-71.
111. SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.
112. SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
113. SEGURA-RAMIREZ, Héctor Fernando. **Revista Estudos Afro-Asiáticos e Relações Raciais no Brasil contemporâneo (1978-1997)**. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, pp. 170, 2000.
114. SCHWARTZ, Stuart B. Cantos e quilombos numa conspiração de escravos haussás: Bahia, 1814. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
115. SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
116. SEMOG, Ele; NASCIMENTO, Abdias do. **Abdias Nascimento**: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
117. SOUZA, Florentina. **Autorrepresentação e intervenção cultural em textualidades afro-brasileiras**. Revista da ABPN, América do Norte, 1, jul. 2010. Disponível em: [HTTP://WWW.ABPN.ORG.BR/REVISTA/INDEX.PHP/EDICOES/ARTICLE/VIEW/88](http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/88). Acesso em: 08 Fev. 2013.
118. SOUZA, Laura de Mello e. Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas: Minas Gerais 1769. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
119. SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
120. THAYER, Allen. **Brazilian soul and dj culture's lost chapter**. Wax Poetics, n. 16, 2006, p. 88–106.
121. TRAPP, Rafael Petry. **Intelectuais negros no Brasil**: notas sobre Eduardo de Oliveira e Oliveira (1960-1980). In: 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional,

- 2015, Curitiba. Anais do 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Curitiba: Editora UFPR-CCHLA, 2015. v. 7. p. 1-16.
122. VASQUEZ, Patsilí Toledo. **Feminicídio**. Oficina en México del Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos, 2009.
123. VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970 – 1990**, 2006. (Dissertação de Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro.
124. VINHAS, Wagner. **Narrativas em Negociação: o caso da invenção das tradições em Salvador**, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador.
125. _____ . **Revisitando questões irredutíveis: o problema das organizações sociais em termos étnicos**. In: CARVALHO, Maria do Rosário de. Estudos étnicos e africanos: revisitando questões teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA, 2014. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.
126. VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
127. WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.
128. WEST, Cornel. **The dilemma of the Black Intellectual**. The Journal of Blacks in Higher Education. Winter, 1993/1994, p. 59-67. Disponível em: http://academiccommons.columbia.edu/download/fedora_content/download/ac:157329/CONTENT/The_Dilemma_of_the_Black_Intellectual.pdf

6.1 OUTRAS REFERÊNCIAS

1. NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Lenda a todos os exus**. [1973?], Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
2. _____. **Diário pessoal**. [1975?], Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
3. _____. **Diário de campo**. [1976?], Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 2, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
4. _____. **O Quilombo e a historiografia** In: Quinzena do Negro, 1977, São Paulo. (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 29, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
5. _____. **Quilombos: mudança social ou conservadorismo?** 1978, Rio de Janeiro. (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 23, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
6. _____. **Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas**. (mimeo), 1981. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 22, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
7. _____. **Transcrição do filme Ôrí**. 1982d, São Paulo. (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 20, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
8. _____. **Zumbi de Palmares**. 1983, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 25, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
9. _____. **Acerca da consciência racial**. [1984?], Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 23, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
10. _____. **Introdução ao conceito de quilombo**. 1985, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
11. _____. **Projeto Continuidade e descontinuidade histórica dos quilombos do Estado do Rio de Janeiro: 1830-1888 / 1888-1988**”.

- 1988a, Rio de Janeiro. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
12. _____ . **Dona Marta Herança de um Quilombo**. In: Os Deserdados da Abolição, 1988b, Rio de Janeiro. Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
 13. _____ . **Aruanda**. 1990a, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 31, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
 14. _____ . **Carta de Santa Catarina**. 1990b, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 5, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
 15. _____ . **Alafiyn Ayê**: eram deuses os negros da pequena África do Rio de Janeiro. 1991, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 14, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
 16. _____ . **Por um Território (novo) Existencial e Físico**. 1992, Rio de Janeiro, (mimeo). Arquivo Nacional. Fundo Maria Beatriz Nascimento, Caixa 23, Código de Referência BR NA, RIO 2D.
 17. PEREIRA, José Maria Nunes Pereira. **Centro de Estudos Afro-Asiáticos**: perfil institucional e histórico, 1981, (mimeo). Arquivo Nacional Fundo Maria Beatriz Nascimento – Caixa 29 – Código de referência BR NA, RIO 2D.

APÊNDICE A

(Ficha de catalogação)

Fundo Maria Beatriz do Nascimento			
Identificação		Documento:	
Título			
Tipo Documento	<input type="checkbox"/> Livro	<input type="checkbox"/> Manuscrito	<input type="checkbox"/> Periódico
	<input type="checkbox"/> Folder	<input type="checkbox"/> Carta	<input type="checkbox"/> Ofício
	<input type="checkbox"/> Iconografia	<input type="checkbox"/> Outro	
Autoria	<input type="checkbox"/> Beatriz	<input type="checkbox"/> Outro: _____	
Data		Local:	
Descrição			
Palavras-Chaves			
Palavras-Intuitivas			

APÊNDICE B

(Inventário Analítico do Fundo Maria Beatriz Nascimento)

SÉRIE: CORRESPONDÊNCIAS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1975	Gloria Samuels	Carta	Notícias da vida nos Estados Unidos da América. Fala da África e do desejo de voltar ao continente africano. Comenta o Festival Mundial Africano.	Estados Unidos
01/06/1976	Michael Brooks	Carta	Notícias da vida em Washington D.C. Cita Carol Cooper (negra norte-americana) e o desejo de que se conheçam. Comenta as exigências do consulado norte-americano.	Estados Unidos
01/07/1976	Michael Brooks	Carta	Acompanha o exemplar da Revista <i>Essence</i> , com um artigo (não cita o título) de Carol Cooper.	Estados Unidos
01/08/1976	Michael Brooks	Carta	Notícias da vida nos Estados Unidos da América e de uma possível entrevista de emprego no Brasil, com o Departamento de Estado.	Estados Unidos
01/12/1977	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Informa envio de recursos e confirma sua ida ao Rio de Janeiro. Cita Djalma, Carmem, Geovana, Léila [Gonzalez], Sergio, Coretta King e Vicente Salles.	São Paulo
01/01/1978	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Fala de trabalhos conjuntos: envio de programa de disciplina ministrada em São Paulo e informações sobre grupo de trabalho responsável pela elaboração de uma bibliografia comentada.	São Paulo
01/03/1978	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Informações de uma mesa na SBPC. Solicita dados dos participantes e títulos dos trabalhos. Menciona Nelson Carneiro, Carlos Alberto Medeiros, Latiffe, Vicente Salles e Raquel Trindade.	São Paulo
01/03/1978	SBPC	Carta	Solicita informações da mesa “Avaliação Crítica da Abolição Jurídica do Estatuto Civil – 1888/1978”.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/03/1978	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Disponibiliza as informações solicitadas acerca da mesa da SBPC. Cita Lafite, Carlos Alberto Medeiros, Rosa, Giovane, Clementina [de Jesus], Carmen Costa e Alaíde Costa.	Rio de Janeiro
01/03/1978	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Comenta a mesa na SBPC e cita Carmen Costa, Alaíde Costa, Carlos Alberto Medeiros, Latife e Nelson Carneiro.	Não identificado
01/04/1978	Outro	Carta	Informa que vai ministrar palestra em Atlanta e pede ajuda a Maria Beatriz Nascimento na revisão do material enviado.	Estados Unidos
01/04/1978	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Euvaldo Freitas. Convida-o a participar dos 90 anos da Abolição da Escravatura em São Paulo.	Rio de Janeiro
01/05/1978	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Eduardo Oliveira e Oliveira. Contém elementos da divergência entre historiadora e o sociólogo.	Rio de Janeiro
01/05/1978	Oswaldo de Camargo	Convite	Contribuir permanentemente com o jornal. Elogios à intelectual e à pessoa de Maria Beatriz Nascimento.	São Paulo
01/06/1978	Égide Editora Ltda.	Convite	Envio de artigo acerca do Quilombo do Jabaquara. Acompanha exemplares do jornal (assinado por Diva Santos).	São Paulo
01/06/1978	Prefeitura de São Paulo	Carta	Informa o envio de documentos assinados por Sila Blag: IR e ISS.	São Paulo
01/06/1978	Departamento de Ciências Sociais	Carta	Nega a contratação de Maria Beatriz Nascimento, para ministrar curso sobre o negro, na Universidade Federal Fluminense (assinada por Santo Conterato).	Niterói
01/07/1978	Instituto de Ciências Humanas e Filosofia	Carta	Recomendações a Maria Beatriz Nascimento. Cita a pesquisa com quilombos em áreas rurais e urbanase e o interesse pela contribuição do negro na formação da sociedade brasileira. Comenta as semanas de estudos a respeito do negro (1975-1977).	Rio de Janeiro
01/07/1978	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Explica as razões de inscrição no programa de pós-graduação.	Rio de Janeiro
01/07/1978	Fundação Ford	Carta	Informa depósito na conta bancária de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
01/06/1979	República Popular de Angola	Convite	Viagem a Angola para realização de pesquisa (assinado por Virgílio C. R. Coelho).	Angola

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1980	Carol Cooper	Carta	Notícias da vida em Nova Iorque. Comenta a desistência da revista em publicar os artigos de Maria Beatriz Nascimento. Fala do rastafarianismo (comunicação entre afrodescendentes, cooperação transnacional e economia dos pretos).	Estados Unidos
01/07/1980	Fundação Ford	Carta	Comunica o término do prazo concedido para a pesquisa “Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas” e lembra os produtos finais da pesquisa: relatório final e financeiro. Solicita a previsão do término ou a prorrogação do prazo inicial.	Rio de Janeiro
01/07/1980	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Comenta o andamento do relatório “Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas” e solicita a prorrogação do prazo de entrega do relatório, por conta de atrasos devido ao início do curso de mestrado e à conclusão do levantamento de dados para o relatório.	Rio de Janeiro
01/07/1980	GTAR	Carta	Carta para Robert M. Sayre (Embaixada Norte-Americana no Brasil, Rio de Janeiro). Pede informações dos cargos, na embaixada, para indivíduos afro-brasileiros.	Rio de Janeiro
01/08/1980	Fundação Nacional Pró-Memória	Convite	Criação do Parque Histórico Nacional do Zumbi, na Serra da Barriga, em Alagoas (assinado por Olympio Serra).	Distrito Federal
01/11/1980	José Carlos	Carta	Leitura do capítulo de Maria Beatriz Nascimento e cópias de livro sobre a África.	Não identificado
01/12/1980	Roberto de Carvalho	Cartão	Felicitações de Natal e Ano Novo.	Europa
01/11/1981	Fundação Cultural do Estado da Bahia	Convite	Seminário “Cinema e Descolonização” (assinado por Geraldo Magalhães Machado).	Não identificado
31/01/1982	Editora Vozes	Carta	Fala do impedimento em publicar “Por uma História do Homem Negro” (assinada por Miguel Gomes Mourão de Castro).	Não identificado
01/07/1983	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Dina. Fala do trabalho de pesquisa em São Paulo, para o filme “Ôri” e comenta a respeito de depressão.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/12/1983	Raquel Gerber	Bilhete	Envio de cheque para despesas com materiais do filme “Ôrí”. Acompanha material do filme.	São Paulo
01/01/1984	Telma	Cartão	Felicitações de Natal e Ano Novo.	Não identificado
01/01/1984	SECNEB	Convite	SECNEB/84 – Seminário “Identidade, Processo Econômico, Relações Sociais e Pluralidade Nacional”. Tema da mesa “Afirmação da Vida e da Cultura do Negro na Sociedade Brasileira”.	Bahia
01/02/1984	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Carol Cooper. Fala da viagem a Boston.	Rio de Janeiro
01/03/1984	SECNEB	Convite	SECNEB/84. Tema da mesa “O Negro e a Sociedade Brasileira no século XIX”.	Bahia
01/04/1984	SECNEB	Carta	Agradece a participação no SECNEB/84.	Bahia
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Resposta de Maria Beatriz Nascimento à carta do SECNEB/84, sobre sua participação no seminário. Compromete-se com o envio de relatório.	Rio de Janeiro
01/04/1984	CEAA	Convite	Palestra “Casamento e Desigualdade: Rio, Século XVIII”, com Sheila S. de Castro Faria (assinado por Rosane Lopes Correa e Márcia Lima).	Rio de Janeiro
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para o SECNEB/84. Parabeniza pelos trabalhos e fala de sua disposição em colaborar.	Rio de Janeiro
01/05/1984	SBPC	Impresso	Informativo de encontro para tratar dos problemas do negro brasileiro, a ser realizado durante a 16ª Reunião Anual da SBPC (assinado por Teófilo de Queiroz Jr.).	São Paulo
10/05/1984	Bruno	Cartão Postal	Cartão enviado por Bruno.	Europa
01/06/1984	ANPOCS	Carta	Informativo sobre os GTs, organização dos temas e suas coordenações (assinado por Teófilo de Queiroz Junior).	São Paulo
01/06/1984	Helena	Convite	Festa da comunidade Oni Sangô.	Não identificado
01/07/1984	Associação Cultural de Apoio às Artes Negras	Convite	Noite de autógrafos do livro <i>Cicatrices</i> , de Isabel Hirata.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1984	Renato	Carta	Notícias da ida a Nova Iorque e Paris. Comenta as impressões sobre a problemática dos negros norte-americanos e pede notícias da viagem que Maria Beatriz Nascimento fará a Nova Iorque.	Europa
01/08/1984	Associação Cultural de Apoio às Artes Negras	Convite	Lançamento do livro <i>A Evangelização do Negro</i> , do Pe. João Manoel Mira [Padre Joca]. Exposição Toninho Maciel. Exibição de Curtas de Zózimo Bubul.	Rio de Janeiro
01/08/1984	SECNEB	Informe	Publicação das comunicações durante o SECNEB/84 (assinado por Juana Elbein dos Santos).	Bahia
01/08/1984	Associação Cultural de Apoio às Artes Negras	Carta	Solicita apoio contribuição financeira mensal. Oferece ingressos com desconto para as peças “Extremos”, no Teatro Lagoa e “Hoje a Banda não Sai”, no Teatro Imperial.	Rio de Janeiro
01/09/1984	GTAR	Convite	Compor a mesa “Quilombos Urbanos” (assinado por Sebastião Soares).	Rio de Janeiro
01/10/1984	Secretaria de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro	Convite	Quinzena da feira de cultura afro-brasileira. Participação de Maria Beatriz Nascimento, Maria Alice dos Santos, Vera Maria Mendes, Jurema Gomes da Silva, José Miguel, Joel Rufino dos Santos e Josias Honório dos Santos.	Rio de Janeiro
01/10/1984	Movimento Cabofriense de Pesquisa da Cultura Negra	Convite	Instituição do 20 de Novembro.	Rio de Janeiro
01/10/1984	IPEAFRO	Convite	Ministrar palestra “Quilombo e Identidade Nacional”, no curso oferecido pelo IPEAFRO (assinado por Elisa Larkin Nascimento).	Rio de Janeiro
01/11/1984	IPEAFRO	Carta	Agradece a participação no curso IPEAFRO (assinada por Elisa Larkin Nascimento).	Rio de Janeiro
01/1/1985	Memorial Zumbi	Carta	Informa o andamento do projeto de lei de tombamento da Serra da Barriga e a criação do Memorial Zumbi (assinada por Olympio Serra).	Distrito Federal
01/03/1985	Memorial Zumbi	Carta	Comunica o resultado da Casa Branca em Salvador. Comunica a posse da Iyá Altamira Cecília dos Santos (assinada por Olympio Serra).	Distrito Federal
01/05/1985	Raquel Gerber	Carta	Material do filme “Ôri”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/07/1985	MNU/Bahia	Convite	“Semana Nacional da Consciência Negra”. Sugere que Maria Beatriz Nascimento procure obter as passagens pela Pró-Memória ou Fundação Abdias.	Bahia
01/07/1985	Escola de Samba Quilombo	Convite	Posse da nova diretoria. Apresentação de roda de samba.	Rio de Janeiro
01/08/1985	GTAR	Convite	Mesa “Arte Negra: Cultura e Resistência” (assinado por Sebastião Soares).	Rio de Janeiro
01/08/1985	-Câmara dos Deputados	Convite	Seminário “Modernização das Relações de Trabalho: a Questão das Desigualdades Raciais”.	Distrito Federal
01/08/1985	MNU	Carta	Repúdio ao regime fascista e aos acontecimentos na África do Sul.	Distrito Federal
01/09/1985	Embaixada USA	Convite	Transmissão da entrevista, com Chester Crocker, sobre a política dos EUA para a África.	Rio de Janeiro
01/09/1985	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	Carta	Sugestões de reformulação de artigo enviado para Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.	São Paulo
01/10/1985	Graça Lago	Convite	Participar da Semana Zumbi dos Palmares, com o tema “O Negro e a Educação”.	Rio de Janeiro
01/11/1985	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	Carta	Comunica a publicação do artigo (não cita o título) de Maria Beatriz Nascimento, na edição n. 12, de 1985, da Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.	São Paulo
01/11/1985	Jônatas Conceição	Carta	Informa o texto a ser apresentado durante o I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros, em São Paulo. Cita, ainda, um texto enviado por Maria Beatriz Nascimento e sugere que o encaminhe para Oliveira Silveira.	Bahia
01/01/1986	Instituto Severo D’Acelino de Culturas Negras	Convite	Enviar comunicação para o encontro em memória de João Mulungu. Solicita sugestões para o Plano de Participação e Desenvolvimento do Negro Brasileiro. Acompanha texto com o Plano de Participação e Desenvolvimento do Negro Brasileiro (assinado por Severo D’Acelino).	Sergipe

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/02/1986	SECPLAN	Convite	Colaborar nas comemorações do 13 de Maio (assinado por Maria Gilda Alves de Oliveira).	Rio de Janeiro
01/03/1986	Jônatas Conceição	Carta	Informa a ida ao Rio de Janeiro para o II Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros.	Bahia
01/05/1986	Raquel Gerber	Carta	Carta de Raquel Gerber. Envio de materiais relacionados ao filme "Ôri".	São Paulo
01/07/1986	CEAA-UCAM	Convite	Apresentar trabalho no 1º Encontro Macumba (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg, Marlene de Oliveira Cunha e Yvonne).	Rio de Janeiro
01/01/1987	Antônio Carlos Roda	Cartão	Felicitações de Natal.	Não identificado
01/01/1987	CEAA-UCAM	Convite	Integrar o conselho consultivo da revista "Estudos Afro-Asiáticos" (assinado por José M. Nunes Pereira e Carlos Alfredo Hasenbalg).	Rio de Janeiro
01/02/1987	Jornal <i>Maioria Falante</i>	Convite	Lançamento da Jornal <i>Maioria Falante</i> .	Rio de Janeiro
01/03/1987	CEAA-UCAM	Convite	5º Encontro Macumba, com seminário de Julio Cesar Tavares (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg, Marlene de Oliveira Cunha e Yvonne).	Rio de Janeiro
01/03/1987	Conselho Nacional de Mulheres do Brasil	Carta	Comunica que Maria Beatriz Nascimento será homenageada no dia internacional da mulher. Dez mulheres do ano de 1986 (assinada por Romy Medeiros da Fonseca).	Rio de Janeiro
01/04/1987	UFF	Bilhete	Parabeniza pelo lançamento da coletânea, com a participação de Maria Beatriz Nascimento (assinada por Aidyl de Carvalho Preis).	Rio de Janeiro
01/05/1987	FESPAC/Brasil	Convite	Enviar comunicação para o encontro em Dakar (assinado por Gilberto Gil). 10 personalidades para cerimônia no Memorial Moré, incluindo Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
01/05/1987	Sebastião Soares	Carta	Comentários a respeito do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR).	Rio de Janeiro
01/05/1987	Antonio Carlos Rocha	Bilhete	Informa foto de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
01/06/1987	Jônatas Conceição	Bilhete	Acompanha um texto (não cita o título).	Bahia

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/07/1987	Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro	Impresso	Informes do governo em relação às possíveis benesses concedidas aos professores (assinado por Carlos Alberto Menezes Direito).	Não identificado
01/07/1987	Escola de Samba Paraíso do Tuiuti	Convite	1ª Festa Axé Raça Negra (assinado por Eduardo de Almeida Filho).	Rio de Janeiro
01/08/1987	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Carta	Parabeniza pela conclusão do filme “Ôrí” (assinado por Thereza Santos).	Não identificado
01/08/1987	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Carta	Informações da realização do II Perfil da Literatura Negra, (assinada por Thereza Santos).	São Paulo
26/08/1987	Coordenação do Programa Nacional do Centenário da Abolição	Carta	Encaminhamento do projeto “A Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre” (assinado por Judite dos Santos Rosário).	Não identificado
01/09/1987	Fundação Gregório de Mattos	Carta	Em apoio à conclusão do filme “Ôrí” (assinado por Gilberto Passos Gil Moreira).	Não identificado
01/09/1987	Embrafilme	Carta	Resposta ao apoio da Secretaria de Estado da Cultura (assinado por Ivan Negro Ísola).	Não identificado
01/10/1987	Movimento Afro-Brasileiro de Itaperuna	Convite	VI Encontro das Entidades Negras do Interior. Solicita ajuda com dados do IBGE: trabalho, educação, moradia (assinado por José Luiz Ribeiro).	Rio de Janeiro
01/11/1987	ANGOP	Convite	Festa da Independência de Angola no Circo Voador (assinado por Anibal João Melo): participação de André Mingas, Elias Diá Kimuezo e Felipe Zau. Cita o ANGOP, TAAG, Muímbo e Tukayana .	Rio de Janeiro
01/11/1987	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Convite	Coordenar o Fórum de Debate Literatura Afrodiáspora: Pontos de Convergência, durante o II Perfil da Literatura Negra (assinado por Thereza Santos).	São Paulo
01/11/1987	GTAR	Convite	Encontro organizado pelo Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) (assinado por Odilon Martins Romeo): Seminário “Brasil: Que Raça É Essa?” Convite para Maria Beatriz Nascimento participar da mesa: “Quilombo - Raiz da Liberdade”.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/11/1987	GTAR	Convite	Expor no painel “Quilombo - Raiz da Liberdade” (assinado por Sebastião Soares).	Rio de Janeiro
01/11/1987	Conselho Estadual da Condição Feminina	Convite	Posse do Corpo de Conselheiras (assinado por Sueli Carneiro) .	São Paulo
01/11/1987	Thereza Santos	Telegrama	Solicita confirmação da participação no II Perfil da Literatura Negra.	São Paulo
01/11/1987	CEAA	Convite	10º Encontro Macumba, organizado pelo Centro de Estudo Afro-Asiático (CEAA), Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) e o Instituto de Ciências Sociais. Informa que, no encontro, acontecerá a palestra “Fugas, Revoltas e Quilombos”, proferida pelo professor Eduardo Silva.	Rio de Janeiro
01/12/1987	Fespac	Carta	Boas-vindas aos participantes do FESPAC e orientações para a viagem (assinada por Selma A. Edwards).	Estados Unidos
01/12/1987	Terezinha	Carta	Avisa que estará no Rio de Janeiro e pede para ficar na casa de Maria Beatriz Nascimento.	São Paulo
01/1/1988	Maria Luiza de B. Mott	Carta	Confirma o recebimento do texto (título não citado), enviado por Maria Beatriz Nascimento.	São Paulo
01/01/1988	The Internationalists Inc.	Carta	Descreve o sucesso das atividades com o painel de mulheres <i>Womens and the Future of the Black World e Women of Africa and Women of Diaspora</i> , durante <i>A Coalition of Black Business and Professional Women</i> , em Dakar. Fala da formulação da <i>Internacional Women's Resource Directory</i> e da intenção de criar uma rede internacional de trabalho - <i>African Women</i> .	Estados Unidos
01/01/1988	UFMG	Convite	Envio de artigo para o Caderno n.7, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (assinado por Léa Melo da Silva).	Não identificado
01/01/1988	Conselho Estadual da Condição Feminina	Convite	Publicar na coletânea “Poética enfim... Nós”, organizada por Mirian Alves.	São Paulo
01/01/1988	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Solidariza-se com o elenco de “A Causa da Liberdade”.	Rio de Janeiro
01/01/1988	Arquivo Nacional do Rio de Janeiro	Convite	Comemoração dos 150 anos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1988	IPCN	Carta	Convoca os filiados para Assembleia Geral Extraordinária: apresentação do parecer final da comissão fiscal sobre as contas do IPCN (1987 e 1988).	Não identificado
01/01/1988	Helena Theodoro	Carta	Solicita parecer as respeito do Estatuto da Associação de Escritores.	Não identificado
12/01/1988	Caó	Carta	Informa ementa no projeto de lei que classifica o racismo como crime inafiançável.	Não identificado
01/02/1988	Lanine Diene	Carta	Pede intermediação de Maria Beatriz Nascimento no Brasil, para o Balé Floresta Sagrada da Casamance.	África
01/02/1988	Antônio Olimpio de Sant´Ana	Carta	Propõe a criação da Associação dos Pesquisadores Negros.	São Paulo
01/02/1988	Terezinha	Carta	Responde à correspondência anterior, com notícias de projetos e de seu cotidiano.	Não identificado
01/03/1988	CISSE	Carta	Notícias da família e comentários do fim das eleições em Dakar. Cita Pathé Diagne, Lamine Diéné, Abdou Diop, Lélia Gonzalez, João Jorge e Gilberto Joel.	África
01/03/1988	Outro	Carta	Recomendações aos participantes do IV Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros.	Minas Gerais
01/03/1988	Antônio Olimpo Sant´Ana	Carta	Recomendações para a seleção do “Programa de Combate ao Racismo”.	São Paulo
01/03/1988	CEAA	Convite	11º Encontro Macumba, com Nelson Valle Silva apresentando o trabalho “Distância Social e Casamento Inter-racial no Brasil” (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg).	Rio de Janeiro
01/04/1988	Conselho Nacional de Mulheres do Brasil	Convite	Homenagem Dez Mulheres do Ano de 1987: Anna Acker, Cristina Tavares, Dina Sfat, Leda Collor de Mello, Leila Linhares, Rosemary Corrêa, Ruth de Souza, Thereza Quintella, Tomie Ohtake, Zuleika Alambert (assinado por Romy Medeiro da Fonseca).	Rio de Janeiro
01/04/1988	Comissão Cultura Afro-Brasileira	Carta	Parecer favorável ao Estatuto da Liga Internacional de Escritores. Confirmação do envio do texto para o II Perfil da Literatura Negra (assinada por Helena Theodoro Lopes).	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/04/1988	Helena Theodoro Lopes	Carta	Parecer sobre o estatuto da Liga Internacional de Escritores e confirmação do seu interesse em contribuir.	Rio de Janeiro
01/04/1988	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Lamine. A dificuldade de financiamento para trazer o grupo de balé da África.	Rio de Janeiro
01/05/1988	Enugbárijó Comunicações	Convite	Homenagem à memória de Bob Marley, Peter Tosh e Steve Biko, com amostras de vídeo e fotografia.	Rio de Janeiro
01/05/1988	CEAA	Convite	Envio de dados para elaboração do “Guia da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual” (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg).	Rio de Janeiro
01/06/1988	Jônatas Conceição	Carta	Convida Maria Beatriz Nascimento para fazer a apresentação do livro dele <i>Outras Miragens: Miragem de Engenho</i> .	Bahia
01/07/1988	OAB	Convite	III Seminário Preparatório do Tribunal Winnie Mandela, organizado pela Comissão da Mulher Advogada (OAB/Mulher).	São Paulo
01/07/1988	Programa Mulher Negra	Carta	Agradecimentos pela colaboração no calendário de 1988: “As Mulheres na Luta contra a Escravidão”.	Distrito Federal
01/07/1988	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Aceita o convite do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, para participar da mesa “Os Deserdados da Abolição”. O tema da intervenção foi intitulado “Dona Marta Herança de um Quilombo”.	Rio de Janeiro
01/07/1988	Jônatas Conceição	Convite	Do Ilê Aiyê, para ministrar palestra durante o Seminário “Quilombos no Brasil”.	Bahia
01/07/1988	UFRJ	Carta	Envia formulário para inscrição no curso de José Flávio Pessoa de Barros (assinada por Deise Lucia C. Almeida).	Rio de Janeiro
01/08/1988	OAB	Convite	Participar do Seminário “A Mulher Negra e o Trabalho”. Informa que o seminário integra as programações do Tribunal Winnie Mandela.	São Paulo
01/08/1988	Cinemateca Brasileira	Convite	Palestra intitulada “Resistência Política e Cultural do Negro”, durante o ciclo de debates “O Cinema e A Escravidão” (assinado por Rudá de Andrade).	São Paulo
01/10/1988	OAB	Convite	Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/Mulher), para participar do Seminário “Mulher Negra e Violência”.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1988	UFMG	Convite	Envio de artigo da comemoração do centenário da abolição (assinado por Léa Melo da Silva).	Minas Gerais
01/10/1988	CEAA/UCAM	Convite	14º Encontro Macumba, com a participação de Carlos Vainner apresentando o trabalho “Estado e Raça” (assinado por Deinise Ferreira da Silva).	Rio de Janeiro
01/10/1988	CEAA/UCAM	Carta	Pede adiamento da reunião, por chocar com a data do encontro da ANPOCS (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg).	Rio de Janeiro
01/10/1988	Ciciba	Carta	Propõe a difusão do filme “Ôrí” no continente africano (assinado por Theophile Obenga).	África
01/12/1988	CEAA/UCAM	Convite	15º Encontro Macumba, organizado pelo Centro de Estudo Afro-Asiático (CEAA). Cita a apresentação do trabalho “Pagode: um Espaço de Problematização do Samba”, do antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira.	Rio de Janeiro
01/12/1988	Irene Mafra	Convite	Lançamento do livro <i>Uma História da Lua</i> , de Irene Mafra, com ilustrações de Drica Moraes.	Rio de Janeiro
01/01/1989	Gentil	Cartão	Felicitações pela passagem do Ano Novo.	Não identificado
01/01/1989	CEAA	Convite	17º Encontro Macumba, com a participação do professor Beto Mussa (assinado por Denise Ferreira da Silva).	Não identificado
01/03/1989	Outro	Carta	Comenta a premiação do filme “Ôrí”, na FESPAC, e convida Maria Beatriz Nascimento, para uma comemoração em São Paulo.	São Paulo
01/05/1989	International Film Seminars Inc.	Convite	<i>35th Annual Robert Flaberty Seminar</i> (assinado por Pearl Bowser).	
01/05/1989	Outro	Carta	Descreve a viagem entre Estados Unidos e Novo México.	Rio de Janeiro
01/06/1989	Secretaria Municipal de São Paulo	Carta	Em apoio à conclusão do filme “Ôrí” (assinado por Marilena de Souza Chauí).	Bahia
01/06/1989	Secretaria de Estado de Cultura – São Paulo	Telegrama	Parabeniza pela premiação do filme “Ôrí” (assinado por Jose Aparecido de Oliveira).	Não identificado
01/06/1989	Jônatas Conceição	Carta	Informa o andamento do livro e comenta a recuperação das cidades depois das chuvas.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
19/06/1989	Komitee Internationale Leipzigep Dokumentar	Convite	Exibição do filme “Ôrí” no festival, em novembro de 1989 (assinado por Ronald Trisch).	Não identificado
01/07/1989	CEAA	Convite	12º Encontro Macumba, organizado pelo Centro de Estudo Afro-Asiático (CEAA). Participação de Hermano Viana, com a pesquisa sobre o documentário “África Pop: Metrôpoles Africanas e Modernidade” (assinado por Denise Ferreira da Silva).	Rio de Janeiro
01/07/1989	Festival YAMAGATA Internacional Documentary	Convite	Exibição do filme “Ôrí” no festival (assinado por Satoshi Tanaka).	Não identificado
01/07/1989	Foncab	Telegrama	Informa que o filme “Ôrí” foi selecionado para a 34ª Semana Internacional Cine Valladolid (assinado por Fernando Lara).	Não identificado
01/07/1989	IPCN	Convite	Posse da nova diretoria do IPCN: Januário Garcia (Presidente), Pedrina de Deus (Cultura), Lália C. Rocha (Administrativo), Mabel Solar (Comunitária) e Hélio Rosalvo (Financeira).	Rio de Janeiro
01/07/1989	Mirim Aparecida Alves	Convite	Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros.	São Paulo
01/08/1989	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Ofício	Ofício informando a respeito da realização da I Jornada Cultural do Negro. Convida para ministrar a palestra acerca de estereótipos na mesa “Ideologia e Estigmas Raciais” (assinado por Tereza Santos).	São Paulo
01/08/1989	OAB	Convite	Convite de Paulo Roberto Santos, para festa de aniversário de Justo Carvalho.	Rio de Janeiro
01/08/1989	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Carta	Solicita confirmação da participação na I Jornada Cultural do Negro (assinada por Thereza Santos).	São Paulo
01/09/1989	Coordenadoria Especial do Negro	Convite	Posse da Coordenadoria Especial do Negro (assinado por Luiza Erundina).	São Paulo
01/10/1989	Jônatas Conceição	Carta	Informa os planos de fazer o lançamento do livro <i>Outras Miragens: Miragem de Engenho</i> , no Rio de Janeiro, em março ou abril de 1990.	Bahia
01/10/1989	Ashoka	Carta	Informa o depósito em nome de Maria Beatriz Nascimento, referente à compra de 100 convites para o filme “Ôrí”.	Rio de Janeiro
01/10/1989	Mirim Aparecida Alves	Carta	Cancelamento do IV Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros, por falta de patrocínio para o evento.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1989	GTAR	Carta	Solicita contribuição financeira de Maria Beatriz Nascimento (assinada por Claudia Regina M. Magalhães e Ana Claudia Dias) .	Rio de Janeiro
01/11/1989	MNU/GO	Carta	Agradece a participação nas comemorações da consciência negra e no debate do filme “Ôri”.	Goiás
01/11/1989	Secretaria de Estado da Cultura – São Paulo	Convite	Proferir palestra do tema “O Negro e a República” (assinado por Thereza Santos).	São Paulo
01/12/1989	Pedro Paulo	Carta	Parecer de projeto apresentado por Maria Beatriz Nascimento: Direcionamento político e cultural para África; Apoio ao movimento negro nacional; Orientação de profissionais brasileiros para o mercado de trabalho africano. O parecer desfavorável considera mais importante o vigor gerencial do que intelectual.	Não identificado
01/12/1989	Secretaria Municipal de Cultura – São Paulo	Convite	Evento “Consciência Negra Hoje”. Programação: Negras brasileiras: discurso alheio x discurso próprio; Escrever negro: marginalidade x mercado; Exposição.	São Paulo
01/1/1990	Frank Davis	Cartão Postal	Informa sua chegada ao Brasil, em fevereiro de 1991.	Estados Unidos
01/1/1990	Katarina	Carta	Fala dos dias em Recife e a breve ida a Salvador. Menciona os nomes de Éle Semog e Jônatas Conceição.	Pernambuco
01/1/1990	Éle Semog	Carta	Comentários ao texto “Aruanda”, de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
01/2/1990	Grupo Afro Alaafin Aiyê	Convite	Posse dos diretores do Grupo Afro Alaafin Aiyê: Sebastião Soares, Manoel Pascal, Plínio de Sá, Jupiaciara, Maria Inês, Mário César, José Jorge Souza e Eliete Barbosa.	Não identificado
01/3/1990	CEDEPLAR	Convite	Seminário Internacional sobre a Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo, organizado por CEDEPLAR, UFMG e Fundação Ford.	Minas Gerais
01/3/1990	Outro	Carta	Informações do andamento de pesquisa (anônima).	Rio de Janeiro
01/05/1990	PDT	Informe	Informa o andamento dos trabalhos do PDT (assinado por José Miguel).	Rio de Janeiro
01/07/1990	PDT	Convite	Campanha de Leonel Brizola (assinado por José Miguel).	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/09/1990	MNU	Carta	Informa a comemoração e a conquista da sede própria no bairro da liberdade: bairro de maior população negra de Salvador e do país.	Bahia
01/09/1990	Maria Beatriz Nascimento	Bilhete	Bilhete de Maria Beatriz Nascimento para Carmen.	Não identificado
01/11/1990	Secretaria Municipal de Governo – Rio de Janeiro	Convite	Homenagem no monumento Zumbi. Sugere uma fala acerca da importância de ser negro (assinado por Otavio Leite).	Rio de Janeiro
01/11/1990	Marco Galeria de Arte	Convite	<i>Vernissage</i> “Frente e Verso”, de Felipe Salvador, na Marco Galeria de Arte, na cidade do Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro
1/11/1990	Arlécio Alexandre Gazal	Telegrama	Solicita relatório de participação no Seminário “A Prática Educacional Brasileira”.	Rio de Janeiro
01/12/1990	CEAA	Convite	Evento “YPADE: uma festa para zumbi”, organizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.	Rio de Janeiro
01/01/1991	Luis	Cartão	Felicitações pela passagem do Ano Novo.	Não identificado
01/01/1991	Outro	Cartão	Anônimo com felicitação de Natal (assinado como amiga, cunhada e irmã).	Não identificado
01/01/1991	Gentil	Cartão	Felicitações pela passagem do Ano Novo.	Não identificado
01/02/1991	Fundação Vitae	Carta	Informa que o projeto de Maria Beatriz Nascimento não foi aprovado pela comissão julgadora e comunica a devolução do material apresentado na seleção da Bolsa Vitae de Artes (assinada por Maria V. Rechulski).	São Paulo
01/06/1991	Georgetown University	Carta	Solicita ajuda na pesquisa sobre o candomblé no Brasil: Rio-Salvador. Resposta de Maria Beatriz Nascimento, aceitando colaborar com a pesquisa (assinada por Joseph M. Murphy).	Não identificado
01/10/1991	UFRJ	Convite	Evento “Projeto Colonizador das Américas”. Programação: Uma Revisão dos 500 anos de Descoberta da América, por Ronaldo Vainfas da UFRJ; Histórico de Outros Encontros, com Jaime Pinsky e Kabengele Munanga.	Minas Gerais
01/10/1991	José J. da Silva	Carta	Agradece o envio da fita do filme “Ôri”.	São Paulo
01/11/1991	Roman	Carta	Comenta o roteiro da viagem, com um amigo, por cidades brasileiras.	Bahia

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/12/1991	Sérgio	Carta	Informa a intenção de organizar um evento com a presença de Félix Guattari e outros filósofos.	Não identificado
01/01/1992	Hugo e Bia	Cartão	Felicitações de Natal.	Não identificado
01/01/1992	Gentil	Cartão	Felicitações de Ano Novo.	Não identificado
01/02/1992	Coordenadoria Especial do Negro	Convite	Exposição “Reflexões Dinâmicas”, do artista plástico Lizar, na FAAP, São Paulo.	São Paulo
01/03/1992	Coordenadoria Especial do Negro	Convite	Eco-Afro-92, de 13 a 15 de março. Preparação da conferência dos movimentos sociais e das ONGs, na Eco/92.	São Paulo
01/03/1992	Marcella	Carta	Notícias da estadia em Roma. Fala da repercussão da exibição do filme “Ôrí” na cidade e comenta a pesquisa de Maria Beatriz Nascimento a respeito de quilombos. Fala dos planos de organizar um debate em torno do filme “Ôrí”, com a presença de Maria Beatriz Nascimento e Muniz Sodré. Comenta a crise na Europa e, especificamente, na Itália: momento de pânico e desconfiança.	Europa
01/04/1992	Benedita da Silva	Convite	Comemoração do aniversário de Benedita da Silva, no dia 24 de abril.	Rio de Janeiro
01/04/1992	Coordenadoria Especial do Negro	Convite	Seminário “Discriminação e Políticas Públicas”.	São Paulo
01/06/1992	Marcella	Carta	Comenta a chegada de uma cópia do filme “Ôrí” (Roma-Itália) e a organização do Seminário “Cultura e Movimento Negro”, com a participação de Maria Beatriz Nascimento e Muniz Sodré.	Europa
01/06/1992	Câmara dos Deputados	Convite	Seminário “Modernização das Relações de Trabalho: a Questão das Desigualdades Raciais” (assinado por Wellington Lourenço de Almeida).	Distrito Federal
01/07/1992	Secretaria Municipal de Educação – Rio de Janeiro	Convite	II Encontro Latino-Americano de Educação. Proferir palestra sobre o tema “O Papel do Sagrado na Explicação do Universo” (assinado por Maria de Lourdes Tavares Henrique).	.Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1992	Secretaria Municipal de Educação – Rio de Janeiro	Carta	Agradece a confirmação como palestrante no II Encontro Latino-Americano de Educação. Solicita currículo, resumo de texto e informações gerais da palestra sobre o tema “O Papel do Sagrado na Explicação do Universo” (assinada por Solange Oliveira).	Rio de Janeiro
01/10/1992	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Robert Johnson, acerca da instalação de um estúdio para transmissão de canal de TV a cabo.	Não identificado
01/11/1992	Senun/RJ	Convite	Participar como palestrante do tema “O Papel da Universidade na Luta Contra o Racismo”. Solicita resumo com até 60 linhas (assinado por Janete Santos Ribeiro).	Rio de Janeiro
01/01/1993	Genton	Cartão	Felicitações de Natal.	Não identificado
01/01/1993	Marcella	Carta	Informa a publicação de artigo na Revista <i>Massimo Canevacci</i> , contendo as entrevistas com Maria Beatriz Nascimento e Azoilda. Fala de um possível projeto financiado pela União Europeia e comenta a possibilidade de retorno ao Brasil.	Europa
01/07/1993	Centro Cultural José Bonifácio	Carta	Agradece a participação na “Semana de Agostinho Neto” (assinado por José Hilton Santos Almeida).	Rio de Janeiro
01/08/1993	Interior Produções Ltda.	Convite	Mostra Internacional de Filme Etnográfico (assinado por José Inácio Parente).	Rio de Janeiro
01/08/1993	Raquel Gerber	Carta	Informa a exibição do filme “Ôrí” em Bogotá.	São Paulo
01/09/1993	CEAA	Convite	Palestra de Moema De Poli Teixeira Pacheco, com o trabalho “Raça e Crime: uma Leitura do Censo Penitenciário do Rio de Janeiro” (assinado por Rosane Correa e Márcia Lima).	Rio de Janeiro
01/09/1993	Luiz Carlino Valencia Mendonza	Carta	Comunica a exibição do filme “Ôrí” em Bogotá.	América do Sul
01/10/1993	Outro	Carta	Trata de projeto com Marcella e Azoilda. Fala do trabalho no mestrado: aulas, orientações, seminários, leituras e projeto final. Comenta pesquisa de mestrado envolvendo terreiros, capoeira e feminismo, na obra de ficção de Muniz Sodré.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1993	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Carta para Akenaton. Fala da saudade do pai e da filha. Comenta que Bethânia está em Nova York.	Não identificado
01/11/1993	CCBB	Convite	Evento “Cineasta do Mês”. O homenageado, Glauber Rocha, será apresentado por Ismail Xavier.	Rio de Janeiro
01/12/1993	Editora Pallas	Convite	Lançamento dos livros: <i>Cantando para os Orixás</i> , de Altair B. Oliveira; <i>Ervas</i> , de Ornato José da Silva; <i>O Ebó no Cultos aos Orixás</i> , de Orlando J. Santos; <i>Como Fazer Você Mesmo seu Ebó</i> , de Odé Kileuy e Vera de Oxalá.	Rio de Janeiro
01/03/1994	Cia de Teatro em Black e Preto	Convite	Ciclo de Leituras Dramáticas de Nelson Rodrigues: “Toda Nudez Será Castigada”; “O Beijo no Asfalto”; “A Falecida” (assinado por Luiz Antônio Pilar).	Rio de Janeiro
01/06/1994	Jurema Batista	Convite	Entrega de medalha pelos 50 anos de dedicação ao candomblé. Entrega de medalha a João Antônio Mascarenhas, fundador do movimento homossexual. (assinado por Jurema Batista).	Não identificado
01/07/1994	Anne Blair	Convite	Solicita a contribuição de Maria Beatriz Nascimento na publicação do livro organizado pelo professor Masilela e por ela mesma, Anne Blair.	Rio de Janeiro
01/08/1994	Anne Blair	Carta	Elogia a conferência de Maria Beatriz Nascimento, na Lapa, acerca da profundidade metodológica da criação de novas categorias de análise. Convida-a para contribuir numa publicação organizada por ela mesma, Anne Blair.	Estados Unidos
01/09/1994	Cultur Cooperation	Convite	Exibição do filme “Ôri” em Hamburgo.	Europa
01/01/1995	Woltracy Edgar	Cartão Postal	Notícias de suas viagens pela Europa e pelos Estados Unidos.	Europa
01/02/1995	Lisa Mangalis	Carta	Carta enviada da cidade de Hamburgo-Alemanha, com condolências pela morte de Maria Beatriz Nascimento.	Europa
01/02/1995	Lisa Mangalis	Carta	Carta enviada da cidade de Hamburgo-Alemanha, para Luena Nascimento Nunes Pereira, com condolências pela morte de Maria Beatriz Nascimento. Cita Wolfgang Eckstein.	Europa

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/04/1995	Carol Cooper	Carta	Carta para a família de Maria Beatriz Nascimento. Lamentando a morte da amiga. Fala em distribuir os trabalhos de Maria Beatriz Nascimento nas escolas de Nova York.	Estados Unidos
01/05/1995	Folha de São Paulo	Carta	Carta para Luena Nascimento Nunes Pereira. Agradece o envio de cópia da carta de Marilene Felinto e sugere sua publicação no painel leitor (assinada por Marcelo Leite).	São Paulo
01/05/1995	Maria Isabel Nascimento	Carta	Palestra a respeito de Maria Beatriz Nascimento, proferida na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Cita de Eduardo Oliveira e Oliveira, Marlene Cunha, Hermógenes de Almeida e Reinaldo Guedes Miranda. Carta aberta do GTAR, sobre a responsabilização pela morte de Maria Beatriz Nascimento. Carta de repúdio de Luena Nascimento Nunes Pereira.	Não identificado
01/08/1995	Ipelcy	Convite	Debate acerca da criação da Universidade do Negro. O debate foi promovido pelo Instituto de Pesquisa e Estudo da Língua e Cultura Yorubá (IPELCY).	Rio de Janeiro
01/10/1995	Muniz Sodré	Carta	Descreve Maria Beatriz Nascimento em relação à sua luta como mulher negra. Carta de Maria Maia de Oliveira Berriel, sobre a pessoa e a vida de militante e intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Carta de Helena Theodoro Lopes em relação à luta da mulher Maria Beatriz Nascimento. Carta de Éle Semog a respeito da pessoa e da vida intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Perfil de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
01/11/1995	Katharina La Henges	Carta	Lamenta a morte de Maria Beatriz Nascimento, com depoimento acerca de sua importância intelectual. Na carta, cita Éle Semog, Muniz Sodré, Mãe Beata de Yemanjá (Ialorixá), Jurema Moises (Olodum), João Jorge, Álvaro Tukano (líder indígena) e Messias Batista (Saatare-Mawe).	Europa

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1996	IPCN	Convite	Posse da diretoria do IPCN, composta pelos membros eleitos da chapa Maria Beatriz Nascimento: Sebastião Soares, José Carlos Freitas Félix, Luiz Fernando Martins da Silva, Renato Pereira dos Santos, Jorge Mário da Silva, Edson da Conceição e Paulo Roberto dos Santos.	Rio de Janeiro
01/05/1996	Luena Nascimento Nunes Pereira	Carta	Carta para Marilene Felinto. Esclarece certas circunstâncias da morte de Maria Beatriz Nascimento. Cópia dessa carta foi enviada ao ombudsman Marcelo Leite.	Rio de Janeiro
?	Outro	Bilhete	Explica fratura na perna e faz recomendações para as turmas da escola (anônimo).	Não identificado
?	Roman	Cartão	Informa a chegada à Suíça.	Não identificado
?	Embaixada EUA	Convite	Coquetel no Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos da América, no Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro
?	CEAA	Convite	Lançamento do livro <i>Estrutura Social, Mobilidade e Raça</i> , de Carlos Alfredo Hasenbalg e Nelson do Valle Silva.	Não identificado
?	Embaixada EUA	Convite	Agência de Comunicação Internacional dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, para participar da despedida de funcionários da embaixada.	Rio de Janeiro
?	Regina, Wilson, Gabriel e Lucas	Cartão Postal	Felicitações de Natal.	Não identificado
?	Outro	Convite	Cine Clube Estação Botafogo para participar da exibição de filmes.	Não identificado
?	Eva	Cartão	Mensagem de encorajamento pelo engajamento de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	CNMB	Convite	Dia Internacional da Mulher e homenagem “Dez Mulheres do Ano”.	Não identificado
?	Biblioteca Nacional	Convite	Exposição e ciclo de palestras “Por uma História do Negro no Brasil”. Programação: 10/05 – A questão da escravidão nos tempos modernos e no Brasil. 17/05 – 450 anos de resistência do negro. 24/05 – 100 anos de abolição. 31/05 – Ser negro hoje no Brasil. 07/06 – Ecos da escravatura brasileira na Itália.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Carol Cooper	Carta	Informa os planos de estudar o desenvolvimento de sociedades quilombolas diaspóricas e sugere uma possível ida de Maria Beatriz Nascimento para estudar na universidades estadunidenses: Cronell University e a New York University.	Não identificado
?	Carol Cooper	Carta	Notícias da vida nos Estados Unidos da América. Demonstra certa preocupação com a segurança de Maria Beatriz Nascimento. Pede que a amiga aprenda inglês e a visite nos EUA.	Estados Unidos
?	Outro	Bilhete	Informa a prisão de três participantes do seminário de dramaturgia em São Paulo: Paulão, Zózimo e Pompeo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Carta	Esboço de carta-resposta ao convite para o seminário em Dakar. Confirma a participação.	Não identificado
?	CEAA	Telegrama	Informa a realização da reunião no Centro de Estudo Afro-Asiático (CEAA) (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg).	Rio de Janeiro
?	PT	Convite	Reunião de criação do comitê Pró-Lula, para campanha eleitoral de 1989 (assinado por André).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Bilhete	Endereço do CICIBA	Não identificado
?	Helene	Bilhete	Retorna a mensagem deixada na ligação na secretaria eletrônica e comunica sua chegada de viagem.	Não identificado
?	Jônatas Conceição	Cartão Postal	Confirma recebimento do texto.	Bahia
?	Alice	Cartão Postal	Felicitações de Natal.	Rio de Janeiro
?	Claudia	Cartão Postal	Felicitações de Natal.	África
?	Romam	Cartão	Felicita Maria Beatriz Nascimento por seu aniversário.	Não identificado
?	Adalberto	Cartão Postal	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Ângela de Castro Gomes	Convite	Lançamento de livro <i>A Invenção do Trabalhismo</i> , de Ângela de Castro Gomes.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	IPEAFRO	Carta	Comunica mudança de endereço do IPEAFRO, de São Paulo para o Rio de Janeiro.	Não identificado
?	Outro	Bilhete	Cita Julio Tavares, com horários e locais onde ele se encontra.	Não identificado
?	Marise	Cartão Postal	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Isabel	Cartão Postal	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Roberto	Cartão	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Cartão Postal	Cartão postal para Ivone acerca da viagem a Berlim.	Não identificado
?	Laura	Cartão	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Denise	Cartão	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Regina	Cartão	Envio de lembranças.	Não identificado
?	UFRJ	Carta	Cerimônia de outorga do Título Doutor Honoris Causa a Abdias do Nascimento.	Rio de Janeiro
?	Editora Nobel	Convite	Lançamento do livro <i>Comportamento Sexual</i> , de Maria Carneiro da Cunha, pela Editora Nobel.	Não identificado
?	Juan de Dios Mosquera	Carta	Informa a mudança das atividades para o centro de Santafé, em Bogotá.	América do Sul
?	Outro	Bilhete	Elogia a fala de Maria Beatriz Nascimento. Acompanha um cordão para que ela use no pescoço.	Não identificado
?	MNU	Carta	Denuncia o uso de violência e a prisão de negros, homossexuais, travestis e prostitutas. Comunica ato realizado por grupos minoritários. Cita José Wilson Richetti e Rubem Liberatori.	São Paulo
?	Minc	Carta	Declara participação de Raquel Gerber no 35th Seminário Anual Robert Flaherty.	Não identificado
?	Bethania Gomes	Cartão Postal	Viagem pela Europa e chegada a Berlim.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Quilombo Hoje: filmes, debates, exposições e convites.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	MNU	Convite	Encontro com o Arcebispo Desmond Tutu.	Rio de Janeiro
?	Viagens Amazônia Brasil	Carta	Confirma as reservas de voo: Rio-Hamburgo, em 01/09; Berlim-Rio, em 11/09.	Não identificado
?	Selma Candido	Carta	Deseja força e encoraja para luta.	Não identificado
?	Secretaria do Estado de Cultura – São Paulo	Carta	Informações da I Jornada Cultural do Negro.	Não identificado
?	CEAA/UCAM	Convite	Palestra de Barbara Carter, com o trabalho “Os Afro-Americanos e as Relações Raciais nos Estados Unidos (assinado por Rosane Correa e Márcia Lima).	Não identificado
?	Instituto Sergipano de Pesquisas da Cultura Popular e Negra	Informe	Informações do encontro organizado pelo Instituto Sergipano de Pesquisas da Cultura Popular e Negra.	Sergipe
?	Axé Zumbi Produções Artísticas Ltda.	Carta	Critica a discriminação da imagem do negro. Enumera as atividades realizadas e expõe o Projeto Axé/87/88. Menciona a pauta e orçamento do Jornal Axé, com o editorial e a ficha técnica.	Não identificado
?	Bethânia Gomes	Bilhete	Bilhete da filha, quando era criança, para Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Cissé	Bilhete	A recuperação do trabalho de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Raquel Gerber	Bilhete	Informa o envio dos releases aos Jornais.	Não identificado
?	Angop	Telegrama	Informações de Angola (assinado por João Melo).	Não identificado
?	Outro	Bilhete	Contatar Sebastião.	Não identificado
?	Hamilton	Bilhete	Lembra de falar da pessoa de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Jurema Batista	Impresso	“Sobre Nosso Olhar Justiça se Fez”. Júri Popular dos acusados da morte de Hermógenes Almeida Filho e Reinaldo Guedes Miranda.	Não identificado
?	Cecília M. B. Coimbra	Carta	A morte de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Marcele	Carta	Orientações para um projeto.	Não identificado
?	Antônio	Cartão Postal	Mensagem de amizade.	Não identificado
?	Luis	Cartão Postal	Informa o endereço da Carl Duisberg Gesellschaft na Alemanha.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Lucia Mott	Carta	Informa o pagamento e a data provável do lançamento do calendário “A Mulher na Luta contra a Escravidão”.	Não identificado
?	Outro	Cartão	Felicitações de Ano Novo.	Não identificado
?	Outro	Bilhete	Refere-se a Maria Beatriz Nascimento. Escrito depois de sua morte (anônimo).	Não identificado
?	Clovis Moura	Carta	Fala do livro de Maria Beatriz Nascimento e de suas próprias publicações. Comunica o envio de exemplar do Jornegro.	Não identificado
?	Elisa Larkin Nascimento	Convite	Publicação de livros de temas correlatos: matrizes históricas e culturais africanas na civilização brasileira.	Não identificado
?	UFRJ	Carta	Informa o envio do projeto Sankofa e solicita a Maria Beatriz Nascimento o complemento do ensaio a ser publicado.	Não identificado
?	Johnson Santos	Carta	Críticas à proposta de Maria Betatriz Nascimento ao Cerne: a ideia de tribalismo na relação com os estrangeiros; enfatiza as novas relações com o Estado-Nação.	Não identificado
?	Raquel Gerber.	Cartão Postal	Envio de lembranças.	Não identificado
?	Circo Voador	Convite	Semana Zumbi dos Palmares, no Circo Voador (assinado por Antonio Pompêo, Paulo Roberto Marques e Martinho da Vila).	Não identificado
?	Memorial Zumbi	Convite	20 de Novembro, organizado pelo Memorial Zumbi (assinado por Joel Rufino dos Santos).	Não identificado
?	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Confirma os trabalhos na SBPC e Carolina Martucelli, Nelson Carneiro, Newton Freire Maia, Carlos Alberto Medeiros, Raymundo, Raquel Trindade e Clementina [de Jesus].	Não identificado
?	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Carta	Fala das dificuldades em organizar a mesa da SBPC. Cita Cleofe Persson de Mattos, Djalma Correa, Villa Lobos, José Maurício, Emérito Lobo de Mesquita e Nelson Carneiro.	Não identificado
?	Outro	Bilhete	Informações para depósito. Chegada de Eduardo de Oliveira Oliveira ao Rio de Janeiro.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	CEPIA	Convite	“Mulher, Saúde e Meio Ambiente”, organizado pela CEPIA (Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação) (assinado por Leila Linhares).	Não identificado
?	Bruno Silveira	Bilhete	Para Pedro Paulo Lomba, com informações institucionais do Cerne. Cita Maria Beatriz Nascimento e Antonio Risério.	Não identificado
?	Antonio Risério	Carta	Para Bruno Silveira, referindo-se ao projeto de Maria Beatriz Nascimento: “Micro-Centro. Diálogo Sul-Sul”.	Não identificado
?	Outro	Carta	Solicita informações acerca dos pesquisadores de quilombos.	Não identificado
?	Raquel Gerber	Carta	Projeto final do filme “Ôri”, com a intenção de angariar apoio.	Não identificado
?	Cecoli	Convite	Exibição do filme “Ôri”, em evento organizado pelo Centro Cultural de Oficinas Libertárias (CECOLI).	Não identificado
?	FESPAC	Carta	Referindo-se à criação de uma rede, como desdobramento da mesa no congresso em Dakar: <i>Women and the future of the Black World</i> (assinada por Claudia Michell-Kerman).	Não identificado
?	CEAA/UCAM	Convite	16º Encontro Macumba, organizado pelo CEAA (assinado por Denise Ferreira da Silva).	Não identificado
?	Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yoruba	Convite	Ciclo de Palestras, organizado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos da Língua e Cultura Yoruba.	Não identificado
?	CEAA/UCAM	Convite	Palestra com o embaixador da República Popular de Angola: “Angola Pós-Eleições e seu Papel na Paz e no Desenvolvimento da África Austral” (assinado por Carlos Alfredo Hasenbalg).	Não identificado
?	Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras	Carta	Agradece a participação no debate do Fikúla Mukumbu (assinada por Abgail Facho A. de Souza).	Não identificado
?	Unesco	Convite	Compor o Guia de Fontes para a História das Nações. Projeto coordenado pela Unesco e pelo Conselho Internacional de Arquivos.	Não identificado
?	Embaixada do Senegal no Brasil	Convite	Simpósio “O Mundo Negro e Panafricanismo” (assinado por Samba Ndlaye).	Não identificado
?	Outro	Bilhete	Convida para passeio em Dakar.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Ilê Aiyê	Convite	Homenagem organizada pela Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê.	Não identificado
?	Outro	Cartão	Agenda afro-brasileira.	Não identificado
?	Coletivo de Mulheres Negras	Convite	Encontro Estadual das Mulheres Negras.	Não identificado
?	Outro	Cartão Postal	Cartão de Luiz.	Não identificado

SÉRIE: DOCUMENTOS PESSOAIS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1964	Curso Vieira	Documento	Diploma de datilografia.	Rio de Janeiro
01/10/1972	UFRJ	Documento	Diploma de Bacharel em História, emitido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (assinado por Ruth Fernandes).	Rio de Janeiro
01/08/1974	UFRJ	Documento	Certidão de conclusão de curso em História, emitido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação.	Rio de Janeiro
01/07/1975	UFF	Documento	Declaração como palestrante do tema "Uma Historiografia para o Homem Negro" (assinada por Maria Maia de O. Berriel).	Rio de Janeiro
01/03/1977	UFRJ	Documento	Certidão conferindo Licenciatura Plena em História.	Rio de Janeiro
01/02/1978	Fundação Léopold Sédar Senghor	Documento	Aceite e recibo de pagamento da pesquisa a respeito de quilombos no Brasil (assinada por José Maria Nunes Pereira).	Rio de Janeiro
01/04/1978	Fundação Léopold Sédar Senghor	Documento	Recibo de pagamento de pesquisa a respeito de quilombos no Brasil.	Rio de Janeiro
01/06/1978	José Honório Rodrigues	Documento	Declaração de idoneidade de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
01/05/1979	UFF	Documento	Declaração de aprovação de Maria Beatriz Nascimento na seleção de pós-graduação em História (assinado por Aidyl de Carvalho Preis).	Rio de Janeiro
01/12/1979	UFF	Documento	Memorando da Universidade Federal Fluminense informando o atendimento da solicitação estudantil de ingresso em cursos conexos e ampliação da oferta de disciplinas optativas (assinado por Aidyl de Carvalho Preis).	Rio de Janeiro
01/07/1980	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Certificado de participação no Ciclo de Palestras (assinado por José Rubem Fonseca).	Rio de Janeiro
01/08/1980	UFAL	Documento	Cita os participantes por estado do I Encontro Nacional Parque Histórico Nacional do Zumbi.	Alagoas
01/08/1983	UFRJ	Documento	Certidão de Licenciatura Plena para dar entrada no registro de habilitação como professora.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1983	Dr. Raimundo José Vilela de Abreu	Documento	Receita médica emitida pelo Dr. Raimundo José Vilela de Abreu.	Rio de Janeiro
01/02/1984	Sebastião Soares	Documento	Declaração de idoneidade de Maria Beatriz Nascimento, visando à organização da viagem aos Estados Unidos da América.	Rio de Janeiro
01/02/1984	GTAR	Documento	Certificado (assinado por Gilberto de Abreu) da conferência organizada pelo Grupo de Trabalho André Rebouças.	Rio de Janeiro
01/02/1984	Maria Beatriz Nascimento	Documento	Texto original para abertura de firma com o nome Maria Beatriz Nascimento e seus herdeiros (datilografado).	Rio de Janeiro
01/04/1984	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Memorando (assinado por Ronald de O. Manno) informando a lotação de Maria Beatriz Nascimento na Escola Paula Brito, como professora da 5ª à 8ª série do ensino supletivo.	Rio de Janeiro
01/07/1984	Raquel Gerber	Documento	Apresenta Maria Beatriz Nascimento e recomenda seu acesso ao arquivo iconográfico.	São Paulo
01/01/1985	Departamento de Perícias Médicas – Rio de Janeiro	Documento	Perícia médica concedendo licença por um mês.	Rio de Janeiro
01/07/1986	UFF	Documento	Diploma (assinado por Celia de Figueiredo Bastos) de Especialização em História do Brasil, emitido pela Universidade Federal Fluminense.	Rio de Janeiro
01/09/1986	Helena Martinho da Rocha	Documento	Declaração da importância em registrar a vida e a obra de Clementina de Jesus.	Rio de Janeiro
01/04/1987	Conselho Nacional de Mulheres do Brasil	Documento	Diploma “Dez Mulheres do Ano 1986”, concedido a Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
01/09/1987	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Declaração do exercício profissional e de frequências.	Rio de Janeiro
01/11/1987	Funafro	Documento	Pagamento por serviços prestados como palestrante no curso Conscientização da Cultura Afro-Brasileira.	Rio de Janeiro
01/11/1987	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Declaração readaptando Maria Beatriz Nascimento às funções extrassala por 1 (um) ano (assinada por Pedro Loureiro).	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/03/1988	Fespac	Documento	Formulário de participação no <i>Internacional Women's Resource Directory</i> .	Não identificado
01/03/1988	Varig	Documentos	Passagens: Rio-Brasília; Brasília-Rio.	Não identificado
01/10/1988	IPCN	Documento	Contrato de trabalho com IPCN, referente a palestras.	Rio de Janeiro
01/03/1989	Fespaco	Documento	Prêmio Paul Robeson (assinado por Jean Modeste Quebraogo).	África
01/09/1989	Comissariado Provincial de Luanda	Documento	Recomendações a Maria Beatriz Nascimento.	África
01/01/1990	II Perfil da Literatura Negra	Documento	Crachá de Maria Beatriz Nascimento como conferencista no evento.	São Paulo
01/03/1990	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Solicitação de alocação de Maria Beatriz Nascimento como professora de História.	Rio de Janeiro
01/03/1991	CEAA	Documento	Edital de pesquisa do negro: áreas de pesquisa, prazos, recursos.	Rio de Janeiro
01/11/1991	IFCS	Documento	Certificado do ciclo de debates do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).	Rio de Janeiro
01/11/1991	Outro	Documento	Lista de presença na exibição do filme “Ôri”.	Rio de Janeiro
01/09/1992	II Encontro Latino-Americano de Educação	Documento	Ficha de inscrição como palestrante no eixo temático “A questão Cultural – o Símbolo e a Percepção da Realidade”. Temas “O Papel do Sagrado na Explicação do Universo”; “O Papel da Religião e sua Relação com a Construção do Saber e a Explicação do Mundo”.	Rio de Janeiro
01/10/1993	Maria Beatriz Nascimento	Documento	Recibo de pagamento a Target, pela prestação de serviços como palestrante (assinado por Maria Beatriz Nascimento).	Rio de Janeiro
01/07/1994	SBCF	Documento	Passagens: Berlim-Paris-Biarritz.	Europa
01/10/1994	UFRJ	Documento	Comprovante de depósito da Bolsa de Estudo, no valor de 542,16.	Rio de Janeiro
01/01/1995	Outro	Documento	Lista com os nomes das pessoas que estiveram presentes no Funeral de Maria Beatriz Nascimento. Maria Beatriz Nascimento foi velada na sala 6, da Capela Beal Glaldeza. Entre outros, cita Antônio Pitanga, Roberto Rosemberg e Raquel Gerber.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1995	Poder Judiciário	Documento	Certidão de óbito de Maria Beatriz Nascimento e o laudo assinado por Francisco Edelberto Petraglia: Maria Beatriz faleceu no dia 28 de janeiro de 1995, às 20h15m, no Hospital Miguel Couto.	Rio de Janeiro
01/06/1995	Poder Judiciário	Documento	Relatório preliminar decretando a prisão de Antonio Jorge Amorim Vianna pela morte de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
?	República Francesa da Martinica	Documento	Visto de entrada na República Francesa da Martinica	América
?	República Popular de Angola	Documento	Visto da República Popular de Angola, com validade de 30 dias, a contar de 18 de setembro de 1979.	África
?	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Declaração, para Maria Beatriz Nascimento, atestando o exercício da função de professora (assinada por Hilda Abranches Alexandre).	Rio de Janeiro
?	IPCN	Documento	Contrato de prestação de serviços ao IPCN com objetivo de elaborar textos.	Rio de Janeiro
?	Funafro	Documento	Pagamento pela prestação de serviço como palestrante, no curso Conscientização da Cultura Afro-Brasileira, na UERJ.	Rio de Janeiro
?	Núcleo de Estudos Afro-Americanos	Documento	Convênio para criar o Núcleo de Estudos Afro-Americanos.	Não identificado
?	II Perfil da Literatura Negra.	Documento	Lista de participantes que estiveram com Maria Beatriz Nascimento, no II Perfil da Literatura Negra.	São Paulo
?	Maria Beatriz Nascimento	Documento	Currículo Vitae de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
?	UFF	Documento	Pesquisa com informações da vida acadêmica de Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
?	Vitae	Documento	Pedido de bolsa para trabalhar, através da literatura e da poesia, a temática de negritude e feminilidade.	Não identificado
?	Arquivo Nacional	Documento	Formulário com dados da pesquisadora Maria Beatriz Nascimento.	Rio de Janeiro
?	IPEAFRO	Documento	Referente as aulas no Curso Consciência da Cultura Afro-Brasileira, organizado pelo IPEAFRO.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	IPCN	Documento	Contrato entre IPCN e Maria Beatriz Nascimento para realização de palestras, no curso Cidadania e Racismo.	Rio de Janeiro
?	Polícia Federal	Documento	Passaporte: Dados pessoais de Maria Beatriz Nascimento: Local de Nascimento: Aracajú-SE. Data de nascimento: 17 de julho de 1942. Filiação: Francisco Xavier do Nascimento e Rubina Pereira do Nascimento. Expedição: 29 de julho de 1991. Validade: 28 de julho de 1997. Assinado por Ricardo Cordeiro Lagos.	Rio de Janeiro
?	Polícia Federal	Documento	Passaporte: Dados pessoais de Maria Beatriz Nascimento: Local de Nascimento: Aracajú-SE. Data de nascimento: 17 de julho de 1942. Filiação: Francisco Xavier do Nascimento e Rubina Pereira do Nascimento. Expedição: 06 de agosto de 1979. Validade: 05 de agosto de 1983. Assinado por Manuel Tavares de Mello.	Rio de Janeiro
?	Ministério do Trabalho	Documento	Carteira de trabalho: Dados pessoais de Maria Beatriz Nascimento: Local de nascimento: Aracajú/SE. Data de nascimento: 17 de julho de 1942. Filiação: Francisco Xavier do Nascimento e Rubina Pereira do Nascimento. Estado Civil: Desquitada. Dependente: Bethânia Nascimento Freitas Gomes. Contratos de trabalho: Governo do Estado do Rio de Janeiro, abril de 1984, professora do supletivo, da 5ª à 8ª série, da disciplina de História.	Rio de Janeiro
?	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Ficha de inscrição, no Complexo Educacional de São Gonçalo, para professora de Geografia.	Rio de Janeiro
?	UFRJ	Documento	Declaração de conclusão dos créditos no mestrado de História.	Rio de Janeiro
?	Escola Estadual de Ensino Supletivo Pedro Lessa	Documento	Exercício de função de professora da 5ª à 8ª série.	Rio de Janeiro
?	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Certificado como palestrante durante II Encontro Latino-Americano de Educação.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Poder Judiciário	Documento	Certidão de divórcio entre Maria Beatriz Nascimento e José do Rosário Freitas Gomes.	Rio de Janeiro
?	Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Rio de Janeiro	Documento	Declaração de opção pelo FGTS.	Rio de Janeiro
?	Maria Beatriz Nascimento	Documento	Currículo acadêmico: a) 1967-1971: Graduação em História pela UFRJ; b) 1971: Pesquisa pela Apinha no Arquivo Nacional; c) 1981: Especialização em História pela UFF. Profissional: a) Estágio de pesquisa com José Honório Rodrigues no Arquivo Nacional; b) Crítica à obra de José Bonifácio sob orientação de José Honório Rodrigues; c) Publicação.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Santinho de Francisco Xavier do Nascimento (03/12/1898 - 02/07/1983): pai de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado

SÉRIE: PRODUÇÃO INTELECTUAL DE MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1968	Maria Beatriz Nascimento	Texto	A obra social e cultura de Sertório na Espanha. Trabalho de graduação para disciplina de História Antiga.	Não identificado
01/01/1977	Maria Beatriz Nascimento	Texto	O quilombo na historiografia. Texto apresentado na Quinzena do Negro, na Usp (datilografado).	Não identificado
01/06/1974	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Negro e Racismo”. Artigo publicado na Revista <i>Vozes</i> , n. 68.	Não identificado
01/06/1978	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Relatório final, apresentado como produto de pesquisa financiada pela Ford Foundation (datilografado).	Não identificado
01/12/1979	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Nativismo Angolano Pós-Revolução”. Texto que trata de viagem a Angola (datilografado).	Rio de Janeiro
01/08/1980	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Zumbi N’gola Janga”. Texto com dedicatória a Bethânia (datilografado).	Não identificado
01/01/1981	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Senzala Vista da Casa Grande” (datilografado).	Não identificado
01/05/1983	Maria Beatriz Nascimento	Poema	“O protesto do Ego”.	Não identificado
01/05/1983	Maria Beatriz Nascimento	Poema	Sem título.	Não identificado
01/03/1984	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Super-Homem” (datilografado e manuscrito).	Não identificado
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombo”. Texto apresentado durante o SECNEB em Salvador.	Bahia
01/01/1985	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Tese: A questão das fontes; Monoteísmo e Monitarismo; Introdução ao Conceito de Quilombo; A Continuidade Histórica (manuscrita).	Não identificado
01/01/1985	Maria Beatriz Nascimento	Poema	“O Habitante” (manuscrito).	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/05/1985	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Conceito de Quilombo e a Cultura Negra de Resistência”, de Maria Beatriz Nascimento. Curso de consciência da cultura afro-brasileira, organizado pelo IPEAFRO.	Rio de Janeiro
01/05/1985	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Daquilo que chama-se cultura” (datilografado).	Não identificado
01/08/1985	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Daquilo que chama-se cultura” (manuscrito).	Rio de Janeiro
01/01/1987	Maria Beatriz Nascimento	Material escolar	Prova de História.	Não identificado
01/07/1987	Maria Beatriz Nascimento	Poema	Sem título.	Não identificado
01/01/1988	Maria Beatriz Nascimento	Poema	Sem título (manuscrito).	Não identificado
01/03/1988	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Reflexões acerca da abolição.	Não identificado
01/08/1988	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Perigo Negro”. A história e o ser negro.	Não identificado
01/01/1990	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Projeto de Micro-Centro de Informação para a Cooperação no Desenvolvimento Internacional Afro-Brasileiro 1990”.	Não identificado
01/01/1990	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Projeto de Micro-Centro de Informação para Cooperação no Desenvolvimento Internacional Afro-Brasileiro 1990”. Projeto original de cooperação com a África, endereçado a Bruno Silveira (datilografado).	Não identificado
01/11/1990	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Em memória de Zumbi dos Palmares.	Rio de Janeiro
01/08/1992	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Por um Território (Novo) Existencial e Físico”. Texto produzido para a disciplina Teoria da Comunicação, ministrada por Janice Caiafa.	Rio de Janeiro
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: interdisciplinaridade e política protecionista.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Trabalho de História Contemporânea. Trabalho de graduação de Maria Beatriz Nascimento, no 4º ano do curso de História.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Resenha	“O Negro na Civilização Brasileira”, de Arthur Ramos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombo, em Palmares, na Favela, no Carnaval”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Negro por Ele Mesmo”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Mulher Negra no Mercado de Trabalho”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Zumbi”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Conceitos Ultrapassados”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Nossa Democracia Racial”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Transcrição de fita do filme “Ôri”: fita 1; fita 2; fita 3; fita 5 e fita 7.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	Projeto Meio Milênio. Curso de extensão universitária – pesquisa.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	Museu-Oficina.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Questão das Fontes”. Trata do uso de fontes por historiadores.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Mulher Negra no Brasil e o Amor”. Texto acerca da problemática da mulher negra. Relação com a própria história de vida de Maria Beatriz.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“O Papel da Mulher nos Quilombos Brasileiros: Resistência e Vida”. Objetivos, justificativa.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Continuidade e Descontinuidade dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro”: Significado Científico e Social; Justificativa; Objetivo; Metodologia; Cronograma; Orçamento.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Texto “Ôrí”: fita 3 - Ôrí.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Texto “Ôrí”: Zumbi dos Palmares.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Morte da Vovó”. Narra a morte da avó de Maria Beatriz Nascimento e a importância de um livro no baú da família.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Texto “Ôrí”: fita 2 - Portugal.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	A viagem para Angola. Fala das tensões políticas e militares na região.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Texto “Ôrí”: fita 1 - maternidade	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Consciência: 287 Anos da Morte de Zumbi”. Fala de quilombo e dos movimentos negros (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Conceito de Quilombo”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombos: Mudança ou Conservadorismo?”. Trata dos quilombos como assentamentos sociais, da consciência para resistir, a fuga para a luta e a paz quilombola.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Trata da linha de continuidade entre quilombo e favela.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Resenha de texto “O Escravidão Colonial”, de Jaboc Gorender.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Texto avulso sobre quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Eram os Deuses os Negros da Pequena África do Rio de Janeiro”. A escravidão brasileira.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombos Brasileiros e as Revoltas Liberais no Século XIX”. Quilombos e revoltas no século XIX.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Rascunho I”. Os mbundos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Parte de texto sobre quilombos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Reflexões filosóficas de leituras de Deleuze e Guattari.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Mulher Negra no Brasil e o Amor” (manuscrito).	Não identificado
	Maria Beatriz Nascimento	Resenha	“A Negritude Radical e seus Cantores”, publicado na revista <i>IstoÉ</i> , n. 286.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Por uma História do Homem Negro”. Artigo questionando o olhar acerca da história.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Sinopse do filme “Ôrí”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O negro por ele mesmo”. Entrevista com Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Literatura e Identidade”. A imagem do negro na literatura.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Perigo Negro”. Território e consciência.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	Revedo a forma de abordar a questão negra nas escolas.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	Esboço de projeto (sem título).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Experiência em Jeribatuba. Informações da pesquisa na ilha de Itaparica.	Bahia

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Economia Colonial”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Relatório sobre a pesquisa de quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Mulher Negra no Brasil e o Amor” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“ <i>Kilombo</i> ”. O conceito de quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Conceito de Quilombo e a Cultura Negra de Resistência”. Texto para o curso no IPEAFRO: Conscientização da Cultura Afro-Brasileira.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“O Quilombo do Jabaquara”. Texto publicado na Revista <i>Vozes</i> , ano 73. v. LXXIII, abril, 1979, n. 3.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Trata da continuidade histórica entre quilombo, comunidades quilombolas e favelas.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	<i>Kilombo</i> . O conceito de quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Culturas em diálogo”. Temas: “Culturas em Diálogo”; “Transatlanticidade”; “Vídeo e Solidariedade”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Daquilo que se Chama Cultura” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	Esboço de projeto sobre quilombo (sem título e manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Relatório final, apresentado como produto da pesquisa financiada pela Ford Foundation (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Procedimentos Metodológicos da Pesquisa” (manuscrito).	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Mulher Negra no Mercado de Trabalho” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Roteiro do filme “Ôri”: Portugal, Angola.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombo e Cidadania”. Texto do curso de extensão: Conscientização da Cultura Afro-Brasileira, organizado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Crítica de Maria Beatriz Nascimento ao livro <i>História das Ruas do Rio de Janeiro</i> , de Brasil Gerson.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Literatura e Identidade” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Rascunho: “Um Eu-étnico Existe?”	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Zumbi de N’gola Djanga” (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Continuidade e Descontinuidade Histórica dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro” (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Meu Negro Interno”, em português e <i>My Internal Blackness</i> , em inglês.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Quilombos: Mudança Social ou Conservadorismo?” O conceito de quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Por uma História do Homem Negro”. Texto publicado na Editora Vozes.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Culturalismo e Contra-Cultura”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Relatório final, apresentado como produto da pesquisa financiada pela Ford Foundation (datilografado).	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Projeto	“Operariado nas Forças Armadas” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Acerca da consciência racial”. A trajetória da tomada de consciência da negritude.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Resumo	“Quilombos: Mudança Social ou Conservadorismo? Resumo com 21 linhas.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“The ‘Negro’ inside”. Publicação em inglês (fotocópia).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Sinopse do filme “Ôrí” (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Carta de Santa Catarina”. O movimento negro MNU (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Ôrí: Entrevista com Tereza Santos e Maria Beatriz Nascimento”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Sistemas Sociais Alternativos Organizados pelos Negros: dos Quilombos às Favelas”. Relatório final, apresentado como produto da pesquisa financiada pela Ford Foundation (esboço manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“A Palavra e o Eu” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Vídeo como Instrumento de Solidariedade entre os Povos” (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	“Mito: Democracia Racial” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Transcrição da fita 5, do filme “Ôrí”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	Filme” Ôrí” (datilografado).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Texto	<i>Kilombo</i> . O conceito de quilombo (datilografado).	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Nascimento/GTAR	Beatriz Impresso	Relatório de atividades do Grupo de Trabalho André Rebouças, com participação de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado

SÉRIE: PRODUÇÃO INTELECTUAL – OUTROS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1974	Richard Graham	Texto	<i>The abolition of slavery in Brazil.</i>	Estados Unidos
01/12/1976	Robert W. Slenes	Projeto	<i>Slavery in the coffee regions of Brazil: 1850-1888.</i> Projeto de pesquisa com Pedro Carvalho de Mello.	Estados Unidos
01/01/1978	Juana Elbein	Texto	“Transmissão do Axé – Religião e Negritude”.	Não identificado
01/05/1979	Lélia Gonzalez	Texto	“O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira”. Comunicação apresentada no <i>Spring Symposium The Political Economy of the Black World</i> – UCLA, com anotações de Maria Beatriz Nascimento, acerca da Ala Feminina no Movimento Negro no sul do Brasil: Beatriz, Lília, Lélia, Teresa – Elite pensante.	Estados Unidos
01/06/1980	Roseli Elias	Texto	“O Controle dos Movimentos Negros sob o Sistema Colonial Escravista.” Trabalho apresentado no curso <i>Escravidão e Abolição – América Latina e Caribe – Séculos XVIII e XIX.</i>	Rio de Janeiro
01/01/1981	João Baptista Borges Pereira	Texto	“Estudo Antropológico”.	São Paulo
01/10/1981	Tereza Cristina N. Araújo Costa	Texto	“Movimento Negro: Notas para uma discussão”.	Não identificado
01/11/1981	Raquel Gerber	Texto	Descrição do filme “Ilê Xeroquê”, de Raquel Gerber.	São Paulo
01/08/1983	Raquel Gerber	Texto	“Porque Ilê Xoroquê”, de Raquel Gerber. Texto com descrição do filme.	São Paulo
01/01/1984	Eduardo de Oliveira e Oliveira	Texto	“Zilá Repensando a Questão da Negritude”, de Eduardo de Oliveira e Oliveira. Texto apresentado durante o curso <i>Conscientização da Cultura Afro-Brasileira.</i>	Não identificado
01/06/1985	Jônatas Conceição	Texto	“150 Anos da Revolta dos Malês”. Texto para o V Encontro de Negros do Norte e Nordeste.	Bahia
01/09/1985	Jônatas Conceição	Texto	“A Traição da Tradição Oral”. Texto apresentado no 1º Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1986	Severo D´Acelino	Texto	“João Mulungu: Líder dos Quilombos”. Considerado herói negro de Sergipe, João Mulungu, líder dos quilombolas, foi enforcado em 13 de janeiro de 1786, pelo regime escravista do estado. Propõe o dia 13 de Janeiro como o dia de reflexão e luta da consciência negra sergipana.	Sergipe
01/06/1986	Lêda Flora C. Almeida	Projeto	“Proposta Político-Cultural sobre as Comunidades Quilombolas em Niterói” e “A Contribuição do Negro na Formação Histórica do Município de Niterói”.	Distrito Federal
01/10/1986	Helena Martinho da Rocha e Luiz Fernando Goulart	Projeto	“Clementina de Jesus”. A importância em registrar a vida e a obra de Clementina de Jesus.	Rio de Janeiro
01/01/1987	Selma Alves Pantoja	Dissertação	“Nzinga Mbandi”. Dissertação de mestrado em História.	Rio de Janeiro
01/02/1987	J. Barbosa	Poema	“Elogios dos Setenta”, com ilustração de Augusto Rodrigues.	Rio de Janeiro
01/05/1987	Afonso Marques dos Santos	Texto	“A Negra Questão”.	Não identificado
01/09/1987	Jônatas Conceição	Texto	“372 anos de escravidão...” Apresentado no III Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros.	Rio de Janeiro
01/12/1987	Outro	Texto	Conferência Panafricana de Dakar. Capítulos: <i>Inventario del Mundo Negro; Desafío Político y Mundo Negro; Desafío Cultural e Artístico; Desafío Científico y Tecnológico y Mundo Negro y Africano; Desafío Económico y Mundo Negro; Los Desafíos Específicos al Mundo Negro; De las Mujeres</i> . Em espanhol e português.	África
01/01/1988	Sá Martins Jr.	Texto	“Modelo de Ciência e Direito de Plínio”.	Não identificado
01/01/1988	Abdias do Nascimento	Texto	“Cidadania”.	Não identificado
01/01/1988	João Marcos Aurore Romão	Texto	“Pensamento Social Hoje”.	Não identificado
01/01/1988	Marta Pires	Texto	“Astrologia”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1988	Lélia Gonzalez	Texto	“Cidadania de 2ª classe”.	Não identificado
01/09/1988	Outro	Texto	“Racismo nas Escolas”. Texto do grupo de trabalho em educação - II Encontro Estadual de Negros do Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro
01/07/1989	Claudia	Poema	Sobre Beatriz.	Não identificado
01/01/1990	Outro	Texto	“Carta de Santa Catarina”. A atuação do movimento negro MNU.	Não identificado
01/11/1990	Outro	Texto	“Carta de Santa Catarina”. Os movimento negro MNU. (Incompleta)	Não identificado
01/12/1990	Outro	Texto	“Carta de Santa Catarina”. Cita o artigo de Maria Beatriz Nascimento, “Por uma História do Homem Negro” e menciona a criação do CEEA.	Não identificado
01/12/1990	Outro	Texto	Carta de Santa Catarina. A atuação do movimento negro MNU.	Não identificado
01/01/1991	Outro	Texto	<i>Conduct and territory in American Cities.</i>	Não identificado
01/01/1991	Outro	Texto	“Campos Morfogénéticos”. Entrevista com Rupert Shedrake, publicada na Revista <i>Consciência Planeta.</i>	Não identificado
01/06/1991	Outro	Projeto	1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública. Cita Joel Rufino dos Santos, Nei Lopes, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Helena Theodoro, Carlos Alberto Medeiros, Paulo Roberto dos Santos, Abigail Pachos e Elisa Larkin.	Rio de Janeiro
01/11/1991	Outro	Projeto	Projeto “Diálogo entre Povos”. Ciclo de debates 1) “Cultura: Identidade e Diversidade”, com Massimo Canevacci (Roma), Alberto Lopes Mejia (ABVP), Muniz Sodré (UFRJ) e Nilda Tavares (UFRJ) 2) “Sexualidade: Olhares sobre a Diferença”, com Ilana Strozemberg, José Marcio Andrade, José Stalin Pedrosa, Leni Mª Oliveira e Mª Beatriz de Sá Leitão.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1992	Adalberto Camargo	Texto	“Dignidade da Raça Negra no Brasil” (Câmara dos Deputados).	Distrito Federal
01/01/1992	Janice Caiafa	Programa de Disciplina	“Espaço-Tempo Urbano: Cidades, Território e Conduta”. As sociedades contemporâneas e tecnologias; ocupação, território, movimento e práticas sociais.	Não identificado
01/07/1992	Jônatas Conceição	Poema	“Sacramento”.	Não identificado
01/08/1992	Outro	Projeto	“Árvore Genealógica das Elites no Brasil”. Esboço de projeto.	Não identificado
01/06/1994	Maria Alice Rezende de Carvalho	Texto	“Quatro Vezes Cidade”.	Rio de Janeiro
01/06/1994	Neuma Aguiar	Texto	“Rio de Janeiro Plural”.	Rio de Janeiro
?	Carlos Alfredo Hasenbalg e Lélia Gonzalez	Texto	“Cidadania de Segunda Classe”.	Não identificado
?	Carlos Alfredo Hasenbalg	Texto	“Perspectiva sobre Raça e Classe”.	Não identificado
?	GTAR	Projeto	“Quilombo no Rádio”.	Não identificado
?	GTAR	Projeto	“Ciclo de Palestras e Debates sobre a Vida da Comunidade Afro-Brasileira”.	Não identificado
?	Jônatas Conceição	Poema	A Pequena Ceia (datilografado).	Não identificado
?	Sérgio Alves	Texto	“Balada da Moça Grávida do Negro”.	Não identificado
?	Hilda	Texto	“Refletindo o Nosso Trabalhar”.	Não identificado
?	Conceição Evaristo	Poema	“Eu-Mulher”.	Não identificado
?	Frederico Sergio	Poema	“Esguias Almas Submersas”, dedicado a Vilma e a colegas da Emergência CP-P II.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	José Marcial Ramos	Poema	Para Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Sandra Oblitas Ruzza	Texto	<i>Historia de la Esclavitud Negra en Venezuela y el Caribe.</i>	Não identificado
?	Instituto dos Advogados Brasileiros	Texto	Levantamento das atividades nas décadas de 1940 e 1950.	Não identificado
?	Outro	Texto	Propõe ações voltadas à proteção da mulher e contra a situação de vulnerabilidade.	Não identificado
?	João Menezes	Texto	Discurso proferido na Câmara dos Deputados.	Não identificado
?	Hildete Pereira de Melo	Texto	“Poesia e Música sobre a Mulher”.	Não identificado
?	Judith Astelarra	Texto	“Feminismo como Perspectiva Teórica e Prática Jurídica” (Hildete Pereira de Melo). Apresentado no Seminário “A Situação da Mulher na América Latina”.	Não identificado
?	Jacqueline Pintaguy	Texto	“O Sexo Bruxo”. Publicado na coletânea Religião e Sociedade.	Não identificado
?	Clitia Helena Martins	Texto	“Feminismo no Brasil”. Apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1983	Não identificado
?	Fúlvia Rosemberg	Texto	“Alinhavos: Pesquisa sobre Mulher - 1984”.	Não identificado
?	Maria Corrêa	Texto	“Estrutura e Circunstância”.	Não identificado
?	John Stuart Mill e Harriet Taylor Mill	Texto	“A Sujeição das Mulheres”.	Não identificado
?	Icaro A. Cunha	Texto	Análise da relação dos homens com a luta de emancipação da mulher.	Não identificado
?	Sônia Maria Giacomini	Texto	“Mulher e Escrava”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Vários	Texto	“Contribuições das Ciências Humanas à Compreensão da Situação da Mulher”, de Fúlvia Rosemberg, Guiomar Mano de Mello, Iva Idler Chomberg, Maria Carolina de Andrade Machado e Marta Kohl de Oliveira.	Não identificado
?	Marco Antônio Reis Guarita	Texto	“A Indústria no Rio de Janeiro”.	Não identificado
?	Nelson e Gésia da Oxum	Texto	“Religião”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Dans la mer...”	Não identificado
?	Stat Gonzalez	Texto	“Entrevista com uma Argelina Exilada na Europa”.	Não identificado
?	Jacqueline Pintanguy	Texto	“Sugestão de Questões para Discussão no Encontro em Salvador”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Bibliografia sobre a Situação da Mulher no Brasil”.	Não identificado
?	Suely Gomes Costa	Texto	“O Diário de umas e outras Meninas”.	Não identificado
?	Cheiwa Spindel	Texto	“A mulher na Indústria do Vestuário”.	Não identificado
?	Giovanna Machado	Texto	“As Feministas Atacam o Patriarcado”.	Não identificado
?	Elena Gianni Beloti	Texto	“O Escândalo do Privado”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Direitos de Autodeterminação do Coletivo de Mulheres de Berlim”.	Não identificado
?	Aparecida Sueli Carneiro Jacoel e Edson Vieira Engel	Texto	“O Poder Feminino no Culto dos Orixás”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Valéria Junho Pena	Texto	“A Pesquisa sobre a Mulher no Brasil”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Mulheres Operárias em Greve”.	Não identificado
?	The co-ordinating Group on Depo-Provera and Independent Witness	Texto	<i>Submission to the Public Hearing on Depo-Provera.</i>	Não identificado
?	Outro	Texto	“Uma Reflexão sobre a Condição Feminina”.	Não identificado
?	Silvia Lexin Nunes	Texto	“Medicina Social e Regulação do Corpo Feminino”.	Não identificado
?	Silvia Lutig	Texto	“Relação Mãe-Filho no Suplemento Feminino do Estado de São Paulo”.	Não identificado
?	Inês Castilho e Maria Aparecida Aidar	Texto	“Mulheres Públicas”.	Não identificado
?	Mireya Suárez	Texto	“A Cidade das Mulheres”.	Não identificado
?	Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes	Texto	“Mudança na Estrutura Familiar”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“O Direito ao Prazer, à Ternura e ao Amor”.	Não identificado
?	Maria Luiza Machado Jatobá	Texto	“A Musa Popular Brasileira”.	Não identificado
?	Maria Valéria Junho Pena e Elça Mendonça Lima	Texto	“Mulheres na Política Operária na Primeira República”.	Não identificado
?	Maria Lúcia Afonso Medeiros e Silvana Maria Leal Cóser	Texto	“Estrutura da Família Operária e o Lugar da Mulher”.	Não identificado
?	Maria Rosoleta Grilo	Texto	“Representações da Maternidade”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Miriam Lifchitz Moreira Leite	Texto	“Maria Lacerda de Moura: Imagem e Reflexão”.	Não identificado
?	Grupo La Conjura	Texto	“Feminismo como Movimento Social”.	Não identificado
?	Ricardo Paes de Barros e Rosane Silva Pinto de Mendonça	Texto	“Uma Avaliação da Qualidade do Emprego no Brasil”.	Não identificado
?	Mariaaugusta Rosa Rocha.	Texto	“Programa de Desenvolvimento da Mulher”.	Não identificado
?	François Chesnai	Texto	<i>Mondialisation du Capital.</i>	Não identificado
?	Wilson Cano	Texto	“Brasil: Crise e Alternativas ao Neoliberalismo”.	Não identificado
?	Luiz Carlos Soares.	Texto	“Manufatura da Sociedade Escravista”.	Não identificado
?	Maria Olga Ferreira de Maia	Texto	“Escolas Particulares”.	Não identificado
?	Maria Eliana Novaes	Texto	“Professor Primário”.	Não identificado
?	Isis Baião e Maria Lúcia	Texto	“As Bruxas Estão Soltas”.	Não identificado
?	SECNEB	Projeto	“Ajaká: Iniciação para a Liberdade”	Não identificado
?	Outro	Projeto	“Exposição fotográfica e Documental 10 anos de SECNEB.	Não identificado
?	Raquel Gerber	Texto	Notas do filme “Ilê Xoroquê”. Fala da relação entre Brasil e África através do Oceano Atlântico.	

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Projeto	Criação de um núcleo de cinema do SECNEB.	Não identificado
?	Outro	Projeto	“A Questão Racial nos Currículos Escolares”.	Não identificado
?	Zózimo Bubul	Texto	“Abolição”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“ <i>A daydream</i> ”	Não identificado
?	Outro	Projeto	“Diálogo entre Povos”. Descrição e objetivos.	Não identificado
?	André Gaudreault	Texto	<i>Du Littéraire au Filmique.</i>	Não identificado
?	Outro	Projeto	“Argumentos para Luta”: Histórico/Justificativa; Objetivo; Conteúdo; Distribuição.	Não identificado
?	José Carlos Limeira e Éle Semog	Poema	“Mandela”.	Não identificado
?	Harry Kay Bernard Dodd e Max Sime	Texto	“Educação, Ensino, Aprendizagem, Comunicação”.	Não identificado
?	Outro	Texto	Tradução de texto a respeito de Jesse Jackson.	Não identificado
?	GTAR	Projeto	“Contribuição do Negro na Formação Histórica do Município de Niterói”.	Não identificado
?	Outro	Projeto	“As Camadas Populares na América Latina nos séculos XIX e XX” (datilografado).	Não identificado
?	Conceição Evaristo	Texto	“Vozes-Mulheres”.	Não identificado
?	Conselho Estadual da Condição da Mulher	Texto	“Mulher Negra: Dossiê sobre a Discriminação Racial”.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Capixaba	Texto	“A Insurreição do Queimado”.	Não identificado
?	Outro	Texto	“O Racismo na Mídia”. Texto apresentado em conferência.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Escravos a Serviço do Progresso”. Artigo publicado em Tendência e Cultura.	Não identificado
?	Janice Caiafa	Texto	“Espaço-Tempo Urbano, Território e Conduta”.	Não identificado
?	Ordep J. Trintade Serra	Texto	“Estrofes e Antístrofes”. Publicado pelo Centro de Estudos Baianos – UFBA.	Não identificado
?	Outro	Texto	“Vamos Desembaraçar o Espelho?” Texto sobre a luta contra a discriminação racial, evocando nomes e eventos na história (datilografado).	Não identificado

SÉRIE: LIVROS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1956	Aldous Huxley	Livro	<i>Adonis e o Alfabeto.</i>	Hemus / São Paulo
1960	Ferdinand Peroutka	Livro	<i>Manifesto Democrático.</i>	Itatiaia / Belo Horizonte
1961	Lewis Mumford	Livro	<i>Cultura das Cidades.</i>	Itatiaia/ Belo Horizonte
1961	John Steinbeck	Livro	<i>O Destino Viaja de Ônibus.</i>	IBRASA/ São Paulo
1964	Gore Vidal	Livro	<i>Juliano.</i>	Rocco/ Rio de Janeiro
1964	Carlos Drummond de Andrade	Livro	<i>Obras Completas.</i>	José Aguilar/ Rio de Janeiro
1966	Norman Mailer	Livro	<i>An American Dream.</i>	Mayflower/ Londres
1967	Hermann Hesse	Livro	<i>Demian.</i>	Civilização Brasileira/ Rio de Janeiro
1967	Albert Memmi	Impresso	<i>Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.</i>	Paz e Terra/ Rio de Janeiro
1968	Herbert Marcuse	Livro	<i>Materialismo Histórico e Existência.</i>	Tempo Brasileiro / Rio de Janeiro
1968	Melvin Drimmer	Livro	<i>Black History.</i>	Doubleday Company / New York
1968	Melvin Drimmer	Livro	<i>Black History: a reappraisal.</i>	Doubleday Company/ New York

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1968	P. George; R. Guglielmo; B. Kayser; Y. Lacoste	Livro	<i>A geografia ativa.</i>	Difel/ São Paulo
1969	Walter Benjamin, Teodoro Adorno e Lucien Goldmann	Livro	<i>Sociologia da Arte.</i>	Editora Zahar/ Rio de Janeiro
1969	José Honório Rodrigues	Livro	<i>Teoria da história do Brasil.</i>	Companhia Editora Nacional / Rio de Janeiro
1970	O. Secco Ellauri e Pedro D. Baridon	Livro	<i>História Universal: Roma.</i>	Kapeluz/ Bueno Aires
1971	Choderlos de Laclos	Livro	<i>Relações Perigosas.</i>	Abril/ São Paulo
1971	Leonardo Arroyo	Livro	<i>A carta de Pero Vaz de Caminha.</i>	Melhoramento/ Rio de Janeiro
1971	Richard M. Morse	Livro	<i>The Urban Development of Latin America.</i>	Center for Latin American Studies/ Stanford
1972	José Honório Rodrigues, Lêda Boechat e Octaciano Nogueira	Livro	<i>O Parlamento e a Evolução Nacional.</i>	Senado Federal / Brasília
1972	François Chatelet	Livro	<i>Logos e Práxis.</i>	Paz e Terra/ Rio de Janeiro
1972	Florestan Fernandes	Livro	<i>O negro no mundo dos brancos.</i>	Difel/ São Paulo
1973	Pedro Tomas Pereira	Impresso	<i>Os Quilombos Brasileiros.</i>	Prefeitura de Salvador/Salvador
1973	Marta Harnecker	Livro	<i>Os conceitos elementares do materialismo histórico.</i>	Não identificado
1974	Outro	Livro	<i>Assembléia Constituinte de 1823.</i>	Voices/ Petrópolis
1974	Luke Rhinehart	Livro	<i>O homem dos dados.</i>	Imago/ Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1974	Samuel Rocha Barros	Livro	<i>Estrutura e funcionamento do ensino de I Grau.</i>	Livraria Francisco Alves/ Rio de Janeiro
1975	Mauricio Goulart	Livro	<i>Escravidão Africana no Brasil.</i>	Ed. Alfa-Ômega / São Paulo
1975	Boris Fausto	Livro	<i>O Brasil Republicano: Estrutura de Poder e Economia.</i>	DIFEL/ São Paulo
1975	Eric Williams	Livro	<i>Capitalismo e Escravidão.</i>	Americana/ Rio de Janeiro
1975	Boris Fausto	Livro	<i>O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930).</i>	DIFEL/ São Paulo
1975	Claudia Maria Godoy Turra; Délcia Enricone; Flávia Maria Sant'Anna; Lenir Cancelli André	Livro	<i>Planejamento de ensino e avaliação. 10ª ed.</i>	Sagra Luzzato/Porto Alegre
1975	Halperin Donghi	Livro	<i>História da América Latina.</i>	Paz e Terra/Rio de Janeiro
1975	José Honório Rodrigues	Livro	<i>Independência: revolução, e contra-revolução.</i>	EDUSP/ São Paulo
1975	José Redinha	Livro	<i>Etnias e Culturas de Angola.</i>	Instituto de Investigação Científica de Angola/ Luanda
1976	Alex Haley	Livro	<i>Negras Raízes.</i>	Círculo do Livro/Record / Rio de Janeiro
1976	Friedrich Nietzsche	Livro	<i>A Genealogia da Moral.</i>	Guimarães e Cia./ Lisboa
1976	Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos	Livro	<i>História do Brasil.</i>	Editora Moderna/ São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1976	Juana Elbein dos Santos	Livro	<i>Os nagô e a morte.</i>	Vozes/ Petrópolis
1976	Roberto Cardoso de Oliveira	Livro	<i>Identidade, etnia e estrutura social.</i>	Livraria Pioneira Editora/ São Paulo
1976	Thomas Mann	Livro	<i>Doutor Fausto.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1976	Vanêde Nobre	Livro	<i>Eros.</i>	Rio de Janeiro
1977	Sonia Corrêa e Eduardo Homem	Livro	<i>Moçambique: Primeiras Chamadas.</i>	Margem/ Rio de Janeiro
1977	Jeanne Berrance de Castro	Livro	<i>A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850.</i>	Brasiliana/ Rio de Janeiro
1977	Kwame Nkrumah	Livro	<i>A África deve unir-se.</i>	Ulmeiro/ Lisboa
1977	Mirian Limoeiro Cardoso	Livro	<i>Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK- JQ</i>	Paz e Terra/ Rio de Janeiro
1977	Muniz Sodré	Livro	<i>O monopólio da fala.</i>	Vozes/ Petrópolis
1978	Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Perez Brignoli	Livro	<i>Os Métodos da História.</i>	Graal/ Rio de Janeiro
1978	Lenin, Lukács	Livro	<i>Temas de Ciências Humanas.</i>	Livraria ed Ciências Humanas/ São Paulo
1978	John Reed	Livro	<i>10 Dias que Abalaram o Mundo.</i>	Global/ São Paulo
1979	Roberto da Matta	Livro	<i>Carnavais, Malandros e Heróis.</i>	Zahar Editores/ Rio de Janeiro
1979	Alzemiro Lidio Vieira	Livro	<i>Confronto.</i>	Ed. do Autor./ São José (SC)
1979	Geraldo Sarno e Orlando Senna	Livro	<i>Coronel Delmiro Gouveia.</i>	CODECRI/ Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1979	George F. Kneller	Livro	<i>Introdução à filosofia da educação.</i>	Zahar Editores/ Rio de Janeiro
1979	Iale Renan e Ricamar P. de Brito Fernandes	Livro	<i>Sistema educacional brasileiro: legislação e estrutura.</i>	Rio de Janeiro
1979	João Guimarães Rosa	Livro	<i>Tutaméia: Terceiras Estórias.</i>	Livraria José Olympio/ São Paulo
1980	Jean Paul Sartre	Livro	<i>O Testamento de Sartre.</i>	L&PM/ Porto Alegre
1980	Graciliano Ramos	Livro	<i>Caetés.</i>	Record/ Rio de Janeiro
1980	Esteve Biko	Livro	<i>Escrevo o que Eu Quero.</i>	Ática/ São Paulo
1980	Jiddu Krishnamurti	Livro	<i>Novos Roteiros em Educação.</i>	Cultrix/ São Paulo
1980	Ana Maria Bahiana	Livro	<i>Nada será como antes: MPB nos anos 70.</i>	Civilização Brasileira/ Rio de Janeiro
1980	José Alberto Varanda	Livro	<i>Os eguns do candomblé.</i>	Eco/ Rio de Janeiro
1982	André João Antonil	Livro	<i>Cultura e Opulência do Brasil.</i>	Itatiaia/EDUSP/ Belo Horizonte/São Paulo
1982	Louis-Ferdinand Céline	Livro	<i>Norte.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1982	Virginia Woolf	Livro	<i>Quarto de Jacob.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1982	Elia Kazan	Livro	<i>Atos de Amor.</i>	Círculo do Livro/ São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1982	Joel Rufino dos Santos	Livro	<i>Zumbi.</i>	Ática/ São Paulo
1982	Paulo Colina	Livro	<i>Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira.</i>	Global/ São Paulo
1983	Fiódor Dostoiévski	Livro	<i>O Adolescente.</i>	Global/ São Paulo
1983	Irene P. Machado	Livro	<i>O vôo mais baixo.</i>	Não Identificado
1983	Lucia Elena Garcia de Oliveira; Rosa Maria Porcaro; Tereza Cristina N. Araújo	Livro	<i>O lugar do negro na força de trabalho.</i>	IBGE/ Rio de Janeiro
1983	Muniz Sodré	Livro	<i>A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil</i>	Codecri/ Rio de Janeiro
1984	Outro	Livro	<i>Clínica Médica: Medicina Natural. Vol. 2 N.3 abr/1984</i>	Não identificado
1984	Theodore Rosengarten	Livro	<i>All God's Dangers: The Life of Nate Shaw.</i>	Vintage / New York
1984	Jônatas Conceição	Livro	<i>Miragem do Engenho</i>	IRDEB/ Salvador
1984	Domício Proença Filho	Livro	<i>Dionísio Esfacelado.</i>	Achiamé/ Rio de Janeiro
1984	Cruz e Souza	Livro	<i>Os Últimos Sonetos.</i>	Ed. UFSC/ Florianópolis
1984	Agatha Christie	Livro	<i>A Mina de Ouro.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1984	Milan Kundera	Livro	<i>A Insustentável Leveza do Ser.</i>	Círculo do livro/ São Paulo
1984	Augusto de Lima Junior	Livro	<i>O fundador do caraça.</i>	Rio de Janeiro
1984	Charles W. Morris	Livro	<i>Fundamentos da teoria dos signos</i>	Editora da Universidade de São Paulo / São Paulo
1984	Maria Antonia Carneiro Agarez	Livro	<i>Meus Versos.</i>	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1984	Simon Schwartzman; Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro.	Livro	<i>Tempos de Capanema.</i>	Paz e Terra História / Edusp/ São Paulo
1984	Umberto Eco	Livro	<i>Viagem na irrealidade cotidiana.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1985	Eduardo Mascarenhas	Livro	<i>Emoções no divã.</i>	Guanabara / Rio de Janeiro
1985	Sydney M. G. dos Santos	Livro	<i>André Rebouças e seu tempo.</i>	Vozes/ Petrópolis
1985	William Styron	Livro	<i>As confissões de Nat Turner.</i>	Rocco/ Rio de Janeiro
1986	Alice Cardoso Lucio	Livro	<i>Chama da Esperança.</i>	Ed. do Autor/ Brasília
1986	Jamu Minka	Livro	<i>Teclas do Ébano.</i>	Ed. do autor/ São Paulo
1986	Carlos Rodrigues Brandão	Livro	<i>Identidade e Etnia.</i>	Brasiliense/ São Paulo
1986	Alice Cardoso Lucio	Livro	<i>Chama da esperança.</i>	Ed. do Autor/ Brasília
1986	Ronaldo Vainfas	Livro	<i>Ideologia e escravidão: Os letrados e a sociedade escravistas no Brasil Colonial.</i>	Vozes/ Petrópolis
1987	Antonio Gramsci	Livro	<i>Concepção Dialética da História</i>	Civilização Brasileira / Rio de Janeiro
1987	Henrique Cunha Jr.	Livro	<i>Negros na Noite.</i>	Edicon/ São Paulo
1987	Luiz de Melo Santos	Livro	<i>Pedaços de Coração.</i>	Não identificado
1987	Éle Semog	Livro	<i>Curetagem: Poemas doloridos.</i>	Ed. do Autor

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1987	Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes	Livro	<i>O golpe na educação.</i>	Jorge Zahar Editor/ Rio de Janeiro
1987	Pierre Chaunu	Livro	<i>Conquête et exploitation des nouveaux mondes.</i>	Presses Universitaires de France / Paris
1988	Jacob Gorender	Livro	<i>O Escravidismo Colonial.</i>	Moderna/ São Paulo
1988	Günter Wallraff	Livro	<i>Cabeça de Turco.</i>	Globo/ Rio de Janeiro
1988	Terezinha Malaquias	Livro	<i>Melanina.</i>	Scortecci/ São Paulo
1988	Geni Guimarães	Livro	<i>Leite do Peito.</i>	Fundação Nestlé de Cultura/ São Paulo
1988	Bernard Shaw	Livro	<i>Um Socialista Anti-Social.</i>	Brasiliense/ São Paulo
1988	Muniz Sodré	Livro	<i>O Terreiro e a Cidade.</i>	Vozes/ Petrópolis
1988	Léon Sharwatzberg	Livro	<i>La Societé Humaine.</i>	Belfond/ Paris
1988	Sonia Maria Giacomini	Livro	<i>Mulher e escrava: Uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil</i>	Vozes/ Petrópolis
1989	Marco Aurélio Luz (Org)	Livro	<i>Identidade Negra e Educação.</i>	Ianamá/ Salvador
1989	Abilio Ferreira	Livro	<i>Fogo do Olhar.</i>	Mazza Edições/Quilombo hoje/ Belo Horizonte/ São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1989	Jônatas Conceição	Livro	<i>Outras Miragens: Miragem de Engenho</i>	Confraria do Livro/ São Paulo
1989	Jaime da Silva, Patricia Birman, Regina Wanderley	Livro	<i>Cativeiro e liberdade.</i>	IFCH/UERJ / Rio de Janeiro
1990	Félix Guattari	Livro	<i>As Três Ecologias.</i>	Papirus/ Campinas
1990	José Eustáquio Rodrigues	Livro	<i>Flor de sangue.</i>	Mazza/ Belo Horizonte
1991	Albert Einstein	Livro	<i>Como Vejo o Mundo.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro
1991	Miles Davis	Livro	<i>Miles Davis: a autobiografia.</i>	Ed. Campos / Rio de Janeiro
1991	Carlos Henrique de Escobar	Livro	<i>Dossier Deleuze.</i>	Hólon Editorial/ Rio de Janeiro
1991	Dario Gomes Ribeiro	Livro	<i>Pode Acontecer.</i>	Rio de Janeiro
1991	Regine Hillman & Ivan Ferraro	Livro	<i>Die Geschichte.</i>	Schoen/ Berlin
1991	Fernando Gabeira	Livro	<i>Entradas e Bandeiras.</i>	CODECRI/ Rio de Janeiro
1991	Edgar da Rocha Miranda	Livro	<i>A Vingança da Mata.</i>	Record/ Rio de Janeiro
1991	Muniz Sodré	Livro	<i>O bicho que chegou a feira.</i>	Francisco Alves Editora/ Rio de Janeiro
1992	José Correia Leite	Livro	<i>E Disse o Velho Militante.</i>	Cuti/ São Paulo
1992	Uelinton Farias Alves	Livro	<i>Reencontro Cruz e Souza.</i>	Papa-Livro/ Florianópolis
1992	Vilma Kruse	Livro	<i>Caminhos e Pontes.</i>	Jotanesi/ Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1992	Nestor Capoeira	Livro	<i>A Capoeira.</i>	Record/ Rio de Janeiro
1992	Sidney W. Mintz e Richard Price	Livro	<i>An Anthropological Approach.</i>	Beacon Press/ Boston
1992	Trigueirinho	Livro	<i>Das Lutas à Paz.</i>	Pensamento/ São Paulo
1993	Paul Virílio	Livro	<i>O Espaço Crítico.</i>	Editora 34/ Rio de Janeiro
1993	Arnaldo Xavier & Maurício Pestana	Livro	<i>Manual de Sobrevivência do Negro no Brasil.</i>	Nova Sampa Diretriz/ São Paulo
1993	Michel Foucault	Livro	<i>As palavras e as coisas.</i>	Martins Fontes/São Paulo
1993	Muniz Sodré	Livro	<i>Bola da vez.</i>	Notrya Editora/ Rio de Janeiro
1993	Paul Virilio	Livro	<i>Guerra e cinema.</i>	Página Aberta/ São Paulo
1993	Trigueirinho	Livro	<i>Niskalkat: Uma mensagem para os tempos de emergência.</i>	Pensamento/ São Paulo
1994	Alexandre Caballero	Livro	<i>A Filosofia através dos Textos.</i>	Cultrix / São Paulo
1994	Elisa Larkin Nascimento	Livro	<i>Sankofa. Resgate da cultura afro-brasileira. Vol. 1 e 2</i>	SEAFRO/ Rio de Janeiro
?	Lin Yutang	Livro	<i>O Portão Vermelho.</i>	Não identificado
?	Karl Marx	Livro	<i>O Capital: livro I.</i>	Civilização Brasileira / Rio de Janeiro
?	Outro	Livro	<i>Africanização das Regiões Brasileiras.</i>	Rio Grande Sul

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Paul Monroe	Livro	<i>História da Educação.</i>	Companhia Editora Nacional/ São Paulo
?	Arnaldo Xavier	Livro	<i>Terramara.</i>	Não identificado
?	Outro	Livro	<i>A Luta Continua.</i>	Não identificado
?	Antonio Gramsci	Livro	<i>Novas Cartas de Gramsci e algumas de Piero Sraffa.</i>	Paz e Terra/ Rio de Janeiro
?	Jônatas Conceição	Livro	<i>Outras Miragens (manuscrito).</i>	Não identificado
?	Jorge Salles	Livro	<i>Rua J. Carlos.</i>	Não identificado
?	Antônio Nássara	Livro	<i>Só Doi Quando Fico Sério.</i>	Não identificado
?	Outro	Impresso	<i>As Cartas Régias.</i>	Não identificado
?	Conde de Assumar	Impresso	<i>Cartas do Conde ao Rei de Portugal.</i>	Não identificado
?	Princeton University	Livro	<i>Ásia/África/Middle East</i>	Não identificado
?	Aparício Fernandes	Livro	<i>Poetas do Brasil.</i>	Folha Carioca/ Rio de Janeiro
?	Gore Vidal e Muir Wessinger	Livro	<i>Costiera Amalfitana.</i>	Não identificado
?		Livro	<i>Histoire de L'antiquité.</i>	Moscou
?	Charles R. Darwin	Livro	<i>Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Vol. 1</i>	Sociedade e editora/ São Paulo
?	Clarice Lispector	Livro	<i>Felicidade Clandestina. 2ª ed.</i>	Livraria José Olympio/ Rio de Janeiro
?	Félix Guattari e Suely Rolnik	Livro	<i>Micropolítica: Cartografias do desejo.</i>	Vozes/ São Paulo
?	Jay Rumney Maier e Joseph	Livro	<i>Manual de Sociologia. 3ª ed.</i>	Zahar Editores/ Rio de Janeiro
?	Ken Wilber et al.	Livro	<i>O paradigma holográfico e outros paradoxos.</i>	Cultrix/ São Paulo
?	Marguerite Yourcenar	Livro	<i>A obra em negro.</i>	Nova Fronteira/ Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Isaura Pereira de Queiroz	Livro	<i>O messianismo no Brasil.</i>	Alfa Ômega/ São Paulo
?	P. M. Netscher	Livro	<i>Os holandeses no Brasil.</i>	Companhia Editora Nacional/ Rio de Janeiro
?	Patrik Geddes	Livro	<i>A cultura da cidade.</i>	Não Identificado
?	Paul Bohannon e Philip Bohannon	Livro	<i>Africa and Africans.</i>	American Museum Science Books / New York
?	Sigmund Freud	Livro	<i>Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud - volume 14.</i>	Imago/ Rio de Janeiro
?	Thomas E. Skidmore	Livro	<i>Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.</i>	Paz e Terra/ Rio de Janeiro
?	Vicente Tapajós	Livro	<i>Manual de história do Brasil.</i>	Livros e organizações Simões / Rio de Janeiro
?	Álvaro de Campos	Livro	<i>Obras completas de Fernando Pessoa.</i>	Ática/ Lisboa

SÉRIE: PERIÓDICOS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1977	Outro	Revista	<i>Revista José.</i>	Não identificado
1985	Outro	Jornal	<i>Jornal O Correio Unesco.</i>	Não identificado
1987	Outro	Jornal	<i>Jornal Le Soleil.</i>	Não identificado
1987	Outro	Boletim	<i>Boletim do Centenário.</i>	Não identificado
1988	Outro	Jornal	<i>Jornal Maioria Falante.</i>	Rio de Janeiro
1988	Outro	Suplemento	<i>Suplemento 100 anos de Abolição: o Negro Hoje.</i>	Minas Gerais
1988	Outro	Revista	<i>Revista Arrabaldes, Ano I, n. 2, Set/Dez 1988.</i>	Não identificado
1990	Maria Maia de Oliveira Berriel	Caderno-IFCH-UFF	<i>Caderno O Negro: uma Identidade em Construção.</i>	Rio de Janeiro
1990	Outro	Jornal	<i>Jornal Atualidade Angolana.</i>	Rio de Janeiro
1991	Outro	Jornal	<i>Jornal Movimentação.</i>	Rio de Janeiro
1991	Outro	Jornal	<i>Jornal Dawn Informs.</i>	Não identificado
1991	Outro	Jornal	<i>Jornal do MNU, n. 20</i>	Não identificado
1991	Outro	Revista	<i>Revista Prisma.</i>	Porto Velho (RO)
1992	Outro	Revista	<i>Boletim informativo O Mondo.</i>	Salvador
1992	Outro	Boletim	<i>Boletim da Coordenadoria Especial do Negro.</i>	Não identificado
1993	Outro	Jornal	<i>Jornal AfroReggae, Ano I, n. 1.</i>	Não identificado
1993	Suely Gomes Costa	Caderno ICHF.	<i>O diário de umas e outras meninas.</i>	Rio de Janeiro
1993	Outro	Jornal	<i>Jornal da ASUFRJ.</i>	Rio de Janeiro
1994	Outro	Jornal	<i>Jornal Paparazzi.</i>	Não identificado
1994	Outro	Jornal	<i>Jornal El Pais.</i>	Espanha
1994	Outro	Jornal	<i>Jornal da UFRJ.</i>	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
1994	Outro	Caderno	<i>Caderno CEPIA.</i>	Rio de Janeiro
1994	Outro	Jornal	<i>Jornal AfroReggae</i> , Ano I, n. 8.	Não identificado
1994	Outro	Jornal	<i>Poder Popular.</i>	Rio de Janeiro
1997	Outro	Jornal	<i>Jornal do Olodum.</i>	Salvador
?	Outro	Jornal	<i>Jornal Mergulho.</i>	Rio de Janeiro
?	Outro	Revista	<i>Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano.</i>	Não Identificado
?	Outro	Jornal	<i>Jornal do MNU: Nêgo</i> , n.12.	Salvador
?	Outro	Jornal	<i>Jornal do MNU: Nêgo</i> , n.14.	Salvador
?	Outro	Revista	<i>Revista Estudos Afro-Asiáticos</i> , n. 13.	Rio de Janeiro
?	Léa Melo da Silva	Caderno	<i>Caderno A Mulher e a Cultura.</i>	Minas Gerais
?	Léa Melo da Silva, Maria José de Lima e Danda Prado	Caderno	<i>Caderno A Mulher e o Planejamento Familiar.</i>	Minas Gerais
?	Outro	Caderno	<i>Caderno Temas Sociais - CBCISS.</i>	Não identificado
?	Léa Melo da Silva, Lucia Tosi, Misabel de Abreu Machado Derzi.	Caderno	<i>Caderno A Trajetória da Mulher na UFMG.</i>	Minas Gerais
?	J.R.Wells, Paul Singer, Elizabeth Jelin e Richard M. Morse.	Caderno	<i>Caderno Estudos Cebrap</i> , n. 17.	Não identificado
?	Centro de Referência e Valorização da Cultura Negra	Caderno	<i>Caderno II.</i>	Não identificado
?	Outro	Revista	<i>Derê Bô: Revista do Órgão da Participação Universalista pelo Renascimento Humano.</i>	Não identificado
?	Outro	Caderno	<i>Cadernos Negros 14: contos.</i>	Não identificado
?	Outro	Revista	<i>Revista Diálogo.</i>	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Mari de Nasaré Baiocchi	Caderno	<i>Cadernos Negros.</i>	Não identificado
?	Outro	Impresso	<i>Suplemento Brasil: A Mulher e a Crise do Terceiro Mundo; O Discurso da Diferença e da Subordinação.</i>	Não identificado
?	Outro	Revista	<i>Revista Black People.</i>	Não identificado
?	Outro	Jornal	<i>Jornal Mergulho.</i>	Rio de Janeiro
?	Outro	Revista	<i>Revista The Other Side.</i>	Não identificado
?	Outro	Jornal	<i>Jornal MNU.</i>	Não identificado
?	Outro	Jornal	<i>Jornal SoulFunk.</i>	Não identificado
?	Outro	Jornal	<i>Jornal Tribuna de Xangô.</i>	Não identificado
?	Misabel de Abreu Machado Derzi	Caderno	<i>A mulher e a constituinte.</i>	Minas Gerais

SÉRIE: RECORTES

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/11/1979	Outro	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : "Brasileira: Cor de Cuia, Branquiça ou Negraota?", por Norma Couri.	Rio de Janeiro
01/08/1984	Cândido Mendes	Recorte	Ôrí: O Quilombo Urbano Pede Passagem.	São Paulo
02/07/1985	Roberto Machado Jr.	Recorte	<i>Quilombo</i> . Produção da TV Globo. Cita Décio Freitas, Maria Beatriz Nascimento e Joel Rufino.	Não identificado
21/01/1988	Macksen Luiz	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : "Aula sem identidade".	São Paulo
25/10/1988	Outro	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : "Matéria sobre pré-história".	São Paulo
01/11/1988	Outro	Recorte	<i>Jornal O Popular</i> : "Nosso Apartheid Camuflado".	Goiás
01/01/1989	Outro	Recorte	"Ôrí: Brazilian Filme with Nigerian Toc".	Não identificado
01/01/1989	Outro	Recorte	"Ôrí, um Filme-Tese sobre a Cultura Negra".	Curitiba
01/01/1989	Claudia Alexandre	Recorte	"Ôrí Resgata Consciência Negra a partir dos Quilombos".	São Paulo
01/03/1989	Outro	Recorte	"Ôrí".	Salvador
01/03/1989	Fernando Spencer	Recorte	"A História e a Cultura São Limites para o Homem?"	Recife
27/03/1989	Outro	Recorte	"Filme Ôrí premiado na África".	Salvador
01/04/1989	Outro	Recorte	<i>Jornal da Bahia</i> : "Nota sobre o filme Orí premiado em festival africano"	Bahia
07/04/1989	Claudia Alexandre.	Recorte	"Ôrí Resgata a Consciência Negra através dos Quilombos."	São Paulo
07/04/1989	André Setaro	Recorte	"Ôrí, Filme Negro". "Ôrí, é preciso ver". Dia-a-dia. Entre outras.	Não identificado
01/05/1989	Helena Zimmermann	Recorte	"Branca não É a Cor de Raquel Gerber".	Santa Catarina
01/05/1989	Outro	Recorte	"Ôrí leva a história para as telas".	São Paulo
01/05/1989	Fábio Brüggemann	Recorte	"Ôrí Faz Estreia Nacional Hoje na 1ª Mostra de Cinema".	Florianópolis
01/05/1989	Outro	Recorte	"Tróia Prepara a Grande Festa".	Não identificado
01/06/1989	Edmar Pereira	Recorte	"Ôrí, um Sucesso".	Não identificado
01/06/1989	Outro	Recorte	"Ôrí Vence em Tróia".	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/06/1989	Afonso Cautela	Recorte	“Consciência Negra Resiste a Imperialismo Cultural”.	Não identificado
01/06/1989	Carlos Alberto Mattos.	Recorte	“O V Festival de Cinema de Tróia, em Portugal, Premia Filme Brasileiro em Mostra Paralela”.	Não identificado
01/06/1989	Outro	Recorte	“Filme Ôrí Premiado na África”.	Salvador
01/06/1989	Carlos Pinto dos Santos	Recorte	“Ôrí é Candidato ao Prêmio Costa Azul”.	Não identificado
01/06/1989	Outro	Recorte	“A África Está Aqui”.	Não identificado
16/09/1989	Outro	Recorte	“Feminismo e Filme Ôrí”.	Salvador
21/09/1989	André Setaro	Recorte	“Ôrí, Cinema Negro em Transe”.	Salvador
28/09/1989	Antônio Gonçalves Filho	Recorte	“Ôrí Resgata as Culturas Africanas na América”.	São Paulo
28/09/1989	José Carlos Avelar.	Recorte	“O Desequilíbrio da Paixão”.	Não identificado
01/11/1989	Outro	Recorte	<i>Jornal do MNU</i> : Poema de Maria Beatriz Nascimento sobre Zumbi.	Rio de Janeiro
01/02/1990	Jorge Ubirajara e Wilson Rabelo	Recorte	<i>Jornal Tribuna Carioca</i> : entrevista assinada por Jorge Ubirajara e Wilson Rabelo, com Renato Radical (Renato Pereira dos Santos), sobre a sua atuação no movimento negro.	Rio de Janeiro
27/02/1991	Outro	Recorte	“Raquel Gerber, le brésilienne et noire”.	Não identificado
02/03/1991	Outro	Recorte	“Quilombo Hoje”.	Não identificado
21/07/1991	Outro	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : “Xica da Silva”.	São Paulo
01/12/1991	Outro	Recorte	<i>Jornal do MNU</i> : “1971-1991 - Vinte Anos do Dia Nacional da Consciência Negra”.	Rio de Janeiro
01/12/1991	Outro	Recorte	<i>Jornal do MNU</i> . Entrevista com Luiza Bairros, coordenadora nacional do MNU.	Rio de Janeiro
01/12/1991	Outro	Recorte	“Lélia Gonzalez na Martinica”.	Não identificado
30/05/1992	Outro	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : “Antropofagia Literária”.	São Paulo
24/11/1992	Outro	Recorte	“Ôrí: UFJF Discute a Superação das Questões Étnicas através de Filmes e Palestras”.	Luiz de Fora
30/01/1995	Outro	Recorte	“Militante do Movimento Negro É Assassinada”.	Rio de Janeiro
30/01/1995	Outro	Recorte	“Polícia Procura Testemunhas de Morte de Professora”.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
30/01/1995	Outro	Recorte	“Preso Albergado Mata Professora com Cinco Tiros”.	Rio de Janeiro
30/01/1995	Outro	Recorte	“Historiadora Morta a tiros”.	Rio de Janeiro
04/02/1995	Outro	Recorte	“A Morte da Ativista Negra”.	Rio de Janeiro
09/02/1995	Outro	Recorte	"Preso Matador de Historiadora".	Rio de Janeiro
09/02/1995	Outro	Recorte	“Polícia Tem um Dia de Vitória com Bandido”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	<i>Jornal GRUMIN.</i>	Não identificado
?	Outro	Recorte	<i>Folha de São Paulo:</i> "Arqueologia quer dar voz aos Quilombos".	São Paulo
?	Outro	Recorte	“Negro, por Mendez”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Arte de Jorge dos Anjos”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	Jornal (não citado): "O desejo de James (Brown) e a virgindade de Janet (Jackson)".	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Aulas sem Identidade”.	Não identificado
?	Aramis Millarch	Recorte	“Ôrí, o Vídeo Cultural que Deveria Estar nas Locadoras”.	Curitiba
?	Severino Francisco.	Recorte	“Questão Racial como Direitos Humanos”.	Brasília
?	Kenji Shiraishi.	Recorte	“Ôrí: América Latina”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Ôrí: Astros e Estrelas em Direção à Ilha”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Gramado ainda Recebe Inscrições”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“A História e a Cultura são Limites para o Homem?”	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Prêmio Paul Robeson para Ôrí.”	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Programação do mês da História Negra.”	Não identificado
?	Outro	Recorte	<i>Ilustrada:</i> “Multiculturalismo”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Delegado não Pediu Prisão de Foragido que Matou Professora”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“CEAP Vai Apontar Violência Sofrida pelos Negros”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Professora Pode Ter Sido Morta por Racismo”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Historiadora Enterrada com Música”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Assassino de Historiadora É Preso”.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Recorte	“Assassino de Historiadora Pega 17 Anos”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Estudiosa da Questão Negra”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“CEAP Quer Denunciar a Violência contra Negros”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Matador de Professora É Condenado a 17 Anos”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Acusado de Matar Professora É Preso no Rio”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Violência contra Mulher”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Mulher Vítima”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Preso”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Assassino de Historiadora Confessa”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Brasileira foi premiada em 89”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Um Ano de Saudade”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	“Começa o Julgamento de Pescador”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : trata dos vestígios de quilombo em Guaratiba, Serra Couto, Petrópolis. Cita o nome do pesquisador Carlos Otávio de Andrade.	São Paulo
?	Outro	Recorte	“Cine São José vai Exibir Sete Excelentes Filmes”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Ôrí: Enigma”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“O Computador Entra em Cena” e matéria sobre filme de Cacá Diegues.	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Assassino de Professora Pega 17 Anos”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	Charge do ex-presidente da República, João Figueiredo.	Não identificado
?	Josué Montello	Recorte	Matéria sobre Gonçalves Dias.	Não identificado
?	Jônatas Conceição	Recorte	Entrevista com Maria Beatriz Nascimento, no <i>Jornal do MNU</i> .	Não identificado
?	Outro	Recorte	“Funk e Cia e sua Dança Mestiça”.	Não identificado
?	Outro	Recorte	Entrevista com Muniz Sodré.	Rio de Janeiro
?	Lucia Rito	Recorte	<i>Jornal do Brasil</i> : "O colorido africano em cestos de Minas".	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Recorte	<i>Educação</i> : "Boletim da Sec. Mun. de Educação do RJ".	Rio de Janeiro
?	Outro	Recorte	"Miles Davis e Didi".	Não identificado

SÉRIE: ANOTAÇÕES

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1973	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Descrição da Congada em MG, entre 1973 e 1983.	Não identificado
01/01/1976	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre o conceito de quilombo.	Não identificado
01/03/1978	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações sobre conceitos e ideias.	Não identificado
01/04/1978	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
01/07/1978	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Diário de campo, com anotações da pesquisa no Carmo da Mata e a descrição da viagem por Minas Gerais, entre setembro de 1978 e março de 1979.	Minas Gerais
01/01/1979	Fundação Senghor	Anotação	Anotações bibliográficas e literárias de Léopold Sédar Senghor.	Rio de Janeiro
01/01/1979	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Diário de campo: pesquisa no quilombo; reflexão sobre o impacto do sítio do pica-pau amarelo na educação infantil; reflexão sobre a ideologia dominante do branco.	Não identificado
01/12/1979	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Debate sobre a contribuição do negro na formação social brasileira.	Não identificado
01/08/1980	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Formação do Parque Histórico Nacional do Zumbi.	Não identificado
01/10/1980	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Clóvis Moura, Maria Beatriz Nascimento, Jaime Pinsky. Refere-se ao Hino da Proclamação da República. Lista de participantes, estrutura e local. Programa das outras entidades. Participação do MNU e da UERJ em reunião.	Rio de Janeiro
01/05/1983	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre si mesma.	Não identificado
01/07/1983	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1983	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
01/10/1983	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Trabalho de amor (Disco).	Não identificado
01/10/1983	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Apontamentos para reunião de trabalho.	Não identificado
01/02/1984	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Os Zande do Sudão do Sul - línguas provenientes das migrações da Idade do Ferro. Bantu - origem das montanhas de Camarões.	Rio de Janeiro
01/02/1984	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro: História de Vida de Maria Beatriz Nascimento: O baú da avó; O poema de Palmares; Fotos de congada; Fotos de família; Monoteísmo. Outras anotações.	Não identificado
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Quilombo: conceito, fuga, deslocamento, poder, unidades diferenciadas x unidades monolíticas. Transformação histórica do conceito e o ressurgimento constante em momentos de crise da nacionalidade: memória, literatura, arte.	Bahia
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações acerca do amor.	Rio de Janeiro
01/04/1984	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotação a respeito do SECNEB.	Não identificado
01/09/1985	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	“Quando um homem morre vira história, quando um [povo] morre vira cultura.”, (cineasta francês). Acervo de museus europeus. Fronteira-limite da evolução social. Arma de atuação política. Recriação simbólica. Renovação dos códigos. Apropriação dos discursos: anterior e atual. Evocação e enunciação.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1985	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	1. Repensando o quilombo: Conceito de quilombo; O quilombo como sistema alternativo; O quilombo na literatura didática. 2. Detalhamento dos capítulos: I: A questão das fontes históricas - a) Crítica; b) Justificativa; II: Monoteísmo e monetarismo (o novo recorte) - a) Tráfico negreiro (origem do quilombo na África); III: Introdução ao conceito de quilombo - a) A fuga; b) Justificativa teórica; IV: A continuidade histórica - a) Aspectos ideológicos do k [quilombo] no século XX; b) As favelas.	Não identificado
01/11/1985	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Diário de campo com a pesquisa "Pagode".	Rio de Janeiro
01/12/1985	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre o seu estado emocional. O romance com Roberto. Sustento de Bethânia. A família. Possível passagem por uma clínica.	Não identificado
01/10/1986	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fala de Roberto, de Bebê, de Zélia, da mãe e do pai. Orações. Poemas. Menciona o estado emocional: surto, internação.	Não identificado
01/01/1987	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Pontuação no concurso: 172 pontos.	Não identificado
01/05/1987	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cópia quilombo (samba enredo). Plano de aula da Faculdade de Letras, UFRJ.	Rio de Janeiro
01/05/1987	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Consulta com o médico [Vilela]: receita médica, pedido de atestado médico (elencas suas justificativas).	Não identificado
01/07/1987	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Entrevista sobre a mudança de nome do logradouro Duque de Caxias. Entrevista acerca da etnicidade.	São Paulo
01/07/1987	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aspectos da história do Brasil.	Não identificado
01/01/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados pessoais.	Não identificado
01/01/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Estar em casa: lar, refúgio. Dormiu muito, depressão. Faltou à sessão de análise com Jorge Marcio. Cautela. Anotações sobre conversas com Jorge Marcio, depressão.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Chegada de Damian. Carta para Dakar. Organizar textos e escolher temas. Tradução de cartas. Encontro com Bebê. Contato com a embaixada da Virgínia; sessão de análise, ir à casa Luiza, Lélia Gonzalez (resposta FESPAC). Desabafo com relação a si mesma, à mãe e à família.	Não identificado
01/03/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Correspondência de Dakar. Sessão de análise. Cita Álvaro e Iris. Chegada de Regina. Atendimento do pedido de Carlos Alberto. Aniversário de Bethânia. Avaliação do programa curricular. Morte de Regina.	Não identificado
01/05/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Emilia e Sandra. Falta à sessão de análise e não via ao show de Roberto. Desabafos em relação a Bethânia, Roberto e um possível surto. Simpósio em Belo Horizonte.	Não identificado
01/05/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Chegada a Belo Horizonte e retorno ao Rio. Menciona sessões de análise. Comenta várias vezes o relacionamento com Roberto.	Não identificado
01/05/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Oração de Frei Fabiano. Sessão de análise. Comenta o esquema do projeto: "A Mulher no Quilombo". Calendário ano da mulher. Cita Harriet Jacobs, Caetana e Selma Vieira. Menciona o Museu da Imagem e do Som.	Não identificado
01/06/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Trabalho com projetos. Reflexão sobre a entrada de julho. Chá de bebê de Marlene. Anotações sobre o curso de cultura e sua divulgação em agosto. Comenta o seu próprio aniversário. Anotações sobre micropolítica. Envio de material para a Embra.	Não identificado
01/09/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	"Cultura Negra na Escola... É Possível?". Anotações para elaboração de projeto.	Não identificado
01/09/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Fala sobre resistência e política. Comenta sobre concurso de dotação (CEAA). Envio de cartão para Zózimo. Lançamento do filme de Zozó [Zózimo Bubul]. Contatos de Brasília. Conselho Nacional da Mulher. Reunião no Iser. Cita Raquel Gerber e outros.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Envio de currículo para Paulo Roberto. Cita o nome de Raquel e a análise de projeto. Cita Romão e Medeiros. Menciona reunião com Romão.	Não identificado
01/12/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Projeção do filme “Ôrí” no Centro Técnico. Oficinas culturais. Reunião no Iser. Cita Regina. Anotações sobre candomblé. Aniversário de Liviane Pororoca. Cita Álvaro e Maria Lucia Mott.	Não identificado
01/12/1988	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Gênero, escravidão e quilombo.	Não identificado
01/01/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Cita Ana, Regina, Jorge Marcio, Ana e Bethânia. Comenta que teve insônia e pesadelo. Livro para Luiz Sergio. Artigo sobre a mulher negra para Carmina. Caderno de poesia para Regina. Almoço com Ana Severiano. Cita o filme “Ôrí”.	Não identificado
01/02/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Luiz Sérgio, Vilela, Romão, Berriel, Roberto, Jorge Marcio, Daí, Regina Célia e Alfred. Menciona o trabalho de Berriel e Romão.	Não identificado
01/05/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Encontro com Raquel Gerber. Projeção do filme “Ôrí”. Falta à sessão de análise Acorda tarde. Cita Pompeu, Carlos, Lucy e Marcos. Pegar fita do filme “Ôrí” com Bethânia. Almoço com Berriel.	Não identificado
01/07/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Comenta sobre o próprio aniversário. Projeto: Intercâmbio de mulheres: tarefas, objetivo, planejamento, sessão e financiamento. Compra do livro de Ana: <i>Os Nagôs e a Morte</i> .	Não identificado
01/08/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aniversário de Zélia. Cita Orlando. Falta à sessão de análise. Cita o nome de Álvaro. Éle Semog, Julio Camisolão e Inácio. Cita Madalena, Zezé (Motta?), Lucena e Maria Carmem Barbosa.	Não identificado
01/09/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Encontro com Raquel Gerber. Cita Yone Costa, Marta Alencar, Clarice Abdala. Cita Raquel, Jônatas (programa no rádio) e Andy. Cita Jorge Marcio e Yone Costa. Estreia do filme “Ôrí” em SP. Sessão de análise. Entrevista com Jônatas Conceição.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Jorge Marcio, Daí e Jônatas Conceição. Menciona Pompêo e Hélio Oitizinho. Desabado com relação a Hélio. Poema. Sessão de análise. Falta ao relaxamento.	Não identificado
01/12/1989	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Manuel, Mônica e Márcia. Sessão de análise. Menciona Bethânia e Mônica (IFCH). Lista de nomes e endereços.	Não identificado
01/01/1990	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A consciência, o desejo e o negro.	Não identificado
01/01/1990	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço de projeto.	Não identificado
01/10/1991	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fragmento poético sobre três espíritos.	Não identificado
01/01/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Ano Novo na Praia do Leme. Cita Azoilda e almoço com Berriel. Menciona a volta de Jorge Marcio. Cita Romão, José Silvério Bahia Horta, Ana Severiano e Silvério.	Não identificado
01/03/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação. Cita Francisco de Moraes Dória. Novas tecnologias: transmissão e transportes. Anotações sobre cidade, urbanização. Cita Deleuze e Guattari. Aniversário de Bethânia. Aula espaço-tempo.	Não identificado
01/03/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aniversário de Bebê. Livro de J. Maurício. Comenta que está se mudando com Benedita, Zezé Motta, Isabella e Cacá. Ampliação de um salão.	Não identificado
01/05/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aula de Janice.	Não identificado
01/05/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Hector, Amelina Addar e Janice. Cita os negros e a literatura. Anotações de psicanálise. Reflexões sobre o homem.	Não identificado
01/06/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Muniz Sodré, Antônio Lima de Jesus, Julio Hevia Garrido Lecca. Fala sobre o poema de Éle Semog (cedido por Azoilda): "Não Basta Ser Negro".	Não identificado
01/06/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Eco/92	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/08/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Priscila de S. Kuperman, Aluizio Ramos Trinta, Nado Paulo, Jorge Felipe, Deuza. Manuel, Vitor, Cláudia e André Parente. Menciona um fim de semana com Manoel, Maliel, Deuza, Victor e Akhenaton. Assiste ao filme “Ôrí”, com Vitor e Manuel. Fala do medo de dormir. Menciona o falecimento de Esther Cohen.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: paradigmas e modelos; topografia; campo; formas de dinamização e adjetivos.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: dinâmica; tarefa; corpo teórico; grau de paradigma e paralisia.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: teoria; mitos; emblemas e sinais; tarefa. Cita Raymond Bourdon e Maurice Reuchilin. Leituras.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: leituras; área de comunicação; campo de conhecimento; estudo do paradigma; comparação.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: teoria e paradigma; fato científico; as revoluções científicas.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: tendências; imaginação sociológica; Psicologia Construtivista; comunicação de massa; codificação.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: processo de comunicação; segmentação; público; comunicação e indústria cultural; Jacques Derrida.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: signos e linguagem; semiologia; teoria dos sinais; pragmatismo.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Escola de Frankfurt; Cibernética; fundamentos científicos da comunicação; vídeo e comunicação. Trabalho: paradigmas e modelos.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: paradigma semiótico; Escola de Frankfurt; comunicação e sociedade. Anotações diversas. Teorias.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: tese; coerência; linguagem; expressões; linguagem científica.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: sintaxe; leitura; Latim; modelos; modelos lineares.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: marxismo; modelos estruturais; modelos mificacionais; mudança de modelo; teoria mecanicista.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: obra de arte; teoria da comunicação coletiva; cinematografia; consciência coletiva; sinal, signo e símbolo.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: níveis de mensagem; símbolo e signo; significante; <i>homo signalis</i> ; dicionário de filosofia.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: dialética; lógica; leituras; fundamento científico; meios de comunicação.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: teoria do agir comunicativo; fundamentos teóricos da comunicação humana; figuras factuais; processo de criação; geometria.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: ciência; cubismo; pictórico; linguagem; momento histórico.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: história da ciência; amostra dos erros científicos; química filogística; mitos; modelos historiográficos.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: Galileu; estudos científicos; observação; entidades e técnicas; ciência normal.	Não identificado
01/09/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: teoria e fato científico; prática científica; copernicana; paradigma; seminário sobre multimídia.	Não identificado
01/10/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Relata a viagem à África e cita Anani DziDzienyo. Anota o debate “A Arte na América”. Escreve sobre análise de filme pornô.	Não identificado
01/10/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
01/12/1992	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Endereço de Bethânia em New York. Lista de nomes e telefones.	Não identificado
01/01/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados pessoais: Grupo sanguíneo A+. Médico Jorge Marcio de Andrade.	Não identificado
01/03/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Retorno de Bethânia a New York. Entrega de trabalho a Aluisio Ramos Trinta. Entrega do trabalho a Priscila Kupperman. Almoço com Roberto. Volta à universidade.	Não identificado
01/03/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Muniz Sodré aceita solicitar prorrogação da bolsa. Jantar com Bemiel. Faltou à sessão de análise, com Jorge Marcio (depressão). Foi ao ensaio da banda de Roberto. Foi à aula de Priscila Kupperman.	Não identificado
01/03/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dormiu muito. Conclusão da pintura por Batista (serviços gerais). Jantou com Roberto. Desabafo sobre a necessidade de um companheiro. Foi à escola e, quando voltou, dormiu muito. Acordou às 14h30mim. Desabafo sobre Roberto. Depositar o dinheiro de Belé.	Não identificado
01/03/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Consulta agendada com Jorge Marcio. Depositar o dinheiro de Belé. Modelo subjetivação. Lista de adjetivos: pcbão, sapatão, hiponga... Orientação: devir mulher, devir negro, capoeira. Número da conta de Maria Isabel do Nascimento.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/04/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Plebiscito. Ligou para Manuel no dia do aniversário dele. Notas para projeto (racismo, preconceito). Geraldo falou de problemas afetivos e da saúde de Bethânia.	Não identificado
01/05/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Subjetividade e história. Referência ao texto de Serge Daney acerca otimismo e pessimismo. Cancelou a consulta com Jorge Marcio. Consulta com Janice. Indicação de que saiu a bolsa de estudo.	Não identificado
01/06/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Envio de carta para Bethânia por Mônica. Esboço de carta. Desabafo citando o nome de Azoilda e Orlando. Menção a projeto durante viagem com Muniz Sodré. Obra teórica de Muniz Sodré. Desenvolver conceitos e modelos.	Não identificado
01/06/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista dos itens que compõem um projeto. Lembrar de desejar um bom Dia de Ação de Graças para Bethânia, nos EUA. Desenvolver o tema cultura negra na obra de Muniz Sodré e fazer levantamento bibliográfico CEEA. Aniversário de Maria Beatriz Nascimento. Recomendação de Muniz Sodré: encontro com professora de Trindade Tobago.	Não identificado
01/06/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Versos amorosos e eróticos oferecidos a Orlando. Níveis de comunicação, desconfirmação e território; velocidade e movimento. Cultura e psicanálise.	Não identificado
01/09/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Início da escrita de projeto. Anotações de aula. Indicação do projeto "Ôri", no Centro Cultural José Bonifácio. Cita Ruth Stunbery, José Ignácio Parente e Conceição Evaristo.	Não identificado
01/09/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aula de Janice.	Não identificado
01/09/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço do projeto a respeito da afirmação de singularidade. Anotações sobre a noção de máquina de guerra. Anotações sobre a noção de rizoma. Anotações sobre Peter Handke e Mille Alateux. Dia dos erês Cosme e Damião.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reunião para discutir a lei de afirmação das minorias. Curso sobre quilombo. Cita Joselina (CEAA). Casamento de Benedita da Silva e Antônio Pitanga. Pagamento pela palestra sobre o filme “Ôri”.	Não identificado
01/11/1993	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Almoço com Maria Bernel, depois da sessão de análise com Jorge Marcio. Ida ao dentista. Aniversário da mãe de Maria Beatriz Nascimento. Texto sobre Yansã. Texto sobre Ossayn.	Não identificado
01/01/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Bilhete de Tiago. Cultura em diálogo, transatlanticidade, vídeo e solidariedade entre povos. Cita Jorge Márcio e outros.	Não identificado
01/03/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Raquel Gerber, Katharine, Muniz Sodré e outros. Exibição do filme “Ôri” na casa de Ricardo. Anotações de aula.	Não identificado
01/03/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
01/04/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Escreve que conheceu Eduardo. Cita Lucia, Humberto, Janice, Muniz Sodré, Áurea e Marise. Dormiu com depressão. Sessão de análise e aula de Janice. Assiti à defesa de tese de Eduardo Coutinho.	Não identificado
01/07/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Aula de Muniz Sodré. Entrevista na TVE, no programa Curto Circuito. Lista de compras. Menciona Bethânia e o namorado Anthony. Cita Bebê.	Não identificado
01/08/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	II Seminário Internacional Diáspora Africana em Diálogo. Projeção do filme “Ôri”. Entrega da medalha Pedro Ernesto.	Não identificado
01/09/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sobre a viagem a Berlim.	Rio de Janeiro
01/09/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Relato da viagem a Berlim: cita Katharina. Projeção do filme “Ôri” em Hamburgo. Chegada a Berlim. Jantar com Muniz Sodré, Britta, Ivan, Ângela e Katharina. Chegada de Jurema. Desabafos. Conferência com Jurema. Conhece Wolfgang Eckstein. Telefonema. Saída de Berlim para Mannheim.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/09/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Bethânia e a viagem a Biarritz-França. Estreia de Bethânia. Recados de Vanessa Regina. Endereço de Wolfgang Eckstein. <i>Workshop</i> com Jurema. Jantar com Wolfgang Eckstein. Vídeo com Ivan. Partida para Brasil via Madrid. Retorno ao Rio de Janeiro. Cita Leila Linhares e Jurema.	Não identificado
01/10/1994	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Elma e Jorge Marcio. Morte de Ana. Seminário sobre direitos humanos cidadania brasileira. Desabafos. Programa de trabalho.	Não identificado
01/05/1995	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
01/11/1996	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sessão de análise. Cita Luiz Alberto. Anota que dormiu o dia inteiro. Menciona Pedro Paulo, Carlos Hansenbalg (CEAA), Ana, Alberto, Grace Morgado, Raquel Gerber e Cindy.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Angola. Entrevistas. Cita Januário Garcia, Vautinho, Carlos Alfredo Hasenbalg, Berriel, Gilmar, Nei Lopes e Sebastião Soares. Revoluções na Alemanha e na Rússia. Esboço de plano de trabalho.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Recado de Berto.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço do projeto sobre quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sobre a história das sociedades.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fichas de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Pesquisa documental em arquivo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexão sobre preconceito.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Pesquisa documental em arquivo.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Pesquisa documental.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Estudo sobre civilização.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões comparativas sobre a política racial estadunidense e brasileira.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Endereço de Cheick Ibrahima Niang no Senegal.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Orçamento	Orçamento do projeto n. SS-29.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Data e a hora da realização da mesa de discussão.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Estudos de etnias e culturas de Angola.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A questão racial no Brasil.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Descrição de um plano de trabalho: Linhas de pesquisa; Notas e exemplos; Trabalhos já publicados; Roteiro de trabalho (maio de 1987); Entrevistas; Reunião no CEAA.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Endereço da embaixada dos EUA em Brasília; Embaixador Robert M. Sayre; Marcar encontro com o secretário do departamento de divisão do consulado com o Grupo André Rebouças.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Tradição: africano, escravo, negro. Generalizações: africano, escravo, negro – predomínio de uma concepção de povo do nordeste africano, nagôs. Tradicionalmente no Brasil: sudaneses, bantus. Bantus: maior quantidade no tráfico. Linguagem: fala, modos, aspecto físico, olhar. Organização do estado: reinos Congo e outros. Sistema produtivo: fazendas, extração, metalurgia, modo de produção de linhagem. Sistema social: patriarcado, escravidão.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Negro, sambista, mulato, artista, miscigenação, embranquecimento. Classe econômica em 1750. Mobilidade social (pecado). Qualidade de vida: Nordeste → Sudeste (Escravidão entre brancos ricos). S.M.: atriz escrava. África do Sul (assentamento). Sistema, escravidão, capitalismo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Trabalho. Variáveis . Gil x Pelé. Racista (político). Relações interraciais. Desigualdades econômicas (discriminação). Mobilidade, família, igreja, negro, bairro, escola, sociedade, nação, racismo, estado de direito. Metrópole, vida urbana. James Meredith. Revolução: aristocracia de direito.	Não identificado
?		Anotação	Abolição. Amazonas. Ceará. Abolicionismo. Nordeste. Rio de Janeiro. Paraíba. Mão de obra escrava.	
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Endereços e nomes de Hélio da Silva (GTAR), Roberto Cansanção, Maria Geralda da Silva (Arquivo Nacional).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Contatos da analista Eliana. Remarcar o exame médico no estado. Apresentar-se ao diretor da Escola Paula Brito. Carta de lei, constituição, emendas constitucionais, declaração dos direitos humanos, código Napoleão, código romano, ditadura 20. Xamêgo: lança guerreira n. 2 (poema). Poema (sem título) escrito na madrugada.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fundamentação: origem da música; origem de etnia; Candomblé da Bahia x catolicismo; puxada de rede. Etapas: pesquisa; entrevista. Ideia do filme: 25 minutos; longa metragem.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cidade, território, metrópole, megalópole, étnica, mudança, topografia, quilombo, Rio de Janeiro, Gamboa, Corcovado, Santa Marta, Catumbi, Cantagalo no Leblon.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Os contatos de Sylvio José B. R. Ferreira, João José e Luiz Luma.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Endereço e trajeto. Siglas de instituições. Abolicionistas. Documentos, caricaturista e jornais. Evento sobre a mulher ocorrido no Arquivo Nacional. CPDOC. IFCS. Iconografia, relatório, UFF. Cultura visual. Encontros nacionais e internacionais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Relação de trabalho entre a SOS do Brasil e da Europa.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Listagem de nomes e funções: Lélia (secretária); Luiz Eduardo Amaral, Isabela Parkison, Felipe Lacerda e Mauricio Antoun (equipe de apoio); Hermínio Bello de Carvalho, Hilton Cobrinha, Lícia Sweet, Abel Silva e Luis Carlos Gois (colaboradores - velha guarda); Lita, Paulo Ricardo Vargas (fotografia); Vera Barreto.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações teóricas.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O papel do historiador.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O termo “Bantu”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Educação sexual nas escolas. Cultura popular nas escolas.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sobre massificação, partidos políticos e autonomia.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	10 anos do movimento pela consciência negra. Cita Eduardo de Oliveira e Oliveira e Marlene de Oliveira Cunha. Menciona o filme “Ôrí” e cita Raquel Gerber.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A música na África e a representação do negro nos museus de história, na São Paulo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Divagações existenciais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso “SOS Cidadania”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Comparação entre a situação do negro no Brasil e nos EUA, ocorrida durante o curso “SOS Cidadania”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A singularidade das comemorações do Dia da Consciência Negra no Brasil e, em especial, no estado de Goiás.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O conceito de história.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cultura oral. Nação quilombo. Fontes de pesquisa. Ôrí (definição). Poemas de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Afonso Celso, Gilberto Freire, Oliveira Silveira, Joan Dassin, Skidmore, Peter [Fry], Clóvis [Moura], Georges Reid Andrews, Charles Wood, Carlos Alfredo Hasenbalg, Abílio Ferreira, Mirian Alves e Arnaldo Chavier.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Descrições e reflexões sobre o curso “SOS Racismo”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sida: informações de casos na África.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Zumbi Angola Janga	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Temas: bantu; etnias; tráfico negreiro; postos de desembarque no Brasil; irmandade do Rosário; Tratado de Tordesilhas.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fala do nascimento de sua identidade cultural em 1968. A diferença, em relação ao amor, de sua geração com a geração nascida 20 anos depois.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dalai Lama; quilombos brasileiros e as revoltas liberais no século XIX; mulher negra; nacionalismo cultural X culturalismo messiânico; IBGE; polidez e intolerância; educação; CEAA; Bird; Leste Europeu. Cita Skidmore, Carlos Alfredo Hasenbalg, Peter Fry, José Alberto, Octávio Ianni e Eduardo Rios.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A Revolução Francesa e os negros de ofício.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Referências Bibliográfica para Jônatas: <i>Os Candomblés na Bahia; Os Negros da Bahia; A Escravidão Africana no Brasil; A Conspiração Baiana.</i>	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro de Gioconda: história de uma mulher negra.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O carnaval em Salvador e na Bahia: S.R.E.S – Grupo Carnavalesco Filhos do Tororó.	Bahia
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Perguntas dirigidas a Maria Beatriz Nascimento sobre quilombo e religião.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Desabafo sobre ciúmes por causa de Bethânia. Chegada de Bethânia. Lista de telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	África. Daomé. Portugal. O avô José de Carvalho. Cabo Verde. Anotações gerais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Festa de negros.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes. Cita Regina Rosner, Barbier René e Éle Semog. Jantar do Desmond Tutu. Cita Cristina Guido, Raimundo Vilela, Alberto Passos Gil, Zélia, Zezé Motta e Johnson Santos.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Entrevista com Zezé Motta. Reunião na CEEA. Enviar texto ou livro sobre quilombo. Cita Éle Semog, Edialede S. Nascimento e outros.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Justo Carvalho da Silva, Júlio Tavares, Helena Teodoro Lopes e Vitor Manuel Nascimento. Bibliografia: <i>Política e Relações Raciais: os Negros e as Eleições Paulistas de 1982</i> , de Ana Lúcia E. F. Valente. Curso cultura negra como introdução. Quilombo e nacionalidade (IPEAFRO). Cita Ciro Nascimento, Johnson Santos, Josefa Marinho e Kátia Valadares.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Helena, Regina Wanderley, Regina Helena Timbó, Antônio Pompêo, Lélia Gonzalez e outros. Menciona o Encontro Macumba. Anotações sobre memória, transe, capoeira, corpo. Fala do resultado do exame sobre dosagem de lítio.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita os nomes de Torquato, Gilberto Gil, Álvaro Piano Rocha, Henrique, Rosário, Jacy Monteiro, Mario Pontes, Muniz Sodré, Paula, Luiz Felipe Baeta Neves, Rosenir Muniz, Lélia Menezes, José Luiz F. Werneck da Silva, Henrique Henriques, Leila de Oliveira e Jairo Pereira. Anotações sobre raça, classe, tráfico e fluxo negreiro.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados pessoais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fala da viagem de Bethânia. Cita a morte de Guattari e o nome de Maria Clara Mariana Bitencour. Escreve uma citação de Baltazar. Comenta um pesadelo. Cita o <i>impeachment</i> do Presidente da República, Fernando Collor de Mello. Cita Muniz Sodré.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso Teoria da Comunicação, do professor Aluizio Ramos Trinta: habilidade técnica; conceito de documentário; dicionários de comunicação; revoluções científicas; ciência.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A PMD como uma composição musical.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Sobre Exu e Egun.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço de projeto sobre quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O conceito de quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Percurso da pesquisa sobre quilombos. Informações da trajetória de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre a vida: uma possível ideia de loucura e as metas escolhidas na vida. Precisa saber mais sobre esse estado de loucura que começou a criar forma.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço do projeto: “A Mulher nos Quilombos Brasileiros”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	O nascimento de Bethânia.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A mulher (manuscrito).	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Descolonização e contemporaneidade negra. Aspectos críticos da abolição. Aspecto social do esporte.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre cultura de massa; mulher; e excesso de termos em língua estrangeira.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Estudos sobre história geral.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Fragmento poético sobre a existência.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados pessoais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita Roberto, Berriel, Luiz, Jairo, Lucia, Daí e Mônica. Almoço com Dino. Falta à sessão de análise e lembra que precisa pedir laudo médico. Projeção do filme “Ôri”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Cita André Pompéia, Jô, Éle Semog, Cindy, Bebé, Maria, Cindy e Silvany Euclênio Silva. Projeção do filme “Ôri” na UERJ. Sessão de análise. Menciona o aniversário de sua mãe e de Roberto. Estreia do filme “Ôri” em Salvador.	Não identificado
?				
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados pessoais.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Lista de nomes e telefones.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Feitas em papel timbrado de psicanalista de Salvador.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Mulheres que falam a língua portuguesa. Proposta de articulação entre mulheres que a língua portuguesa.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Debate na USP sobre MNU, em 1977. Associações Pró-África do Sul/Rio (Organizações brasileiras contra <i>apartheid</i>).	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Outro	Anotação	Informações sobre a pesquisa de quilombo em Minas Gerais	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Planejamento Quinzena do Negro.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço da sinopse do filme “Ôri”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre racismo, classismo e paternalismo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações sobre texto de Janice.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Bantu. Quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre o mal-estar da civilização.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre a loucura. Menciona a sua tese de pós-graduação.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	“Das Origens”. Versa sobre a origem de Deus e dos mitos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo acerca da teoria da comunicação.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reunião para discussão de texto.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Grupo de Trabalho André Rebouças. Viagem à África. Acumulação de capital. Cita Cícero Rodriguês.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro e observações de entrevista.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Exu e Olorum.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Escola de samba.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Esboço de projeto: pesquisa histórica e cultural.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Bibliografia relativa aos estudos africanos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Nomes de componentes de equipe: Maria Beatriz Nascimento, Marlene de Oliveira Cunha, Sebastião Soares e Selma Pantoja. Coordenação de Helena Teodoro Lopes.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Retorno à academia. Negação da racionalidade branca personificada na academia. 20 anos de movimento negro. Conhecimento europeu. O lugar da minoria.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Bibliografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Curso de História da África.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Projeto comparativo entre Salvador e Boston.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões e organização de trabalho.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Saneamento básico. Saúde comunitária. Estudos sobre a mulher.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Diário de campo do trabalho de observação em Santo Amaro do Catu/Ilha de Itaparica.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Candomblé e orixás.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões sobre quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações para o artigo “A Mulher Negra e o Amor” e “Representação do Negro na Literatura”.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro de entrevista com Martinho da Vila. Lista de Endereços. Entrevista com Zezé Motta. Esboço de Poema.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Bibliografias de Vicente Tapajós, Edison Carneiro, Clovis Moura, Pedro Tomás Pereira e Hobsbawn. Cita Décio Freitas, José Honório, Vicente Salles, Robert Conrad, Richard Grahn e Hélio Viana.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Diário de campo da pesquisa em Itaparica.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro de entrevista com Martinho da Vila.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Atividades de Maria Beatriz Nascimento. Estudos.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Referência à viagem para Angola. Relatório.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Roteiro para uma análise crítica do quilombo dos palmares de Edison Carneiro.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Consciência de resistir.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	A pesquisa do quilombo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Quilombos: Nova Oeiras, Massangano, Ndalatando, Cabambe, Quilombo Kia Putu e Quilombo dos Dembos.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Referências bibliográficas sobre território.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Reflexões da viagem à Angola.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Organizar uma fala acerca de Zumbi e do uso das teorias raciais pelos intelectuais no Brasil.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Projeto de pesquisa sobre a importância da classe proletária no serviço militar.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Projeto e pesquisa dos quilombos.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações e reflexões.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Zumbi de Palmares. Maria Beatriz Nascimento fala da morte de sua avó e de Zumbi dos Palmares.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Projeto sobre a afirmação étnica na literatura de ficção de Muniz Sodré.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Dados de pesquisa e transcrições de entrevista.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Referências bibliográficas sobre Zumbi e a temática das cidades.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Mulher e educação.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Relatório de atividades.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Anotações de estudo.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Quilombo e nacionalidade negra. Programa de curso.	Não identificado
?	Maria Beatriz Nascimento	Anotação	Listagem bibliografia para estudo do quilombo.	Não identificado

SÉRIE: IMPRESSOS

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1976	Outro	Impresso	“Manifesto ainda que Tardio”. Exposição na Bahia, Rio, São Paulo e Brasília.	Rio de Janeiro
01/11/1979	GTAR	Impresso	6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira.	Rio de Janeiro
01/11/1980	Grupo de Teatro Solano Trindade	Folder	I Semana de Cultura Negra.	Rio de Janeiro
01/11/1980	Outro	Impresso	Semana Alternativa para Estudo de Comunidade. Programação com temas variados.	Não identificado
01/11/1980	GTAR	Cartaz	6ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. Organizado pelo Grupo de Trabalho André Rebouças.	Não identificado
01/01/1981	SECNEB	Impresso	SECNEB/81. Programação.	Bahia
01/01/1981	CEAA	Impresso	CEAA: perfil institucional e histórico (autoria de José Maria Nunes Pereira).	Bahia
01/02/1982	Embaixada dos EUA	Impresso	“Novo Compromisso com as Caraíbas”. Programa do presidente Ronald Reagan.	Estados Unidos
01/05/1982	Coordenadoria Especial do Negro	Impresso	Boletim da Coordenadoria Especial do Negro, n. 6. Divulga o Seminário “Discriminação e Políticas Públicas”.	São Paulo
01/10/1982	Outro	Impresso	Encarte da exposição de Meyer Filho.	Santa Catarina
01/11/1982	GTAR	Cartaz	8ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira.	Rio de Janeiro
01/01/1983	Centro de Estudos Africanos	Impresso	“Periódicos Bibliográficos sobre a África Existentes no Centro de Estudos Africanos”, de Izabel Cristina Renófilo Oliveira.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/04/1984	SECNEB	Impresso	Evento SECNEB/84. Programação: Seminário “Identidade, Processo Econômico, Relações Sociais e Pluralidade Nacional”. Exposição. Sessão especial: a) Vídeo da comunidade Oba-Biyí; b) Lançamento do livro <i>História de um Terreiro</i> , de Deoscoredes Maximiliano dos Santos; c) Lançamento do disco “Evolução”, de Djalma Correia. Palestras: “A expansão mercantilista europeia”; “O negro e a sociedade brasileira”.	Bahia
01/07/1984	G.R. Escola da Samba Paraíso do Tuiuti	Impresso	Lembra os sambas-enredo e convida para o lançamento do enredo de 1985. Cita Maria Augusta Rodrigues, Billy Acioly e Eduardo de Almeida Filho. No samba enredo, há trechos da música “Que Bloco É Esse?”, do Ilê Aiyê	Rio de Janeiro
01/09/1984	GTAR	Impresso	10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira.	Rio de Janeiro
01/09/1984	GTAR	Impresso	10ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. Programação: a) A educação no Brasil; b) O negro na fotografia; c) A representação do negro nos meios de comunicação social.	Rio de Janeiro
01/11/1984	Câmara Deputados	Impresso	Informe da Câmara dos Deputados, com o pronunciamento integral do deputado Freitas Nobre, sobre o tombamento do Quilombo dos Palmares.	Distrito Federal
01/11/1984	IPEAFRO	Impresso	Conscientização da cultura afro-brasileira. Programação: a) Abertura com Abdias do Nascimento (diretor do IPEAFRO); b) História do negro no Brasil; c) Cultura, religião e identidade nacional; d) Mulher e cultura afro-brasileira; e) Simbologia Nagô na cultura afro-brasileira.	São Paulo
01/01/1985	GTAR	Folder	Programação dos 10 anos do GTAR.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/09/1985	GTAR	Impresso	11ª Semana de Estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira. Programação: a) O negro no mercado de trabalho; b) Como usar a realidade do educando na aprendizagem; c) O negro no sistema educacional brasileiro; d) Arte negra; e) Identidade e padrão de beleza; f) O papel da mulher na história do Brasil.	Rio de Janeiro
01/01/1986	Câmara dos Deputados	Impresso	Propaganda política de Caó/86 – Carlos Alberto Oliveira.	Não identificado
01/01/1986	Outro	Impresso	Reavaliando dois centenários. Programação: a) O escravismo e a abolição no Brasil; b) O tráfico de escravos; c) A Inglaterra e a crise do escravismo; d) A escravização no Brasil; e) Democracia racial/Democracia do cão; f) Resistência e luta dos escravos.	Rio de Janeiro
01/06/1986	Outro	Cartaz	VI Encontro Organizado por Entidades Negras do Norte e Nordeste.	Sergipe
01/06/1986	Outro	Impresso	VI Encontro Organizado por Entidades Negras do Norte e Nordeste.	Sergipe
01/01/1987	Conselho Estadual da Condição da Mulher	Impresso	“Mulheres Negras no Brasil”.	Não identificado
01/03/1987	Câmara dos Deputados	Impresso	Pronunciamento de Carlos Caó: Denúncia de manipulação jornalística por parte da Rede Globo.	Distrito Federal
01/07/1987	Federação de Atletismo do Estado do Rio de Janeiro	Impresso	Campanha “Vamos Tirar as Crianças da Rua Correndo”.	Rio de Janeiro
01/09/1987	Outro	Impresso	Curso de Pedagogia e Análise Institucional.	Não identificado
01/11/1987	Perfil da Literatura Negra	Impresso	Perfil da Literatura Negra. Programação: a) A literatura negra na literatura brasileira; b) Literatura negra; c) O estereótipo do negro nos meios de comunicação; d) Raças e classe social no Brasil; e) Participação da literatura no processo abolicionista; f) Negritude e literatura na América Latina; g) A poesia e a música popular; h) Literatura e identidade; i) Literatura como forma de resistência; j) Literatura afrodiáspórica. Evento com participação de Maria Beatriz Nascimento.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/12/1987	FESPAC	Impresso	<i>Dakar Pan-African Conference</i> . Programação: Temas da conferência: <i>Overview on the current black world; Women and future of Africa; Political challenge ; Technological and scientific challenge; The economic challenge; Cultural challenge and communication</i> . Comunicação de Maria Beatriz Nascimento.	África
01/01/1988	Outro	Folder	Folder sobre o filme “Ôrí”.	Não identificado
01/06/1988	Outro	Impresso	Informativo institucionais: Mudar Informa e Boletim do Centenário.	Não identificado
01/08/1988	Outro	Folder	“Cidadania e Racismo”. Ciclo de filmes e debates.	Rio de Janeiro
01/09/1988	Outro	Impresso	Evento “Cidadania e Racismo”. Programação: a) “Pensamento Social Brasileiro”, com João Marcos Aurore Romão; b) “História da África”, com Jennifer Dunjwa Blanbjerg; c) “A História da Educação que Ninguém Conta”, com Eliete A. B. de Souza; d) “História do Negro no Brasil”, com Maria Beatriz Nascimento; e) “As Religiões”, com Caetana Damasceno; f) “As Maiorias sem Poder”, com Jeselina da Silva; g) “Direitos Fundamentais do Cidadão”, com Regina Coeli B. dos Santos; h) “Racismo”, com João Marcos Aurore Romão. Equipe técnica: Dilce Esmeraldina de Jesus (pedagógica), Regina Coeli B. dos Santos (jurídica), Maria Cristina R. da Silva (pesquisa no Brasil).	Rio de Janeiro
01/12/1988	Câmara dos Deputados	Impresso	Caó na Constituinte. Informativo sobre atuação vereador Carlos Alberto Oliveira (PT).	Distrito Federal
01/05/1989	Outro	Impresso	I Mostra de Cinema Nacional Mário Santos. Sinopse do filme “Ôrí”.	Não identificado
01/08/1989	Outro	Folder	I Encontro de Docentes, Pesquisadores e Pós-Graduandos Negros das Universidades Paulistas. Tema: “A Produção do Saber e as Especificidades”.	Paraná
01/10/1989	Cerne	Impresso	Informativo sobre a atuação da entidade e a previsão de lançamento da Revista <i>Padê</i> . Informações sobre a organização do banco de dados.	Bahia
01/10/1989	Outro	Impresso	II Encontro dos Negros das Regiões Sul e Sudeste. Tema “Organizar e Transformar: o Brasil que o Negro Quer”.	São Paulo

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/10/1989	Fundação Cultural Prometheus Libertus	Impresso	Mostra <i>Tarkovski</i> .	Santa Catarina
01/11/1989	Outro	Folder	Semana da Cultura Afro-Brasileira: Zumbi 89.	Não identificado
01/11/1989	Outro	Folder	20 de Novembro. Programação: a) As Questões das Religiões Afro-brasileiras; b) Ôrí; c) Calunga (Comunidade).	Goiás
01/12/1989	FESPAC	Impresso	<i>Festival Panafricain des Arts et Cultures</i> .	África
01/01/1990	Outro	Folder	Exposição Breve Panorama da Cultura Afro-Brasileira.	Rio de Janeiro
01/01/1990	IUPERJ	Impresso	Publicidade do Restaurante Buffalo Gril.	Não identificado
01/03/1990	CEDEPLAR	Impresso	Encontro promovido pelo IUPERJ/ Instituto de Estudos Afro-Asiáticos, sob a coordenação de Carlos Alfredo Hasenbalg. Programação das mesas e debates.	Minas Gerais
01/03/1990	Outro	Impresso	Seminário Internacional sobre a Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo.	Minas Gerais
01/05/1990	Outro	Impresso	Seminário O negro e sua Participação Política Brasil/EUA.	Não identificado
01/06/1990	IPEAFRO	Impresso	Curso de extensão organizado pelo Instituto de Pesquisa Afro-Brasileiros (IPEAFRO/Fundação Abdias do Nascimento) na URFJ.	Rio de Janeiro
01/06/1990	Outro	Impresso	Rhumor Negro: recital poético de humor e sátira.	São Paulo
01/07/1990	GTAR	Impresso	16ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira - GTAR. Programação: a) “Quando o Criolo Dança”, de Dilma Lóes; b) O sistema educacional e o reforço da desigualdade; c) Escola de samba; d) No ar a cultura negra; e) O poder público e o momento social.	Rio de Janeiro
01/10/1990	Outro	Impresso	Carnaval 1991: “Eram os Deuses os Negros da Pequena África do Rio de Janeiro”.	Rio de Janeiro
01/11/1990	Fundação Cultural Prometheus Libertus	Impresso	Mostra <i>Tarkovski</i> : valor da arte e dos artistas; o mito de Prometeu; ser negro. Conceituação psicanalítica de cultura. As novas conferências introdutórias sobre Freud. Perfil institucional da fundação.	Não identificado
01/12/1990	Outro	Folder	“YAPADE: Uma Festa para Zumbi”.	Rio de Janeiro

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
01/01/1991	Coordenadoria Especial do Negro	Folder	“O Futuro também Precisa Ser Negro: Propostas para o Biênio 91/92”. Campanha contra discriminação racial, realizada pela Coordenadoria Especial do Negro.	Não identificado
01/10/1991	Maria Beatriz Nascimento	Impresso	Festival Internacional de Cinema do Terceiro Mundo. Tema “Olhos Negros II”.	Rio de Janeiro
01/11/1991	Outro	Impresso	Projeto Diálogo entre Povos - I Ciclo de Debates. Programação: a) Cultura: Identidade e Diversidade.	Rio de Janeiro
01/01/1992	Outro	Impresso	Sociedade das Florestas do Brasil. Informativo Eco/92.	Não identificado
01/02/1992	Coordenadoria Especial do Negro	Impresso	Boletim da Coordenadoria Especial do Negro: a) Informa sobre o art. 47, inciso VII - Combate ao Racismo; b) Cita o Seminário “Discriminação e Políticas Públicas”; c) Comenta o problema da evasão escolar; d) Informa que a Prefeita Luiza Erundina nomeou ruas como os nomes de Patrice Lumumba e Steve Biko; e) Cita a revista <i>O Negro em Movimento</i> .	São Paulo
01/05/1992	Outro	Folder	Seminário “Discriminação e Políticas Públicas”. Programação: a) Políticas de ação afirmativa; b) A legislação antidiscriminatória..	São Paulo
01/07/1993	UFRJ	Impresso	Informativo Semanal da Associação dos Servidores da UFRJ - SUFRJ.	Rio de Janeiro
01/11/1993	Outro	Impresso	Seminário “As Cidades e suas Falas”. Programação: a) Comunicação urbana; b) Expressões polifônicas da cidade do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
01/12/1993	Cimarron	Impresso	Informativo sobre as atividades e lutas pelos direitos dos afro-colombianos.	América do Sul
01/09/1994	Outro	Folder	Festival Internacional de Biarritz: “Cinema e Cultura da América Latina”.	Europa
01/09/1994	Câmara dos Vereadores	Impresso	Informações sobre o mandato da vereadora Jurema Batista.	Rio de Janeiro
01/07/1997	GTAR	Impresso	13ª Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira. Programação: a) A mulher e o poder na região angolana do século XVII; b) O negro no esporte; c) Religiosidade.	Rio de Janeiro
?	Usafricanib	Folder	Afro, Soul, Funk, Merengue e Reggae.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Impresso	Manual de Concurso para Especialista Professor I e Especialista em Educação Professor II.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	Programação da Mostra Internacional de Filmes Etnográficos. Entre os filmes, “Identidade e Memória”, de Raquel Gerber.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Exposição com a participação de Abraão Debrito, João Candido, Edson Silveira, Robson de Souza e Maria José da Costa Peixoto.	Rio de Janeiro
?	Outro	Cartaz	Nossos filhos, nosso futuro. Vamos melhorar nossas creches.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Comemoração do 3º Ano do Monumento de Zumbi.	Não identificado
?	Outro	Cartaz	Seminário “As Cidades e suas Falas”. Programação: a) Histórias submersas, o ontem e o hoje da cidade; b) Atores do cotidiano carioca; c) Conflito, embate e diálogo entre os povos.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Informes JM. Denúncia do deputado José Miguel (PDT) devido à ausência de negros na Comissão dos Estudos Constitucionais.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Semana da Pátria. Evento promovido pela Sociedade Beneficente Quilombo dos Palmares.	Minas Gerais
?	Outro	Folder	I Leilão de Arte Afro-Brasileira. Promovido pela Associação Casa do Artista Plástico Afro-Brasileiro.	Não identificado
?	SESC	Folder	Seminário “O Negro na Cultura Brasileira”. Oficinas Culturais Três Rios – Secretaria de Estado da Cultura/SP	Não identificado
?	Outro	Impresso	Calunga. Em comemoração ao dia 20 de Novembro. Fala da comunidade quilombola Calunga, no estado de Goiás.	Goiás
?	Outro	Folder	<i>Workshop</i> no horto. Expressão corporal e expressão sonora.	?
?	Outro	Folder	“Quilombos Hoje”. Ciclo de debates: Estado; Negro; Quilombos; República dos Palmares; África; Black Rio; Soul; Arte; Cinema; Atores; Literatura Movimento; Violência.	Rio de Janeiro
?	MNU	Impresso	Aborda temas como saúde, educação, moradia, movimento e relações internacionais.	Não identificado
?	MNU	Informe	“Em Apoio à Greve dos Metalúrgicos”. Cita Delfim Netto, Murilo Macedo e MNU.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	MNU	Impresso	Contra o racismo. Denuncia a história de discriminação do negro.	Não identificado
?	MNU	Impresso	Dia Nacional de luta contra o racismo. Conta a história de luta do Movimento Negro Unificado.	Não identificado
?	MNU	Impresso	Contra o racismo. Refere-se à discriminação sofrida pela jornalista [Glória Maria Matta da Silva] impedida de entrar no Hotel Othon Palace, pelo gerente Shester Stanley Petronis.	Não identificado
?	Frenapo	Impresso	“Frente Negra para Ação Política de Oposição”. Proposta da Frenapo como instrumento de ação política.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Manifesto de solidariedade na luta internacional contra o racismo. Cita o caso da morte de Arthur MacDuffie, negro norte-americano morto pela polícia. Posteriormente, os policiais acusados foram absorvidos do crime. Menciona o caso de negros haitianos presos enquanto aguardavam a regularização de sua situação no país.	Não identificado
?	Sociedade Cultural-Beneficente Quilombo dos Palmares	Impresso	Relata os objetivos da entidade e solicita donativos.	Minas Gerais
?	Ilê Aiyê	Impresso	<i>3 Ème Fête dès Musiques de Campagne de la Carîbe.</i>	Não identificado
?	Outro	Impresso	Mutirão da Vila Comunitária.	Não identificado
?	Cerne	Impresso	Solicita parceria com o leitor por meio de diferentes tipos de doação.	Bahia
?	Outro	Impresso	V Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Programação: a) Polícia e crise política; b) Alguns aspectos do comportamento político do negro em São Paulo; c) Violência e espaço civil; d) O modelo de competição espacial.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro.	Não identificado
?	Ilê Aiyê	Impresso	Letras de música do Ilê Aiyê.	Bahia
?	Outro	Impresso	Centenário Abolição e República.	Não identificado
?	Outro	Cartaz	“Tradição Religiosa Afro-Brasileira”. Curso ministrado pela professora, antropóloga e historiadora Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Impresso	“Guia de Fontes para a História das Nações”: a) Primeira fase: América Latina; b) Segunda fase: África do Sul e Saara.	Não identificado
?	Outro	Impresso	“Guia Brasileiro de Fontes para a História da África, da Escravidão Negra e do Negro na Sociedade Atual”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Abaixo-assinado em solidariedade a Caó. Assinaram Maria Beatriz Nascimento, Roberto Rosemberg, Rubina Pereira do Nascimento, Manoel M. do Nascimento, dentre outros.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Propaganda política de Júnia Marise e Newton Cardoso.	Não identificado
?	CERNE	Impresso	Informativo da posse da nova diretoria do CERNE.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Fórum dos trabalhadores negros. Informativo (assinado por Clóvis Moura) das ações desenvolvidas pelas entidades negras.	São Paulo
?	Outro	Impresso	Exposição “Escravidão no Rio de Janeiro”.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	Semana da Cultura Negra. Programação: a) Lima Barreto; b) Escravidão; c) Pós-Abolição; d) Cultura.	Não identificado
?	CERNE	Impresso	Solicita parcerias, doações, colaborações.	Não identificado
?	Outro	Folder	Exposição “Orixás”, de Abdias do Nascimento.	Não identificado
?	Outro	Impresso	CNDM. Proposta de texto constitucional.	Não identificado
?	GTAR	Impresso	Projeto “Diálogo entre Povos”. Breve histórico de atuação do Grupo de Trabalho André Rebouças.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Educação. Lançamento do projeto “10 Mil Construindo o Conhecimento”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Filhos do Tororó. Enredo de escola de samba.	Não identificado
?	MNU	Folder	Grupo de discussão da política externa do movimento negro. A importância da luta nacional paralelamente ao caso estadunidense.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Dia da Cultura Negra. Programação: debates, exposições, shows.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	Propaganda política de José Miguel do PMN, com o slogan “A esperança do povo”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Lista bibliográfica por assuntos contidos na biblioteca do Centro de Estudos Afro-Asiáticos.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Impresso	Quilombo. Apresentação do filme de Carlos Diegues. Inclui ficha técnica.	Não identificado
?	Outro	Folder	Exposição de Francis Gurgel.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	“Mulher, e daí?”, Suely e José Augusto. Centro do Teatro do Oprimido.	Rio de Janeiro
?	CCBB	Impresso	Programação do Centro Cultural Banco do Brasil.	Rio de Janeiro
?	Outro	Impresso	Material publicitário do filme “Ôrí”, mencionando Prêmio Costa Azul.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Material publicitário do filme “Ôrí”, com o prêmio “Paul Robeson”, feito pela Angra Filmes.	Não identificado
?	Raquel Gerber	Impresso	Texto sobre as premiações do filme “Ôrí”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	“O Impulso Tem Razão. A Poesia Também”. Ciclo de palestras.	Não identificado
?	Outro	Folder	Evento “Sou Negro”. Programação: debates, filmes, fotografia, escultura.	Santa Catarina
?	Outro	Impresso	“O Impulso Tem Razão. A Poesia Também”. Ciclo de palestras.	Não identificado
?	Fundação Cultural Prometheus Libertus	Impresso	Mostra <i>Tarkovski</i> . Informações da Fundação Cultural Prometheus Libertus.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Oração <i>Amatsu-Norito</i> . Clamor de Justiça: Zumbi.	Rio de Janeiro
?	Outro	Informe	Informe sobre a formação de júri popular no julgamento do assassinato de Maria Beatriz Nascimento (assinado por Jurema Batista).	Não identificado
?	Outro	Impresso	Umoja	Não identificado
?	Outro	Impresso	Grupo de Trabalho Luis Gama. Formado por Eduardo de Oliveira e Oliveira, Maria Beatriz Nascimento, Marlene de Oliveira Cunha, Sebastião Soares, Rosa Virgínia Nascimento, Andreino de Oliveira Campos, João Ribeiro, Alcides Conceição e Alcebíades Abel Filho.	Não identificado
?	Raquel Gerber	Impresso	Lista de prêmios e premiações recebidos pelo filme de Raquel Gerber, com participação de Maria Beatriz Nascimento.	Não identificado
?	Outro	Impresso	Propaganda da campanha presidencial de Leonel Brizola, coordenada por José Miguel.	Não identificado

Data	Autoria	Título	Descrição	Local
?	Outro	Folder	Exposição “Imagens do Negro: de Augusto Malta a Januário Garcia”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	“Cinema e Descolonização”.	Não identificado
?	Outro	Impresso	<i>La terre fait son cinéma.</i> Panorama do cinema francês sobre desenvolvimento socioeconômico.	Não identificado